

TULIPAS AZULIS

WILL MONTEATH



Tulipas Azuis

1ª EDIÇÃO

WILL MONTEATH

Copyright © Will Monteath, 2017

Tulipas Azuis

Will Monteath Edição:

Eldes Saullo Revisão:

Flavio Souto e Triza Marsallo Projeto Gráfico e Editorial:

Casa do Escritor _____

Monteath, Will,

Tulipas Azuis – 1ª Edição

Will Monteath, Florianópolis-SC: 2017

ISBN-13: 978-1974366248

ISBN-10: 1974366243

1. Ficção 2. Romance

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Sumário

- [1. O mar, o lobo e o fogo](#)
- [2. O reino das formigas](#)
- [3. Os raios que abraçam](#)
- [4. Como um passarinho](#)
- [5. Nove quiques, novo recorde](#)
- [6. Direito, Van Gogh, Pale Ale e Mona Lisa](#)
- [7. Maravilhoso caixote que vos brinda](#)
- [8. Retumbante rumo ao vinho](#)
- [9. A sabotagem do batom vermelho e da linguiça branca](#)
- [10. Lutero](#)
- [11. Presente de grego](#)
- [12. Viagem tranquila ou tranquila viagem?](#)
- [13. Toreador, en garde!](#)
- [14. Três copos d'água](#)
- [15. Bom dia](#)
- [16. O pisco de El Guachuchero](#)
- [17. La Crema Catalana](#)
- [18. Mulher e Chuva, uma uva](#)
- [19. Concordo, mi amor](#)
- [20. O regresso do lobo](#)
- [21. A sagrada matilha](#)
- [22. Cacto fumegante](#)
- [23. Palhaço italiano](#)
- [24. Alea jacta est](#)
- [25. Feliz de fato](#)
- [26. A lua, o sorriso e a caixa preta](#)
- [27. La Máquina](#)
- [28. Rapport](#)
- [29. Ovelha negra das tulipas](#)

[30. Burritos](#)

[31. Melancia, sinos e mentiras](#)

[32. Força d'água](#)

[33. Feliz, porém vermelho](#)

[34. Sobre canastra, orelha, estilo e territorialismo](#)

[35. Borboletas e bicicletas](#)

[36. Do tram para a fama](#)

[37. Karatê](#)

[38. Abstracionismo](#)

[39. Ao padre, com parcimônia](#)

[40. Vasto campo de tulipas azuis](#)

[41. Moinho do amor](#)

[42. O retrato e a partida](#)

[43. Bola vermelha](#)

[Sobre o Autor](#)

Dedicatória

Aos meus pais e heróis: Margaret Monteath, a primeira a ler o livro, e Charles Monteath, revisor e idealizador do título.

À minha esposa, incentivadora e amor para toda a vida, Renata Lehmann.

Ao meu tio e amigo Flavio Souto, competente, “esperto”, cúmplice literário e revisor de mão cheia.

1. O mar, o lobo e o fogo

Fogo! Provavelmente foi a primeira palavra que escutou Dolf Van Haarlem, em primeiro de setembro de 1914, apesar de ter menos do que um por cento da capacidade cognitiva desenvolvida.

Nascido em um simples casebre de madeira rústica, sua mãe, Heide, mal teve tempo de se recuperar do mais doloroso dos seus seis partos. Na companhia de sua irmã e parteira de ocasião, Anelise, escutou o alarde da vizinhança devido ao incêndio provocado por uma fogueira, que lambeu em chamas um estábulo a trinta metros de distância de sua casa.

O fogo se espalhava. Mesmo exausta pelo prolongado parto do seu primeiro filho homem, Heide tirou forças de onde já não existiam para escapar do fogaréu, em companhia da irmã e das três filhas: Luus, Alberdina e Merel, de nove, seis e quatro anos respectivamente. Além do pequeno Dolf, que recém cumpria seus primeiros minutos de vida.

Seus outros dois partos foram tentativas frustradas de trazer ao mundo um menino, já que ambos não conseguiram tocar com vida o solo barrento da cidade de Haarlem, conhecida por ser o mais esplendoroso centro de comércio de tulipas na época.

Com seu rebento no colo, ainda unidos pelo cordão umbilical, que só seria cortado cinco horas mais tarde já em segurança na casa de sua tia-avó Rosemarije, e com suas três filhas agarradas na saia de algodão de Anelise, a família deixou praticamente tudo pra trás no ímpeto da salvação. Luus, a filha mais velha, ainda conseguiu em poucos segundos passar a mão e levar consigo seu velho urso de pelúcia, Paul, e um manuscrito que guardava no armário de madeira de seu recém-falecido pai, o viajante mercador Finn Van Haarlem. Finn não teve a sorte de ver aquilo com que tanto sonhara: o nascimento de um filho homem.

O pai de Luus fora um astuto comerciante holandês, baixo para os padrões de sua cidade, com longos cabelos loiros e um marcante nariz adunco que harmonizava perfeitamente com o bigode farto, amarelo, que havia sido cultivado e cuidadosamente mantido desde os quinze anos de idade. Nunca teria imaginado, ao embarcar naquele barco pesqueiro para cumprir a tradicional rota que lhe garantiria o honesto sustento da família por tantos anos, que aquela seria sua última viagem.

O naufrágio se deu em meio à tempestade que elevou as ondas a oito metros de altura, sem possibilidade de restarem sobreviventes entre os integrantes da experiente tripulação de pescadores e comerciantes de vários lugares do mundo, que se reuniam para comungar aventuras e prover alimentos e riquezas aos seus entes próximos.

Um dos maiores prazeres do aventureiro Finn era a escrita. Nos momentos em que não estava bebendo, jogando Dutch Blitz ou simplesmente se divertindo com os companheiros, aproveitava as longas viagens de barco para escrever alguns versos soltos e simples poesias. Geralmente alusivos às viagens e aos sentimentos despertados durante o tempo que passava a bordo, admirando os dois maiores

azuis do mundo: céu e mar. Na maioria das vezes, não mostrava para ninguém, simplesmente guardava os papéis em um lugar qualquer e posteriormente os perdia. Às vezes, encontrava algo que escrevera alguns anos atrás e sentia um misto de nostalgia e vergonha ao ler sua própria poesia.

Com os poucos poemas que lhe traziam ao menos um pingote de orgulho, aproveitava para presentear suas filhas – era sua maneira meiga de demonstrar afeto. Embrulhava cuidadosamente o papel em forma tubular e o amarrava com duas voltas de um velho barbante, o que emprestava certa imponência ao material. No pequeno rolo que Luus conseguiu resgatar ao fugir do incêndio, estava escrito o seguinte:

“Este barco busca oeste, A bombordo vejo azul, Sinto o gosto amargo de sal nas mãos, Sinto saudades do sul.

Se pudera fazer o tempo passar veloz, Diria certamente que não - com firmeza.

Prefiro o coração apertado de dor ao precipitado, Aprecio o inesperado, E como num vazio inacabado, Diria sim ao mestre mar.

Que aqui estou de corpo e alma, Vivendo insanamente cada fração de segundo, Fazendo valer meu lugar no mundo, Onde presente, passado e futuro se fundirão.

Quase que numa oração repetida aos quatro ventos, Peço somente: mantenha meu espírito forte, Para os dias que passam lentos.”

Seguramente, um dos seus poemas preferidos, embora de baixíssima probabilidade de ser lido por mais alguém além do próprio autor e de sua filha primogênita.

O pequenino Dolf nasceu forte, com quase 4 quilos, careca e muito rosado. Não lembrava nem o pai, nem a mãe. Dos parentes próximos, assemelhava-se muito de longe à tia-avó (a que lhe deu abrigo), devido a uma pinta na bochecha esquerda, precisamente no mesmo lugar onde se encontrava a dela, que pela idade era mais protuberante e complementada esteticamente por três fiapos grisalhos e saltados (ou antiesteticamente, dependendo do ponto de vista).

O bebê holandês nasceu sem nome definido. Sua mãe havia desistido da ideia de lhe dar o mesmo nome do falecido e saudoso marido, devido ao insucesso dos partos anteriores. Caso um dos filhos das gestações prévias houvesse vindo ao mundo com vida, seguramente teria recebido o nome Finn. Ambos os fetos foram enterrados à sombra da pequena tuia, uma espécie de pinheiro, no quintal do casebre dos Harleems, sem nenhuma cerimônia, lápide ou inscrição. No momento do segundo enterro, tudo que Heide imaginava era uma possível maldição que a impedira de procriar descendentes do sexo masculino.

Na noite daquele primeiro de setembro, nos primórdios do outono holandês, o recém-nascido foi carregado pela valente mãe envolto num pano que Anelise usara para o parto.

Num ato de desespero devido àquela fuga repentina e com um resto de força para caminhar por dezenove quilômetros com a família até a casa da tia-avó na cidade, em Amsterdam, Heide teve a impressão de haver sido seguida por um lobo durante todo o caminho percorrido. Embora imponente e seguramente pronta para atacar suas vítimas, a imagem daquela criatura noturna não lhe causava sensação de medo, mas sim de proteção. Sobretudo quando ela pensava nas feições do lobo, que refletiam fumaça espessa e labaredas em tons amarelos, cinzentos e alaranjados, e percebia o olhar penetrante do animal.

Já estabelecida num pequeno quarto de hóspedes na casa da amável Rosemarije, aproveitou aquele raro momento de calma para encarar seu filho com muita ternura, durante alguns minutos em silêncio total.

Muito fraca devido ao complicado parto seguido de uma longa jornada, consumiu seu último suspiro de força para romper o cordão umbilical com uma faca precariamente esterilizada e nomear seu filho de Dolf - que quer dizer “Lobo Majestoso”. Dormiu por nove horas ininterruptamente e foi acordada mais tarde pela irmã para alimentar o pequeno, que já agonizava há algumas horas, faminto por sua refeição láctea.

2. *O reino das formigas*

Dia de céu azul, clima ameno e ar leve que davam a sensação de paz e tranquilidade aos habitantes da movimentada Amsterdam. As crianças estavam de férias escolares e os adultos aproveitavam a temperatura agradável para sair de casa e desfrutar os bonitos parques espalhados pela cidade.

A primeira grande guerra havia recém terminado, e mesmo com a neutralidade holandesa, o fim do conflito mundial poderia ser considerado um grande alívio para a população dos Países Baixos, que vivia em constante tensão devido à localização estratégica da sua nação.

Mesmo no mais lindo dos dias, Dolf detestava sair de sua casa. Aos cinco anos de idade, seu lugar preferido no mundo era o pequeno quarto de costura da casa de sua tia-avó, onde morava com a família desde o dia de seu nascimento.

Enquanto sua mãe dividia o quarto com as três filhas, o menino conseguiu ganhar a posse do cubículo, que quase não era usado devido à idade já avançada de Rosemarije. E a ganhou devido a uma insistência sem igual, alegando uma gama variada de argumentos, que iam desde o espaço para sua coleção de pedras até o respeito à sua individualidade e à sua privacidade, argumento este que foi o decisivo. Segundo a mãe, ele havia herdado de seu pai, com certeza, a insistência e o dom da incansável argumentação em prol de seus objetivos.

O menino Dolf era muito avançado para sua idade e, talvez por isso, pouco compreendido pelos colegas de classe. Na escola, enquanto a maioria dos meninos de sua idade gostava de brincadeiras agitadas como “pique-esconde” e “pega-pega”, que demandavam boas doses de correria e gastavam energia suficiente para iluminar uma cidade inteira, Dolf tinha outras claras preferências. Interessava-se por discutir e argumentar com os adultos, incluindo grande parte do quadro docente de sua escola, o que lhe rendeu boas doses de castigo. Gostava também de observar a natureza e colecionar tudo que estava ao seu alcance. Colecionava, sobretudo, pedras, insetos, borboletas e folhas secas.

Nesse dia de sábado de céu azul, Heide foi ao parque Amsterdamse Bos para desfrutar o dia com os filhos. O esplendoroso e imponente parque era conhecido por ser a “Floresta de Amsterdam”, um dos maiores parques da cidade, que ficava no sul e se espalhava pelo município vizinho de Amstelveen.

Ainda em construção, seu design era uma mescla do estilo de paisagismo inglês com o alemão, com diversos grupos de árvores cercados pela floresta densa e marcados por suas bordas curvas. As cerejeiras se destacavam pela tonalidade rosa quartzo e davam o tom do parque, muito apreciado por suas diversas trilhas, sua fazenda de cabras, mais de cinquenta pontes, belos lagos e diversas outras atrações, exploradas com alegria pelos locais.

Como de costume, Dolf foi a contragosto, e dessa vez seu argumento de que seria mais feliz se ficasse em casa organizando e catalogando sua coleção de insetos, embora fosse deveras sincero, não foi suficiente.

No parque, sua mãe se reunia com um grupo de amigas para manter as conversas em dia. Luus, agora com quatorze anos, era designada a responsável por manter os irmãos próximos e em segurança, tarefa que cumpria com maestria. A adolescente responsável controlava os irmãos com rédea curta e delimitava a distância de vinte metros como a máxima permitida, o que entediava o menino, que pretendia se afastar um pouco mais em busca de novos itens para suas coleções exóticas. Mesmo contrariado, não fazia manha e obedecia a irmã. Resignado, passava quase todo o tempo calado e de cara amarrada.

Achava profundamente entediante ver as irmãs sentadas no chão do parque, fazendo piquenique. Não entendia a graça das brincadeiras de Alberdina com seus bichos de pelúcia e ficava aborrecido quando Merel o convidava para provar uma de suas comidinhas preparadas com grama, terra e ingredientes imaginários.

Conseguia matar o tempo observando a trilha formada pelas formigas, que, enfileiradas, levavam pedaços de frutas e cortes de capim para um formigueiro próximo. Ficava imaginando como se comunicavam, se elas sabiam os nomes umas das outras e quais seriam os privilégios da formiga rainha. Apostou que comia com mais fartura e qualidade. Pensou que ela poderia ter algum nome real, como a rainha Guilhermina dos Países Baixos, e se perguntou quem assumiria caso ela abdicasse de seu trono no formigueiro.

Na volta para casa, já com melhor humor e entusiasmado com a possibilidade de em pouco tempo estar em seu quarto, aproveitou para fazer um par de perguntas à mãe sobre hierarquia e sucessão do reino das formigas. Heide achou graça, inventou algumas repostas interessantes e afagou o cabelo loiro de seu filho, que crescera liso e amarelo igual ao do pai, uma das poucas heranças genéticas que recebeu de Finn.

A relação de Heide e Dolf era muito próxima. Apesar de ele não ser carinhoso e detestar qualquer tipo de contato físico com a mãe, os dois eram intimamente conectados.

Por mais que Heide tentasse suprir a falta do pai, tentando por muitas vezes fazer o papel de pai e mãe, era nítida a falta de uma presença masculina na formação do menino. Ele frequentemente apanhava na escola, sofria bullying e não sabia se defender, pois tentava sempre resolver seus problemas através de sólidos argumentos, o que quase nunca funcionava com meninos da sua idade, que preferiam tapas, empurrões e caretas assustadoras.

Não era raro Dolf voltar para casa machucado, com mordidas e hematomas em seu corpo. Chegou a ensaiar umas caretas no espelho com a língua de fora e os olhos arregalados, mas se sentiu bobo, além de não ter achado nada assustador.

O verão passou num piscar de olhos e chegou o primeiro dia do ano letivo no qual Dolf começaria o segundo ano da alfabetização. Rosemarije era encarregada de levar o menino para a escola Heilig Hart Van Mary College, dirigida pelas Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas.

O pequeno sentia felicidade em trajar o uniforme escolar e não dependia de ninguém para vesti-lo. Com orgulho, vestia a calça verde musgo e colocava com destreza a camisa branca para dentro da calça. Calçava os sapatos pretos, velhos, porém caprichosamente engraxados por ele mesmo. O preciso nó da gravata xadrez em tons de cinza, vermelho e azul escuro, com a distância calculada para que a ponta da gravata tocasse a parte superior da fivela dourada do cinto negro, era milimetricamente executado. O colete chumbo e o blazer na cor da calça finalizavam o ritual, que demorava precisamente oito minutos e

meio.

Sua tia-avó o esperava sentada no sofá da sala, geralmente finalizando alguma peça de tricô, já com o lanche dele embrulhado em um saco de papel pardo. Sanduíche de atum e maçã eram os ingredientes mais corriqueiros na composição do lanche. Apesar de estar com mais de setenta anos, Rosemarije mantinha o gentil hábito de carregar a mochila de Dolf durante o caminho para a escola.

Naquele primeiro dia de classe, ela notou que a mochila estava mais pesada que o habitual, então perguntou ao menino: — Está pesada esta mochila, meu pequeno. O que você carrega nela, pedras?

Dolf balançou verticalmente a cabeça, confirmando. Sim, justamente, carregava sua coleção de pedras, que pretendia exibir para a nova professora. Rosemarije deu boas risadas e prosseguiu seu caminho.

Heide trabalhava duro. Além de sustentar os filhos, ajudava nas despesas de casa. Durante o dia, servia como garçoneiro numa taverna chamada Proeflokaal de Ooievaar, a dois quilômetros de casa. Além de cerveja de qualidade, a especialidade da casa era leitão assado com uma farta quantidade de batatas fritas na própria gordura do porco, um prato altamente apreciado pelos locais, que não só mantinha um bom movimento na casa como gerava um farto e honesto volume de gorjeta.

Pela noite, além de cuidar das tarefas domésticas, como cozinhar para toda a família, lavar roupa, lavar louça e ajudar com a limpeza, Heide gastava ainda algumas horinhas tricotando com Rosemarije, o que lhe rendia alguns florins extras, geralmente gastos em roupa para os filhos. Orgulhava-se em vê-los alinhados e com roupas bonitas. Pensava que algum dia uma das meninas poderia se casar com um homem bom e de posses.

Segundo a avaliação dos filhos, Heide era uma cozinheira de mão cheia. Sua especialidade era o mesmo leitão que aprendeu a fazer de tanto observar os cozinheiros na Taverna. Apesar de modesta, ela achava o seu leitão mais saboroso, pois havia adicionado alho fresco e ramos de alecrim ao cozimento da carne e suas batatas eram cortadas mais finas e tinham a casca completamente removida, agregando sofisticação e leveza ao prato e retirando-lhe o aspecto rústico do leitão tradicional servido na Proeflokaal de Ooievaar. Os filhos concordavam, apesar de nunca terem provado o prato original.

Além de exímio colecionador, Dolf gostava de passar parte do seu tempo desenhando, sobretudo reproduzindo sua coleção de insetos. Às vezes, desenhava o bicho inteiro, outras vezes, desenhava apenas algumas partes de maneira mais detalhada. Asas eram, sem dúvida, o seu maior interesse. Poderia passar horas rabiscando a asa de uma mosca varejeira, tentando reproduzir as particularidades de sua textura.

Na escola, demonstrava cada vez mais ser bom aluno em praticamente todas as cadeiras, com exceção das práticas esportivas, em que era uma absoluta negação e sempre o último a ser escolhido para compor as equipes, qualquer que fosse a modalidade. Para compensar, tinha facilidade tanto para idiomas quanto para matemática, mas era sempre nas aulas de artes que a sua diferença para os colegas ficava gritante. Enquanto a maioria tinha dificuldade para finalizar desenhos básicos, como bonecos com membros de palito, Dolf impressionava seus mestres pela complexidade com que retratava seus insetos, que incluíam texturas e sombreados de maneira cirúrgica.

Conforme os anos foram passando, foi se especializando em desenhar monstros e heróis, sempre inspirados em insetos. Monstros de duas cabeças, com antenas de barata, com pernas de percevejo, e até mesmo heróis de oito braços que teciam teias, inspirados nas aranhas que colecionava.

Tentava vender seus desenhos para os amigos do colégio, mas como ninguém andava com dinheiro, conseguia algumas vezes trocar ou por lanches ou por algum objeto de seu interesse, como um pequeno canivete de lâmina única que conseguiu por escambo depois de cumprir nove anos de idade, e que carregou durante toda sua jornada. Sem dúvida, não poderia ser considerado um bom negociador como o seu pai, mas seus dotes artísticos já começavam a florescer.

Caso seu colega de classe houvesse guardado com mais cuidado o desenho do monstro de duas cabeças que soltava fumaça negra pelas bocas, trocado por um humilde canivete, sua vida financeira poderia vir a ser um pouco diferente.

3. *Os raios que abraçam*

O ano era 1913, pouco antes do início da primeira grande guerra. Era outono e fazia frio, entretanto era um daqueles raros dias que combinavam a friagem com um sol intenso de céu aberto, raridade para a estação do ano.

Seguramente, aquela mescla de sol e frio era a preferida de Finn, e lhe trazia uma dose extra de otimismo no embarque a caminho da França e Espanha para comprar, em especial, vinho e azeite de qualidade.

Ele tinha a sensação de ser abraçado por generosos raios solares enquanto via o barco desatracar e iniciar a viagem. Observava as gaivotas-de-asa-escura que acompanhavam o barco à medida que se afastava da costa, na esperança de abocanhar os peixes que a tripulação descartava e arremessava de volta à água.

Já era a terceira vez que ele fazia o mesmo percurso, nada muito complexo ou arriscado. Saía da cidade de Hoorn até chegar ao profundo Lago Issel, onde contornava toda a Holanda do Norte, mirando a saída para o Mar do Norte. Dali, descia pelo canal da Mancha até atingir a Baía de Biscaia, com paradas em Bordeaux, na França, e em Bilbao, na Espanha.

O conhecimento da alta demanda nos Países Baixos por vinho e azeite de qualidade superior lhe dava a garantia de que rumava na direção certa e de que em breve estaria em regresso, contabilizando o lucro de outra bem sucedida viagem. Já podia imaginar a sua Heide, com seu largo sorriso no rosto, recebendo-o com a casa exalando o doce odor da torta de maçã que sempre assava no fogo aguardando seu retorno. Seu estômago chegou a roncar alto pela açucarada recordação.

Neste dia, após as primeiras poucas horas de viagem, tirou do bolso um lápis e um papel amassado, e escreveu:

*“Sobre gigante azul turquesa, Um barco pequeno de madeira Carrega um pulsante coração,
Pois é de alma aventureira Que transborda sem fronteira, Repetindo a mesma direção.*

Raios solares... “.

O poema simples e incompleto de Finn era para ter sido continuado com mais alguns versos, mas a tripulação estava eufórica e sempre havia alguém para interrompê-lo. Uns ofereciam cerveja enquanto outros o convidavam para uma partida de Dutch Blitz. Deixando-se contagiar pela alegria de seus companheiros de viagem, ele preferiu recolocar o papel amassado no bolso do velho casaco azul e

terminá-lo mais tarde. Nunca o fez.

Finn estava certo quando imaginou uma viagem de sucesso, prevendo que os produtos comprados teriam uma grande demanda e que renderiam lucro suficiente para sustentar sua família por um bom período. Anteviu, também com precisão, que sua esposa o receberia com um largo sorriso no rosto. Errou apenas no sabor da torta, que dessa vez era de pera, o que gerou desapontamento, mas nada que não desse para disfarçar. Obviamente, Heide percebeu e se comprometeu internamente a apenas cozinhar tortas de maçã.

O que o aventureiro não imaginava é que essa seria sua última grande viagem.

4. Como um passarinho

Heide parecia não acreditar na cena que vira quando acabava de chegar a seu lar. Depois de um dia agitado de trabalho, regressou apressada da taverna Proeflokaal de Ooievaar. Queria chegar logo, pois tivera um pressentimento forte, daqueles de faltar o ar e acelerar os batimentos cardíacos, de que alguma coisa muito errada havia acontecido.

Ao entrar em casa, imediatamente procurou Rosemarije para saber se tinha acontecido algo com seus filhos. Entrou afobada no quarto e percebeu que a tia-avó ainda dormia, algo incomum naquele horário, já que ela normalmente a esperava sentada na poltrona da sala com o material de costura a postos, animada pela chegada de sua auxiliar de produção.

Heide tentou delicadamente despertá-la com um carinho no braço. Nada. Tentou então sentir-lhe a respiração, colocando o dedo embaixo do seu nariz. Nada novamente. Tentou ainda tomar sua pulsação, e por último, já quase sem esperança, colocou a mão no peito de Rosimarije, quando teve a certeza de que o coração daquela senhora de oitenta anos havia parado de funcionar.

Logo lhe veio um sentimento de culpa, ao se lembrar da ligeira sensação de alívio que sentira ao saber que seu pressentimento ruim não estava atrelado a nenhum dos filhos. Depois vieram algumas lágrimas derramadas em silêncio, em uma mistura de tristeza e gratidão pela generosidade de sua tia-avó, que além de ceder abrigo para os Haarlems, foi fundamental na criação de todos, incluindo ela própria, que não chegara a conhecer a mãe e perdera a avó materna muito nova.

Neste momento, enquanto segurava e apertava com força a mão de Rose, deu-se conta de que não sua tia-avó, mas sim sua mãe, havia partido. Sentiu-se solitária no mundo, e pensou em como daria a dolorosa notícia para a irmã Anelise e para os filhos, Luus, Alberdina, Merel e Dolf.

Luus, com vinte e três anos, já estava casada e não morava mais em casa. Alberdina estava com as amigas praticando balé, acompanhada pela irmã, e Dolf deveria estar em casa, mas não dera sinais de presença desde a chegada da mãe.

Enquanto Heide segurava a mão de Rose, perdida em um turbilhão de pensamentos, Dolf entrou no quarto e falou: — Oi, mãe.

— Oi, meu filho, não tinha visto você entrar. Não sei bem como te falar, mas...

— Eu já sei. Estava no meu quarto quando a Tia Rose falou que não se sentia bem e que iria descansar. Fui ao quarto dela alguns minutos depois, ver se estava tudo bem, e... Ela já não estava... Quero dizer, estava, mas não já estava, entende? – disse Dolf, de maneira confusa, ciente do ocorrido.

— E isso tem quanto tempo, meu filho?

— Uma hora, no máximo duas.

— Vamos ficar bem, não se preocupe. – disse Heide, com os olhos marejados, enquanto abraçava o filho.

O agora adolescente, com quatorze anos recém-completados, mesmo ainda repudiando contato físico com qualquer parente, foi abraçado pela mãe por quase um minuto inteiro. Não chorou em nenhum momento, mas estava, embora à sua maneira pouco demonstrativa, muito abalado. Ficaram em silêncio por um tempo, até que Alberdina e Merel chegaram do ensaio. As duas meninas se debruçaram aos prantos sobre o corpo da tia-avó, ainda na cama, enquanto escutavam as explicações da mãe.

Heide conseguiu contratar uma agência local que providenciou um discreto funeral, apenas para a família, que, além dela, da irmã e dos quatro filhos, contava com Rutger, marido de Luus, e com um primo de segundo grau de Rosemarije; acrescida das duas principais clientes, compradoras frequentes de suas costuras.

Dolf olhava com um misto de sentimentos para a tia-avó, que parecia tão pequena dentro daquele caixão de madeira. Teve ali o seu primeiro contato com a morte. Não sabia muito bem o que pensar. Tentou imaginar para onde ela estaria indo e se o seu pai, que nunca conheceu, iria em algum momento encontrá-la, ou até mesmo recebê-la. Refletiu sobre a fragilidade da vida e pela primeira vez teve a certeza de que não era imortal, e que um dia teria um fim parecido.

Rezou para Deus as orações aprendidas na escola e pediu que quando morresse fosse assim também: velho, em sua cama, sem doença e sem dor. Rogou para morrer como um passarinho, conforme escutara por aí, saindo desta vida de maneira suave, sem chocar ninguém com algum tipo de sofrimento, e acordando no paraíso. Foi a primeira vez que rezou fora da escola e sem estar diante de uma refeição, embora sua tia Rose o aconselhasse a sempre orar antes de dormir.

Depois do funeral, foi o enterro. O cemitério ficava um pouco afastado de onde moravam, mas o preço era consideravelmente mais acessível. Novamente uma cerimônia simples, apesar de quase não se entenderem as palavras do padre já idoso e de fala baixa, que para dar garbo ao evento, mesclava em seu discurso algumas palavras em latim.

Ninguém conseguiu pensar em algo que pudesse representar Rosemarije de maneira profunda ou simplesmente adequada. Sua lápide ficou, então, gravada apenas com nome, data de nascimento e de falecimento. A essa altura, todos já estavam exaustos e tudo que queriam era uma boa noite de sono.

De volta à casa e com os filhos já dormindo, Heide teve grande dificuldade em pegar no sono. Foi até a sala, acendeu um cigarro, deu duas tragadas e não conseguiu parar de pensar em como seria a vida dali pra frente.

Foi ficando um pouco nervosa, andando de um lado para o outro da sala. Pensava no fato de que, mesmo com os filhos já praticamente criados, com o mais novo com quatorze anos, Rose dava uma ajuda substancial. Como faria dali pra frente sem ela? Quem prepararia o almoço? Quem ajudaria nas lições dos filhos? Teria Rosemarije deixado algum testamento escrito? Mesmo sem possuir filhos, seria ela mesma a dona da casa onde moravam? E se tivessem que sair, para onde iriam?

A ansiedade que a dominava ficava cada vez mais forte. As mãos já estavam suando frio e o ar já lhe faltava, quando levantou a blusa branca de algodão, deu uma forte tragada no fumo, segurou a fumaça na boca e deu três estocadas com o cigarro aceso na barriga, enquanto rezava para a Virgem Maria, para Deus e para todos os santos que pudessem ajudar.

Não era a primeira vez em que se autoflagelava. Recorria a esse hábito como um escape no ápice de suas crises de ansiedade, que mais pareciam crises de pânico. Os filhos nunca chegaram a ver, mas sua barriga exibiu várias cicatrizes provocadas por brasa ardente de cigarro.

Heide foi ao poucos se recompondo, se acalmando, tomou vagarosamente um copo de água gelada e passou no quarto de costura para checar se Dolf estava dormindo. Depois de ver que estava tudo ok, deitou-se no quarto que dividia com Alberdina e Merel, porém não conseguiu dormir. Nem ela nem seu filho caçula, que se lembrava de flashes do dia, da expressão já sem vida no olhar da tia-avó e do latim incompreensível do velho padre, que até parecia fazer aquilo de forma automática, sem nenhuma emoção.

5. Nove quiques, novo recorde

Às margens do rio Amstel, o jovem Dolf atirava pedras para tentar quebrar seu próprio recorde de quiques. Fazer as pedras quicarem uma ou duas vezes não exigia muita técnica, mas para quicarem acima de sete vezes era preciso uma metodologia que Dolf desenvolvera com louvor, auxiliado pelo melhor amigo Dukker.

Para começar, a escolha da pedra ideal era imprescindível. Ela deveria ser plana, arredondada e caber mais ou menos na palma da mão. Ao mesmo tempo, não poderia ser nem tão pesada, para evitar um naufrágio no primeiro contato com a água, nem tão leve, para poder romper a brisa e a turbulência. A maneira de segurar a pedra também era importante, colocando-a na dobra do dedo indicador e pondo o polegar em cima dela para manutenção do controle. Logo viria o lançamento: o rio deveria ser abordado de lado, com os pés afastados na largura dos ombros, e o tiro deveria sair como um chicote estalado para o lado. A atenção à angulação correta permitiria que a pedra rodasse no sentido anti-horário. O braço deveria prosseguir no movimento mesmo após o lançamento, como numa tacada de golfe, para garantir desempenho e maximizar os resultados.

Seguindo essa complexa receita, os amigos poderiam passar horas matando o tempo, quebrando recordes sucessivos e se divertindo naquele fantástico domingo.

A amizade com Dukker se deu de maneira instantânea, assim que ele foi apresentado como novo aluno da Heilig Hart Van Mary College. Aquele garoto baixo, de cabelos lisos e pretos cortados em formato de cuia, carregava permanentemente, sobre seu pequenino nariz salpicado por delicadas sardas, um par de óculos fundo de garrafa, trajando o uniforme impecavelmente alinhado em contraste com seu jeito desengonçado de andar.

Toda essa combinação caricata chamou a atenção imediata de Dolf, que poderia ter dois ou três companheiros de classe com quem trocava meia dúzia de palavras, mas que ainda não sabia o que era ter um amigo. Parece que a recíproca foi verdadeira para Dukker, que reparou também no alinhamento de seu mais novo companheiro, sobretudo no impecável nó da gravata.

Dukker se interessava pelas coleções do amigo e fazia diversas perguntas. De maneira geral, era um grande incentivador. Não era bom para esportes, não era um aluno brilhante e não tinha muitas habilidades, nem artísticas nem sociais. Mas, sem dúvida, era o amigo perfeito para Dolf, que além de ser constantemente incentivado em suas paixões, teria um grande admirador, o que era uma verdadeira novidade para ele, já que era difícil receber qualquer tipo de elogio de seus colegas de classe e até mesmo das irmãs. Dolf, àquela altura do campeonato, já aprendera que elogios maternos não eram imparciais.

Além de haver desenvolvido a técnica perfeita de arremesso de pedras ao rio, o jovem de quinze anos cada vez mais demonstrava avanços em seus dotes artísticos. Já havia saído da época de reprodução de insetos para uma fase mais madura, e passou a direcionar seus trabalhos para reproduções de paisagens em aquarela.

Naquela tarde de domingo, após cravar seu recorde pessoal de nove quiques, buscou e abriu seu equipamento, montou o cavalete, apontou um lápis com seu velho canivete e pediu para Dukker se posicionar em frente ao rio, como se estivesse lançando uma pedra. Não estava acostumado a agregar elementos humanos em suas paisagens; contudo, pensava que poderia ser um bom experimento, que, além de trazer inovação para sua arte, provocaria boa dose de gargalhadas em seu amigo, que não parava de reclamar das dores nos braços e nas costas devido do longo tempo parado naquela mesma posição.

Apesar das reclamações e dos incômodos em diversas partes do corpo, o processo por inteiro não demorou tanto tempo assim. Trinta e cinco minutos foram suficientes para completar a pintura, dos quais apenas quinze Dukker teve de suportar na posição de estátua.

O jovem artista começou esboçando dimensão, profundidade e fazendo algumas marcações. Depois, partiu diretamente para a pintura daquele jovem lançando a pedra. Como pintou Dukker de costas, não precisou perder muito tempo com os detalhes das feições. Por outro lado, caprichou no cabelo negro em formato de cuia esvoaçante, com uma impressionante textura. Depois, foi detalhando a paisagem, que contava com elementos como a margem do rio, algumas árvores, umas poucas plantas, céu praticamente sem nuvens, as casas que ficavam na margem oposta e um punhado de pedras empilhadas ao lado do seu arremessador.

Dukker estava impaciente, querendo ver logo o resultado final. Após um determinado suspense, o promissor artista finalmente mostrou sua obra.

— Uauuuuuu. Está sensacional! – Disse Dukker.

— Gostou mesmo? Não está falando só pra me agradar?

— Você sabe que eu nunca faria isso. Mas posso te dar uma opinião muito sincera?

— Claro. – Falou Dolf, um tanto curioso.

— Promete não ficar ofendido?

— Prometo, Ducky. Pode falar. Fala logo! Onde eu errei?

— Acho que você errou na minha imagem. Não sei dizer muito bem exatamente onde, mas estou me vendo meio desengonçado e franzino na pintura. Tenho certeza de ser mais encorpado do que isso! Mais ativo, também.

— Você está falando sério?

— Aham. – Retrucou Dukker, balançando a cabeça com sinal de positivo.

— Tá bom. Prometo ser mais “realista” na próxima, ok? – respondeu Dolf para se livrar logo da discussão, sabendo que o problema era mais de uma distorção de como o modelo se via do que propriamente da execução do pintor.

— Tá bom, e se puder melhorar meu cabelo também, eu agradeço.

— OK, já entendi. – Disse Dolf, finalizando o assunto enquanto arrumava seu material.

— Dolf, precisamos pensar em um nome para a obra. Que tal, “Dukker, o grande arremessador”?

— Colocar nome em pinturas não é a minha especialidade, mas gostei da ideia. Apenas uma pequena correção, já que o recordista de quiques sou eu. Que você acha de somente “Dukker, o arremessador”?

— Acho que você tem razão. Não caberia a palavra grande, já que por um descuido seu fui retratado menor do que aparento.

Ele começou a ficar irritado, pois gostava mesmo era de ouvir elogios e detestava que criticassem suas obras. Dolf era um rapaz bem branquelo, daqueles em que se percebe o desenho das veias pelo corpo, como se fossem galhos de árvores se ramificando. Contudo, facilmente mudava de cor, de acordo com o nível de raiva ou de irritação que o acometia. Começava em um tom de rosa bem clarinho e progredia para tons mais fortes de vermelho, até chegar a uma coloração tão escura que lembrava o vinho Bordeaux. Em casos extremos, seria correto dizer que Dolf ficava, literalmente, roxo de raiva.

A alteração de sua palheta de cores interna se dava de baixo para cima, partindo do pescoço, subindo até atingir boca, nariz, olhos, para finalmente tomar a testa por inteiro.

Dava para se notar as veias que iam saltando conforme a coloração se alterava do mais claro para o mais escuro. No caso específico dessas críticas de Dukky, a cor de Dolf parou de progredir no tom rosado, como a cor de um rabanete, e atingiu apenas a altura da boca.

— Está decidido, o quadro vai se chamar “Dukker, o arremessador”. E quer saber? Eu tinha pensado em te dar de presente, mas como você não gostou, vou ficar com ele pra mim.

— Não! Não faça isso. Eu adorei, pode me dar, sim. Prometo colocar na parede do meu quarto e tudo. Nunca ninguém me pintou antes e acho que nunca vão pintar.

— Não, nem adianta insistir. Vou te dar o próximo, desde que você goste da maneira que vou te desenhar. E prometo dar uma exagerada, pra você se ver esbelto e altivo.

— Uma exagerada? Como assim? – perguntou o amigo.

— Ah, quer saber? Melhor esquecer, Dukker.

E Dukker realmente esqueceu, e parece que Dolf também, pois só voltaria a pintar seu amigo em uma obra muitos e muitos anos depois, numa situação bem peculiar.

O interesse de Dolf por aquarela despertou quando viu sua irmã mais jovem Merel tentar algumas pinceladas para um projeto de artes do colégio. Na época, havia cinco anos, sua irmã, com quatorze anos de idade, deveria pintar um cesto de frutas contendo maçãs, peras, bananas e uvas - nada muito complexo.

Seu irmão, quatro anos mais novo, a observava atentamente e não entendia muito bem como ela podia retratar de maneira tão dissonante aquele balde com frutas. Na sua cabeça, em vez da maçã ela pintava uma melancia, as bananas pareciam batatas inglesas e o cacho de uvas era como um punhado de balas gigantes de chumbinho unidas e amarradas por um laçarote verde. Nada fazia sentido, já que as dimensões estavam incorretas, as cores mal encaixadas e parecia uma pintura plana, sem nenhuma profundidade.

Dolf se ofereceu para ajudar e o resultado foi não somente a nota máxima pelo trabalho, mas também uma exibição de alguns meses na feira de artes da escola. Merel se sentiu uma fraude e jurou que

nunca mais iria nem pintar, nem trapacear nas tarefas escolares.

Daí para frente, Dolf foi tomando gosto por essa antiga técnica, onde os pigmentos se encontram dissolvidos em água e cujo aparecimento se deu junto com o dos pincéis de pele de coelho, ambos surgidos na China há mais de dois mil anos.

A partir daí, foi testando e aprimorando o estilo, mas foi quando descobriu o romântico pintor inglês, William Turner, que se apaixonou de vez pela aquarela. Turner foi um precoce e brilhante artista inglês, solitário, que se dedicou à pintura do paisagismo romântico e se tornou um mestre na aplicação da luz e de sua incidência sobre toda a composição de cores.

Dolf descobriu Turner quando estava na biblioteca da escola, estudando para uma prova de álgebra. Como tinha facilidade para decorar as fórmulas, gastou o resto do tempo que havia reservado buscando livros de artes, mais especificamente de aquarelistas, já que sua irmã havia lhe dado um pequeno empurrão, completamente sem querer, rumo a essa técnica.

Quando achou William Turner, se impressionou com tudo, principalmente com a precisão de seus pontos de luz. Além disso, chamou muito sua atenção o grande interesse do artista pelo estudo dos paisagistas holandeses do século XVIII, e também sua clara admiração pelo mar e as paisagens marinhas em geral.

Foi o quadro “The Blue Rigi”, de 1842, a primeira obra de arte que realmente lhe tirou o fôlego, além de ter sido a sua primeira tentativa de reprodução.

A aquarela retrata a montanha Rigi na Suíça central, vista do sudoeste, através do lago Lucerna. A “Rainha das Montanhas” aparece cintilando no azul da luz ao amanhecer, envolto por véus de névoa da manhã. A tonalidade é construída por camadas de lavagem de cor e com detalhes bem precisos e leves, enquanto o planeta Vênus aparece refletido no céu amarelo da manhã. Parte da imagem foi riscada com a unha de Turner para revelar o solo branco brilhante, e em primeiro plano, à esquerda, patos podem ser observados acima do lago, alarmados por um tiro e perseguidos por dois cães farejadores.

Dolf tentou por quatro vezes reproduzir a Rainha das Montanhas, e apesar de ter chegado bem perto, não ficou satisfeito com nenhum dos resultados. Rasgou todas as telas e nunca falou para ninguém da sua empreitada. De qualquer maneira, considerou com razão um excelente treinamento, que viria a lhe servir de base para obras futuras, sobretudo na excelência da aplicação dos focos de luz.

O rapaz começou a desenvolver uma obsessão por paisagens marítimas. Mar, rio, lagoa, tudo que tivesse água lhe encantava pintar. Adorava mesclar tons de azul com verde para reproduzir com excelência a cor e os movimentos da água. Talvez a imagem que tinha de seu pai, um aventureiro amante do mar, que nunca conheceu, mas de quem sempre muito escutou falar por sua mãe e pelas irmãs, principalmente por Luus e Alberdina, tenha lhe levado a desenvolver esse encantamento.

Quando percebeu que Turner também tinha a mesma atração, ficou ainda mais interessado e decidido a pintar a água em todas as suas vertentes.

Com o passar do tempo, foi evoluindo sua técnica, passando a mesclar aquarela com tinta a óleo. Apesar de ser uma mistura muito improvável, pois óleo e água não se misturam, Dolf buscou uma solução criativa. Passou a dissolver as tintas a óleo em diluente, o que as afinava e deixava mais transparentes, criando um efeito melhor na mescla com os pigmentos solúveis em água da aquarela. Além disso, as paisagens foram dando espaço para obras mais abstratas e as influências foram se abrindo para outros

artistas conforme ele iria amadurecendo.

Pelos próximos anos, antes de ingressar na Universidade, o promissor artista passaria a maior parte do seu tempo pintando, observando a natureza, discutindo com seu amigo Dukker e, claro, jogando pedras no rio Amstel e tentando sempre superar seu próprio recorde.

6. *Direito, Van Gogh, Pale Ale e Mona Lisa*

Caminhando apressado, sem direção, pelas ruas da cidade. Acendeu um cigarro, parou para tomar um café, mas pediu mesmo foi uma cerveja Pale Ale, sua preferida. Terminou a cerveja e pediu o café. Deu um gole, deixou os florins e saiu acelerado. Andou mais um pouco, acendeu outro cigarro e refletiu sobre seu primeiro dia na faculdade de direito na Universiteit Van Amsterdam, uma das mais antigas e mais bem conceituadas da Holanda.

Andava de um lado para o outro, caminhava pela Rua Kruislaan, depois subia a Radioweg, voltada pela Johannes Van der Wallstrat e novamente descia a Planckstraat. Estava dando voltas no mesmo quarteirão, depois fazia o mesmo na quadra seguinte, depois voltava e repetia o primeiro trajeto. “Por que diabos eu fui me matricular na Universidade de Direito?” – Pensou Dolf.

Ele estava profundamente aborrecido pela grande indecisão em sua cabeça. Não que não gostasse de direito, pelo contrário, até gostava. Desde pequeno, sempre apreciou argumentar com tudo e com todos, hábito que cultivou e cultivaria durante toda sua encarnação. Talvez tenha sido esse o motivo de ter sido tão incentivado por Heide, pelas irmãs, pela tia Anelise e até pelo cunhado Rutger, um renomado advogado, a estudar direito.

Rutger sempre falou que Dolf era um talento natural para o mundo da lei, e que um dia seria um admirável advogado. E para agravar o dilema que o assaltava, seu primeiro dia de classe não tinha sido dos piores. A aula de introdução a direito foi cativante e empolgante, e os alunos pareciam ser gente mais interessante do que os de sua escola.

Por que, então, estaria Dolf tão nervoso? Por um simples motivo: ele gostava de direito, mas não amava. O que ele amava era a arte. E passar quatro anos de sua vida estudando algo que não amava o deixava extremamente ansioso, a ponto de fumar um maço inteiro de cigarro em uma única sentada no bar.

Quase todos incentivaram Dolf a escolher direito e não belas artes, mas seu camarada Dukker foi o único que tentou dissuadi-lo. O fiel escudeiro foi requisitado pelo amigo para encontrá-lo no bar e o ajudar a clarear as ideias.

Dukker chegou na sua motoneta vermelha e, enquanto tirava o capacete, já havia começado a destilar suas verdades.

— Sabe do que mais, Dolf? Quem dera eu ter um terço do seu talento. Qualquer um pode estudar direito e se tornar um advogado bom ou pelo menos mediano, até eu. Concorda?

— Tá bom, Dukky, e aí? O que você quer que eu faça? E vê se baixa esse tom de voz. Ninguém mais daqui precisa participar da nossa conversa.

— O que eu quero que você faça? Eu não quero que você faça absolutamente nada. Quero apenas que você seja feliz. Você não está me parecendo feliz agora, e vai parecer menos feliz ainda quando passar o resto de sua vida frequentando tribunais. A gravata vai estar impecável, eu sei. Mas sua vida vai ser um inferno.

— Então o quê? Largo tudo, falo pra minha mãe que este foi meu último dia na universidade de direito, e que amanhã mesmo vou tentar transferência pra Belas Artes ou para o diabo que o parta. É isso?

— Poderia ser exatamente isso, se você não fosse um covarde! – Exclamou Dukker enquanto sinalizava para a garçonete, pedindo uma cerveja igual à que Dolf tomava.

— Um covarde, eu? Eu não. Você que é um covarde. Você é uma merda de um covarde, é isso que você é. Não era você que queria não fazer bosta de faculdade nenhuma pra abrir sua bosta de micro cervejaria nesta bosta de cidade? Você fez isso? Lógico que não. Está aí fazendo a porcária da faculdade de medicina. E aí? Quem é o covarde agora?

— Mas é obvio que sou um covarde. Sempre fui um covarde. Nunca consegui fazer o que eu queria. Nunca consegui falar com merda de garota nenhuma. Por quê? Porque eu sou uma bosta de um covardão.

— Exato! – exclamou Dolf, contente por Dukker lhe dar razão.

— Mas você, Dolf, você não é. Você sempre cagou quinze quilos pro que os outros pensavam de você. Quando a professora mandava a classe escrever sobre a revolução francesa, você escrevia sobre qualquer outra merda, menos sobre a porra da revolução. Escrevia sobre a revolução russa ou sobre qualquer outra revolução que te desse vontade, menos a porra da francesa. E agora? Por que virar covarde e cursar uma merda de uma universidade que você sabe que vai detestar? Por que desperdiçar um talento nato?

Fez-se silêncio na mesa enquanto os dois bebiam, quase que num único gole, a cerveja servida pela garçonete, que já estava assustada com a quantidade de impropérios que ela e metade do bar haviam escutado. Pediram outra rodada e continuaram a conversa.

— Dukker, você tem razão. Mas sabe o que me preocupa? Na verdade é o que me apavora. Eu morro de medo de ser um artista fracassado, entendeu? Que as pessoas achem minha arte uma merda. Se eu for advogado, e acharem meu trabalho uma merda, eu não ligo. Tudo bem, eu vou lá, ganho o meu dinheiro e ninguém enche o meu saco. E se eu for artista e acharem tudo uma merda? Como eu vou ganhar dinheiro? Como eu faço pra sobreviver? Como eu vou encarar as pessoas?

— Dolf, meu caro. Você sabe que você é um bom artista. Um bom não, um tremendo artista. Você é o novo Van Gogh, Dolf. Aliás, você é melhor que o Van Gogh. Se você cortar a porra da orelha, tenho certeza de que vão te chamar de Dolf Van Gogh. Tudo em que você bota a mão sai perfeito. Pinta um lago, sai perfeito. Pinta uma árvore com uma cobra, sai perfeito. Até a boquinha da cobra com a linguinha de fora vai sair perfeita. Se quiser pintar a porra da Mona Lisa, vai sair mais perfeita e ainda mais enigmática do que a original. Você sabe disso, tá com medo de quê?

— Até parece que as coisas são assim – divertia-se Dolf, já mais relaxado e soltando algumas risadas – Não sei, meu nobre. Acho que é medo de tudo. De ser avaliado, de não ganhar dinheiro. Na verdade, acho que é mais medo de ser avaliado do que de qualquer outra coisa. Você sabe que pra mim é difícil lidar com críticas, não sabe?

— Lógico que sei. Você acha que eu esqueço aquela vez em que você me pintou? Eu era um menino lindo e esbelto com os cabelos negros esvoaçantes e você de implicância me fez uma criança raquítica, troncha e com o cabelo ridículo.

— Você nunca vai se esquecer disso, não é?

— Claro que não! E aí, quando eu pedi pra ficar com o quadro, você falou que faria outro. Até hoje estou esperando. Já está pronto? Só que dessa vez você vai me pintar aqui no bar, bebendo cerveja. — Dukker aproveitou pra sinalizar pra garçonete, pedindo mais uma rodada de Pale Ale. — Sabe por quê? Porque você não me engana mais. Você me fez ficar uma hora naquela posição ridícula, que doía meu corpo inteiro, só pra poder me sacanear e dar risada.

— Eu desisto, meu amigo. Quer saber? Aquele quadro tá guardado lá em casa. Você o quer pra você? Eu levanto agora mesmo e vou buscar. E garanto pra você que te fiz mais bonito do que você era. Ou melhor, menos feio.

— Não precisa, não. Prefiro mesmo esperar um novo. Dessa vez com a caneca de cerveja na mão no lugar da pedra. Quero o foco de luz no amarelo ouro-cintilante da Pale Ale. E quero minha motoneta ao fundo, também: vermelha brilhante, pra dar um aspecto aventureiro na pintura. E nada de aquarela com aqueles tons pastéis, que graças ao bom Deus você deixou pra trás. Quero tinta bruta mesmo, com as todas as cores a que tenho direito.

— Não quer um violão apoiado na mesa, três garçonetes à sua volta te paparicando e uma gaiivota pousada no seu capacete também não?

A conversa continuou por algumas horas e alternava principalmente entre os dois temas centrais e importantes: cursar direito ou belas artes? Ou aquele fatídico quadro que Dukker cismava que havia sido pintado como uma forma de gozação.

Dolf acabou escolhendo fazer a faculdade de direito, e se formou como o melhor aluno da classe. Depois, nunca exerceu a profissão.

7. Maravilhoso caixote que vos brinda

Alguns meses depois do falecimento de Rosemarije, para a sorte e alívio da família Haarlem, a justiça definiu Heide como sua única herdeira, apesar da inexistência de um testamento formal. Rutger, marido de Luus, foi peça chave para acelerar o processo e garantir que a família continuasse instalada na mesma propriedade que habitava desde cinco horas após o nascimento de Dolf.

Com o falecimento da tia-avó, Heide passaria a ocupar o quarto dela, o maior da casa, e alguns anos mais tarde, com o casamento de Alberdina e sua consequente saída de casa, apenas Heide, Merel e Dolf passariam a dividir o simples imóvel. A mãe instalada no cômodo maior, Merel no aposento antes dividido por todas e Dolf no seu velho e amado quarto de costura, que apesar de nitidamente menor que os demais, era seu xodó e nada o faria trocar por outra peça.

No ano de 1934, a mãe decidiu fazer uma festa surpresa para comemorar os vinte anos de Dolf, que, por sinal, detestava qualquer tipo de surpresa. Estariam presentes, além das irmãs com seus maridos, a tia Anelise e Dukker, que teve que se segurar para não estragar a surpresa, e tinha certeza de que se divertiria com a cara de contrariedade do aniversariante ao se dar conta do que estava acontecendo.

Além de ser cem por cento avesso a qualquer tipo de surpresa, Dolf detestava celebrar seu próprio aniversário. Sempre achou que cada ano que passava era um a menos para ser vivido e mais próximo da morte estaria o aniversariante. Naquele dia, numa chuvosa sexta-feira de setembro, tudo que ele queria era chegar à casa, abrir a porta, correr para o seu quarto e dormir profundamente sem sequer tirar a roupa do corpo, pois estava exausto pela intensa e desgastante semana de estudos do segundo ano da universidade de direito.

Quando abriu a porta e entrou na sala, sentiu um grande alívio por haver finalmente chegado ao seu lar e também pela semana letiva que havia acabado, mas, quando acendeu a luz da sala, seu mundo pareceu desabar. Os gritos estridentes de “surpresa”, combinados com uma corneta tocada estrategicamente por Dukker, somada pelas serpentinas arremessadas em sua direção, levaram instantaneamente a sua cor do branco azedume para o vinho bordô. A pinta do seu rosto quase saltou para fora. Dolf esteve a ponto de soltar lágrimas de raiva, mas se conteve e reconheceu que tudo aquilo era uma demonstração de afeto e que tinha sorte de pertencer a uma família assim. Aos poucos foi se conformando com a ideia e retomou sua cor original: branco polar.

A família já havia previsto a sua reação e não foi surpresa para ninguém a cara de espanto, a alteração de cor e a raiva que foi e voltou subitamente. Sua primeira atitude depois de recuperar o fôlego foi tentar achar algum culpado: — Confesse que foi ideia sua, Dukker. É bem a sua cara fazer isso, só pra me gozar. E para de dar risada, que não tem graça nenhuma. Eu já sabia de tudo.

— Infelizmente, adoraria levar os méritos pela ideia, mas não posso – retrucou o amigo. Sua mãe articulou com maestria este maravilhoso evento que vos brinda – completou em tom de deboche – E sobre você saber de tudo, é simplesmente impossível. Você pode ser um bom pintor, mas é péssimo ator. Nunca conseguiria ficar assim tão vermelho se já soubesse da armação. A propósito, gostou da corneta?

— Vem cá, meu filho, me dá um abraço – disse Heide, enquanto puxava Dolf pelos braços e lhe

dava um longo abraço apertado sem que ele tivesse tempo de responder a Dukker da maneira merecida.

Foram mais alguns minutos de torturas, pois depois do extenso e pegajoso abraço, teve que cumprimentar um por um os participantes do evento. Com o passar das horas, a noite foi se tornando mais agradável, mais divertida e mais interessante, pois seu grande amigo se encarregou de trazer três barris de cervejas fabricadas por ele. As escolhidas foram Pale Ale, a preferida de Dolf, a refrescante Bohemian Pilsner e a corpulenta e escura Oatmeal Stout, cada barril com dez litros de felicidade.

Heide preparou o seu famoso leitão com batatas fritas, já tradicional e conhecido por todos, mas desta vez inovou e cozinhou o porco numa panela com a cerveja escura trazida por Dukker, além de cominho, mostarda em grãos, folhas de louro e pimenta do reino, o que conferiu ao prato um sabor impressionante e valeu muitos elogios à cozinheira. As batatas foram mantidas tal qual a receita original.

Logo após a refeição, Rutger contou um par de piadas sem graça e todos riram aquele sorriso amarelo somente para agradar. A piada provavelmente só teria tido um mínimo de graça se contada em um grupo de outros advogados. Heide lembrou histórias da época de infância de seu filho, que o deixaram um tanto quanto constrangido, com destaque para a obsessão que ele tinha pelas formigas e pela sucessão do trono da formiga rainha.

Dukker fez questão de mostrar sua evolução após algumas classes de corneta, mas foi logo impedido por Dolf depois de umas poucas notas. Enfim, a festa transcorria normalmente, familiar, igual a tantas que existem em milhares de lares. Até que, repentinamente, Anelise bateu delicadamente seu garfo na caneca de cerveja três vezes, solicitando a atenção de todos. Como já estava levemente embriagada, emocionou-se ao proferir algumas palavras: — Queria pedir a atenção de todos! A primeira coisa que quero dizer é: Dukker, pelo amor de Deus, para imediatamente de tocar este instrumento dos infernos! — Todos riram.

— Queria pedir um minuto da atenção de vocês para dizer algumas palavras a este jovem aniversariante que cumpre vinte anos de idade hoje, ou amanhã, pelo que parece. Quero falar que acompanhei a vida deste menino desde seu nascimento, já que eu que fiz o parto e ajudei a carregá-lo da cidade de Haarlem até aqui. Queria dizer que todos nós amamos muito este garotinho levado, e que seu pai, marido de minha querida irmã, estaria muito feliz e orgulhoso se estivesse aqui hoje, vendo como ele cresceu e como se tornará um importante advogado. — A esta altura do discurso, a grande maioria já estava emocionada, incluindo o próprio Dolf, que deixou os olhos marejarem.

— Por último — prosseguiu Anelise — ansiava contar que, no mês passado, tocou à minha porta uma velha senhora, das bem velinhas mesmo. Ela comprou o terreno da casa de vocês que pegou fogo e perguntou se eu era moradora do antigo casebre. Falei que era a irmã da dona e perguntei de que modo eu a poderia ajudar. Imediatamente ela me entregou um pequeno caixote de madeira, que achava que poderia interessar à família dos antigos proprietários.

— Eu sei, menino, que assim como você adoraria ter conhecido o seu pai, de quem todos nós tanto falamos, ele também adoraria tê-lo conhecido. Era o sonho da vida dele ter um menino como você. Então eu te entrego hoje, neste dia especial, uma caixa de poemas do seu pai. Sua mãe e suas irmãs concordaram que ela deveria ser sua. Espero que você aproveite e que te ajude a conhecer mais sobre o inesquecível Finn.

Dolf não podia acreditar no valioso presente que estava recebendo. Presentes nunca lhe interessavam, pois tinha pouquíssimo apego a coisas materiais, mas aquele presente vinha recheado da

memória de uma pessoa de quem ele só tinha escutado falar bem, e que seguramente trocava tudo que tinha para tê-lo conhecido, nem que fosse por alguns poucos minutos. Agradeceu enormemente o presente, suplantou alguns traumas para conseguir abraçar a tia Anelise (não por muito tempo) e se superou mais ainda por não conter a emoção deixando suas lágrimas escorrerem em público. Dukker não perdeu a oportunidade e falou: — Ah, meu velho e bom amigo, vem aqui também, pois quero lhe dar um abraço bem apertadinho – disse, já puxando o amigo pelo braço com uma clara expressão de deboche.

Dolf abriu os braços com vontade e Dukker, surpreso, partiu em sua direção para abraçá-lo. Só percebeu a galhofa quando o aniversariante se virou e desviou o olhar, deixando seu amigo a ver navios. A brincadeira serviu para entreter os convidados, que voltaram a dar risada, e aproveitaram para finalizar os trinta litros de cerveja trazidos pelo corneteiro holandês.

Enquanto todos aproveitavam a última hora de festa e os litros restantes das deliciosas cervejas artesanais, tudo que Dolf queria era que todos fossem embora o mais rápido possível para poder devorar aquela caixa e ler e reler cada detalhe das poesias de seu pai.

Foi exatamente o que fez tão pronto saiu o último convidado da festa. Naquela noite, não dormiu.

8. *Retumbante rumo ao vinho*

No dia seguinte ao de seu aniversário, como não tinha dormido, Dolf não precisou despertar, e quando escutou barulhos pela casa, passou no banheiro para lavar o rosto e foi encontrar Merel e Heide para tomar café da manhã. Não se importou nem um pouco com as olheiras profundas de uma intensa noite sem pregar os olhos.

Estava em estado de êxtase, pois havia passado a noite inteira lendo e relendo no detalhe cada verso dos quinze poemas deixados pelo pai. Sentou à mesa para tomar café da manhã e comeu pão de trigo recém-saído do forno, comprado na padaria vizinha por sua mãe. A manteiga derreteu imediatamente sobre o pão. Fatias de presunto cru e maçã descascada e cortada em tenros pedaços reforçavam a refeição, além do café com leite fresco e um copo cheio de suco de laranja espremida na hora por Merel. O tratamento naquele dia era diferenciado e caprichado, pois embora a comemoração houvesse sido no dia anterior, o aniversário de fato começava naquela manhã de sábado.

Dolf não conseguia prestar atenção naquela conversa matinal, pois tudo que lhe passava pela cabeça era relacionado ao pai e as suas poesias. Tentava imaginar como teria sido sua vida enquanto estava embarcado, como ele fazia para passar o tempo e como a tripulação em geral se entretinha durante dias e dias em alto mar.

Teriam se deparado com perigosas criaturas marinhas e aves raras? Pensava também por quais lugares haveria de ter passado seu pai e quanto do mundo ele deveria conhecer. Chegava até a cogitar a possibilidade de, por algum deslize de Finn, ele ter irmãos em outras partes da Europa. Jurava que não se importaria. Quem sabe não teria um irmão francês ou uma irmã italiana, destinos que sabia serem os mais frequentes de seu pai. Poderia até mesmo, por que não, já ter sobrinhos espalhados pelo mundo, da mesma idade dos filhos de Luus. Enquanto estava perdido em um turbilhão de pensamentos, escutou de sua mãe: — Você não concorda, meu filho?

— Ah? Concordar com o que, mesmo?

— Com o que eu acabei de te falar, menino. Que sua irmã não deveria deixar a companhia de dança.

— Ah sim, concordo sim. Merel é uma dançarina nata.

— Você não escutou nada do que falei, não é mesmo? Estamos aqui falando de Alberdina, que acha que já está velha para dançar. Ê, menino que vive no mundo da lua! – exclamou.

— Ah sim, está velha pra dançar – concluiu Dolf, sem demonstrar o mínimo interesse na conversa, ao mesmo tempo em que se retirava da mesa para retornar ao seu quarto.

Entrou no velho quarto de costura e imediatamente sentou-se na cama, com o caixote de madeira repousado gentilmente no colo. Releu minuciosamente uma poesia, que de alguma maneira o havia cativado em particular. Embora fosse um grande bebedor de cerveja, Dolf já começava a se interessar pelo encantador universo da vinicultura – justamente o enredo do envolvente poema que passou a ler:

“De todas as rotas que existem no mundo, A do vinho é mais bela e fascinante, Não existe

riqueza mais pura, Nem mesmo ouro e diamante, Do que uma taça firme e elegante, De um bom vinho de Bordeaux.

E nesta velha e destemida embarcação, Que cruzou o Mar Celta feroz sem medo, E que rumou de manhã bem cedo, Seguindo o Golfo de Biscaia – sua orientação, Que nos recebeu como um ciclone, Superado pela embarcação de renome, Mergulhando retumbante no Rio Garonne.

Após dias delirantes e com louvor, Desembarcamos na bela Bordeaux, Que era de clima litorâneo com pedra calcária, Para o cultivo desta iguaria legendária, A uva inigualável do Premier Tinto Grand Cru.

Ó Deus, que transformaste a água em vinho, Louvado sejas, com todos os teus santos, Que nos ensinaram o melhor caminho, Da rota do vinho e seus encantos.”

Leu uma, duas, três vezes. Quando estava no meio da quarta, quase chegando ao Rio Garonne, teve uma epifania. “Preciso urgentemente pintar este poema. É isso! Vou pintar cada uma das quinze poesias de meu pai.” pensou. Logo em seguida, reformulou o pensamento para “Preciso urgentemente tomar uma garrafa de tinto de Bordeaux, e na sequência imediata, pintar esta magnífica poesia e depois as outras quatorze”. Perguntou-se o porquê de seu pai não dar títulos para suas obras, mas logo refletiu que poderia suprir essa questão nomeando os quadros que pintaria de acordo com cada um dos poemas do aventureiro Finn.

Empolgado, foi buscar algum tinto na pequena adega de sua casa, porém encontrou apenas uma garrafa já aberta de vinho de mesa português, que sua mãe provavelmente usava como tempero para seus pratos suculentos.

Decidiu que compraria o vinho em alguma adega próxima, mas antes apanhou seu equipamento de pintura para na sequência encontrar um lugar onde pudesse beber o Bordeaux e buscar inspiração para o primeiro quadro de grande sucesso de sua carreira.

Embora Dolf nunca pudesse imaginar, o primeiro quadro retratando a poesia de seu pai não só marcaria sua mudança de estilo para apenas tinta a óleo, como seria o início de uma série que, embora em um futuro ainda longínquo, teria sucesso ímpar.

Conseguiu encontrar, em uma taverna próxima, um vinho Grand Cru de Bordeaux, porém por um preço que lhe exigiria praticamente um empréstimo bancário, pois apesar de fazer alguns bicos e ganhar dinheiro com venda de caricaturas para os estudantes da Universiteit Van Amsterdam, não tinha muita renda e dependia de pequenas doações dos familiares. Contentou-se com uma garrafa de um vinho espanhol que estava em promoção, mas duvidou que viesse bem a propósito.

O local escolhido foi o lago Nieuwediep, a leste da cidade de Amsterdam. Pensou que o ponto seria tranquilo para tomar sossegado sua garrafa de vinho e se convenceu que, de alguma maneira, o movimento da água de lá poderia ser parecido ao do francês Rio Garonne. Puro palpite.

Chegou à localidade e foi escolher o lugar ideal para armar seu equipamento de pintura: cavalete, tela, tintas, pincéis, espátulas e palheta. Foi abrir seu tinto espanhol – Vega Sicilia – cultivado na região de Ribera del Duero. Deu-se conta de que não tinha nem copos e nem abridor, então a solução foi usar seu velho canivete para com muita desenvoltura remover a rolha, e tomar aquele líquido aveludado direto

do gargalo da garrafa. Não se importou.

Foi um gole, uma pincelada, outro gole, outra pincelada. Mais um gole, mais umas quatro ou cinco pinceladas, e assim foi, até concluir primeiro a garrafa por inteiro, e, duas horas depois, a sua pintura. Se Dukker estivesse lá desta vez, não iria colocar nenhum defeito em absolutamente nada. Dolf sabia que o que ali sentia era algo diferente do que tinha experimentado até então.

A evolução de aquarela, para misturas, e agora para exclusivamente “óleo sobre tinta”, lhe proporcionava mais consistência, qualidade, intensidade de cores e textura ao trabalho.

No quadro recém-finalizado, o dégradé da água que saía de azul marinho para tons de turquesa estava de arrancar aplausos de uma plateia lotada. O barco, como o principal foco de luz do conjunto, posicionado numa diagonal da direita pra esquerda, parecia deslizar o rio com uma confiança copiosa. Ao fundo, dependeu de sua imaginação e memória do que viu em livros de fotos para retratar a imponente Pont de Pierre, construída por ordem de Napoleão Bonaparte, que tinha seus blocos de pedra texturizados em tons de cinza e vermelho atijolado, reproduzidos com perfeição por Dolf. Gaivotas pesqueiras circundando a embarcação finalizavam a paisagem e a pintura.

Quando estava praticamente concluída, deu-se conta de que, apesar de estar cruzando um rio na cidade de Bordeaux, a arte não traria referências ao vinho, então colocou delicadamente, de maneira quase imperceptível, um pequeno barril de vinho Bordeaux na margem direita do Rio Garonne.

Estava pronta a obra. Uma tela espetacular, baseada na imaginação do que seria uma travessia do velho barco tripulado por seu pai e seus companheiros de peripécia. Encarou sua obra-prima por alguns minutos e nomeou: “Da rota do vinho e seus encantos”, precisamente a última linha da poesia de seu pai. Ficou feliz em pensar que esse seria o presente que daria a si mesmo de aniversário.

9. A sabotagem do batom vermelho e da linguíça branca

Algumas semanas se passaram desde a formatura do mais novo bacharel em direito da cidade: Dolf Van Haarlem. Apesar de formado com distinção, como melhor aluno da turma e com várias homenagens por receber, o jovem de vinte e quatro anos optou por não comparecer à cerimônia, o que causou enorme desgosto a Heide e a toda a família. Ele achava aquela pomposa cerimônia uma grande bobagem e conseqüente perda de tempo.

Conforme o curso de direito avançava, menor se tornava o interesse de Dolf pelo universo da lei – o que lhe recordou aquela conversa de mesa de bar com Dukker, que parecia estar prevendo o futuro com precisão, embora jurasse que nunca iria admitir e dar razão ao amigo.

Sua altíssima facilidade para absorver o conteúdo das aulas lhe demandava pouca necessidade de estudos em casa. Mesmo pouco interessado, continuava mantendo as melhores notas com o mínimo de esforço, o que causava profunda inveja aos colegas de classe. Às vezes passava a impressão de ser um tipo arrogante, pois sempre achava tudo fácil e simples, enquanto seus companheiros viravam noites e mais noites de estudo para sacarem reles notas medianas.

Embora sem a presença do filho – fato que ficara entalado em sua garganta – sua mãe compareceu à formatura sem avisar ninguém. Dolf nunca soube do ocorrido. Ela escolheu uma cadeira na penúltima fileira e ficava feliz em ver cada aluno subir ao palco do evento para receber o canudo com o diploma das mãos de seus mestres, pois sabia que seu filho era mais inteligente do que cada um deles. Ficava imaginando a decepção daqueles rapazes e moças ao saberem que seu Dolf recebera uma nota melhor em alguma das provas, ou quem sabe em todas elas, como preferia imaginar. Fumou vagorosamente dois maços de cigarros durante a cerimônia, um atrás do outro, saboreando ao máximo cada tragada, como se fosse uma espécie de prêmio de consolação pela ausência do filho. Era mais do que fumava em uma semana completa.

Dez dias após a formatura, o jovem Van Haarlem resolveu ir à universidade buscar o seu diploma, e foi a última vez em sua vida que entrou na imponente Universiteit Van Amsterdam. O próximo passo, caso quisesse começar a trabalhar, seria o registro junto à Ordem dos Advogados “Nederlandse Orde Van Advocaten”, para depois se candidatar a posições de estagiário como “advocaat-stagiaire” junto aos escritórios de advocacia da cidade.

Cumpridas com certa má vontade as etapas necessárias, que considerou como deveras burocráticas, o jovem saiu com o canudo contendo o diploma debaixo do braço, e como se quisesse dar uma última chance à carreira de direito, foi realizar sua primeira (e única) entrevista de emprego.

Vestiu um terno cinza chumbo sem colete, uma camisa branca e uma gravata vinho com detalhes florais em tons alaranjados. Revelando indícios de uma pequena autossabotagem, não engraxou os sapatos negros. Era também a estreia da tal gravata, pois a achava um tanto quanto extravagante. Além disso, foi a primeira vez em que a ponta da gravata ficou na altura do umbigo e não da parte superior do

cinto, que por sua vez pularia despreziosamente um dos passadores da calça.

Graças à sua distinção como aluno número um, de máxima graduação, não teve dificuldades em conseguir entrevista no renomado escritório Kroes, Hoegen & Deringer Advocaten, um dos maiores escritórios advocatícios de Amsterdam. Foi recebido por uma secretária extremamente elegante, trajando um chapéu da moda, com maquiagem pesada e marcada pelo batom bem vermelho, que lhe ofereceu de maneira um tanto blasé um copo d'água e café. Aceitou os dois. Enquanto pensava que adoraria a oportunidade de pintar aquela pitoresca secretária falando ao telefone, foi convidado a entrar na sala de um dos sócios para a entrevista. Alguns segundos antes de adentrar aquele majestoso recinto, indagou-se por que as mulheres usavam batons tão vermelhos, coisa que lhe causava certa repulsa.

Já na sala do sócio, após uma saudação firme e alguma conversa desinteressante sobre amenidades, a entrevista teve seu início.

— Novamente, meu caro Sr. Van Haarlem, devo reforçar que é um prazer inenarrável recebê-lo em nossa humilde empresa. Gostaria verdadeiramente que aqui você se sentisse em casa.

— Obrigado, Sr. Van Hamilsten. Obrigado pela gentileza e por me receber em tão pouco tempo desde nosso contato – disse Dolf, um pouco desconfortável e ao mesmo tempo desconfiado pela maneira tão acolhedora como estava sendo tratado.

— Melhor aluno da classe, nenhuma nota abaixo de nove, dissertação sobre arte e seus direitos autorais. Realmente impressionante, meu nobre colega. Impressionante!

— Obrigado, Sr. Van Hamilsten.

— Agora me conte com toda sinceridade. Por que nós, do Kroes, Hoegen & Deringer Advocaten, deveríamos contratá-lo?

— Como assim? – estranhou Dolf, começando a demonstrar certa má vontade.

— Eu perguntei que motivo, razão ou circunstância, faria com que nós, do renomado escritório Kroes, Hoegen & Deringer Advocaten, optássemos por contratar você. Entendeu, meu jovem? É dizer: quais são os seus diferenciais, ou o que você agregaria ao nosso escritório? Por que contratar o Sr. Dolf Van Haarlem e não outro jovem advogado qualquer? Está claro, meu prezado?

— Está claro, Senhor. Pode me conceder alguns segundos para pensar um pouco no assunto? Nunca refleti sobre tal questão – respondeu Dolf, de maneira honesta.

— Errrr, sem problemas, Sr. Van Haarlem. Tome seu tempo – respondeu o Sr. Van Hamilsten, já vacilante e um pouco surpreso pelo despreparo do melhor aluno de seu ano.

Dolf ficou dois minutos em silêncio enquanto fitava o diploma de seu interlocutor pendurado na parede dos fundos do escritório, além de umas poucas fotos da família espalhadas pela bonita mesa de madeira maciça. Percebeu que o importante advogado tinha mais fotos com seu cão Basset Hound do que com os próprios filhos. O silêncio constrangedor de dois minutos parecia ter durado uma hora inteira, quando Dolf finalmente se manifestou: — Acho que já sei a resposta, prezado Sr. Van Hamilsten.

— Excelente, meu nobre. E qual seria? – perguntou intrigado.

— Na verdade, pode ser que o senhor não aprecie muito a resposta, mas como solicitou toda

minha sinceridade, sou obrigado a manifestá-la da maneira mais genuína possível.

— Sou todo ouvidos, jovem rapaz – respondeu Van Hamilsten, com sua curiosidade cada vez mais aguçada.

— A verdade é que eu simplesmente não sei. Para começar, nem sei por que escolhi estudar direito. Logo após algumas poucas classes, tive a oportunidade de desistir, mas não tive as bolas pesadas o suficiente para fazê-lo. Então, fui levando este pesadelo que vivi acordado durante quatro anos até a conclusão do curso. Aí, fui um completo covarde por não ter comparecido à minha própria formatura, pois tive vergonha de me formar em algo que não desejava. Obrigado, sinceramente, por me fazer enxergar a verdade, Sr. Van Hamilsten.

— Então acredito que... – O sócio do escritório não conseguiu terminar sua fala.

— Espere um minuto, por favor! – interrompeu Dolf. Ainda não terminei. Deixe-me concluir.

— Após não ter ido à formatura, fato que acredito ter magoado profundamente minha mãezinha, resolvi, enganando a mim mesmo como um menininho de cinco anos, que daria uma última chance a esta charlatanice que venho vivendo. O Senhor está vendo esta gravata? Nunca a usaria caso quisesse de verdade este emprego. O Senhor está vendo este cinto? Sim, ele está propositalmente para fora de um dos passadores, assim como este sapato mal engraxado. – falava Dolf, enquanto levantava seu tom de voz.

— Entendo, Dolf – tentou pela última vez finalizar o assunto o frustrado pretense empregador, porém novamente sem sucesso.

— Calma que já vou terminar! E sabe do que mais? O senhor não deve me contratar, mesmo que tenha certeza de que eu seria um excelente de um advogado. O Senhor não deve me contratar porque não consigo me imaginar frequentando este escritório onde a secretária usa um batom ridiculamente vermelho, mais vermelho do que uma cabine telefônica londrina, além de um chapéu deslumbrante, porém esnobe. E essas fotos suas penduradas? Para cada foto de um filho, tem pelo menos três fotos desse cachorro que mais parece uma linguiça branca alemã com patas. Está vendo? Estas são as coisas que me importam. Os detalhes. Vivo para os detalhes, Sr. Van Hamilsten. Nunca deveria ter estudado direito, assim como nunca deveria ter me forçado a comparecer a esta entrevista, que apesar de toda a sua amabilidade, não faz o menor sentido. Aliás, faz, sim, todo o sentido do mundo! Ajudou-me a pôr a cabeça no lugar e a ter a absoluta certeza de que este é um ciclo encerrado na minha vida. Obrigado, Sr. Van Hamilsten. Passar bem – arrematou Dolf, enquanto saía apressado da sala, levando consigo a certeza de que aquele não era o seu lugar, nem o mundo do direito era o seu mundo.

Passou pela secretária correndo e aproveitou para dar uma leve tapa no seu chapéu, derrubando-o no chão. Abriu a porta que dava acesso às escadas e desceu os sete andares correndo. Pela primeira vez em muito tempo, sentia uma sensação incrivelmente libertadora.

— Estooooooooooooo livre. Liiiiiiiiivreeeeeeeeeeeeeeee! – gritava com toda a energia de seus pulmões, enquanto descia as escadas alternando corridas e pequenos saltos de felicidade.

10. Lutero

A Segunda Guerra Mundial veio para trazer prejuízos inigualáveis à Europa e a todo o planeta. Mais de quarenta e cinco milhões de vidas foram ceifadas e mais de quatrocentos e treze bilhões de libras foram gastos para financiar aviões, tanques, navios, exércitos e armamentos responsáveis por desestabilizar a paz mundial e produzir feridas nunca mais cicatrizadas nos quatro cantos do mundo. As principais cidades da Holanda sofreram uma série de bombardeios, entre elas Roterdã, Amsterdam e Haia. As tropas holandesas conseguiram resistir apenas durante sete dias daquele terrível maio de 1940.

O dia dezessete, quando a província de Zeeland parou de resistir e se entregou à Alemanha, foi marco inicial da acachapante derrota holandesa. A Batalha dos Países Baixos teve seu fim logo após o devastador bombardeio de Roterdã, quando o Estado Maior Holandês se rendeu, a fim de evitar que outras cidades sofressem o mesmo destino.

O período de guerra, de 1939 a 1945, foi sombrio, tenebroso e agonizante para Dolf e sua família. Conseguiram sobreviver com o pequeno salário de Heide, fruto dos dias em que conseguiu trabalhar e de doações do bem sucedido Rutger, que não perdia oportunidade de alfinetar Dolf por não trabalhar como advogado e ajudar no sustento da família. Merel conseguiu um bico de auxiliar de costureira, que apesar de lhe render poucos florins, era um importante complemento para provimento dos Haarlems.

Junto com a guerra, Dolf experimentou uma grande depressão. Sentia vergonha por ter se formado e decidido não exercer a profissão, além do fato de conseguir muito pouco dinheiro proveniente de sua arte. Já não podia mais vender caricaturas na universidade, pois estava com acanhamento de pisar por lá e ser reconhecido por algum professor ou aluno. Também estava muito deprimido para sair de casa e buscar algum emprego de garçom ou de ajudante de qualquer outra profissão.

Já no último ano da guerra, nos momentos um pouco mais tranquilos que precederam seu final, Dolf conseguiu uma pequena fonte de renda. Isto comumente acontecia nos dias em que, por alguma casualidade do destino, acordava com um mínimo de ânimo para sair de casa com seu material de pintura até parar em alguma das praças de Amsterdam.

Chegava à praça, armava o cavalete e colocava uma plaquinha cobrando alguns poucos florins por retratos (não mais caricaturas) dos frequentadores, que demoravam em torno de uma hora, e que em geral satisfaziam e atendiam às expectativas dos compradores. Dolf colocava sempre um mínimo de esforço nesse trabalho, e detestava o resultado final de qualquer uma daquelas pinturas de praça.

Para agradar a clientela, tentava sempre melhorar a forma com que retratava seus modelos, ora afinando algum nariz, ora não reproduzindo detalhes de rugas de expressão – lição aprendida ao retratar fidedignamente seu amigo Dukker. Sentia tanta vergonha de seu trabalho que resolveu estrategicamente mudar a assinatura desses retratos de “Dolf Van Haarlem” para “Rutger Van Der Helst” – sendo essa a forma criativa que encontrou de, na sua cabeça, se vingar e provocar o cunhado que obviamente nunca ficou sabendo que algum dia tivesse sido um pintor de praça.

A praça que frequentava mais amiúde era a de Rembrandtplein, que, além de ser frequentada por

público de um determinado nível social, que poderia gastar alguns florins mesmo em época de vacas magras, recebera seu nome em homenagem a um dos artistas que ele tanto admirava: o holandês Rembrandt Van Rijn, que possuía uma casa perto dali entre os anos 1639 e 1656.

Considerado um dos maiores pintores de todos os tempos, especialista em pintar passagens bíblicas e retratos, Rembrandt tinha um profundo conhecimento dos textos bíblicos que retratava, além de contar com um imenso poder de observação da condição humana (sobretudo dos judeus que vivam em Amsterdam), faculdade que usava a seu favor quando se propunha a pintar suas obras.

Por ter vivido próximo daquele local, Dolf imaginou que o artista pudesse ter pintado pelo menos um de seus retratos naquela mesma praça, o que lhe trazia sentimentos ambíguos. O primeiro era de orgulho por estar ali naquele lugar que homenageava seu ídolo e que talvez tivesse sido usado por ele em algum momento como fonte de inspiração. O segundo era um quê de vergonha, por admitir que pintar retratos não estava entre suas principais habilidades. E por reconhecer, definitivamente, que ele não estava à altura do famoso pintor holandês e que pintava retratos somente para recolher uns poucos trocados.

Num destes raros dias em que Dolf acordava bem disposto e que ainda pela manhã cravava o equipamento na Praça Rembrandtplein com a plaquinha oferecendo seus serviços, uma senhora, beirando os setenta anos, foi abordá-lo: — Meu jovem, bom dia! Que lindo dia, não é mesmo? Gostaria, se o jovem não se importar, de lhe fazer uma pergunta.

— Bom dia, minha senhora, o dia está realmente assaz agradável. Vai ser um prazer receber vossa pergunta. Como posso ajudá-la? – respondeu Dolf.

— Aconteceu o seguinte: eu perdi meu gato na semana passada, por isso ando meio triste pelos cantos. Sabe como é isso, não é mesmo, meu filho? Ele me faz muita falta! Pra você ter uma ideia, todo santo dia ele vinha me acordar precisamente às sete horas da manhã para pedir comida. Chegava de mansinho e fazia assim: “miaaauuêêê, miaaauuêêê”. Ele tinha um miado beeeem peculiar. – começou a senhora a contar sua história, com direito a onomatopeias e tudo mais a que tinha direito.

— Lamento muito pela perda do felino, minha senhora.

— Ele adorava comer atum e se chamava Lutero. Não é mesmo um lindo nome para um distinto felino?

— Com certeza Lutero é um nome muito imponente. Mas como mesmo eu poderia ajudar a senhora? – perguntou Dolf novamente.

— O Lutero ficou comigo por quinze anos, e foi presente da minha filha mais velha que se casou e foi morar na Espanha. O marido dela se chama Esteban Julian Perez, e é um médico pra lá de importante. Minha filha se chama Noortje, que quer dizer “Deus é minha luz”. Eu mesma que escolhi, mas meu falecido marido queria dar o nome de Jolien. Você não concorda que Noortje é mais bonito que Jolien?

— Concordo, minha senhora, definitivamente Noortje é mais bonito que Jolien. – respondeu o jovem artista, começando a demonstrar um pouco de impaciência.

— Então: meu marido faleceu em 1929, no ano da Grande Depressão. Ele não era investidor nem nada disso não – sorriu a senhora – Foi apenas uma coincidência, meu menino. Na verdade, ele era comerciante, e vendeu muitas coisas durante sua vida. Antes de morrer, era dono de uma pequena e

charmosa cantina italiana, que não andava muito bem das pernas, então acabou fechando depois que meu filho assumiu. O meu filho...

— Minha senhora. Desculpe por interromper. A última coisa que pretendo é parecer grosseiro. Por mais interessante que seja a história de Lutero, seu marido e sua filha Jolien...

— Noortje! – interrompeu a senhora – Jolien era o nome pretendido pelo meu falecido marido.

— Exatamente. Por mais maravilhosa que seja a saga do gato, do seu marido e da Noooooortje – Dolf encheu a boca quando pronunciou o nome - tenho ainda umas poucas horas nesta praça e preciso terminar algumas pinturas. É o meu trabalho, a senhora entende? A senhora teria interesse em ter um belo retrato seu, para, quem sabe, enviar de presente à sua filha Noooooortje?

— Mas era aí mesmo que eu iria chegar, meu filho. Você é deveras apressado, hein? A minha pergunta era se você poderia fazer um retrato meu com meu amado gato Lutero. Eu carregando o Lut no colo seria uma bonita recordação. Não vai ser presente não, meu menino, vai ficar na parede da minha sala mesmo. Eu tenho uma foto do Lutero bem aqui comigo. Pago até um florim a mais se você conseguir captar a força do olhar do bravo Lutero. O que você me diz?

— Que será um prazer inenarrável, minha senhora. Qual é mesmo a sua graça?

— Laurien Van der Zundert, encantada. E qual seria a graça do jovem pintor?

— Dolllll, quero dizer, Rutger Van der Helst. Encantado!

Acertadas as condições financeiras, o pintor olhou com esmero a foto em preto e branco do felino e fez algumas perguntas para confirmar especialmente a cor da pelagem e dos olhos, que, apesar de comuns, seriam retratados com toda a imponência e a bravura idealizadas pela senhora. Depois, posicionou a Sra. Van der Zundert confortavelmente sentada em um banco da praça e a fez segurar seu cachecol no colo, para marcar o lugar que daria vida a Lutero. Enquanto atacava a tela com suas pinceladas, teve que escutar a tal Laurien contando sobre toda a sua árvore genealógica, “possivelmente de cinco gerações”, pensou Dolf, enquanto se divertia com o processo.

Aos poucos, conforme escutava a conversa de Laurien, foi se dando conta do tamanho da solidão que aquela mulher deveria sentir. Fez o possível para escutar tudo com absoluta atenção e não trocar novamente nenhum nome. Percebera que, no fundo, o quadro poderia não ser tão importante para ela quanto aquelas horas em que teria companhia e alguém para escutar sua história.

Além de se dispor a caprichar infinitamente mais do que em qualquer outro retrato, resolveu dedicar àquele trabalho muito mais tempo do que na média o fazia, e acabou despendendo nele não uma, mas quase três horas.

Quanto mais ouvia, mais simpatizava com a Sra. Van der Zundert e se emocionou ao ver lágrimas nos olhos dela ao receber a pintura. Desta vez, gostou tanto do resultado que resolveu assinar seu próprio nome na obra, rezando para que a senhora não notasse a diferença.

Durante os anos da segunda guerra, a rentabilidade financeira do jovem holandês foi quase nula, salvo por uns poucos retratos vendidos, aí incluída a obra “Lutero”, que lhe rendeu vinte por cento a mais do que todos os demais retratos. “Vinte por cento de nada é nada”, fazia questão de mencionar ironicamente sempre que contava a história da senhora com seu gato para alguém. Por outro lado, sua produção artística foi intensa. Da série de poemas do pai, pintou apenas o segundo tão logo começara a

guerra, intitulado ironicamente de “Maré Mansa” – palavras que também apareciam na poesia, mas desta vez na primeira estrofe. Não foi um de seus favoritos.

Por outro lado, deu início a uma série abstrata, com muita textura e tons escuros, sempre com predominância do preto. Poderia ser interpretada como uma visão do mar, só que de maneira plana. A sensação era como se alguém mergulhasse do trampolim de um navio e pudesse se congelar por alguns segundos no ar em uma posição em que o mergulhador, na horizontal, e o mar, plano, ficassem exatamente paralelos a uma distância de quinze metros, fornecendo ao saltador uma visão perpendicular e chapada do mar, com angulação de noventa graus.

Era um estilo menos brutal do que o de seu contemporâneo americano Jackson Pollock, mas Dolf também pintava com a tela colocada no chão, sentindo-se dentro daquela obra. Não gotejava tinta como Pollock, mas as pinceladas eram potentes como se estivesse ferindo a tela, trazendo a impressão de pequenos golpes de faca atingindo a lona.

O resultado final era tal, que parecia possível enxergar de maneira abstrata oceanos escuros com gotas vermelhas, que poderiam ser sangue, e que retratavam com nitidez a influência da guerra e da depressão que ela causava. A série de sete quadros, numerados em sequência, se chamou “Zwarte Zee” (mar negro, em holandês). Era difícil não sentir uma tristeza profunda ao encarar por certo tempo alguma dessas pinturas, feitas em telas grandiosas, de dois por dois metros.

11. Presente de grego

Era o ano de 1946 e os dias sombrios e cinzentos da guerra já começavam a se dissipar. A rotina voltou a reinar entre os cidadãos de Amsterdam, dentre eles a família Haarlem.

Heide pôde retomar a sua jornada regular de trabalho na taverna Proeflokaal, que estreou novos pratos, como um suculento e bem servido arroz de pato acompanhado de laranja cortada em finas fatias e servido coberto com salsinha e cebolinha frescas, regado com azeite extravirgem italiano. Ela aprendeu que o segredo era abrir o pato e estufá-lo com cebolas roxas e folhas de louro antes de imergi-lo na água da panela de pressão, que deveria cobrir o pato por inteiro, misturada meio a meio com vinho branco seco.

A nova iguaria foi um verdadeiro estouro entre a clientela, e Heide, que não era boba, anotou rapidamente a receita com o objetivo de reproduzir para seu fiel rebanho. Como gostava de inovar, acrescentou um toque de ervas durante o cozimento do pato e azeitonas pretas para finalizar e servir o prato com elegância.

Dolf arranhou um bico de barman em um Irish Pub perto de onde morava, e sua função era basicamente retirar o chope com precisão das dez torneiras disponíveis no bar, que em sua visão eram como tubos congelados propulsores de prazer líquido e lupulado.

O processo era bem simples: A caneca deveria estar limpa, gelada e angulada a 45° para obtenção do colarinho ideal. A torneira deveria ser aberta em um único golpe para preencher o copo que durante o enchimento passaria de 45° para a posição vertical de 90°. Uma espátula era então usada para remover o excesso de espuma assim que o colarinho começasse a escorrer, e voilà, a bebida era servida acompanhada da bolacha da marca correspondente. Nesse pub, em particular, por influência de um dos sócios, brasileiro, era questão de honra manter-se a caneca gelada e o chope era servido com temperatura mais alta que a média servida na Europa, o que lhe rendeu fama e alta frequência.

Além do bico no pub, ele continuava a frequentar religiosamente as praças de Amsterdam aos sábados, sendo sua preferida a mesma e velha Rembrandtplein. Conseguiu subir um pouco o preço dos retratos e começou inclusive a gostar do resultado final de alguns. Adotou o hábito de assinar como Dolf sempre que gostava, e quando não achava tão bom assim, firmava como Rutger. Certa vez, ao receber a pintura, um cliente notou que alguma coisa estava esquisita. De forma educada, falou-lhe: — Está realmente muito boa, Rutger. Gostei de ver como você retratou com precisão os meus cabelos que ainda resistem bem ao tempo. Só tem um pequeno detalhe, coisa bem simples na verdade: na semana passada, você retratou a minha esposa nesta mesma praça e assinou como Dolf. Poderia explicar o porquê?

— Este é um assunto delicado, meu senhor. Sofro de bipolaridade. Minha personalidade oscila principalmente devido à combinação da temperatura e da umidade do dia. Coisa de artista, sabe? Mas não se preocupe, garanto que o fato vai valorizar tremendamente tanto o seu retrato quanto o de sua esposa. — respondeu Dolf ao senhor quase careca, que aparentemente se deu por satisfeito com a explicação.

O jovem Dolf, já com trinta e dois anos, estava determinado a ganhar o máximo de dinheiro possível, pois queria, além de se sustentar (pela primeira vez na vida), formar uma poupança. Não sabia exatamente o que faria com a bolada, mas já começava a ter suas ideias, o que lhe motivava a trabalhar duro, tanto no bar quanto nas praças.

Geralmente dedicava os domingos a produzir sua nova série. No começo do ano, havia finalizado mais três quadros com base nas poesias de Finn: “O Mar Avança”, “Contos de um Marujo Veterano” e “A Pérola Azul”, todos com seus respectivos nomes buscados nos versos dos poemas, como já era de praxe. Ficou bem satisfeito com o resultado dos três, que foram pintados em domingos consecutivos e de maneira organizada e planejada. Resolveu interromper a sequência para dar início a uma ideia que lhe brotou enquanto dormia. Sonhou que flutuava em uma pequena balsa no rio Amstel, de onde podia observar todo o belo movimento das águas naquela acanhada correnteza. Contudo, o que lhe chamava atenção era, que sempre que olhava para as margens do rio, as notava completamente desfocadas.

O sonho foi o pontapé inicial para uma sequência de cinco quadros nos quais Dolf reproduzia exatamente um homem em sua balsa flutuando pelo rio Amstel com toda a riqueza de detalhes, mas tudo o que estava a sua volta seria pintado de maneira abstrata: casas, árvores, vegetação e tudo mais que estivesse por ali. A concepção das margens era na realidade um meio termo entre o desfoque e o surrealismo. O jeito como combinava o realismo com o abstrato fazia com que os detalhes do rio saltassem aos olhos do espectador, causando a sensação de que, se encostasse naquela pintura, certamente molharia o dedo, ou também que poderia receber um esguicho de água a qualquer momento se o encarasse por tempo prolongado.

A série foi concebida em cinco localidades diferentes às margens do rio, escolhidas pelo critério de maior semelhança com a aparição no sonho. Nelas o artista trabalhou com muito prazer, aproveitando as agradáveis manhãs domingueiras. Tentava chegar sempre o mais cedo possível, pois o nascer do sol dava um brilho dourado às águas do Amstel, o que favorecia a sua técnica de aplicação de pontos de luz na reprodução da cena. “De Droom” foi o nome escolhido para a coleção, que quer dizer “O Sonho”.

Em um domingo de outubro, Dolf ficou chateado por não poder sair para praticar sua arte, pois tinha sido intimado a comparecer em um evento familiar. A pomposa reunião seria na casa de Luus e Rutger, que estavam orgulhosos pela chegada de seu recém-nascido que seria exibido pela primeira vez à família. Luus estava radiante por conseguir ter sido mãe aos quarenta e um anos, um desejo bem antigo. Valeu-se do fato para fazer mistério sobre o nome escolhido para o filho, cujo anúncio já combinara com os Haarlems que seria feito naquele dia e naquele evento.

Logo chegou Alberdina com o marido e as gêmeas de quatro anos, Anna e Isadora – homenagem às bailarinas Anna Pavlova (russa) e Isadora Duncan (americana) – e depois Heide, Merel, Dolf e finalmente Dukker, que praticamente fazia parte da família e cujo convite impusera sua presença como condição para que Dolf também comparecesse.

Quando todos estavam confortáveis na espaçosa sala de estar, Luus pediu a atenção de todos, levantou-se e retirou delicadamente de dentro de um velho canudo um pergaminho embrulhado em um barbante. Desenrolou o manuscrito com cuidado e leu de forma pausada e eloquente:

“Este barco busca oeste, A bombordo vejo azul, Sinto o gosto amargo de sal nas mãos, Sinto saudades do sul.

Se pudera fazer o tempo passar veloz, Diria certamente que não - com firmeza.

Prefiro o coração apertado de dor ao precipitado, Aprecio o inesperado, E como num vazio inacabado, Diria sim ao mestre mar.

Que aqui estou de corpo e alma, Vivendo insanamente cada fração de segundo, Fazendo valer meu lugar no mundo, Onde presente, passado e futuro se fundirão.

Quase que numa oração repetida aos quatro ventos, Peço somente: mantenha meu espírito forte, Para os dias que passam lentos.”

— E para os dias que sem dúvida passaram lentos e tristes pela falta de nosso amado pai, o nome escolhido para este pequeno é Finn. Finn Van der Helst, o nosso pequeno aventureiro. – Anunciou Luus, com os olhos marejados e brilhantes.

A família foi às lágrimas. Mesmo Rutger, que havia aceitado o nome do filho muito a contragosto, se emocionou. Não poderia ter sido diferente com Dolf, que sempre tentou bancar o durão, mas não conseguiu disfarçar os olhos vermelhos lacrimejantes. Aos poucos, todos se levantaram e foram de um em um abraçar Luus e Rutger e cumprimentá-los pela sensível homenagem.

Depois de alguns minutos de comoção geral, todos já estavam recompostos e de volta aos seus devidos lugares, abrindo espaço para conversas e fofocas tão normais em qualquer reunião familiar.

Merel já estava com trinta e seis anos e continuava solteira e morando com a mãe e com o irmão. Não demonstrava o menor interesse por qualquer tipo de relacionamento romântico e esse assunto era frequentemente discutido pelas outras duas irmãs de forma velada. Com o passar do tempo, o mesmo julgamento começava a cair sobre Dolf, que embora tivesse experimentado escassos e breves romances, nunca havia apresentado ninguém à família. Ainda que Heide torcesse para que eles encontrassem alguém, casassem e saíssem de casa, lá no fundo, de maneira egoísta, ficava satisfeita em tê-los por perto para poder paparicá-los.

Para impressionar a família e principalmente Rutger, Dolf fez questão de levar um presente inusitado pelo nascimento de Finn. Havia deixado do lado de fora e sentia que chegara a hora certa de entregá-lo. Era simplesmente o quadro número um da série “Zwarte Zee” ou “Mar Negro”, carregado por ele e por Dukker com certa dificuldade.

O quadro imponente de dois por dois metros seria o presente ideal para o casal, pois além de combinar com a decoração da sala, encaixaria como uma luva naquele grande espaço de paredes disponíveis, sem contar que de alguma maneira causaria em Rutger um sentimento de tristeza sempre que observasse a obra. Tudo isso foi imaginado por Dolf, que estava apenas certo sobre um ponto: Rutger de fato ficaria triste, mas não quando avistasse a obra, e sim ao recebê-la, pois além de achá-la cafona e exagerada, ela em nada combinava com sua sala em tons pastéis.

No final das contas, ameaçado por um olhar quase assassino de Luus, o cunhado fingiu felicidade e aceitou pendurar imediatamente o presente de grego em sua sala, pois o prestativo artista já havia chegado com prego de aço e martelo. Dolf achou que, mesmo em tons sombrios, o vermelho rubi havia trazido vida à apagada sala do casal, enquanto Rutger arquitetava se sua esposa permitiria guardá-lo em algum depósito e pendurá-lo somente nas raras visitas do rapaz.

Com o quadro devidamente a postos, a tarde passou de forma agradável e regada a muito vinho

italiano. Dentre as muitas garrafas estava uma caixa de Brunello di Montalcino, que Rutger havia trazido de sua última viagem à Toscana e que degustara sem muito alarde no ano anterior. Após muitos paparicos ao pequeno Finn e às gêmeas de Alberdina, todos começaram a contar seus planos e falar um pouco do futuro.

O anfitrião entediava os ouvintes contando sobre a ampliação que queria fazer no seu escritório, mas mudou de assunto rapidamente quando Dolf se propôs a decorar com sua arte a possível nova instalação. Merel, sempre muito recatada, ficava calada e envergonhada por ser uma simples costureira que ajudava a mãe em casa, portanto não teria muito assunto para empolgar os presentes. Alberdina se gabava da evolução das filhas como bailarinas e projetava nelas a sua frustração por não ter sido uma profissional da dança.

Mas foi quando Dukker anunciou que faria sua especialização em medicina na cidade de Barcelona, na Espanha, que Dolf teve outra epifania e percebeu que era este o motivo pelo qual havia iniciado sua poupança. Sem pensar muito e já sob efeito do álcool, levantou-se do sofá em que estava desleixadamente jogado, ergueu sua taça de vinho e comunicou a todos sua repentina decisão: — Pois a minha novidade é que vou acompanhar Dukker na viagem para a Espanha. Vou estudar arte, aprender a falar espanhol e me consagrar como artista em terras catalãs.

Dukker arregalou o olho com felicidade e abraçou o seu melhor amigo com força – para desespero do rapaz que detestava abraços.

Alberdina e Luus se entreolharam, e como em comunicação telepática, se questionaram se não haveria algo estranho naquela amizade. Merel ficou honestamente feliz pelo irmão, apesar de invejar sem nenhuma culpa sua atitude corajosa.

Heide ficou em choque e pensou em como faria para poder queimar a barriga no banheiro da casa da filha. Precisava se acalmar! Começava a sentir a síndrome do ninho vazio e pediu aos céus para que Merel não saísse nunca de casa.

Rutger soltou um longo suspiro de alívio, pois estava seguro de que, dadas as novas circunstâncias, sua mulher concordaria sem muito problema em se livrar por um longo tempo daquele infame quadro.

12. Viagem tranquila ou tranquila viagem?

Alguns meses após o anúncio da mudança para Barcelona, a decisão repentina se provaria realidade incontestável. Era a noite da véspera de viagem e Dolf não conseguia pregar os olhos. Não sabia muito bem o que o futuro lhe reservava e estava num nível de ansiedade extrema, suficiente para matar dois maços de cigarro e uma garrafa de vinho tinto espanhol estrategicamente comprado para a última noite em seu quarto, que certamente lhe faria falta.

Aproveitou para finalizar a arrumação da bagagem, que incluía poucas mudas de roupas, a caixa de poemas de seu pai, o canivete de estimação e a parte leve do equipamento de pintura, basicamente os pincéis a que tinha mais apego, pois o resto, como tinta e cavalete, poderia adquirir por lá.

Fez a última refeição em solo holandês na própria casa, com a companhia apenas da irmã mais nova e da mãe, que apesar de chorosa já havia se acostumado com a ideia, e que já tinha planos inclusive para ocupar o quarto que estaria vazio com sua função original: costurar. A pedido do filho, serviu o bom e velho leitão com batatas fritas, e desta vez fez a receita clássica, sem nenhuma inovação. Tudo que Dolf queria era que não fizessem de sua última noite um grande evento, e seu pedido foi devidamente respeitado por todos.

Poucos dias depois de anunciar sua decisão naquela memorável reunião familiar, buscou um professor de espanhol que lhe havia sido recomendado por Alberdina, possuidora de uma invejável instrução de nível básico. Com facilidades para letras, o rapaz em quatro meses já poderia ser considerado um orador intermediário quase avançado e, sempre que tinha a oportunidade de conversar com alguém no novo idioma, o fazia. Pela facilidade de assimilação do aluno, o professor aproveitou e também lhe ministrou algumas lições de catalão, que foram absorvidas por Dolf e que lhe seriam muito úteis em Barcelona.

O aplicado pintor teve a brilhante ideia de oferecer desconto nos seus retratos para fluentes em espanhol ou catalão, desde que se dispusessem a conversar durante a pintura. Quando isso acontecia, o artista demorava o dobro do tempo na execução, caprichava mais a mão e se empapava não apenas do idioma como também das idiossincrasias espanholas. Foi um estudante aplicado e em pouco tempo estava mais preparado para enfrentar os desafios da nova vida do que Dukker, que embolava de maneira divertida palavras em catalão, espanhol e holandês. Divertia-se Dolf, dizendo que seu amigo era fluente em “Capandês”.

Enquanto o médico fazia sua especialização na Facultad de Medicina y Ciencias de la Salud na Universitat de Barcelona e trabalharia no Hospital Sant Joan de Déu Barcelona, Dolf decidiu que nos primeiros meses somente aproveitaria a cidade sem nenhum compromisso. Apenas depois pensaria em estudar. Sonhava caminhar pelas ruas da cidade vendo nelas as marcas impressas por Gaudí e se imaginava a esbarrar distraído em algum de seus ídolos, como Miró, Picasso ou Dalí. Quem sabe não virariam amigos e formariam um clube secreto de pôquer com jogatina nas noites de quarta-feira, acompanhada de doses fartas de uísque e charuto.

Começou a viajar muito antes da viagem e já pensava inclusive em como chamaria seus novos

amigos por nomes mais íntimos, como por exemplo, Joanito, Pablito e Sal.

Na quinta-feira, dia da viagem, após todas as devidas despedidas, os jovens se encontraram na principal estação ferroviária da cidade: Amsterdam Centraal.

O roteiro escolhido era inteiro por trem, e a excursão teria início descendo pela Alemanha com paradas nas cidades de Frankfurt, Mannheim e Karlsruhe, até entrarem na França com uma parada na cidade de Estrasburgo. De lá, seguiriam caminho até a estação Gare de Lyon Part-Dieu e dariam sequência ainda pela França, costeando o Mar das Baleares no mediterrâneo e passando pelas cidades de Nimes e Montpellier. Prosseguiriam então até chegada a Gare de Perpignan, já muito perto da fronteira com a Espanha. A última parada antes de chegarem à Estação de Sants em Barcelona seria na pequena cidade de Girona, já em terras catalãs. A previsão total de viagem era de pouco menos do que quatro dias.

Dolf ficou responsável por levar uma boa reserva de cigarros, enquanto Dukker seria encarregado da provisão de cerveja. Era a primeira vez que ambos saíam do país e a primeira impressão ao parar nas cidades alemãs era de que, apesar do fim da guerra, o clima ainda era extremamente pesado e os alemães preferiam não fazer comentários sobre o assunto.

Pouco antes da chegada à França, para animar um pouco a viagem, Dukker propôs um jogo para seu amigo. A proposta consistia em, cada vez que chegassem a alguma nova estação, tentariam adivinhar cinco eventos: Quantas pessoas saíam do vagão, quantas pessoas entrariam no vagão, quantas mulheres entrariam no vagão, quantas destas mulheres seriam consideradas bonitas e, por último, quantas mulheres entrariam no trem de chapéu nas cores amarela, verde ou vermelha. Cada resposta correta valeria um ponto, e quem tivesse mais pontos se consagraria o vencedor. Dolf pareceu interessado e levantou alguns questionamentos: — Ok Dukky, pode contar comigo. Para a coisa ficar bem clara, como vamos fazer se eu achar a mulher bonita e você feia, já que eu tenho bom gosto e você tem um péssimo gosto para mulheres?

— Boa pergunta, “El Dolfito” – Dukker decidiu que o chamaria assim até o final da viagem. – Tem que ser consenso, ou seja, se você achar bonita, provavelmente vou achar também. E não tenho nada de péssimo gosto, você que é exigente demais.

— Ou seja, deve ser bonita de acordo com os padrões Dolfito de avaliação, correto? – divertia-se Dolf.

— Correto, meu nobre.

— Ok. Vamos agora para o que interessa. Qual deve ser o prêmio para o vencedor?

— Ganha o direito de ver o amigo pagar um vexame. – respondeu Dukker, com um sorrisinho maroto.

— Interessante, e...

— Já sei, Dolf – interrompeu Dukker – Você quer saber do que se trataria este vexame, certo?

— Exato!

— Pensei em algo assim: quem perdesse deveria chamar a atenção de alguma pessoa que entrou e recitar uma poesia.

— Brilhante, meu caro. Permita-me sugerir um complemento. Quem ganha passa a ter o direito de escolher a pessoa que deveria receber o recital, que “por supuesto”, deverá ser feito em espanhol. Que acha? — perguntou Dolf, entusiasmando-se cada vez mais com a ideia, mesmo receoso com a possibilidade de perder.

— Concordo, mas tem que ser algo simples que eu possa decorar. Alguma sugestão?

— Se me deres uns minutos, te prometo sair com pequena e simpática poesia para que dê tempo de decorarmos. Afinal, calculo que em meia hora estaremos chegando a Estrasburgo.

E assim o pintor, que agora deveria vestir o chapéu de poeta, buscou um guardanapo, conseguiu uma caneta emprestada com uma das fiscais do trem e, após um par de rabiscos, apresentou o resultado final para Dukker:

“Desejo-lhe uma viagem tranquila, Desejo-lhe uma tranquila viagem, Sorte no amor e sorte na vida, E não esqueça sua bagagem!”

Dukker deu boas risadas quando Dolf terminou a leitura. Achou simples, fácil de decorar, simpático e ao mesmo tempo informativo. Para comemorar, abriram uma garrafa de cerveja de trigo. Enquanto dividiam a bebida servida em temperatura ambiente, usaram o verso do guardanapo para as anotações da primeira de seis apostas que viriam como parte do entretenimento na viagem.

Na estação de Estrasburgo saíram cinco passageiros, entraram onze, dos quais quatro eram mulheres, apenas uma bonita já aprovada pelo consenso e nenhuma usava chapéu nas cores permitidas. Dolf quase saltou de alegria por ter marcado um ponto, adivinhando que não veria chapéus daquelas cores naquela parada. Escolheu precisamente a única mulher avaliada como interessante para que o companheiro recitasse o versinho.

Dukker alegou que não valia, tentou mudar uma ou duas regras, mas no final foi convencido de que deveria cumprir com o estabelecido. Pediu apenas um tempinho mais para tomar coragem e prometeu que cumpriria a aposta antes da chegada a Lyon. Dolf concordou.

Ficou então memorizando o poema, enquanto fumava um cigarro atrás do outro. Abriu mais uma cerveja de trigo e dessa vez resolveu que não a dividiria. Logo se dirigiu à moça que sentava no corredor a umas quatro fileiras de distância. Chegou pertinho, com a cara já bem avermelhada, cutucou a vítima no ombro e recitou os versos tentando não encarar a mulher nos olhos.

— Desejo-lhe uma viagem tranquila, desejo-lhe uma tranquila viagem, sorte no amor e sorte neste trem. Haaaa, e não esqueça sua bagagem!

A mulher francesa não entendeu uma palavra do arranhado espanhol de Dukker e lhe devolveu um olhar de desaprovação acompanhado de um sorriso amarelo. Dava para escutar, ao fundo, o barulho da gargalhada de Dolf, apesar de abafada pelas mãos. Retornando ao seu assento, Dukker ainda teve que escutar: — Você errou tudo, você é péssimo — disse Dolf, às gargalhadas. — Não tem nada de sorte neste trem, é sorte na vida. Sem contar o quase esquecimento da última linha, justo a mais informativa. Melhor não beber na próxima!

— Certo, Dolfito, você acha que é fácil? Quero ver na próxima quando for a sua vez, já que com

certeza vou ganhar. Na hora dá um branco no cérebro e sai qualquer coisa. Não se preocupe que você vai saber.

E Dukker perdeu novamente em Lyon, pois apesar de acertar o número dos que saíram, o pintor cravou o volume de mulheres entrantes, e novamente pontuou em um chapéu vermelho, que foi justo a vítima escolhida para esta vez. E lá foi Dukker recitar novamente o versinho para a senhora do chapéu: — Desejo-lhe uma viagem tranquila. Desejo-lhe uma tranquila viagem. Sorte no amor e sorte na vida, e não esqueça sua bagagem! – recitou Dukker, desta vez com perfeição, para a senhora que lhe agradeceu, educadamente, em espanhol com acento francês.

Com jogos como estes, acompanhados de muita cerveja, cigarro, conversas e gozações, a viagem foi passando até chegar a seu destino final, a estação de Sants em Barcelona.

O médico holandês havia perdido todas as seis apostas, quatro por palpites errôneos e outras duas por resultados que “El Dolfito” malandramente adulterou no guardanapo enquanto seu amigo realizava a contagem oficial. No final das contas, foi uma viagem tranquila e ninguém esqueceu a sua bagagem.

Desembarcaram então na bela Barcelona.

13. *Toreador, en garde!*

Algumas semanas se passaram e Dolf continuava encantado ao caminhar sem direção pelas ruas de Barcelona. Para ficarem perto da Universidade onde Dukker estudaria e do Hospital Sant Joan, optaram estrategicamente por ficar no pitoresco bairro El Raval, de maneira que o médico pudesse chegar a pé tanto ao curso quanto ao hospital em questão de alguns poucos minutos. Como o orçamento era limitado, dividiram um apartamento de um quarto e um banheiro e combinaram que se alternariam mensalmente entre quem dormiria no quarto e quem dormiria no sofá da sala, que era velho, feio, bege e desconfortável.

Para felicidade de Dolf, o bairro que era considerado fora do circuito turístico da cidade teria uma grande diversidade de pessoas vindas de todas as partes do mundo, incluindo uma grande quantidade de chineses e paquistaneses. Com o advento da revolução industrial, El Raval recebeu um sem número de imigrantes e operários e a partir daí passou a contar com diversos bares, cafés, casas de show e até mesmo alguns bordeis, frequentados pelos amigos quando lhes sobravam algumas pesetas extras – a moeda local.

No bairro onde agora moravam, Dolfito pode apreciar o imponente Palácio Güell, desenhado por Gaudí no estilo modernista para servir de residência a seu Mecenaz Eusebi Güell, “um grande de um sortudo” – segundo o pintor. Por lá também estava o Monastério de Sant Pau del Camp, uma igreja de construção românica que fascinou o pintor pela simplicidade e pelo fato de que, apesar de ser a mais antiga da cidade, era praticamente inexplorada como ponto turístico, passando despercebida aos olhos pouco treinados de quem a cruzava.

No bairro vizinho, o chamado bairro Gótico, assim denominado devido ao estilo predominante de suas construções, a quantidade de atrações visitadas por Dolf era ainda mais extensa: Catedral de Barcelona, O Templo de Augusto e as Muralhas Romanas, faziam parte de seu dia-a-dia como turista na cidade. Foi naquelas imediações que Dolf elegeu duas praças como locais de trabalho para as primeiras pinturas produzidas em Barcelona.

Como sempre foi muito metódico, resolveu que em uma delas, na Plaça del Rei, iria pintar livremente o que viesse na sua cabeça, e foi dali que começaram a surgir os primeiros quadros do novo acervo, já que as coleções antigas tinham ficado temporariamente na casa de Heide, ocupando paredes ou amontoadas espalhadas pela casa. Já na Plaça de Sant Jaume, começaria a repetir seu método de pintar e vender retratos, como sempre melhorando seus modelos, com a finalidade de garantir suas pesetas.

Por mais lindas que fossem as atrações de El Raval e do bairro Gótico, Dolf não negava, por mais clichê que pudesse parecer, que seu ponto turístico preferido era a inacabada obra de Gaudí: A Sagrada Família. Segundo o próprio arquiteto catalão, o término da obra estaria nas mãos de Deus e na vontade do povo. O holandês, que não ligava para nenhuma religião, emocionou-se quando viu o monumento pela primeira vez, e afirmou haver sentido ali, naquele momento, a presença do criador, ao ver a obra prima que superou qualquer uma de suas expectativas.

Segundo Dolf, a presença de Deus não estava nem nas torres altas nem na grande simbologia religiosa, e sim na dedicação de um homem como Gaudí, que entregou grande parte de sua vida, inclusive dedicando-se integralmente nos últimos anos, à construção daquela Igreja. A força e a inspiração do

mestre Antoni Gaudí lhe convenceram da presença divina.

Pensou que, se estivesse no lugar do arquiteto, também teria optado por viver em uma pequena oficina ao lado do templo, trabalhando constantemente em planos, esculturas e projetos. Naquele momento se sentiu pequeno e teve vergonha das obras que havia pintado até então. Pensou em jogar tudo ao mar, mas por sorte a Holanda estava a mais de mil e setecentos quilômetros de distância.

Era a segunda noite de sexta-feira que os novos moradores catalães passariam na cidade. Nenhum dos dois era muito chegado a qualquer tipo de badalação, mas por algum motivo qualquer – que poderia facilmente ser uma influência do clima hispânico – combinaram que sairiam para se divertir naquela noite, mas nada muito intenso, uma rodada de cervejas seria mais que o suficiente.

Por coincidência, circulavam uns rumores de que Salvador Dalí estaria por Barcelona, e Dolf não perderia por nada a oportunidade de conhecê-lo. Restava saber somente onde poderia encontrá-lo.

Resolveram que começariam a noite no vizinho Bairro Gótico, e elegeram o estreante restaurante de tapas La Plata para beliscarem alguma coisa enquanto degustariam alguma cerveja mais leve, como uma Bohemian Pilsner. Pediram, para acompanhar a cerveja, croquetes de jamón ibérico, uma tortilha de batatas e uma deliciosa porção de chipirones, espécie de lula pequena, cortada em rodelas e servida frita com azeite, alho e limão, sendo os tentáculos a parte mais apreciada.

Após a cerveja, o garçom sugeriu uma garrafa de vinho verde de uva Alvarinho para harmonizar com as pequenas lulas e os rapazes aceitaram de maneira uníssona. Aproveitaram pra perguntar para o atendente se ele sabia quais eram os locais frequentados por artistas, pintores como Salvador Dalí, por exemplo. Ele não saberia precisar, mas disse que o bairro de Gràcia estava na moda e com uma agitada vida noturna, e que com certeza era frequentado por diversos artistas.

Depois de pagarem a conta no La Plata, mais salgada do que esperavam, pegaram um táxi até o bairro de Gràcia. Foram caminhando pelas ruas até pararem em um bar que parecia ter bastante movimento. Pediram uma rodada da cerveja lager Estrella Damm, produzida na cidade, e a apreciaram acompanhada do tradicional pão com tomate.

Novamente perguntaram ao garçom do local se ele teria alguma pista de Dalí, que respondeu que havia um clube no bairro frequentado por diversos artistas e que geralmente tinha música ao vivo. A casa se chamava de Siete Lunas, e haveria uma pequena chance de Dalí estar por lá. Fumaram um último cigarro, tomaram mais uma rodada de Estrella Damm e decidiram que iriam ao local.

Os dois foram caminhando pelas ruas de Gràcia, já um pouco descoordenados pelo álcool, tentando seguir as orientações do atendente. Era relativamente fácil, pois o Siete Lunas ficava somente a três quadras de caminhada pela mesma rua, mas se não estivessem atentos perderiam facilmente a entrada, que, como alertou o garçom, era discreta. Foi exatamente o que aconteceu, pois depois de caminharem cinco quadras sem achar a boate, resolveram voltar pela mesma rua até chegarem ao local.

Na porta foram saudados por um simpático rapaz, que não parecia muito um segurança, e logo foram descendo a grande escadaria caracol até chegarem a um salão espaçoso, com um grande bar, um palco, um espaço para dança e algumas mesas espalhadas.

O local estava cheio e a grande quantidade de fumaça dificultava o reconhecimento facial de

qualquer pessoa que não estivesse muito próxima. No palco, havia dois homens sentados com violões, tocando uma agradável rumba. Os dois ainda não estavam familiarizados com aquele ritmo complexo que influenciou o flamenco, mas acharam tudo aquilo fascinante. Buscaram um lugar em frente ao bar e resolveram que iriam tomar mais uma rodada de chope e aceitariam a primeira sugestão do barman. Com a caneca servida, começaram a conversa de bar: — Dukky, como vamos fazer para encontrar Dalí? — perguntou Dolf.

— Meu amigo, sem querer jogar um balde de água fria, mas qual a chance de encontrarmos Dalí por aqui? Nem temos certeza de que ele está pela cidade.

—Tenho certeza de que vamos encontrá-lo. — afirmou Dolf.

—Dolf, não sei se você reparou, mas já viu a quantidade de belezas disponíveis por aqui? E você se preocupando com Dalí!

No momento exato em que Dolf responderia ao seu amigo, chegou uma mulher vestindo um longo vestido de viscose vermelha, puxou-o pela mão e falou: — Você está muito sério, vamos dançar — ordenou — e saiu puxando-o pela mão, ignorando a resistência tentada em vão pelo rapaz.

Enquanto estava sendo puxado pela pista de dança, o holandês loiro de um metro e oitenta foi ficando vermelho de vergonha — de baixo para cima, até cobrir-lhe inteiramente a testa, como era de costume.

Se havia uma coisa que nunca tinha feito na vida, seguramente seria dançar.

Enquanto a descontraída morena de cabelos cacheados, bochechas fartas e um pouco rechonchuda se mexia em sua frente fazendo movimentos sensuais e provocantes, Dolf não tinha ideia do que faria com as mãos e com os pés. Resolveu que arriscaria o mínimo possível e se limitou a bater com o pé direito no chão acompanhando o ritmo da música, ao mesmo tempo em que batia palmas na altura do rosto mais para o lado esquerdo.

A aspirante a dançarina não se importou com sua falta de experiência e falava perto de seu ouvido “baila, hombre, baila” enquanto se movia circundando o holandês com seus movimentos voluptuosos. Quando tentava chegar um pouco mais perto e segurar-lhe a cintura, Dolf se desviava como se fosse um toureiro escapando do touro. Ainda roxo de vergonha, tudo que pedia ao mundo era que aquela tortura acabasse o quanto antes.

Quando acabou aquele martírio, agradeceu gentilmente à sua parceira de dança e retornou ao bar, já sabendo das gozações que estavam por vir. Dukker estava encurvado de tanto rir e não tinha forças sequer para falar. Quando conseguiu se recuperar, perguntou ao amigo como ele queria fazer para continuar a busca por Salvador Dalí.

— Esquece, Dukky — respondeu ele. Tudo que eu preciso é ir para casa e tentar apagar esta vergonhosa dança da minha memória.

Saíram de Siete Lunas e fizeram o percurso de volta a pé, pois já não tinham uma peseta sequer para o táxi. Os quatro quilômetros foram percorridos durante uma hora completa, com Dukker cantarolando sem parar a música Treador da ópera Carmem até chegarem a casa. Dolf até achou divertida a provocação e resolveu acompanhá-lo no canto.

Os amigos bêbados estavam a poucas quadras de chegar a casa, já no bairro de El Raval, quando

cruzaram com um elegante senhor, na faixa dos quarenta e poucos anos, com um bigode exótico, fino, comprido e curvado para cima. Não deram muita bola para aquele distinto cavalheiro e passaram direto. A esta altura do campeonato, já estavam abraçados e cantando em alto e bom som “Toreador, en garde! Toreador, Toreador!” enquanto cambaleavam pela calçada.

O senhor, com seu bigode de pontas retorcidas, seguiu em frente, praticamente ignorando os dois idiotas completamente borrachos.

14. Três copos d'água

Alguns meses se passaram e, antes que pudessem perceber, o ano já havia terminado. Dukker passou a virada do ano atendendo no hospital enquanto Dolf se embriagava pelas ruas do bairro Gótico. A esta altura, ele já estava fluente em espanhol e bem avançado em catalão, o que lhe permitia participar de conversas com os locais, sobretudo nos bares que frequentava.

O inverno na Catalunha era bem menos rigoroso se comparado ao holandês. Além das temperaturas não baixarem dos cinco graus, muitos dos dias eram de céu azul, o que dava um colorido especial e destaque para a interessante arquitetura da cidade.

Poucos dias após a passagem de ano, em um desses esplêndidos dias de inverno com sol brilhante, Dolf recém finalizava a nona pintura da série de poesias do pai. O tema fugia um pouco de seu repertório habitual, pois falava de uma briga do capitão da embarcação com um de seus tripulantes, por divergirem sobre a direção a ser tomada. Dolf estava na Praça del Rei quando finalizou aquela pintura de um embate entre dois homens e pensou: “que porcaria de trabalho, preciso urgentemente evoluir como artista, sobretudo tratando-se do movimento do corpo humano”. Achou tão ruim aquela pintura que, além de não lhe dar nome, abandonou-a encostada perto da Capela de Santa Ágata, local onde geralmente ficava.

Após alguma pesquisa pelos bares da cidade, onde conversava com alguns artistas embriagados, elegeu como sua opção a Academia de Arte de Goya y Lucientes, nome atribuído em homenagem ao pintor espanhol Francisco de Goya. No dia seguinte estava bem cedo na Academia, com uma enorme ressaca pelos excessos da noite anterior, pronto para ingressar no curso.

Ficou surpreso ao ser atendido por uma recepcionista incrivelmente linda, segundo o “método Dolfito de avaliação”. Ficou tão impactado pela presença daquela mulher que mal conseguia explicar o motivo de estar lá. A morena tinha os cabelos lisos na altura do ombro, olhos grandes e expressivos perfeitamente delineados em preto, nariz pequeno e empinado e uma boca larga com dentes grandes e brancos perfeitamente alinhados. Com o salto alto ficava na mesma altura de Dolf, e apesar da roupa comportada levemente larga, podia-se notar seu busto avantajado.

Apresentou-se como Martina Molina e ofereceu água para o rapaz, que respondeu apenas: — Sim, obrigado.

Dolf precisou se concentrar enquanto Martina buscava sua água, e quando ela retornou, começaram um interessante diálogo: — O senhor estaria interessado em algum de nossos cursos?

— Sim, estaria – respondeu Dolf, e em seguida deu um gole na água.

— Temos opções de cursos de desenho, pintura, escultura e história da arte. Em qual o senhor estaria interessado?

— Em pintura – respondeu Dolf, e em seguida deu outro gole na água.

— Boa escolha, meu senhor. Tenho certeza de que vai adorar o nosso curso. Temos opções

intensivas que duram cerca de onze meses, e cursos de estações, que duram pouco menos que os três meses de cada estação do ano. Em qual o senhor teria interesse?

— No intensivo – respondeu Dolf, finalizando seu copo de água.

— Excelente escolha. O Senhor gostaria de mais um copo de água? – perguntou Martina enquanto abria aquele largo sorriso branco.

— Sim, obrigado.

E assim seguiu a conversa, com Martina dando explicações sobre a grade, horários e valores do curso. Toda a concentração de Dolf não serviu para que ele respondesse nunca mais do que três palavras. Ao todo, tomou três copos de água e saiu com um contrato assinado para o curso que começaria na semana seguinte.

Como de costume, o artista não dormiu na véspera do primeiro dia do novo curso, que deveria durar até o final daquele ano de 1948. Mesmo após matar uma garrafa de vinho tinto seco e um maço de cigarros, não conseguiu pregar os olhos, pois além de estar no velho sofá bege e desconfortável, sentiu-se duplamente eufórico. O primeiro motivo da dupla euforia era que pela primeira vez na vida estudaria algo que fosse realmente sua paixão, e a segunda era que poderia reencontrar aquela morena que lhe havia chamado tanta atenção pela beleza e simpatia descomunais.

No dia anterior chegou inclusive a comprar roupas novas para tentar impressionar Martina, com algo que não fosse sua comunicação monossilábica ou sua alta capacidade de tomar copos d'água sem a necessidade imediata de ir ao banheiro.

Chegada a hora do curso, Dolf se arrumou com esmero, penteou para trás os cabelos loiros, preparou seu material de pintura e caminhou com confiança em direção à academia que ficava no vizinho bairro de Sant Antoni. Ao passar pela recepcionista, cumprimentou-a com um amável “bom dia” e foi correspondido com a mesma saudação, mas acompanhada daquele largo sorriso. Era o suficiente para fazer de Dolf o aluno mais motivado e feliz do curso de pintura. Estava radiante, aplicou-se em todos os trabalhos e foi citado como exemplo positivo nas primeiras tarefas realizadas pela turma.

Quando terminou seu primeiro dia de classe, já no finalzinho da tarde, e não encontrou Martina, percebeu que, caso quisesse arriscar algum movimento mais ousado, deveria fazê-lo pela manhã.

O pintor holandês pensou em milhares de estratégias diferentes, em várias coisas que poderia falar, e inclusive em poesias ou presentes que poderia entregar para Martina, mas tudo que conseguiu ao longo das aulas de janeiro e fevereiro foi passar por ela e lhe entregar um simpático “bom dia”. Refletiu que era um covarde, mas não podia reclamar muito, pois sempre recebia sua resposta acompanhada de um sorriso. Agradeceu pelas aulas irem quase até o final do ano e por estar se destacando como melhor aluno da classe, embora por outro lado achasse que, apesar de muita boa vontade dos mestres, aquilo pouco lhe agregava. Sentia que, de alguma maneira, mais ensinava do que aprendia – de acordo com sua humilde opinião.

Em uma das noites em que chegou ao lar, chamou Dukker para conversar. Abriram então umas garrafas de cerveja Moritz, acenderam um cigarro e iniciaram um bate-papo. Dolf pediu ao seu amigo conselhos amorosos – coisa que nunca achou que faria: — No final das contas, você tinha razão. Você se lembra de uma conversa que tivemos após meu primeiro dia de aula de direito?

— Acho que me lembro sim, Dolf, mas não com riqueza de detalhes. Por quê?

— Porque você tinha a porra da razão. Eu sou um covarde. É isso que eu sou, um bosta de um covarde. – afirmou Dolf.

— Calma lá, meu amigo. Posso ter falado isso naquele dia, mas as coisas mudaram. Você virou um tremendo dum artista que hoje vive da sua arte, e está finalmente estudando o que você ama. Você pode ter sido um covarde no passado, mas agora voltou a ser Dolfito, el valiente!

— Obrigado, Dukky. Sobre isso, apesar de não me achar nada de tremendo, estou em paz. Acontece que minha covardia migrou da escolha da profissão para o universo sentimental. Estou falando das mulheres, Dukker. Das mulheres!

— Ahhhhh, as mulheres. Acho interessante você vir pedir conselhos para mim sobre esse assunto, pois como você sabe, as únicas mulheres que conheço intimamente são as dos bordéis da cidade. – respondeu Dukker.

— Eu sei, eu sei. Mas eu preciso desabafar, e se não o fizer contigo, não farei com ninguém! – afirmou Dolf.

— Que honra! Adiante então, meu amigo! – respondeu Dukker, quase emocionado.

— Então eu sou um merda de um covarde, que não tem habilidade nenhuma de falar com as mulheres. Em especial com a linda morena que trabalha como recepcionista na Academia de Arte e atende pelo nome de Martina. Martina Molina. Molina Martina. Martina Molina de Deus da Obra Divina. Todo dia de manhã eu lhe desejo um “bom dia” e ela me responde o melhor “bom dia” do mundo, com um sorriso que se Gaudí visse iria construir um prédio em homenagem a tamanha perfeição. Se bem que Gaudí não era fã das obras tão simétricas, pois bem. Você entendeu?

— Entendi sim – divertia-se Dukker – E o que você pretende fazer?

— Aí é que está. Pretendo falar com ela, chamá-la pra jantar, convidá-la pra posar pra alguma pintura, sei lá. Uma viagem a Paris, quem sabe? As ideias são muitas, mas o problema é que não sai nada além de “bom dia”.

— Hummm, entendi. E já que você se trava todo pra falar, que tal escrever? Você escreve uma carta ou um bilhete e entrega para La Martinita depois do seu bom dia. – sugeriu Dukker.

— Não vai ficar meio esquisito? Dar bom dia e lhe entregar um bilhete? Não vai parecer meio infantil, ou ridículo? – perguntou Dolf.

— Vai, um pouco, mas você tem alguma ideia melhor?

— Não. Obrigado, Dukky, até que você não é dos mais burros. – Agradeceu Dolf em tons de deboche.

E então os dois continuaram a beber, conversar, fumar e dar boas risadas. Dolf tinha agora o esboço de um plano, e faltava definir exatamente o que escreveria naquele pedaço de papel. Algo simples como um convite para fazer alguma coisa, uma carta dizendo tudo que ele gostaria de falar ou quem sabe até uma poesia? Faltava definir também como faria para entregar o material. Seria assim de supetão, logo após a saudação matinal, ou pediria para alguém entregar o bilhete em seu nome? A noite

passou e o planejamento estratégico foi ganhando corpo, sempre com a ajuda do fiel amigo Dukker, que apesar de pouco saber sobre o amor, muito sabia sobre a amizade.

O plano então foi concebido. E naquela noite, para variar, Dolf não dormiu.

15. Bom dia

Filha de família venezuelana, Martina Molina nasceu em Madrid no ano de 1926. Seu pai foi um importante embaixador venezuelano que depois de Espanha morou em Londres, em Santiago do Chile e regressou à Venezuela, onde Martina passou sua adolescência. Martina perdeu os pais aos dezesseis anos, quando faleceram em um acidente de carro, quando retornavam de Maracaibo, onde tinham uma casa de praia, para Caracas. A partir daí, a filha única foi passar a morar com sua tia María Ignacia, irmã de sua mãe.

Aos vinte anos de idade, decidiu que voltaria a viver na Espanha, país onde nascera. Dessa vez optaria por Barcelona em vez de Madrid, cidade que lhe trazia muito forte a memória dos pais. Apesar de ter tido uma infância maravilhosa, a mocinha sabia que sofreria muito com tantas recordações.

Como única filha, havia recebido uma boa herança, que consistia basicamente no apartamento onde moravam em Caracas e na casa de praia, o que lhe asseguraria o sustento durante alguns anos. Mesmo assim, Martina decidiu que iria trabalhar com qualquer coisa, até decidir o que faria de sua vida.

Pela sua beleza e facilidade de comunicação, não foi difícil conseguir aquele emprego de recepcionista na Academia de Arte de Goya y Lucientes, fruto da única entrevista que realizou desde sua chegada a Barcelona. Maximilliano Pinilla, dono da Academia, lhe fez três perguntas no dia da entrevista: se ela estaria satisfeita com o salário oferecido, quando ela poderia começar e se aceitaria um copo de água.

Martina Molina era uma pessoa alegre, porém muito indecisa sobre o que queria fazer. Tinha interesse por culinária, arte, música, crianças, viagens e animais domésticos: gostava muito de cachorro, mas quem ela amava mesmo eram os gatos. Pensava que poderia ser cozinheira ou até mesmo educadora infantil, mas não tinha pressa para descobrir o que faria da vida. Por ora, estava feliz pela maneira com que sua vida simples estava sendo conduzida em Barcelona.

Sua formosura atraía o olhar de muitos homens, que insistentemente a convidavam para sair, dançar ou jantar. Até propostas de casamento já havia recebido, uma delas do antigo namorado de Caracas e outra, muito curiosa, de um comerciante japonês em Barcelona.

Martina frequentava uma feira onde gostava de comprar frutos do mar, que tinha o prazer de cozinhar e compartilhar com sua amiga Lorena, com quem dividia o apartamento. Sempre comprava ostras frescas na mesma barraca do simpático comerciante japonês, que estava perto dos cinquenta anos de idade e deveria ter pouco mais do que um metro e cinquenta de altura. Em uma oportunidade, o comerciante, completamente apaixonado por aquela criatura magnífica, abriu na frente de Martina uma ostra onde tinha arrumado um jeito de implantar um anel de noivado com uma pérola brilhante. O japonês aparentou surpresa ao abrir o anel, mas fingindo que fora obra do destino, ajoelhou-se, apontou o anel dentro da ostra aberta e propôs baixinho à bela mulher: “o destino nos uniu – casa comigo?”.

Apesar de muito pitoresca, Martina achou aquela cena fofa, reclinou o corpo em direção ao

japonês e lhe pespegou um beijo na testa suada com fedor de peixe. Agradeceu o pedido, mas o negou com toda educação do mundo. Após o episódio, continuou frequentando aquela mesma barraca, mas notou que o japonês ficara desapontado e pouco receptivo em atendê-la.

Havia chegado o grande dia, batizado por Dolf de “dia DD” em homenagem aos articuladores do plano: Dolf e Dukker. Após o plano definido, e após alguns dias de estudo do terreno, aquele seria então o esperado dia da ação.

No papel em que estava definida a estratégia, apareciam escritos de maneira organizada os três atos da missão: Ato 1. Dolf cumprimentaria Martina como se fosse um dia qualquer.

Ato 2. Um bilhete seria entregue através de um coordenador da classe à vítima. Lá estaria escrito: “Prezada Martina, preciso de uma ajuda: poderia, por favor, buscar uns pincéis que esqueci? Estão dentro de uma caixa de madeira que ficou no Lolina Café, aqui perto, na Carrer del Palau, onde tomo café da manhã quase todos os dias. Obrigado, Dolf.”

Ato 3. Ao chegar à cafeteria, a vítima perguntaria sobre a caixa de pincéis à atendente, que já estaria devidamente instruída e preparada para entrar em ação: entregaria um cálice recheado de bombons de chocolate, serviria uma taça de champanhe e entregaria um novo bilhete onde estaria escrito:

“Perdão pela sutil brincadeira, Mas a timidez sempre me impediu de falar, Precisava encontrar uma maneira, De convidá-la para jantar.

O que me diz?

Respeitosamente,

Dolf”

Naquele dia, então, o pintor mal conseguiu pronunciar o rotineiro “bom dia”, e passou em passos acelerados pela recepção até entrar na sala de aula. O primeiro ato, o mais simples deles, estava concluído com êxito. Chamou então um supervisor, o simpático Sebastian Ochoa, para completar a segunda etapa do plano, que deveria levar o bilhete para Martina. Seba, como era chamado, deu uma risadinha ao receber o pedido de Dolf, pois já não era a primeira vez que levaria bilhetes a Martina.

Dolf ficou na expectativa para saber qual seria a resposta ao convite, tanto que mal conseguia se concentrar na aula focada em reprodução precisa dos olhos humanos. Pensava apenas nos olhos de Martina e imaginava também como seria sua reação ao convite. Teria sido ele muito ousado? Um tanto quanto brega? Chegou a cogitar correr até o café com o fim de cancelar toda a encenação, mas já era tarde. Agora era esperar.

Quando Martina leu o primeiro bilhete, sem desconfiar de absolutamente nada, pediu para que Seba fosse buscar o material de pintura, pois estava muito ocupada naquele momento com a papelada burocrática atrasada. O supervisor ficou surpreso ao ser tão bem recebido assim naquele café, com direito a bombons e champanhe. Nunca tinha sido tão bem tratado em toda sua vida, e ficou ainda mais desconfiado ao ler o bilhete que continha um convite para jantar assinado por Dolf.

Embora Seba achasse sua maneira de ser um pouco diferente, nunca poderia desconfiar que pudesse haver algo a mais naquele olhar tímido de aprendiz de pintor. Foi então que juntou todos os pontos daquela confusa história e a conclusão passaria a fazer sentido. “O convite era para Martina” – pensou Sebastian, o sagaz.

Conforme as horas passavam, Dolf começava a comer o pouco que lhe restava das unhas da mão, pois a demora estava sendo maior do que a projetada. Já se haveriam passado pelo menos duas horas sem notícias, e pelas contas do artista, o percurso entre ir à cafeteria, ler o bilhete e voltar não deveria demorar mais do que quarenta minutos.

Perguntou a Seba se ele realmente havia entregado o bilhete a Martina. O mensageiro confirmou sem pestanejar. No final da classe, ao sair da Academia, ela já não estaria lá, acabando com a última ponta de esperança do rapaz.

Seu mundo havia desabado. Era óbvio que um cara como ele nunca teria oportunidade com uma mulher como Martina – refletiu. Sentiu-se envergonhado por ter criado toda aquela besteira, que só serviu para confirmar que era realmente um fracasso com as mulheres. Descontou sua frustração na bebida e no cigarro pelos bares de El Raval, contou seu plano frustrado para um par de bêbados e no dia seguinte acordou com uma vastíssima ressaca moral.

Como era dia de aula, acordou e apressou-se em tomar um litro de água. Ao lavar o rosto, olhou-se no espelho e pensou duas vezes se deveria ir ou não à classe naquele dia. Inspirou um dos últimos pingos de coragem que lhe restavam e decidiu que sim, que iria à academia, mas passaria direto por Martina, desta vez sem lhe dirigir nenhuma saudação – esperava que, desta maneira, pudesse pôr fim a qualquer resquício de esperança.

Como sempre, parou no Lolina Café para sua refeição matinal. Sentou no balcão e pediu o de sempre: ovos mexidos e café com leite. A garçonete lhe serviu a refeição e disse que alguém lhe havia deixado um bilhete. Dolf abriu aquele papelote e precisou ler três vezes o que estava escrito para ter certeza de que era verdade: “Bom dia. Sim, eu aceito o convite, mas você vai ter que falar comigo pra me dizer o local. Cordialmente, Martina.”.

O gentil Seba, ao voltar daquele dia da cafeteria, contou sobre o que tinha acontecido. Mencionou os bombons de chocolate servidos com champanhe e entregou o segundo bilhete. Para sorte de Dolf, Martina achou muito romântico, e de alguma maneira admirava o seu jeito tímido e respeitoso de bom moço.

O radiante artista foi praticamente flutuando até chegar à Academia, e quando chegou à recepção, antes mesmo de respirar para soltar qualquer palavra, escutou: — Você não me venha só com esse discreto “bom dia”, pois eu quero saber local, dia e hora do nosso jantar. – Afirmou Martina – Ah, e antes que eu me esqueça, bommmmm dia!

Os dois, então, começaram a conversar sem parar. Dolf se propôs a buscar Martina em casa naquela mesma noite para que eles fossem jantar.

Já de noite, na hora combinada, chegou para buscá-la com flores e a levou ao seu restaurante de frutos do mar preferido – El Pesquero. Lá conversaram ainda mais, se divertiram e deram boas risadas.

Martina lhe contava sobre suas aventuras pelo mundo e Dolf falava de arte e de sua vida em Amsterdam. Conversaram tanto que nem deram tanta importância para a deliciosa paella que vinha

servida com lagosta inteira por cima. Beberam duas garrafas de vinho branco e ficaram até o restaurante fechar. Quando saíram, convidados gentilmente pelo garçom que há muito já teria o expediente finalizado, continuaram conversando, dando risadas e se entendendo.

Os dois caminharam de volta até o apartamento de Marina, e nisso o relógio da cidade apontava as quatro horas da madrugada. Quando foi educadamente se despedir, foi puxado por Martina que, já prevendo a timidez do holandês, resolveu tomar a iniciativa.

Beijaram-se. Foi mágico!

16. O pisco de El Guachuchero

O cenário era a bonita praia de Barceloneta, uma das maiores e mais tradicionais praias da cidade. O mês era outubro e fazia um dia relativamente frio para o outono, com céu cinzento ameaçando chuva a qualquer momento. Era meio de semana e Dolf estava praticamente sozinho naquela praia, com seu cavalete armado e uma tela de oitenta por sessenta em branco esperando pelas primeiras pinceladas.

Faltando pouco mais de um mês para acabar seu curso, Dolf havia praticado muito as técnicas para pintura da anatomia humana e reprodução dos movimentos do corpo. Embora não gostasse de admitir, aquele curso lhe estava servindo para evoluir tanto em proporções quanto em detalhamento de expressões faciais.

Como era do contra, resolveu que iria iniciar uma série onde absolutamente nada daquilo pudesse ser aproveitado. Estava tão desgastado com a intensidade daquelas aulas que nem realismo resolveu imprimir na sua nova coleção. Seria tudo cem por cento abstrato, um verdadeiro chute no balde naquela chatice de perfeição, dimensão, angulação, que o levou inclusive a estudar o tal do número Phi de 1,618034..., conhecido como número de ouro ou da divina proporção.

Estava tão enjoado daquilo tudo que chegou a jurar que atearia fogo se esbarrasse com a obra do Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, embora o admirasse incondicionalmente. Depois pensou melhor e se arrependeu.

Não que estivesse chateado pelo conteúdo ou por ter feito o curso, que segundo sua própria avaliação, valeu cada peseta, somente por ter tido ali a oportunidade de conhecer Martina Molina. O resto era o resto. Mas de todas as maneiras, pensava que já não estava mais aproveitando as aulas, tanto que naquele exato momento estava cabulando classe. Cogitava então a possibilidade de abandonar tudo no último mês, pois já sentia que não estava mais interessado e definitivamente não estava preocupado com a obtenção de um diploma. “Qual a utilidade de um diploma na mão de um artista? Será que vou poder cobrar mais caro por ser licenciado em arte?” – refletia ele de maneira irônica.

A nova coleção de Dolf seria inspirada nas suas últimas leituras. Pesquisou bastante sobre nomes como Willem Janszoon, Steven Van der Hagen, Jacob Le Maire e suas respectivas aventuras, contornando a Nova Guiné, pisando pela primeira vez em solo australiano ou mapeando mais de 300 quilômetros de costa na Austrália. Leu também sobre Olivier Van Noort, e sua incursão na América Latina, chegando a terras Chilenas e Brasileiras, onde sofreu pesada retaliação por parte dos indígenas.

A forma abstrata lembraria um pouco o estilo cubista de Pablo Picasso, com muitas formas geométricas sobrepostas, porém tudo pintado nos mais diferentes tons de azul. O artista pretendia retratar cenas como dos exploradores holandeses desembarcando nas praias, bebedeiras a bordo das embarcações e até mesmo embates entre os aventureiros e indígenas.

Um mesmo personagem faria parte de todos os quadros da série, e Dolf só se deu conta de que era seu pai quando percebeu que desenhava inconscientemente um homem baixo, com destaque exagerado para o nariz adunco, permitido pelo excesso de fragmentação dos objetos e a destruição da sua estrutura -

características do Cubismo Sintético.

Dolf pintava com prazer, naquele dia de outono, seu primeiro quadro de uma coleção de quatro obras, feliz da vida porque depois de muito tempo não mais se preocupava com formas perfeitas. Batizaria sua série de Os Holandeses Azuis.

O relacionamento com Martina seguia de vento em popa. Além de se verem todas as manhãs na chegada do curso, faziam questão de ficar juntos sempre que tinham oportunidade, ou seja, quase todo o resto do tempo.

Nos meses em que estava designado a dormir no velho sofá bege, preferia dormir na casa de Martina, e nos meses em que teria o quarto para si, a morena o acompanhava. Eram praticamente inseparáveis e brigaram pouquíssimas vezes naqueles primeiros meses de namoro.

Martina reclamava que não havia tido qualquer pedido mais formal, e apesar de uma mulher com vivência internacional e com uma cabeça moderna, sentia falta de um romântico pedido de namoro, que Dolf justificava como desnecessário, pois quando percebeu os dois já estavam grudados, ou seja, foi namoro desde o primeiro beijo.

O fato de alternarem as casas fez com que Dolf fizesse amizade com Lorena (que dividia o apartamento com Martina) e que Martina ficasse amiga de Dukker. Os dois, então, chegaram à conclusão de que faltaria Lorena conhecer o médico, e quem sabe eles não poderiam se entender também. Para tanto, arquitetaram um encontro sem que nenhuma das vítimas desconfiasse, pois se soubessem da intenção dos dois não existiria a menor probabilidade do comparecimento de nenhuma das partes.

Dukker era péssimo com as mulheres. Dolf gostava de contar um caso em que até mesmo uma meretriz de um dos bordéis frequentados por ele o havia esnobado – seguramente por mau hálito.

Aquele menino de cabelo preto em formato de cuia havia crescido muito, sobretudo lateralmente, passando dos cem quilos. O cabelo, que teimava em manter comprido, disfarçava uma careca que crescia na nuca estilo de frade e o jeito desengonçado de andar e de se expressar foi devidamente mantido. Para compensar, era um excelente médico e tinha o mais generoso dos corações.

Lorena era uma menina tímida que deixou a cidade de Sevilha para estudar música em Barcelona. Era flautista e trabalhava como garçoneiro para ganhar uns trocados. Em casa se dedicava a treinar flauta compulsivamente e sua prática preferida era música clássica, o que enlouquecia o casal Dolf e Martina, que muitas vezes se viam obrigados a sair de casa para se desvencilharem daquela erudita repetição.

O planejado era um encontro casual no bar El Guachuchero, dirigido por um chileno amigo de Martina, que oferecia uma bebida chamada pisco, produzida a partir de aguardente de uva.

O casal não avisou da presença de Dukker para Lorena e vice-versa. Quando as vítimas chegaram, foram devidamente apresentadas e perceberam que se tratava de uma cilada. Lorena achou aquele rapaz um tanto quanto esquisito, mas resolveu que ficaria ali naquele bar por educação, e por educação também bebeu uma rodada de pisco oferecida pelo chileno. Dukker achou Lorena linda, e resolveu que ficaria por ali, naquele bar, pela possibilidade de acontecer alguma coisa, e além de tomar o shot de pisco oferecido pelo chileno, resolveu que compraria uma garrafa inteira.

Dolf tomou um gole de pisco e falou que precisava ir ao banheiro, enquanto Martina comentou que precisaria cumprimentar outro conhecido. E foi assim que o casal fugiu do bar El Guachuchero para o bar ao lado, dando risadas e especulando o que estaria acontecendo. E o que aconteceu foi uma conversa mais ou menos nessa linha: — Eles estão demorando, não acha? Perguntou Lorena com uma cara levemente entediada.

— Estão sim. – respondeu Dukker.

— Será que você não deveria ir ao banheiro ver se está tudo bem com seu amigo?

— Pode ser, você me espera aqui enquanto vou procurar Dolf e Martina? – perguntou Dukker, já desconfiado do que estava acontecendo.

— Claro, te espero aqui sim. – respondeu Lorena.

E Dukker passou pelo banheiro, deu uma volta pelo bar que durou um preciso minuto e, quando voltou, viu que a moça estava conversando com um rapaz no bar. Era um homem moreno, alto e com o nariz grande e imponente que se apresentou como Henrique Duque Estrada. Por coincidência, também era de Sevilha e foi muito simpático com Dukker.

Os três ficaram conversando aquela noite durante muitas horas, dando risada das aventuras de Henrique que, apesar da rigidez militar, era um sujeito bonachão e também um excelente contador de histórias. Mataram aquela garrafa de pisco inteira, e depois mais três garrafas de vinho tinto oferecidas por Henrique.

Lorena teria conhecido naquela noite seu futuro marido: Henrique Duque Estrada.

Dolf passou a ter em seu repertório mais uma divertida história sobre o insucesso de Dukker, que não se cansaria de contar para o primeiro que quisesse ouvir. Chegou a cogitar, maquiavelicamente, pintar um quadro sobre os três bebendo em um bar para dar de presente de casamento ao novo casal, mas achou que estaria indo longe demais.

Dois dias depois do episódio no bar El Guachuchero, Dolf desistiu oficialmente de concluir o curso de arte. Martina foi contra, mas não conseguiu mudar sua opinião.

17. La Crema Catalana

Poucos meses depois de completar dois anos vivendo na charmosa Barcelona, a saudade da família começou a apertar. Dolf havia trocado cartas com a mãe e as irmãs com uma frequência mais baixa do que gostaria. Ficava pensando em como estariam todos, principalmente como estava se desenvolvendo seu sobrinho Finn, que já deveria estar próximo de completar três anos de idade. Estaria Merel cuidando bem de sua mãe? E as gêmeas Anna e Isadora? Como adoraria ver uma apresentação das duas pequenas bailarinas! Ficava imaginado se Rutger se lembrava dele ao olhar para o quadro Mar Negro e de alguma maneira se divertia com aquela ideia.

Sentia que seu ciclo estava praticamente fechado, pois já havia realizado a experiência de morar fora de casa e sem sombra de dúvidas havia evoluído como artista, tanto que logo conseguiu vender dois quadros da sua série “Os Holandeses Azuis” sem muito esforço na Praça de Sant Jaume, onde, além de pintar retratos, expunha alguns quadros para venda.

A vida em Barcelona estava ótima e tranquila. Seu relacionamento com Martina estava amadurecendo e o dinheiro que arrecadava na praça era suficiente para bancar sua vida simples, com pouquíssimos luxos, basicamente alguns jantares em restaurantes melhores e uma ou outra garrafinha de vinho mais cara.

Apaixonou-se pelo rascante vinho espanhol tinto e pela uva Alvarinho, que embora fosse cultivada na Galiza no norte de Portugal, dava origem aos rótulos produzidos na região espanhola do maravilhoso vinho verde. Estava satisfeito também por ter aprendido com louvor tanto o castelhano quanto o catalão.

Dolf sentiu que era a hora de um novo recomeço e de abandonar a sua zona de conforto. Decidiu que começaria algo maior e retomaria um projeto que, desde que se entendia por artista, guardava em um cantinho da cachola.

Abriria uma loja para vender exclusivamente seus quadros. Seria diferente do que fazia pintando e vendendo retratos nas praças, pois poderia cobrar preços melhores, em lugar mais requintado e, o melhor de tudo, venderia apenas aquilo que lhe satisfizesse como artista, nada mais de retratos feitos rapidamente sob demanda.

Empolgou-se com a ideia, que tinha apenas um único porém: a loja deveria ser em Amsterdam, sua casa. Então, o grande problema seria o que fazer para convencer Martina a compartilhar da nova empreitada.

Pela noite a encontraria em seu apartamento, então pediu a Dukker algumas horas extras de privacidade, pois prepararia um jantar romântico que seria o pano de fundo para convencê-la a se mudar com ele para Amsterdam.

Como Dolf não era um expert na arte de cozinhar, resolveu que a preparação do jantar consistiria em comprar tudo pronto nos lugares preferidos de Martina.

O vinho seria um clássico tinto espanhol de uva Tempranillo, mas antes ele serviria um drinque

muito apreciado por ela chamado Grasshopper, uma mistura de licor de cacau, licor de menta, folha de hortelã e gelo picado. A entrada seria uma tradicional sopa de mariscos, comprada de um fornecedor que conheceu no famoso mercado La Boqueria. E finalmente, o prato principal seria encomendado em um restaurante paquistanês bem pertinho de onde morava. O prato, um dos preferidos de Martina, é chamado Kashmiri Pulao e é uma comida baseada em arroz com carne de cordeiro que leva passas, castanha de caju, nozes e amêndoas, com um sabor agridoce levemente picante. Para arrematar, a sobremesa seria a tradicional Crema Catalana, feita com gemas de ovos e coberta de açúcar queimado.

Martina chegou e logo ficou animada com aquela cena toda. Até desconfiou que dali pudesse brotar um anel de noivado, no meio daquele jantar maravilhoso que estava por vir. Nunca havia visto a casa tão arrumada e nem Dolf tão perfumado. Na opinião dela, o pretense noivo tinha exagerado um pouco na quantidade da fragrância.

Durante a entrada, conversaram sobre amenidades e apreciaram com calma aquela bebida verde e vistosa. Logo então, Dolf abriu o vinho e serviu o Kashmiri Pulao que estava no forno, e enquanto apreciavam aquele manjar paquistanês, resolveu que já era hora de tocar no assunto: — Que tal o Kashmiri? – perguntou, começando devagar e tentando “comer pelas beiradas”.

— Simplesmente maravilhoso, cariño. Assim como a sopa de mariscos e o drinque que você preparou.

— Que bom! Fique sabendo que se eu soubesse cozinhar, com toda a certeza cozinaria pra você. – prometeu Dolf.

— Não me importa, mi amor. Já tenho sorte de estar com um artista talentosíssimo e com um cavalheiro sensível que se deu ao trabalho de buscar todas as minhas comidas favoritas. Que mais eu poderia querer?

— Esta é uma boa pergunta, Martina. Que mais você poderia querer? Quem sabe viajar? Você gostaria de viajar?

— Não acredito, mi bebe. Você planejou uma viagem para a gente? Só posso estar delirando!

— Não é bem que eu preparei uma viagem... É mais uma ideia, sabe?

— Que ideia, mi amor? Sabe que sou curiosa! – disse ela, arregalando seus avantajados olhos negros.

— É... bem... Uma ideia assim, sabe? – Dolf começava a se enrolar.

— Fala logo, Dolf! Já te conheço e percebo bem quando você está tentando me enrolar – exclamou Martina, já alterada e com o sangue latino começando a esquentar.

— Decidi voltar para Amsterdam e abrir minha loja de arte e quero que você venha comigo – desembuchou Dolf, tudo de uma única vez.

Martina arregalou ainda mais os olhos e sorveu um profundo gole do Tempranillo enquanto digeriria a ideia. Depois de breve e constrangedor silêncio, falou: — Não!

— Como assim, não, Martina? Sei o quanto você ama Barcelona, mas o que prende você a esse lugar? Nada! – argumentou Dolf, contrariado.

— Dolf Van Haarlem, você sabe que sou uma mulher moderna e que tolero muitas coisas. Somos namorados e não tenho sequer um anelzinho no dedo. Frequento sua casa, você frequenta a minha, mas não moramos juntos. Não tenho nada realmente que me prenda a Barcelona, mas só saio daqui casada. Casada, casadinha! Se meus pais estivessem vivos, o que eles iriam pensar se eu falasse que iria me mudar de país por causa de um namorico? O que minha tia e minha família vão pensar lá de Caracas quando eu contar que me mudei para a Holanda acompanhando um pintor que é apenas meu simples namorado?

— Então o problema é só este? – perguntou Dolf.

— Como assim, só isso? Você acha pouco?

— Martina, isso é o de menos. Se o problema é este, resolvemos agora. Casa comigo?

— Lógico que não, seu idiota. Você quer casar comigo só pra que eu me mude contigo. E o amor? Se você me amasse de verdade, você me pediria em casamento por isto, não pra ser sua dama de companhia.

— Você sabe que não...

— Nem que me ama você alguma vez disse! – Interrompeu Martina - Não vou casar com alguém que não me ama e que se deu ao trabalho de fazer todo esse jantar, maravilhoso por sinal, somente pra me convencer a me mudar com ele.

— Martina, você...

— Chega de mentir, Dolf Van Haarlem – Interrompeu novamente a nervosa Martina – Cadê a sobremesa? Fala rápido!

Dolf, então, apontou para a geladeira.

Ela abriu a geladeira, pegou o pote com a Crema Catalana e se foi do apartamento, batendo a porta com força.

Após a saída “triumfal” de Martina, Dolf ficou pensativo, mas de uma maneira serena. De surpresa com a reação abrupta da moça, passou para levemente feliz, pois por mais que o relacionamento estivesse caminhando bem, ele não tinha certeza de que ela teria, de fato, interesse em se casar com ele. Na verdade, nem achava que merecia aquela mulher. Foi passando então de levemente feliz para radiante, e no fundo, achou que Martina tinha razão por se ter aborrecido.

Sentou no sofá bege, acendeu um cigarro, matou a meia garrafa de vinho que ainda restava e ficou engajado em montar um mirabolante plano para reverter a situação. Divertiu-se sozinho pensando em mil possibilidades diferentes, algumas sofisticadas demais e outras bregas e clichês. Optou por fazer alguma coisa mais no seu estilo, que seria uma mistura de tudo, e para tanto precisaria da participação especial de seu amigo Dukker e da nova amiga Lorena.

O primeiro passo foi pintar um quadro que daria de presente a Martina. Desta vez, aproveitaria todo o novo conhecimento adquirido no curso para desenhar a sua musa inspiradora: ela própria, Martina Molina, cujo nome seria também o da obra.

Cogitou posicioná-la em alguma praia da Venezuela, com as cores da bandeira ao fundo, mas

achou brega demais. Decidiu então que a pintaria na recepção da escola de arte, tentando reproduzir exatamente a primeira vez que a viu. Deixaria o ponto de luz para destacar seu largo sorriso, e pensou que desta vez não precisaria exagerar em nada, pois sua amada era perfeita. Lembrou-se de que Martina reclamava de seus cabelos, que gostaria que fossem mais fartos, então achou que não custava nada agradá-la e ponderou que adicionar alguns fios a mais não seria problema.

O anel foi a parte mais complicada. Primeiro precisou contar com a ajuda de Lorena para surrupiar discretamente um anel de Martina que serviria como molde. A amiga ficou muito entusiasmada tanto pela notícia do pedido quanto por poder fazer parte daquela trama. Jurou que guardaria segredo, apesar de lhe parecer hercúlea a tarefa a que se dispusera.

Depois Dolf saiu atrás de um ourives. Pediu uma indicação para o chefe do restaurante paquistanês, que conhecia um indiano desse ramo. O indiano lhe indicou um chinês, que garantiu que em três dias lhe entregaria o anel conforme o projeto do próprio Dolf, que era fino e delicado, feito de ouro dezoito quilates e com uma pedra safira azul bruta.

Os três dias do prazo combinado para a entrega do anel lhe serviram para pintar o quadro e para amansar um pouco a fera Martina, que no dia seguinte ainda estaria chateada com o acontecido, mas que amoleceria aos poucos nos dias posteriores.

Era chegado o grande dia, desta vez batizado apenas de Dia D, pois Dolf havia arquitetado tudo sozinho.

Quando chegou a seu apartamento na sexta-feira, depois de uma semana relativamente tranquila de trabalho, Martina Molina se deparou com uma grande surpresa em seu apartamento. O chão estava repleto de rosas brancas e vermelhas e, no meio da sala, um cavalete de pintor, com um quadro ainda coberto por um pano branco, como se a esperasse para ser descoberto. Puxou delicadamente o pano e viu sua própria imagem na pintura.

Ficou chocada e emocionada. Nunca havia sido pintada antes, e estava tudo absolutamente incrível. Percebeu que Dolf havia dado tudo de si naquele quadro e não pôde deixar de reparar que ele fora generoso em pintar seus cabelos mais fartos, o que lhe trazia ainda mais emoção pela atenção aos detalhes que não fugiam à percepção de seu amado.

Reparou que na parte lateral esquerda do cavalete havia um bilhete. Ainda absorvendo toda aquela emoção, demorou um pouco para abri-lo. Dizia assim: “Eu te amo!

Não poderia começar de maneira diferente este breve bilhete.

Perdão se não o disse antes, mas eu te amo e te amei desde a primeira vez em que te vi.

E como você me conhece, proponho uma divertida brincadeira: Você seria capaz de decifrar este simpático poema-enigma?

A ponte

“No bairro gótico há uma ponte, Que Joan Rubió construiu, E dizem que ela é fonte, De desejos e sonhos mil.

Esta ponte liga dois edifícios, E há algo mais que preciso contar, A charada não é tão difícil, Eu

te espero agora por lá.”

Realmente, a charada não era nada dificultosa – Dolf não queria se arriscar propondo algo indecifrável. Recém terminada a leitura, Martina já havia pescado que se tratava da Pont del Bispe, um de seus lugares preferidos na cidade, inspirada nas formas do gótico tardio e construída pelo também arquiteto catalão Joan Rubió, que teve Gaudí como seu principal mestre.

Flanando, Martina partiu célere em direção à Pont del Bispe. Lá chegando, surpreendeu-se ao encontrar a amiga Lorena sentada em um banco quase embaixo da ponte. Chamou-lhe a atenção que sua amiga segurava uma taça vazia.

Quando Martina perguntou o que estava acontecendo, Lorena levantou, abriu um sorriso que transmitia calma e serenidade e lhe entregou em movimento suave aquela taça, segurada pela amiga com alguma desconfiança.

Em fração de segundos, Dukker sai de trás de uma pilastra com uma garrafa de champanhe já aberta, enchendo aquele cálice de forma glamorosa. Martina perguntou aos dois o que estava acontecendo, quando naquele exato momento chegou Henrique Duque Estrada e lhe entregou uma caixa de bombons.

O champanhe e os bombons eram os mesmos do dia do convite para o fatídico jantar.

Chegaram então dois músicos, com violão e harpa, tocando uma bonita melodia estilo joropo, um ritmo tradicional venezuelano. E, pra finalizar com chave de ouro o plano ousado, chegou Dolf, de terno e gravata, perfumado e com o cabelo penteado para trás, e olhou profundamente nos olhos de Martina.

— Eu te amo – falou. Em seguida, ajoelhou-se e abriu a caixa com o anel de ouro, no que teve a sorte de contar com a bonita luz da lua refletida naquela vistosa pedra azul safira.

Logo veio a pergunta óbvia:

— Martina Molina, você me daria a honra de se casar comigo?

— Sim, sim, sim! Um milhão de vezes, sim! También te amo, mi amor.

Todos naquela rua choraram com a comovente cena debaixo da ponte, até os desconhecidos.

Dolf e Martina então se beijaram, depois se abraçaram, e ainda, de forma coletiva, abraçaram Dukker, Lorena e Henrique. Alguns minutos depois, saíram para jantar no restaurante indiano do rapaz que indicou o ourives chinês. O hindu reservara a melhor mesa para que os cinco amigos comemorassem o sucesso daquele plano perfeito. Dolf fez questão de pedir que o gentil anfitrião servisse Crema Catalana de sobremesa.

18. Mulher e Chuva, uma uva

A Basílica de Santa Teresa na movimentada cidade de Caracas estava lotada. Dentro da igreja, pelo menos quatrocentos venezuelanos disputavam os melhores lugares. Só de família, entre tios, tias, primos e primas de primeiro e segundo grau deveriam ser quase umas setenta pessoas. O resto eram amigos e ilustres convidados, que transpiravam intensamente naquela insuportável tarde de domingo.

Os termômetros deviam marcar, na melhor das hipóteses, quarenta graus centígrados. Na entrada da igreja, fotógrafos e repórteres disparavam flashes para todos os lados. Martina estava atrasada, pois demorou a conseguir fechar o vestido, dando a entender que poderia estar acima do peso. Chegou à igreja, cornetas tocaram, os portões foram abertos e o órgão entonou a marcha nupcial de Mendelssohn em alto e bom som.

A visão de Martina estava embaçada por um misto de emoção e calor. Foi caminhando de mãos dadas com seu tio em direção ao altar, em passos lentos, arrastando pelo tapete da igreja a longuíssima e pomposa cauda do vestido de noiva.

Conforme foi se aproximando, começou a enxergar melhor e achou que Dolf estava mais baixo do que sempre fora, mas poderia ser pela distância ou por aquela atmosfera que chegava a formar quase uma nuvem de fumaça pela alta temperatura. Respirou fundo, deu mais três passos e percebeu que quem a esperava todo alinhado no altar era o japonês que lhe vendia as ostras.

Acordou toda suada e com um grito de desespero!

Demorou a recuperar a respiração e normalizar os batimentos cardíacos; sentindo-se aliviada por perceber que se tratava de um mero pesadelo. Não se casou com o japonês e o melhor de tudo, não estava gorda. “Ufa, que alívio!” – pensou Martina.

Na primeira oportunidade que teve, fez Dolf prometer que eles casariam em Barcelona, da maneira mais simples e discreta possível e sem a presença de familiares. Dolf concordou imediatamente e sem nenhuma restrição. Comemorou internamente a promessa mais fácil de sua vida até então.

Começaram então pela escolha da Igreja, que deveria ser discreta e se possível pequena. A Paróquia de Sant Père de les Puellas, localizada junto aos distritos do Born e La Ribera, seria a escolha perfeita, por ser pequena e encantadora ao mesmo tempo. A Igreja tinha a fachada gótica e muitos elementos de seu estilo românico original bem preservados, assegurando assim uma simplicidade imponente. De dentro da Igreja, a sensação era de se voltar ao tempo e viver a época da idade média, devido aos bonitos vitrais e também pelas colunas com capitéis decorados ao redor da cúpula.

O passo a seguir foi a escolha do padre que realizaria a cerimônia. Optaram por um senhor colombiano que vivia na Paróquia e deveria estar próximo dos oitenta anos. O padre era muito carismático e se comprometeu a fazer uma cerimônia simples e não tão longa, a pedido do casal. Martina fez questão de contar todos os detalhes de seu pesadelo, o que arrancou do vigário algumas gargalhadas e o ajudou a compreender e acatar seus requerimentos.

Apesar de ter estudado em colégio de freiras, Dolf não era nenhum católico fervoroso, porém começou a sentir cada vez mais próxima a presença de Deus, principalmente através da arte, tendo como marco o dia em que visitou a Sagrada Família.

Martina levava o catolicismo mais a sério e frequentava a Igreja religiosamente aos domingos, com a esporádica companhia de Dolf em algumas cerimônias. Por mais que estivesse mais próximo do Senhor, o artista entendia que pintar aos domingos aumentava a sua conexão com Deus mais do que escutar sermões em Igrejas. Martina achava que era desculpa para não acordar cedo aos domingos, mas relevava o fato sem maiores complicações.

No dia do casamento, Dolf acordou tranquilo e passou o tempo todo pintando na Praça del Rei. Havia reservado cuidadosamente para este dia o poema de seu pai que falava sobre o amor, mas que deixava de maneira dúbia se o amor seria pelo mar ou pela sua mulher, Heide – pelo menos foi assim que ele interpretou. Na dúvida, resolver pintar os dois, uma mulher nadando desnuda no mar, próxima de uma ilha com a água azul bem clara, tal qual descrevia a poesia.

Como de alguma maneira, na sua cabeça, estava pintando sua mãe, preferiu deixar a nudez bem suave, com as partes íntimas em sua maioria cobertas pelo mar, deixando apenas pequena parte das nádegas fora d'água. O rosto estava de lado, com os olhos fechados e transmitindo uma expressão de felicidade por nadar naquelas águas azuis caribenhas. Quando se deu por satisfeito, batizou o quadro de “Mulher e Mar, um par”, guardou seu material e foi encontrar Dukker para umas cervejas antes da cerimônia. A escolha para a ocasião foi a sua favorita Pale Ale, que o amigo já havia encomendado de um fornecedor alemão.

Martina estava muito nervosa. Provou o vestido e viu que estava largo - o que mostrava a possibilidade de haver emagrecido, diferente do que mostrava o pesadelo. Lorena também estava nervosa e tentou ajudar a amiga prendendo o vestido com alfinetes. Não deu certo e buscou ajuda emergencial de uma amiga que entendia do assunto e conseguiu resolver a questão costurando novamente os botões, de maneira a ajustar melhor o vestido ao corpo.

Com o vestido ajustado e já na companhia de Dolf e Dukker, tomaram um táxi até a Igreja sem nenhum constrangimento, causando estranheza ao motorista por levar noiva e noivo ao mesmo tempo, além de um possível convidado.

Pouco antes de chegarem a Sant Père de les Puellas, caiu uma chuva torrencial, um verdadeiro dilúvio. O motorista ajudou a noiva a sair com um guarda-chuva, mas mesmo assim o vento não impediu que aquela quantidade de água borrasse sua maquiagem. Martina não se importou e aos poucos foi se acalmando, pois percebeu que as coisas estavam acontecendo exatamente como no sonho, só que ao contrário.

Dolf entrou na Paróquia encharcado, porém com a sensação de que aquilo era um sinal divino e que tudo daria certo. A água o fez lembrar-se de seu último quadro: “Mulher e Mar, um par”. Refletiu então se não deveria pintar um próximo chamado “Mulher e Chuva, uma uva”, mas achou que a piada era sem graça e não agradaria nem mesmo a Dukker.

Depois chegaram Lorena com Henrique, Vitoria, a mais nova amiga que ajudou com o vestido, Maximilliano Pinilla, dono da Academia de Arte de Goya y Lucientes, Raghav, o dono do restaurante indiano e Razak, proprietário do restaurante paquistanês. Para completar a lista de convidados chegaram Seba, assistente de Maximilliano e cupido do casal, e mais um pintor chamado Juan Pablo Villanova, que

ficou amigo dos dois durante o curso.

Todos foram entrando molhados na bonita Igreja. Dolf e Martina comemoraram o fato de se casarem com menos do que dez convidados presentes.

Já com todos os presentes devidamente acomodados nas duas primeiras fileiras da Paróquia, o casal começou a lenta caminhada de mãos dadas em direção ao altar. Fizeram questão não só de chegarem juntos, mas de entrarem juntos também – quebra de protocolo que já tinha sido pré-aprovada pelo Padre.

Martina carregava no lado esquerdo do sutiã uma pequena foto dos pais, enquanto Dolf levava o canivete no bolso direito da calça e o poema de seu pai sobre o amor no esquerdo. Decidiu que o canivete era pra lembrar-se da sua essência, pois tudo conseguira através da arte, e a poesia trazia a lembrança não só do pai, mas também de toda a família.

Não conseguiram se concentrar no discurso do padre, por melhor que fosse sua oratória. A noiva passou grande parte do tempo imaginando como seria seu futuro de mulher casada na Holanda enquanto o noivo tentava captar cada detalhe daquele momento para uma futura pintura.

Conseguiram um pouco mais de concentração na hora de repetir os votos, realizados com uma apaixonada troca de olhares. Finalmente, Dolf colocou a mesma aliança de noivado, contudo desta vez no dedo anular da mão esquerda. Beijaram-se e quebraram pela segunda vez o protocolo, com um beijo que poderia ser considerado lascivo para qualquer paróquia. O padre colombiano fez vista grossa.

Saíram da Igreja sobre aplauso dos amigos e de cada um deles receberam um pequeno envelope - alguns contendo pesetas e outros, florins. O gesto foi ideia de Lorena, que combinou com os convidados justificando que os recém-casados precisariam de apoio para o início de uma nova vida em Amsterdam.

O jantar dessa vez foi servido no restaurante do paquistânês, cujo dono, radiante por ter sido convidado por alguém não asiático, ofereceu o banquete como parte de seu presente. Razak bateu o pé e se recusou a servir a Crema Catalana, mas surpreendeu a todos com um maravilhoso Jalebi, feito através da fritura de uma massa de farinha de trigo em formato de círculos e embebido em xarope de açúcar com suco de limão. Foi bem apreciado por todos, mas Martina e Dolf, com uma singela troca de olhares, se comunicaram, confirmando que ainda preferiam a sobremesa catalã.

A lua de mel seria a viagem de trem para Amsterdam, exatamente no sentido contrário àquela realizada há pouco menos de três anos atrás pelos dois amigos holandeses.

Quando estavam na estação de trem e se despediam dos amigos, Dolf se deu conta do tamanho da sua amizade por Dukker e do quanto sentiria falta de sua companhia. Abriu uma exceção para abraçar o amigo enquanto as lágrimas escorriam aos montes. Quando finalmente embarcou no trem, escutou as palavras do amigo e de novo chorou copiosamente: — Desejo-lhe uma viagem tranquila. Desejo-lhe uma tranquila viagem. Sorte no amor e sorte na vida, e não esqueça sua bagagem! Te amo, meu amigo.

— Também te amo – respondeu Dolf, completamente engasgado.

As portas do trem se fecharam e logo se abriram as portas de uma nova fase da vida de Dolf e de sua esposa, que agora se chamaria Martina Molina Van Haarlem.

19. Concorde, mi amor

Dia 16 de julho de 1950. Os habitantes de Amsterdam lotavam os pubs da cidade para acompanhar o desfecho da Copa do Mundo de Futebol que estava sendo sediada no Brasil. A final foi uma surpresa para todos, pois os uruguaios viraram para cima dos anfitriões por um placar de 2x1, sagrando-se campeões mundiais pela segunda vez num episódio que ficou conhecido como “Maracanaço”, em referência ao estádio do Maracanã, sede do evento.

Dolf não podia ligar menos para futebol e ficou impressionado com a quantidade de espectadores interessados em uma partida onde nem mesmo participava a seleção holandesa.

Naquele domingo de verão, Dolf havia combinado com Martina de saírem a caminhar por algumas ruas da cidade, pesquisando uma localização adequada para a abertura da loja de arte. Eles já haviam encontrado, após alguns percalços, uma casa bem satisfatória para morar, então o passo seguinte seria realizar o desejo de Dolf que o levara de regresso à capital holandesa.

Desde que chegaram de viagem, ocuparam algumas residências provisórias. A primeira foi a confortável casa de Alberdina, que se ofereceu para recebê-los pelos primeiros meses até que conseguissem alugar algo. Acontece que as gêmeas Anna e Isadora, que estavam com oito anos de idade, fizeram da vida do casal um inferno, obrigando todos, inclusive tio Dolf, a praticarem ballet vestidos a caráter. Caso negassem alguma vontade das gêmeas, sofriam com birra e choradeira incessável.

Após três semanas, agradeceram a hospedagem e se mudaram para a casa de Heide, que lhes implorava desde a chegada para que lá ficassem.

Depois de uma semana de intenso paparico com direito a café da manhã servido no quarto e tudo, o casal se deu conta do que já previam: aquela era uma péssima escolha. Não apenas pelo fato de dividirem um minúsculo quarto de costura onde mal cabiam os sapatos de Martina (embora Heide houvesse oferecido seu quarto com insistência), mas principalmente pelas constantes intromissões da mãe, que no fundo só queria agradar.

Acontece que Heide queria agradar demais e para tanto cruzou alguns limites da boa convivência, apesar das constantes advertências de Merel. Entrar no quarto com café na manhã ou lanches da tarde sem bater na porta havia virado rotina, além de algumas cobranças sobre o roteiro e o horário de chegada dos dois. Quando retornavam para a casa ultrapassando o horário estabelecido, encontravam a senhora de sessenta e cinco anos esperando acordada e costurando no sofá da sala, quando falava sem acanhamento: — Mas vocês demoraram, heim?

Martina, muito educada, tratava a sogra da melhor maneira possível, mas teve que dar um ultimato ao marido para que agradecesse a hospedagem e encontrasse urgentemente uma desculpa para se mudarem, que preferencialmente não a envolvesse. E assim Dolf o fez, culpando os sapatos da esposa, que eram grandes demais para qualquer armário da casa.

Ficaram em um pequeno hotel no bairro de Jordaan, a oeste do centro da cidade. Com isso ganharam alguns dias para continuar a busca, até que finalmente encontraram uma simpática casa no

bairro de De Pijp, localizado ao sul do centro de Amsterdam.

Além de muito bem localizado por estar pertíssimo do centro, do rio Amstel e do canal Lozingskanaal, o bairro tinha o nome de suas ruas em homenagens a artistas holandeses como Jan Steen, Frans Hals, Ruysdael e, claro, Van Gogh. Dolf fechou negócio imediatamente. A rua se chamava Gerard Doustraat, uma homenagem ao pintor holandês Gerard Dou da Idade de Ouro Neerlandesa. Definitivamente não era seu pintor preferido, mas não podia deixar de admirar o trabalho impecável de seus rebuscados retratos.

A casa alugada foi classificada por Martina como sendo de um charme irresistível. Já Dolf admitia se tratar apenas de uma casa típica holandesa: estreita, alta e praticamente igual a todas as casas vizinhas da rua. Era construída de tijolos e tinha o telhado bastante inclinado para não acumular neve nos períodos de inverno.

Apesar de pequena, a casa era bem ventilada, com muitas janelas, o que permitia uma boa circulação de ar, mas preocupava Martina quanto à privacidade do casal. Dolf tentou explicar à esposa que isso era normal na Holanda e que as pessoas nem olhavam para dentro das residências. Martina sabiamente contra argumentava que sempre existiriam turistas venezuelanos espalhados não só por lá como pelo mundo todo. As imensas janelas compartilhando a vida com o mundo exterior estavam decoradas com cortininhas de renda que as cobriam somente até a metade, mas Martina fez questão de trocá-las por outras que as cobrissem por inteiro.

A planta do primeiro andar incluía uma cozinha compartilhada com a sala, um quarto grande, um quarto pequeno e um banheiro com uma banheira de dar inveja. O primeiro quadro pendurado na casa não poderia ter sido outro senão o “Martina Molina”, escolhido para decorar o quarto do casal na parede da cabeceira da cama. O segundo andar era uma espécie de sótão que seria usado como o ateliê do artista, que estava ansioso para recomeçar sua produção. Dolf dizia para a esposa que a chance de aquela rua se chamar Dolf Van Haarlemstraat no futuro era gigante. Martina dava risada e incentivava seu marido.

Naquela tarde de sábado, com as ruas lotadas de gente para acompanhar a final do mundial de futebol, caminharam por diversas ruas à procura de opções de possíveis locais para a loja.

Cruzaram pelos distritos de Westerpark, Jordaan, Oud-West, Amsterdam-Zuid, De Pijp e por último no Centrum (centro da cidade). A caminhada previa parada pelos bares da cidade para um copo de cerveja para Dolf e uma taça de vinho para Martina.

Em Jordaan realizaram a primeira parada em um Pub Irlandês. Como faltavam ainda algumas horas para o começo da partida, conseguiram conversar de maneira agradável. Dolf perguntou: — Amor, se você pudesse imaginar a nossa loja, como ela seria?

— Ahh, mi amor, penso que deveria ser muito colorida, quem sabe você não poderia pintar umas paredes como se fossem movimentos d’água, e também o teto com um formoso céu com nuvens e tudo. Que você acha?

— Hummmm, acho que não. Penso que gostaria de algo mais sóbrio para poder destacar somente os quadros. Pensei nas paredes brancas com uma iluminação indireta montada através de trilho que traga uma sensação de conforto aos visitantes e potenciais clientes. Concorda?

— Concordo, mi amor – respondeu ela.

Proseguiram, e após mais uma horinha de caminhada, pararam, desta vez em um bar em Amsterdam – Zuid, para se reabastecerem de cerveja e vinho, já que ninguém é de ferro.

— Amor, quantos funcionários você imagina trabalhando na loja? – perguntou Dolf.

— Ahh, cariño, acho que pelos menos quatro pessoas além da gente. Um vendedor durante a manhã e outro para tarde e noite. Uma senhora para fazer o asseio e outra para servir café aos clientes. Que você acha?

— Hummmm, acho que não. Funcionário dá muita despesa e temos o orçamento limitado para o início do projeto. Pensei que poderíamos trabalhar apenas nós dois: você e eu e eu e você. Recepção e atendimento ficariam contigo, e eu assumiria a parte mais comercial, como vendedor integral. Uma vez por semana contrataríamos uma pessoa de confiança para limpar o local. Concorda?

— Si, mi amor – concordou Martina, apesar de um pouco contrariada.

O casal então rumou para a última incursão no centro da cidade, e parou em uma taberna para a última rodada, mas desta vez num local lotado, com muita gente bêbada buscando os lugares mais próximos da precária televisão preta e branca posicionada para a partida que iria começar em vinte minutos. Dolf e Martina ficaram o mais longe possível do tumulto para poderem trocar algumas palavras. Dolf começou: — Amor, e sobre a localização, de tudo que vimos hoje, qual local que você acha o melhor?

— Dolf, desta vez você não vai me enganar. Me conta você primeiro, qual bairro seria o melhor de todos? – respondeu Martina.

— Amor, gostei de muitas opções e estou bem na dúvida. Gostaria de escutar sua opinião.

— A verdade é que acho que você trabalhar perto de casa seria o ideal, além do mais já temos as ruas dos bairros com nome de pintores. Não faria todo sentido abrir a galeria em De Pijp?

— Hummmm, acho que não. Pensei bem e lembrei-me de um colega de curso em Barcelona que me disse algo bem marcante. Localização é a chave do sucesso, então precisamos estar onde há mais movimento e onde as pessoas já vão procurar normalmente por objetos de arte. Nesse caso, o centro seria a opção ideal. Concorda?

— Concordo! Concordo com tudo! Ainda bem que você me levou para essa caminhada e escutou todas as minhas opiniões. O que seria da sua vida se eu não te aconselhasse, Dolf? – respondeu Martina de forma incisiva, irônica e com os olhos bem arregalados.

— Que bom, meu amor, que bom que chegamos a um consenso. Vamos voltar pra casa antes que comece essa partida chata de futebol.

Dolf não entendeu o porquê do mau humor de sua esposa no caminho de regresso a casa, mas estava contente com o planejamento que realizaram juntos.

20. O regresso do lobo

— Vamos, Dolf. O evento já começou, eu já estou pronta e você aí enrolando! – Exclamou Martina, num elegante vestido tubo vermelho que marcava seus seios e glúteos fartos contrastantes com a cintura fina.

Martina estava impecável para o vernissage do marido e a abertura oficial da loja. O vestido havia sido presente de Luus para seu aniversário de vinte e cinco anos há poucos dias atrás, e o colar de pérolas também tinha sido emprestado pela irmã mais velha de Dolf, com quem desenvolvera uma grande amizade. Apesar da grande diferença de idade entre elas, de vinte e um anos, Martina via em Luus uma amiga confidente e exemplo de mulher a ser seguido.

Ela admirava a maneira como Luus criava o pequeno Finn e também como se relacionava com o marido e com a família de um modo geral. Sabia ser amável, mas também era ágil para impor limites quando necessário. Como não precisava trabalhar, pois a generosa remuneração de Rutger era mais que suficiente para o gasto dos dois, tinha mais tempo sobrando para ajudar quem tivesse necessidade. Ajudou muito Martina a ganhar fluência no holandês, pois conversavam sem parar e quase que diariamente.

Vale ressaltar que Martina se irritava profundamente nos primeiros meses de sua chegada a Amsterdam quando tentava falar holandês com o marido e ele lhe respondia em espanhol.

Luus foi peça chave na concepção da galeria do irmão. Fez questão de participar de tudo e chegou até a oferecer um empréstimo para Dolf, que, deveras orgulhoso, preferiu não aceitar. O dinheiro que tinha economizado com os retratos, junto com parte da herança de Martina, foi mais do que suficiente para montarem a galeria da maneira idealizada por Dolf, que foi constituída como uma sociedade entre o casal, com cinquenta por cento para cada um.

Já que não pôde contribuir com dinheiro, Luus se envolveu diretamente em tudo o mais. Participou ajudando desde o contrato de locação até a escolha do arquiteto, do pintor e da equipe que participou da pequena obra. Por muitas vezes foi a fiscal do andamento do projeto e levava consigo o menino Finn para interagir com a simpática equipe, que deixava o garotinho de quase cinco anos fascinado ao participar de tarefas básicas como pintar uma parede de branco. A equipe deixava o pequeno trabalhar e depois refazia a pintura.

Foram mérito de Martina e Luus alguns toques de classe dados à loja, como um bonito piso de mármore travertino e uma parede de madeira rústica ao fundo do balcão da loja onde os clientes fechariam negócios. Tanto o piso travertino em tons de cor bege clara quanto a parede de madeira escura ajudaram a quebrar aquele ambiente branco hospitalar, idealizado inicialmente pelo pintor.

No final das contas todos ficaram satisfeitos com o resultado final da galeria, que estava elegante e funcional ao mesmo tempo. Dolf particularmente se orgulhava da iluminação com luz quente e indireta através de trilhos, somente por ter sido sua ideia.

A loja possuía pouco menos de trinta metros quadrados, era estreita e profunda, com

aproximadamente sete metros de paredes nas laterais onde deveriam ficar expostas as pinturas.

Imaginando-se quadros com pouco menos de um metro de largura, a galeria poderia exibir confortavelmente quatorze quadros, mas como Dolf achava mais elegante um maior espaçamento entre eles, sem contar que possuía algumas obras grandes, decidiu que trabalharia normalmente com a exposição de entre dez e doze pinturas. Ao fundo da loja haveria um pequeno banheiro e um microdepósito, suficiente para armazenar mais umas quinze obras.

Martina deu três toques na porta do banheiro de casa para chamar novamente pelo marido: — Vamos, Dolf, é a primeira vez na vida que eu fico pronta antes de você. Onde já se viu vernissage sem o artista?

— Calma! Me dá mais alguns minutos. – pediu Dolf.

— Vamos embora, pelo amor da Virgem de Guadalupe. O que está faltando, cariño? Posso te ajudar?

— Amor, estou pronto. Estou somente tomando mais um pouquinho de coragem. – explicou Dolf enquanto se encarava no espelho.

Martina, então, abriu a porta do banheiro e encontrou seu marido pálido e suado. Foi buscar um copo d'água para ajudá-lo a se acalmar e perguntou por que ele estava tão nervoso, apesar de já desconfiar da resposta.

— Detesto ser avaliado, você sabe disso. Não sei por que tive a ideia de fazer essa maldita galeria e esse fracasso de vernissage.

— Dolf Van Haarlem, você vai pra esse vernissage si o si, querendo ou não querendo. Olha o quanto eu me arrumei para o evento. Não vai querer ver sua mulher orgulhosa de você lá? – Perguntou Martina, tentando tirar o foco de seu nervosismo.

— Claro que eu quero, amor. Você está linda, como sempre. Aliás, desta vez você se superou!

— Gracias, mi amor.

— Posso te pedir um favor antes de sairmos? – perguntou Dolf, após beber num único gole aquele copo d'água.

— Claro.

— Vai à adega e abre a melhor garrafa de tinto que encontrar. Matamos a garrafa e prometo que saímos imediatamente.

E assim foi feito. Martina apressou o ritmo para beberem a garrafa velozmente. Dolf bebeu três quartos do vinho ainda de barriga vazia, o que ajudou a acelerar o efeito que buscava para conseguir sair de casa.

Após muita indecisão e idas e vindas, o artista havia selecionado os doze quadros que estariam expostos para inauguração do espaço. Como não sabia o que poderia agradar, resolveu levar uma mistura de diferentes estilos e fases vividas.

Escolheu cinco da série de poemas do pai, três da série “O Sonho”, os dois quadros que restaram

da coleção dos Holandeses Azuis e dois quadros grandes, da mesma coleção do quadro que supostamente decorava a sala de Luus e Rutger: Mar Negro. A parte de precificação deixou na mão da irmã mais velha, que quando voltou com as sugestões de preço teve que mudar tudo de acordo com a vontade do irmão.

A família já havia chegado por inteiro para a inauguração e nada de Dolf. Estavam todos elegantes e já apreciando os quadros pendurados na mais nova galeria da cidade. Heide estava explodindo de orgulho, assim com toda a sua família. Além de apreciarem os quadros, poderiam degustar taças de espumantes e vinho tinto selecionado por Luus, além de elegantes canapés servidos com caviar russo.

O trabalho de divulgação teria ficado a cargo de Martina, que pela facilidade de comunicação conseguiu um pequeno, porém efetivo espaço, tanto na rádio como no jornal da cidade. Foi pessoalmente até os locais para falar do evento, e no escritório do jornal quase arrancou os cabelos da recepcionista que queria barrar sua entrada.

A estratégia da jovem era focar em divulgar as guloseimas, pois como era de sangue venezuelano sabia que o povo de lá nunca perdia uma “boca livre” e deduziu que o mesmo poderia funcionar nos Países Baixos. Constatou não estar de todo errada, e a primeira coisa que disse ao marido ao chegar ao vernissage e encontrar gente do lado de fora se revezando para entrar na loja foi: — Ahmmmmmm. Eu não disse que a estratégia das guloseimas iria funcionar?

Dolf ficou aliviado ao ver que pelo menos de público seu vernissage já não seria um fracasso.

Quando foi chegando ao evento, viu que sua mulher atraía muito mais atenção e olhares do que ele, então ficou mais relaxado ainda.

Educadamente, cumprimentou todos os familiares e conhecidos e deu atenção a todos que tinham perguntas sobre os quadros ou sobre sua carreira. Ficou surpreso com perguntas inesperadas, que o obrigavam a refletir sobre coisas que durante seu processo criativo não tinha imaginado que acontecessem, ou pelo menos nunca havia parado para refletir sobre o tema.

Aos poucos, foi ficando cada vez mais confortável com tudo aquilo e começou a aproveitar cada minuto da inauguração. Bebeu vinho e espumante. Respondeu às perguntas de um repórter e sentiu que aquele dia poderia ser finalmente a virada que tanto esperava na sua carreira de pintor.

Foi cutucado delicadamente pela sua esposa, que lhe sussurrou ao pé do ouvido que havia sido realizada a primeira venda: O quadro “Contos de um Marujo Veterano” da série de poemas de Finn. Ficou radiante e, quando perguntou quem era o comprador, Martina apontou discretamente para um senhor com muita classe que ele nunca tinha visto.

De repente, se deu conta do apego que tinha pelas obras de poesia do pai e que talvez não devesse vendê-las, ainda mais para totais desconhecidos. Puxou então Martina pelo braço e fez com que ela sinalizasse rapidamente como “vendido” os outros quatro quadros da coleção antes que alguém os comprasse. Sua esposa tentou acalmá-lo e dissuadi-lo da ideia, mas não teve sucesso.

As pessoas se deram conta de que aquela série estava toda vendida em menos de duas horas desde a chegada do artista, e foram procurá-lo para saber se ele tinha mais pinturas como aquelas para a venda. Dolf negou sem o menor constrangimento, apesar de contar com mais alguns daqueles no pequeno depósito ao fundo da loja.

Soube então que sua tia Anelise havia comprado o primeiro de cinco quadros da série “O Sonho”,

pois se lembrou do dia que Dolf lhe mostrou a obra e contou em detalhes o sonho que o levou a criá-la. Após poucos segundos de felicidade, se deu conta de ter também muito apego por aquela série, e repetiu o pedido a sua esposa, que o puxou em um canto, arregalou bem os olhos e discorreu em tom duro: — Dolf Van Haarlem, se você me pedir novamente para colocar qualquer outro quadro como vendido, eu juro que o quebro na sua cabeça!

Assustou-se com a decidida reação da esposa, mas aquilo de alguma maneira o ajudou a cair em si e o fez enxergar que no fundo o seu apego se estenderia a todos os quadros pintados, e que, se ele queria viver da arte e não somente de retratos, deveria sim vendê-los. Buscou uma taça de vinho e quando passou pela esposa sussurrou ao seu ouvido: — Tens razão, mi amor.

Martina lhe respondeu com uma sutil e sensual piscadela.

Após algumas horas, com a casa um pouco mais vazia, reparou em uma senhora que não parava de olhar uma das telas gigantes do Mar Vermelho. Perguntou se poderia ajuda-la e a senhora respondeu: — Meu falecido marido, que Deus o tenha, morreu embarcado numa viagem para as Índias. Disseram que ele foi contaminado por tuberculose por alguém do navio e nunca mais voltou para casa desde então. Já faz trinta e dois anos. Encarar esse quadro me traz de alguma forma uma profunda lembrança dele.

— Meus pêsames pelo seu marido, minha senhora.

— Obrigada. Mas isso já faz muito tempo.

— Luus, que estava ouvindo a conversa, se aproximou e perguntou se a senhora teria interesse em levar o quadro. A mulher falou que sim, mas que não teria o dinheiro suficiente para pagar. Quando Dolf estava quase entregando aquela obra de graça, Luus o interrompeu e perguntou: — E de quanto a senhora dispõe no momento?

Ela respondeu que poderia ter o equivalente a um terço do preço do quadro em exibição e Dolf imediatamente se manifestou: — Negócio fechado. Fico feliz que a senhora tenha entendido a minha obra e também que o quadro lhe pertença. Obrigado.

Se o artista fosse dado a isso, certamente abraçaria aquela senhora, que ficou comovida com o ato.

Quando Dolf se virou para pegar uma taça de vinho equilibrada entre tantas outras na bandeja do garçom que estava passando, ouviu uma palavra que há muitos anos não ouvia com tamanha entonação: — Fooooooooogo!

Começou então uma correria desenfreada de pessoas saindo da loja. O garçom derrubou a bandeja com os vinhos no chão e logo Dolf se deu conta de que o fogo se iniciara em uma das latas de lixo perto do banheiro. Alguns familiares e pessoas bem intencionadas tentaram ajudar jogando qualquer tipo de líquido naquele lixo, como água, espumante e vinho, mas o resultado foi só aumentar as labaredas.

Após alguns instantes de stress generalizado, graças à ajuda de um militar aposentado presente no local, que isolou o oxigênio através da utilização de panos molhados, usados para o transporte das telas, as chamas foram controladas.

A família ficou frustrada, pois o incidente pôs fim a uma noite grandiosa. Heide chorava inconsolável, amparada por Merel. Martina também chorava e foi amparada por Luus. Rutger gentilmente ajudou o garçom a limpar o chão da loja cheio de cacos de vidro e vinho tinto.

Enquanto todos lamentavam, Dolf pensava que aquela teria sido umas das melhores noites de sua vida, e que aquele pequeno incidente em nada iria atrapalhar sua memória grandiosa.

Achou até que foi um “gran finale”, e que teria sido melhor assim, de forma dramática, do que ver seu vernissage esvaziando até a saída do último convidado. Avaliou que uma lata de lixo nova e uma boa pintura na parede eram mais que o suficiente para corrigir a leve avaria. Refletiu também que nem no mais otimista dos pensamentos poderia ter vendido um único quadro a mais do que tinha vendido, sem contar que poderia ter sido ainda melhor se tivesse resolvido esgotar a série de poemas.

Finalmente, elucubrou que aquela fumaça e aquele grito de incêndio lhe teriam remetido ao dia de seu nascimento, história repetidamente contada por sua mãe. Não poderia ser uma mera coincidência, era o destino contando que era chegada a hora da sua consagração. Resolveu que a próxima coletânea seria uma retomada da sua essência, uma série dramática que pintaria e se chamaria “o Lobo”.

Quando a família se reuniu do lado de fora da loja, já com os ânimos recuperados e mais calmos devido principalmente à felicidade inabalável de Dolf, uma confissão chegou pelas palavras de Rutger: — Estou envergonhado e queria pedir desculpas a todos, e principalmente a você, Dolf.

— O que aconteceu? – perguntou quase que toda a família ao mesmo tempo.

— Achei que o cigarro que joguei no lixo estivesse apagado. Que vergonha, meu Deus! Comprometo-me a pagar cada tostão e coordenar toda a recuperação do local e até mesmo organizar outro evento, se necessário.

— Imagina, Rutger! Sabemos que você nunca faria de propósito. Não se preocupe; graças a você a exposição acabou de maneira dramática. – Exclamou Dolf, com sinceridade e com sorriso no rosto.

— Existe algo que eu possa fazer para recompensar?

— Existe, meu caro. – respondeu Dolf, sem hesitar.

— E o que seria? – perguntou Rutger.

— Sem querer parecer presunçoso, mas pelo ritmo que as coisas aconteceram hoje à noite, em algum momento pode ser que venham a faltar quadros para expor aqui na galeria. Se esse momento chegar, você me emprestaria o quadro que está na sua sala somente para exposição? Obviamente eu nunca irei vendê-lo.

— Com certeza, meu amigo, com certeza. Ele é todo seu! – respondeu Rutger, já com uma lágrima escorrendo do olho.

21. A sagrada matilha

Correria no Hospital Onze Lieve Vrouwe Gasthuis, no bairro central de Amsterdam. Martina foi levada às pressas para um dos quartos do hospital em uma cadeira de rodas, enquanto seu marido acendia um cigarro atrás do outro. Heide chegou esbaforida, por ter subido apressada alguns degraus na entrada do Hospital acompanhada por Merel. Logo em seguida chegaram Luus, segurando o já crescido Finn no colo, Alberdina, a babá e as duas gêmeas.

Todos angustiados, querendo saber notícias de Martina, que a essa altura já estava incomunicável e sendo atendida pelos médicos e enfermeiros do OLVG, como era conhecido o principal hospital da cidade.

Agora era esperar e torcer para que tudo desse certo.

Uma semana antes, Dolf estava em seu ateliê, no segundo andar de sua simpática casa em De Pijp, finalizando o que seria o quarto e último quadro da nova coletânea “O Lobo”, que retratava uma visão crítica para o resgate da sua essência.

Para tanto, o artista havia se debruçado sobre o máximo possível de literatura a respeito do membro mais selvagem da família canídea, conhecido por ser um animal solitário.

Deu muita importância à anatomia, pois queria ser cirúrgico em sua reprodução, então estudou suas imponentes patas adaptadas para uma ampla variedade de terrenos, além de detalhes do crânio, do marcante focinho comprido, e temas relacionados à pelagem como o fato de ela ser volumosa e repartida em duas camadas.

Descobriu que as cores dos olhos do lobo e de seus pelos vão se modificando conforme seu amadurecimento. Quando nascem, os filhotes de lobo tendem a ter pelos mais escuros e as íris dos olhos azuladas, que mudam para um amarelo-ouro na fase jovem entre oito e dezesseis semanas de idade. A pelagem vai também clareando conforme o animal vai atingindo a idade adulta.

Estudou também algo sobre o comportamento do animal, que apesar de levar fama de solitário, costuma viver em alcateias, que são as suas famílias. Esses grupos são extremamente organizados e possuem claros níveis hierárquicos, como o casal alfa, o dominante do grupo, o casal beta, responsável pelo comando secundário, e até mesmo posições inferiores denominadas ômega. Entendeu que, durante a época de acasalamento, normalmente entre janeiro e abril, os animais reprodutores tornam-se muito carinhosos uns com os outros e que durante o cio o casal alfa passa um longo tempo em reclusão.

A série de quatro quadros deveria retratar as diferentes fases da vida de um lobo e seriam pintadas em telas de sessenta por sessenta com técnica de pintura a óleo.

A primeira delas foi a decisão mais simples, pois se passaria em Haarlem poucos minutos após o nascimento dele, e para tanto usou a história que escutou mil vezes para recriar um lobo em uma floresta

em chamas. Substituiu o lobo adulto com os olhos refletindo a fumaça por um jovem lobo de olhos azuis, pelagem escura e com um olhar assustado no meio daquele incêndio. O ponto de luz atingiria justamente o olhar expressivo e dependente daquele lobinho clamando por ajuda.

O segundo quadro foi remetido à própria Amsterdam, cidade onde ele cresceu. Decidiu que o cenário deveria ser a Praça Rembrandtplein, onde começou de fato sua vida de artista, realizando suas primeiras vendas. O lobo estaria posicionado entre as estátuas dos personagens da obra mais famosa de Rembrandt, A Ronda Noturna, que circundam a destacada estátua do próprio pintor, que ocupava lugar central na praça. A pintura a óleo seria feita no pôr do sol e o grande destaque seria o animal se esgueirando entre a milícia do capitão Frans Banning Cocq, como se pudesse a qualquer momento ser capturado. O lobo, com a pelagem um pouco mais clara, teria raios alaranjados do sol poente refletidos em seu dorso.

O terceiro quadro ganharia Barcelona como cenário de fundo. Pensou primeiramente em pintar o animal admirando a Sagrada Família, mas desistiu porque ficou com medo de não conseguir reproduzir a grandeza da inacabada obra de Gaudí. Retomou então ao dia em que pediu Martina em casamento, e pintou dessa vez o lobo acompanhado por uma fêmea, numa bonita noite de luar com o casal embaixo da Pont del Bispe. Os lobos foram pintados como se estivessem uivando uníssonos, ao mesmo tempo que fitavam a lua com olhar de ternura.

A obra final, a quarta e última da nova coletânea, seria pintada às margens do canal Lozingskanaal, perto da casa onde Dolf e Martina estavam morando.

Há quatro meses, um dia muito despretenso teria marcado as memórias de Dolf. Naquela tarde ensolarada, estava sentado com sua esposa em um banco, admirando a simplicidade com que os pequenos barcos desfilavam sobre as águas do Lozingskanaal. Tinham levado sanduíches de atum com maionese e abriram duas boas garrafas de vinho tinto francês enquanto deixavam o dia passar.

Martina lhe contou detalhes sobre sua infância em Madrid e depois as experiências vividas em Santiago e em Londres, além da vida que levava em Caracas. Emocionou-se ao falar de seus pais, e comentou que estava com saudades da tia María Ignacia, sua tutora após o trágico acidente. Conversaram e compartilharam memórias tristes e engraçadas. Fizeram muitos planos para o futuro e não imaginaram que aquele dia despretenso de sol seria imortalizado como cenário para o último quadro de uma série bem íntima sobre o pintor.

Os lobos estariam caminhando lado a lado numa tarde ensolarada nas margens do canal. A loba com uma postura altiva e empinada caminhava orgulhosa alguns centímetros na frente de seu par, enquanto o lobo adotava uma postura protetora, cuidando todo o tempo de sua companheira.

Ao dar a última pincelada na coleção, em fevereiro de 1953, teve certeza de que teria muita dificuldade de vender qualquer um dos quatro quadros. Preferiu não comentar nada com sua esquentada esposa de sangue latino.

Após uma hora de tensão, Dolf foi convidado pelo enfermeiro a entrar no quarto onde Martina estava sendo atendida no Hospital OLVG. Precisou trajar um jaleco esterilizado verde-água e uma máscara.

Finn corria atrás das primas Anna e Isadora pelos corredores do hospital, perseguidos pela

incansável babá. Merel rezava sem parar. Heide ficou preocupada e achou que aquilo estava demorando mais do que o usual e começou a ter palpitações. Chegou a cogitar se queimar no banheiro do hospital, mas por sorte não levou a ideia adiante. As filhas perceberam o nervosismo da mãe e a acalmaram falando que daria tudo certo enquanto a seguravam pelas mãos.

Eis que Dolf saiu descabelado da sala, retirou a máscara branca e comunicou sem muitos rodeios, de maneira ofegante: — O bebê nasceu lindo e saudável. Martina passa bem e o parto natural foi um sucesso.

Depois do súbito anúncio, a pressão do recém-papai caiu bruscamente e ele precisou ser amparado por uma enfermeira que estava ao seu lado para não cair no chão. Bebeu dois copos de água, comeu um chocolate oferecido por Alberdina e, assim, recuperou sua energia. Estava em êxtase e pôde finalmente abraçar toda a família, que festejava a chegada do novo membro da família. Merel não segurou a curiosidade e perguntou: — Afinal, é homem ou mulher?

— Uma linda menina. Vai ter o nome em homenagem à mãe de Martina.

— Qual o nome? – perguntaram Merel, Luus e Alberdina praticamente ao mesmo tempo.

— Vai se chamar Anita. Anita Molina Van Haarlem. – respondeu o sorridente papai.

Poucos sabiam, mas aquela ativa e orgulhosa loba da quarta pintura carregava seu filhote no ventre.

22. *Cacto fumegante*

Os primeiros dois anos de funcionamento da loja, que aconteceram mais ou menos entre o vernissage e o nascimento de Anita, não chegaram a ser decepcionantes, mas seguramente não atingiram a expectativa que Dolf criara após o fatídico dia da inauguração.

Durante esse período, a média de obras vendidas por mês estaria em exatas quatro pinturas, o que seria mais do que suficiente para cobrir os gastos simples do casal, mas que não garantia uma vida luxuosa.

Pelas contas dos dois, e mais precisamente de Martina, que assumiria também o administrativo financeiro da loja e da vida a dois, três obras seria a conta certa para viverem e pagarem todas as despesas, e com quatro pinturas vendidas poderiam economizar alguns florins naquele mês para uma eventual emergência.

Em algum mês em que vendessem cinco ou mais quadros, se dariam de presente alguns pequenos luxos, como roupas novas (para Martina), jantares em bons restaurantes e compra de vinhos grand cru para o abastecimento da adega – nessa ordem de prioridade. Durante aqueles dois anos, somente em três oportunidades superaram o marco de cinco quadros vendidos no mês e o pior resultado mensal foi de somente uma venda realizada. Nunca zeraram as contas até o nascimento da filha.

Martina, além de ficar com a contabilidade, se destacou como a melhor vendedora entre os dois. Para cada quadro vendido por Dolf, sua esposa vendia dois. O marido não se importava, pelo contrário, ficava feliz por amar pintar e detestar vender, e dessa maneira, poderia dar foco ao que realmente lhe fascinava: produzir.

Qualquer traço de personalidade desagradável que encontrava no potencial cliente o levava a quase desistir da venda. Para ver o pintor praticamente mudar subitamente de cor, bastava, por exemplo, um cliente lhe perguntar se poderia fazer aquele mesmo desenho, mas alterando as cores para o quadro combinar com a decoração da casa.

Sua intolerância com a clientela foi motivo de brigas com Martina, que falava que ele deveria respirar fundo e atender com educação as demandas de qualquer potencial comprador. Algumas vezes Martina fechava encomendas de artes para combinar com partes da casa do comprador ou compradora, mas quando passava o requerimento a Dolf, tinha que inventar algum motivo convincente para que ele pintasse o quadro com fundo vermelho, como ter sido pedido assim, pois “lembrava a rosa preferida da viúva”, enquanto na verdade era pra combinar com o sofá da sala.

Dolf normalmente desconfiava quando entravam esses pedidos de customização, mas aprendeu que, nesses casos fazer vista grossa seria a melhor opção para evitar conflitos.

Nesse período, conseguiu vender os quadros que faltavam: dois dos “Holandeses Azuis”, quatro da série “O Sonho” e cinco da coletânea “Mar Negro”, esgotando a venda dessas três coleções. Estavam em sua posse ainda, oito dos dez quadros que havia pintado sobre os poemas do pai e os quatro da série “O Lobo”. Os outros quadros vendidos ou eram encomendas (desde que bem justificadas) ou eram paisagens da cidade que Dolf pintava aleatoriamente para repor estoque e dar boa saída às vendas da

galeria, que foi batizada por ele de Gallery Art Wolf.

Com o nascimento de Anita, Martina teve que se ausentar da loja para se dedicar à criação da filha, pelo menos durante os três primeiros anos.

Foram, então, anos muito difíceis, pois com a liderança comercial assumida integralmente pelo próprio artista, a média mensal despencou para pouco mais de dois quadros vendidos por mês, o que obrigou a família Haarlem a apertar as contas, cortando qualquer tipo de gasto supérfluo, ainda mais porque a matilha agora era de três, e não mais de dois lobos.

Foi especialmente duro para a vaidosa Martina, pois além de encarar mudanças no corpo devido ao período pós-gestação, teve de se encarregar praticamente sozinha da criação da filha e ficou quase três anos sem comprar um vestido um pouco melhor.

Martina insistia para Dolf contratar um vendedor profissional, mas ele justificava que não teria como pagar. Sua esposa contra argumentava que no começo seria um sacrifício, mas depois o resultado compensaria, mas o teimoso marido não lhe dava ouvidos.

Tiveram essa discussão pelo menos vinte vezes ao longo daqueles anos, mas o holandês foi sempre irreduzível. Quando o clima piorava entre os dois e Dolf ficava chateado, Martina o visitava na loja com a pequena Anita, que precisava apenas adentrar o recinto para mudar completamente a fisionomia daquele pai turrão.

No final das contas, conseguiram se manter e superar aos trancos e barrancos aqueles poucos anos. Combinaram que fariam uma pequena festa de aniversário em que comemorariam tanto os três anos da filha quanto o regresso de Martina Molina à parte comercial da loja, onde trabalharia enquanto a filha estivesse na creche.

A festa seria no segundo andar da casa em De Pijp, que foi transformado provisoriamente em um salão de festas para receber a família. Dolf comprou algumas telas em branco e pensou em entreter a criançada ensinando algumas técnicas básicas de pintura para os sobrinhos e obviamente para o seu maior xodó, a aniversariante.

Um banquete foi preparado por Heide, Luus e pela mãe.

Para agradar as crianças, foi servida uma farta quantidade de batatas fritas, além de Frikandel, uma espécie de salsicha sem pele, enrugada e servida com molho curry, e dois tipos de broodje kroket, um croquete holandês servido com mostarda picante dentro do pão, que foi oferecido nas versões de carne ou camarão. Para os adultos, não poderia faltar o Haring, orgulho holandês, o arenque servido cru, salgado previamente e acompanhado de cebolas cruas picadas e pikles. Queijos foram servidos com fartura e de todos os tipos: Gouda, Edam, o furado Maasdam e queijo artesanal Boerenkaas. A sobremesa começava com a tradicional e succulenta torta de maçã, avançava com bolinhos de chuva de massa frita, conhecidos como Oliebollen, e finalizava com o impactante e festejado Stroopwafel, com caramelo escorrendo deliciosamente sobre o biscoito – a alegria da criançada.

Além da cerveja artesanal providenciada em grande quantidade por Dolf nos sabores Pale Ale e Dunkel, tradicionais da cidade de Munique, na Alemanha, Rutger chegou gentilmente com uma caixa do agora famoso Brunello di Montalcino, proveniente da uva Sangiovese. Para as crianças, refrigerante de laranja e frescos de pera ou de melão.

As crianças se divertiram muito pintando as telas com a assessoria de Dolf, que percebeu em sua filha um talento promissor para a arte abstrata, pois representava todos os membros da família de uma maneira que ninguém poderia passar perto de decifrar. Guardou com orgulho uma tela que ela chamou de papai, mas que mais se assemelhava a um cacto verde com um rabo de macaco, uma capa de super-homem e que parecia fumar algo parecido a um cachimbo. Estava convencido de que sua filha andava estudando as obras de Pablo Picasso escondida dos pais.

Anna e Isadora, aos quatorze anos, fizeram todos pararem para assistir a uma improvisada apresentação de ballet, acompanhados por Finn e Anita ao fundo, que com frequência erravam o lado para onde deveriam se direcionar. A apresentação lhes rendeu muitos aplausos e algumas boas risadas.

Rutger, então, começou a contar sobre uma viagem de vinte dias que acabara de realizar junto a Luus e a Finn. Contou detalhes dos roteiros das principais cidades que visitou e fez questão de falar de cada ponto turístico por onde passaram. Contou da Torre de Pisa na Itália, do Big Ben no Reino Unido e da famosa francesa Torre Eiffel. Martina escutava fascinada e, sempre que tinha a oportunidade, arregalava os olhos para o marido, como se insinuasse que eles deveriam fazer algo similar. O gosto por viajar estava no DNA de Martina, e àquelas alturas, já completavam seis anos sem sair de Amsterdam.

Dolf achou aquela conversa de Rutger meio metida a besta, mas escutou com atenção e começou a ter algumas ideias. Conforme Rutger ia falando, Dolf foi ficando cada vez mais interessado e sorridente, e passou a retribuir os olhares de Martina como se estivessem em harmonia, concordando com aquela ideia de tirarem uns dias para explorar terras estrangeiras. Sua esposa foi ficando cada vez mais animada e certa de que alguma coisa boa sairia dali. Ledo engano.

A festa foi acabando e Dolf ajudou seus sobrinhos e sua filha a terminar os quadros que levariam para casa como lembrança da festa. Ensinou às crianças como deveriam assinar o quadro e pôs também seu nome abaixo de onde os pequenos haviam assinado.

No caso de Anita, a assinatura foi feita com a marcação da sua pequena palma da mão com tinta rosa, como se fosse um delicado carimbo abaixo daquele cacto. Dolf havia completado o desenho da filha acrescentando um olho em cada um dos sete caules, um nariz, a letra D de Dolf na capa vermelha e fumaça saindo do cachimbo.

Quando todos foram embora do evento, Martina chegou toda entusiasmada para conversar com o marido: — Você viu a viagem que Rutger e Luus fizeram, cariño? — perguntou a sorridente esposa.

— Claro, amor.

— E? — perguntou Martina.

— E o que, Martina?

— Você não acha que poderíamos fazer uma também, mi amor? Eu vi que você se interessou e prestou atenção em cada detalhe daqueles monumentos. Como o Big Ben eu já conheço, pensei que poderíamos ir à França ou Itália. O que você prefere, mi bebe?

— Eu prefiro todos, meu amor. Mas não vai dar por enquanto. Você sabe que precisamos antes nos recuperar financeiramente. Depois, prometo que viajamos juntos. — Disse Dolf, para desapontamento da mulher.

— Entendo, mi amor. Desde que você cumpra essa promessa eu concordo em esperar um pouco

mais, mas só um pouco. Você não vai me enrolar mais quinze anos, combinado?

— Você tem a minha palavra. — Afirmou o marido.

— Então por que você estava tão animado enquanto Rutger contava sobre a viagem? O Dolf que eu conheço não estaria prestando a mínima atenção naquele papo.

— Você realmente me conhece – disse Dolf com um sorriso no rosto – Ele me deu uma ideia brilhante para a nova coleção de quadros que vou pintar.

— Sabia que tinha alguma coisa escondida por aí. Me conta. Como vai ser a nova série? – perguntou Martina, ainda um pouco desapontada por descobrir que não viajaria tão cedo com o marido.

Dolf então contou detalhes de sua mirabolante ideia. Há algum tempo estava pensando em pintar uma coletânea dedicada apenas aos canais de Amsterdam, mas precisava colocar algo a mais naquela coleção. Pintaria uma série de pelo menos doze quadros sobre os mais de cem quilômetros de canais da cidade, mas adicionaria um ponto turístico, que obviamente não era pertencente aos Países Baixos, a cada uma das pinturas, que deveriam entrar muito discretamente na margem oposta como se fosse uma pequena piada. Apostava que muitas pessoas nem se dariam conta da absurda inconsistência ao fitarem a obra.

Era como se no canal Keizersgracht houvesse uma pequena Torre Eiffel ao fundo, ou se o Coliseu pudesse ser visto em uma das margens do canal Prinsengracht. Divertiu-se em pensar que até uma Pirâmide do Egito podia ser teletransportada para a margem de algum canal como o de Singelgracht, por exemplo.

Dolf não poderia imaginar que aquela série seria um sucesso de vendas, e que após exposta seria inteiramente vendida em apenas dois meses. Não sabia se o sucesso fora devido à sua ideia original ou à volta de Martina à área comercial, mas na verdade havia sido uma mistura dos dois. De qualquer maneira, repetiu a dose criando algumas séries que misturavam praças locais com monumentos importados e depois canais de Amsterdam com personagens famosos que provavelmente nunca haviam pisado na cidade.

23. *Palhaço italiano*

Era final de tarde na pacata região do Langhe, na Itália, onde maravilhosas colinas cobertas de parreirais tradicionais da região de Piemonte se encontravam com os Alpes nevados. Os castelos espelhados pelas colinas davam a sensação de que a era medieval continuava por ali, e num dos castelos, que pertenceu ao Marquês Giovanni di Niccoló, uma histórica cantina de mais de duzentos anos chamada Niccoló Barolo se destacava pela maneira artesanal de produzir seus vinhos.

A vinícola levava a fama de ter produzido a primeira garrafa de Barolo, e independente de ser verdade ou não, o fato era que o habilidoso Pietro Pavanello usava e abusava da história para incrementar as vendas do local.

Naquele final de tarde, após visitas às parreiras, aos barris e depois de uma farta degustação de diferentes vinhos, Pietro vendeu quarenta e oito garrafas entre Barolos, Nebiollos, Barberas e Dolcettos para os oito visitantes que fizeram o tour pela vinícola. Uma média de seis garrafas por pessoa, bem acima dos seus colegas de trabalho, que vendiam com muito esforço entre dois e três rótulos.

Ao contrário de seus companheiros de trabalho, Pietro não era enólogo, mas dominava como poucos a arte de vender. Para os ouvidos de um leigo, parecia entender mais de vinho do que qualquer sommelier do Piemonte ou da Toscana.

Sabia olhar um casal e perceber quem tomava a decisão por ali e manobrava para deixar o outro pensar que a decisão era sua, mas se comunicava de maneira sutil e precisa com quem assinava o cheque. Entendia rapidamente a motivação da compra: se queriam quantidade para encher a adega com vinhos do dia-a-dia ou se queriam ostentar uma antiga garrafa de Barolo como troféu a ser exibido para os amigos.

Pietro não se incomodava de vender muitos vinhos baratos, e para a ocasião se comportava como alguém muito simples, mas sabia usar um misto de classe e arrogância caso precisasse vender uma das preciosidades bem guardadas na adega exclusiva de Niccoló Barolo.

Uma vez identificado o perfil da vítima, sabia inclusive provocá-la, dando a entender que ela não teria condições financeiras para levar uma garrafa da reserva especial. Aquele truque sempre funcionava e o cliente saía com a garrafa mais cara debaixo do braço somente para dar uma lição no “arrogante” Pietro!

Nascido na histórica e pacata cidade de San Gimignano, na região da Toscana, Pietro era o caçula de sete filhos homens e teve que se virar sozinho desde cedo. Entre os meninos da família, era disparado o melhor vendedor do queijo Pecorino produzido pelos pais, o que despertava certo rancor nos seus irmãos mais velhos, pois com as melhores comissões o pequeno rapaz conseguia mais dinheiro do que todos eles. Às vezes mais do que todos eles juntos.

Nunca foi de economizar um centavo. Desde juvenzinho, sempre levou consigo a filosofia “Carpe Diem” do poeta latino Horácio, que dizia “carpe diem, quam minimum credula postero”, algo como “colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã”, um convite para usufruir os momentos intensamente, sem pensar muito no futuro.

O italiano sempre sentiu, ao longo de toda sua vida, aquele coceirinha atrás da orelha que clamava por aventura. Nunca teve educação formal, mas, segundo ele próprio, foi formado pela vida, e como morou em vários países da Europa, dominou idiomas como inglês, francês, espanhol, alemão e o holandês, além do italiano nativo.

Não conseguia parar muito tempo no mesmo lugar, e seu conhecimento de cidades do velho continente era de dar inveja a qualquer experiente viajante.

Pietro Pavanello, depois de vendedor de queijo, teve diversos trabalhos. Vendeu tecidos, frutas, joias, charutos e até roteiros turísticos e ingressos para cabarés e prostíbulos. Além disso, tinha habilidades para malabarismo, percussão e desempenho teatral, o que lhe rendeu diferentes ganha-pães dos mais variados tipos, como, por exemplo, percussionista em uma banda de rua em Berlim e malabarista substituto num circo itinerante.

De outras muitas profissões, uma das mais interessantes a que recorria sempre que precisava de dinheiro rápido era a de palhaço-sombra, tipo burlesco que encarnou em diferentes cidades, sempre em ruas movimentadas, imitando de maneira cômica os passantes. Vestindo uma roupa listrada em branco e preto no estilo prisioneiro, arrancava gargalhadas dos que passavam pelo local, ao mesmo tempo em que seu chapéu de palhaço se enchia de cédulas e moedas.

Ao longo de sua jornada, Pietro aprendeu a degustar as coisas boas da vida, tanto que virou um aficionado por vinhos e charutos. Era conhecido também por ter uma grande queda pelo sexo oposto. Era o típico mulherengo que usava sua maior arma, a lúbia, como poder de persuasão para conseguir conquistar suas escolhidas. Raramente desistia de alguém depois que sua mira estivesse apontada.

O italiano não chegava a ser um sujeito bonito. Possuía altura mediana, olhos castanhos escuros, estava um pouco acima do peso e começara a perder cabelo na altura da testa, que parecia cada vez maior ao longo dos anos. Sua simpatia e sua habilidade comercial, aliadas a uma voz grave e galanteadora, eram as armas que utilizava tanto para vender quanto para conquistar, e no final das contas, considerava o processo o mesmo, que passava sempre pela arte da sedução.

Em um determinado dia e mês de 1969, após três anos trabalhando e vivendo na acolhedora Cantina Niccoló Barolo, sentiu novamente a presença da sua velha amiga comichão, que amavelmente lhe sussurrava ao pé da orelha que aquela fase já estava por terminar e que muito em breve deveria arrumar a bagagem e partir para alguma nova odisseia. Tinha por filosofia que a aventura seguinte era sempre melhor do que a anterior e que o novo era sempre melhor do que o velho, com exceção de vinhos e whiskies.

24. *Alea jacta est*

Aquele domingo seria muito especial para Dolf. Ele estava na companhia de Martina e Anita, agora uma menina de oito anos, animado e esperando no aeroporto. Ainda não era dessa vez que o artista realizaria o sonho da esposa de viajar mundo afora, mas estavam todos entusiasmados pela chegada do amigo Dukker, que passaria uns dias na cidade.

Fazia doze anos que não se viam, e da última vez em que se falaram ao telefone, Dukker contou que estava casado com uma espanhola, sem filhos, e reclamou muito da intensidade do trabalho, cada vez mais cansativo e desgastante.

Quando o médico saiu da área do desembarque, a sensação foi de que aquela despedida na estação de Barcelona Sants havia sido na semana passada. As primeiras palavras escutadas por Dukker seriam: — E aí, amigo, fez uma viagem tranquila? – Perguntou o alegre Dolf.

— Não somente fiz uma viagem tranquila, como também fiz uma tranquila viagem. – respondeu Dukker, já dando risada e puxando o amigo para um abraço apertado e um beijo no rosto.

Dolf não achou o afeto de todo ruim e desta vez se deixou levar, mas não por muito tempo.

A percepção de Dukker era de que Dolf estava igualzinho, apenas com os cabelos em uma transição natural de loiro para branco e com a pinta no rosto um pouquinho mais saltada. Comentou gentilmente que a idade havia deixado Martina ainda mais linda e agarrou no colo aquela menina que ainda não conhecia e lhe apertou as bochechas com vontade. Anita fez uma cara de que aquilo era muita intimidade para um primeiro encontro e solicitou que o médico a pusesse imediatamente no chão.

Pelo lado do casal Van Haarlem, o consenso foi de que ele havia engordado pelo menos mais dez quilos e de que finalmente teria parado de disfarçar a careca, mas acharam gozado o fato de ele conservar os cabelos restantes da nuca compridos e pouco abaixo do pescoço, fazendo um estilo careca-cabeludo.

Após aquela euforia dos primeiros quinze minutos de conversa, Martina avisou: — Dukker, estava morrendo de saudades. De verdade! Mas combinei com Dolf que hoje vou tirar a tarde para fofocar com Luus, dessa maneira deixo vocês meninos à vontade para matarem as saudades e botarem o papo em dia. Você podia aproveitar e quem sabe dar uns bons conselhos ao seu amigo, que precisa em algum momento relaxar a cabeça e levar sua maravilhosa mulher pra viajar.

Os dois agradeceram e deram uma passada rápida na casa da família do recém-chegado para deixar as malas. Uma hora depois, já estariam sentados no Paul's Bar para finalmente se atualizarem sobre as últimas novidades. O pintor começou perguntando sobre o casamento, e no primeiro tópico já foi pego de surpresa pelo amigo: — Na verdade já estou separado, esse foi um dos motivos da minha vinda. – Disse Dukker.

— Como assim? – perguntou Dolf, em tom de surpresa.

— É uma longa história, mas se você não se importar posso resumir os melhores momentos.

— Mas é claro, estou aqui pra beber e te escutar.

Dukker então deu um longo gole na caneca de cerveja, respirou fundo e começou: — Acho que não cheguei a te contar como conheci a Clara, que por sinal tinha a pele morena e era conhecida por Pequena.

— Não contou não, amigo. Com certeza seria uma história que me lembraria.

— Pois bem, lembra-se do nosso restaurante indiano favorito? Uma vez, estava eu lá sozinho, despretensiosamente jantando, quando uma mulher se engasgou com uma azeitona e começou a entrar em desespero...

— Nossa! – exclamou o pintor.

— Como o médico trabalha vinte e quatro horas por dia, lá fui eu aplicar a manobra de Heimlich, que consiste basicamente em fazer pressão com as mãos contra o estômago da vítima para dentro e para cima. Após três movimentos, consegui salvar aquela donzela indefesa, que ficou muito agradecida e começou a frequentar meu consultório.

— E aí vocês se apaixonaram. – interrompeu Dolf.

— Exato, Sherlock! Nos apaixonamos, nos casamos, e além de perceber que havia casado com uma hipocondríaca que praticamente vivia no consultório, tive que atender gratuitamente toda sua família de quatro irmãos e não sei quantos mil tios, primos, pais, e sobrinhas.

Dolf já começava então a soltar algumas gargalhadas.

— Pra você ver, Dolf, além de reduzir meu faturamento pela metade, ainda dobrei meu volume de trabalho. Sem contar aquele maldito pai, que me comparava todo o tempo com o bem sucedido genro que morava numa porra de uma mansão na cidade. Aliás, toda a família só falava de dinheiro, mas a Pequena não queria saber de trabalhar e tinha até preguiça de dar ordens na senhora que fazia o asseio lá de casa.

— Meu Deus, Dukker. Foi por isso que você se separou?

— Mais ou menos, meu amigo. Na verdade, nosso relacionamento já estava desgastado. Até o sexo era terrível! Eu tinha praticamente que implorar de joelhos por uma noite de amor que deveria acontecer em frequência trimestral no último ano.

— Então foi esse o motivo do divórcio? – perguntou Dolf.

— Na verdade você vai dar risada, mas o divórcio veio após uma briga feia. Acho que a briga foi o estopim e ela falou que nunca mais queria voltar a olhar na minha cara depois daquilo.

— O que você aprontou? Seu grande safado!

— Foi bobeira, nada demais, coisa bem pouca mesmo. Um belo dia, em um jantar lá em casa em oferecimento a uma das tias que já nem lembro o nome, a Pequena estava preparando a única receita que sabia fazer, o bolo de chocolate, uma delícia por sinal.

— Entendi os quilos extras, mas e aí? O que aconteceu?

— Eu estava meio chateado com aquela família chata, sobretudo com o meu sogro, então enquanto

Pequena preparava o bolo, resolvi preparar a minha singela vingança. Estava no banheiro cortando as unhas do pé que estavam grandes e guardei no bolso da calça a unha do dedão direito. Quando Pequena se distraiu, eu joguei a dita cuja na massa do bolo.

— Meu Deus do Céu, Dukker! Você não fez isso! E ela não percebeu?

— Na hora ela viu e perguntou o que eu tinha feito. Falei que joguei um pouquinho mais de açúcar, pois gostava do bolo bem docinho.

— E aí, Dukker, o que aconteceu? – perguntou Dolf, divertindo-se muito.

O médico deu mais um gole na caneca de cerveja até terminar tudo e pediu mais uma rodada para os dois.

— Conta logo, seu safado! Onde foi parar a unha nojenta do seu dedão?

— Adivinha, Dolf. – respondeu Dukker, enquanto acendia lentamente seu cigarro.

— Minha aposta é que foi direto pra boca do sogrão.

— Por mais que fosse meu desejo, a bichinha foi parar logo na boca da Pequena. Quando ela tirou o pedaço com os dedos e olhou praquela unha achocolatada, na hora entendeu que eu não tinha açucarado porcaria de bolo nenhum.

Dolf mal conseguia falar de tanto rir. Teve que recuperar o ar, se concentrar e continuar a conversa: — E por isso vocês separaram? – perguntou Dolf, concentrando para não voltar a gargalhar.

— Exatamente, Sherlock. Casamos pela azeitona e nos separamos pela unha do meu dedão. Essa é a história da minha vida, não poderia me representar melhor. Estava até pensando em escrever um livro sobre isso. – divertia-se Dukker.

Os amigos riram por alguns bons minutos. Aproveitaram pra acender mais alguns cigarros e secaram mais uma rodada de cerveja.

— Mas me conta, Dolf, chega de falar das minhas desgraças. Como vai a sua vida?

— Tudo bem por aqui, meu amigo. Com Martina vai tudo bem, tirando essa pressão grande que ela está fazendo para viajarmos.

— Lembro dela ter mencionado algo sobre isso no aeroporto. E Anita?

— A menina é um doce e muito inteligente. Infelizmente pintura não é o seu forte, mas tem dotes musicais avançados. Está estudando piano clássico e já pode ler e tocar umas valsinhas.

— Que maravilha, meu amigo. Ela me pareceu uma menina muito doce.

— Muito apegada comigo. Ela é um presente divino. – respondeu o pai babão com os olhos marejados.

— E a galeria, meu caro. Como vai?

— É difícil, sabe Dukker. Tem meses que vai bem, tem meses que é uma grande merda, mas não posso reclamar. Estou longe de ser rico ou famoso, mas consigo tirar o sustento da minha família fazendo

algo que amo. Quando fico puto da vida tento lembrar sempre disso, e acho que tem o seu valor, concorda?

— Poxa Dolf, você é o meu orgulho. Sempre te falei que você não era covarde e que daria tudo certo. Melhor coisa que fez da vida foi não ter virado um advogado chato. Você merece meu amigo, vamos brindar ao homem que vive da arte.

E canecas estalaram no ar, misturando seus líquidos, como era feito na era medieval para evitar envenenamento entre os nobres. Mais cigarros foram acesos e o papo foi continuado: — Pois eu tenho duas novidades pra te contar. – Afirmou Dukker, empolgado – E pode ter certeza de que as decisões são inspiradas em você.

— Em mim? E de que se trata?

— Preparado? – perguntou Dukker, soltando depois a fumaça do cigarro com olhar misterioso.

— Deixa de suspense e desembucha logo.

— Novidade número um: Minha vinda não é apenas por uns dias, eu vim pra ficar.

— Não acredito, Dukker, sério mesmo?

— Aham. E não quer saber do que se trata a novidade número dois?

— Que você está grávido! – afirmou Dolf, o piadista.

— Engraçadinho! Mas vou contar mesmo após essa piada de péssimo gosto. Vou dar um tempo na medicina e, assim como você, vou me dedicar ao meu sonho.

— Vai abrir a sua cervejaria? – Perguntou Dolf todo empolgado, já erguendo sua caneca de cerveja.

— Exato, Sherlock! – rebateu Dukker, e o brinde foi tão efusivo e violento que as duas canecas se quebraram, lambuzando a mesa e o assoalho ao redor de cerveja derramada e de cacos de vidro.

Então o novel cervejeiro, de pé na cadeira, com a mesa do bar cheia de cacos de vidro e com cerveja escorrendo para tudo que era lado, ergueu as duas palmas das mãos para cima e bradou com bravura e potência para quem quisesse ouvir: — “ALEA JACTA EST” – expressão em latim para “a sorte está lançada”.

25. *Feliz de fato*

Era o ano de 1966 quando Dolf resolveu que pintaria o último quadro da série de quinze das poesias de Finn. Dos quatorze já concluídos, o pintor conservava doze consigo, pois um deles fora comprado por um desconhecido em sua vernissage e o outro abandonado perto da Capela de Santa Ágata na Praça del Rei em Barcelona. Chegou a cogitar refazer esses dois que faltavam, mas sentiu que estaria trapaceando a si próprio, então achou melhor se conformar e deixar como estava.

O problema que tinha agora em mãos era o décimo-quinto poema, que além de estar incompleto, nem título possuía. Trazia pouca informação para a pintura, mas Dolf resolveu dar um jeito assim mesmo.

O poema estava assim.

“Sobre gigante azul turquesa, Um barco pequeno de madeira, Carrega um pulsante coração, Pois é de alma aventureira, Que transborda sem fronteira, Repetindo a mesma direção.

Raios solares...”

No ateliê de sua casa, armou o cavalete, posicionou a tela, leu o fragmento da poesia umas trinta vezes, mas não conseguiu sair do lugar. Quando se deu conta, já haviam se passado duas horas que ele lia a poesia, encarava a tela em branco, lia novamente a poesia, buscava por inspiração e nada fazia. Já eram quase dez da manhã e estava na hora de sair para abrir a loja.

Quando chegou à loja, começou a escutar uns miados baixinhos e abafados, como se houvesse algum gato por perto. Procurou nas redondezas, mas não achou nada. Entrou, acendeu as luzes, mudou dois quadros de posição e, quando foi para o pequeno depósito buscar um quadro para substituir outra pintura, achou o pequeno felino, que muito provavelmente passara a noite ali trancado.

Era um pequeno macho com cerca de quatro meses de idade, misturado entre branco e rajado de laranja. Tinha as patas dianteiras, a barriga, o peitoral e a maior parte da face até a altura superior dos olhos na cor branca. As orelhas e o restante da cabeça, o dorso, o rabo e as patas traseiras eram em tons rajados de laranja claro e escuro. Tinha os olhos na cor verde, o focinho rosado e, o que chamou imediatamente a atenção de Dolf, uma parte da orelha direita era cortada. Dolf não teve a menor dúvida e na mesma hora o chamou de Vincent, apesar de Van Gogh ter sido mutilado do lado esquerdo.

Ofereceu um copo de água para o pequeno felino, que bebeu como se fosse a última Coca-Cola do deserto. Concluiu, então, que Vincent deveria estar também faminto. A única coisa que havia levado consigo para a loja aquele dia era um pedaço de queijo Gouda, que foi aceito sem qualquer cerimônia pelo bichano. Telefonou então para Martina, que estava em casa, e pediu que, quando viesse à galeria perto da hora do almoço, trouxesse algo com mais substância para o pequenino.

Dolf então começou a pensar em quem poderia querer criar aquele gato. Pensou em Heide, Anelise, Alberdina e até mesmo em Dukker, mas se questionou se eles tratariam Vincent suficientemente bem. Quando se deu conta, Martina já estava chegando esbaforida, com um pedaço de carne embrulhado no jornal.

Quando foi cumprimentar a esposa, esta lhe passou o jornal, pegou o gato no braço e falou manhosamente em espanhol.

— Mira que lindo es nuestro nuevo hijo!

Naquele momento, vendo Vincent se deliciar com aquele pedaço suculento de carne enquanto recebia mimos de Martina, Dolf teve a certeza que a família ganhava mais um integrante e que nada faria sua mulher mudar de ideia. Preferiu nem tentar, ainda porque fizeram uma boa venda na parte da tarde, que Martina atribuiu ao fato da senhora compradora gostar de gatos e ter simpatizado com a presença de um vira-lata na loja, ainda mais com aquele nome.

Martina voltou para casa empolgada para mostrar o gato à filha, que sempre sonhou com um animal de estimação. Na verdade ela sempre falou de um cachorro, mas os pais acharam que aquilo iria atender bem.

Dolf havia combinado que encontraria Dukker na sua cervejaria, que na verdade não era bem uma grande cervejaria e sim um brewpub. Como um conceito relativamente novo em Amsterdam, os brewpubs são bares que produzem a própria cerveja no local e só a vendem ali mesmo. O de Dukker se chamava “De Oude Dokter”, ou DOD para os íntimos, que quer dizer “O Velho Médico” ou “O Velho Doutor”.

O equipamento de Dukker permitia produção e armazenagem de até quatro tipos de cerveja, que iam se alternando conforme as estações no ano. Geralmente produzia as mais leves como a Witbier ou a Bohemian Pilsner no verão e as mais escuras e pesadas nos meses mais frios, tais quais as Stouts, Porters e Dunkels. A Pale Ale era mantida durante todas as estações do ano, por ser no meio do caminho e também por ser a preferida do melhor amigo. A verdade por trás disso é que Dukker havia perdido novamente uma aposta para o pintor, portanto além de manter contínua a produção desse estilo durante todo o ano, teve que chamar sua cerveja de “Pale Dolf Ale”.

Naquela noite, beberam juntos e brindaram ao empreendimento de Dukker, que havia quitado todas as dívidas bancárias e, depois de muito investimento e dedicação, estaria pronto para sustentar com dignidade o antigo médico, que se deu conta de que trabalhava três vezes mais no bar do que com a antiga profissão. Pelo menos estava realizado – pensava ele nos momentos difíceis.

Dolf voltou para casa animado para ver a reação da filha, que havia amado o “presente” e que já andava grudada com o gato para lá e para cá.

Resolveu que daria uma nova chance à poesia que o esperava incompleta no segundo andar da casa. Pegou aquele papel e viu que tinha outra folha pertinho do original de seu pai. Ele não podia acreditar que sua delicada filha, aos treze anos de idade, havia terminado os versos de seu avô.

A poesia completa havia ficado assim:

*“Sobre gigante azul turquesa, Um barco pequeno de madeira, Carrega um pulsante coração,
Pois é de alma aventureira, Que transborda sem fronteira, Repetindo a mesma direção.*

*Raios solares iluminaram um novo dia, Que nascia mais de cinquenta anos depois, E fizeram um
coração transbordar de alegria, De uma menina feliz de fato, Que agora se sentia mais completa, Com
a chegada de Vincent, o gato!”*

Assinado: Finn e Anita.

Dolf foi observado sorrateiramente pela esposa enquanto lia, emocionado, aquelas palavras tão singelas e ao mesmo tempo grandiosas. Achou que, além de talento indubitável para a escrita, aquele gesto de completar o poema do avô, que nem sequer havia conhecido, era de uma nobreza sem igual. Reparou até no detalhe das assinaturas, reproduzindo a letra de Finn e acrescentando a dela. Foi então surpreendido e abraçado pela esposa, que cochichou baixinho: — Nossa filha ficou muito feliz com o gato. E se existe uma coisa que fizemos direito, foi criar bem essa menina.

No dia seguinte, Anita acordou com uma tela encostada na parede de seu quarto. Era um lindo barco, navegando num mar azul turquesa, com uma mulher, um homem, uma menina e um gato a bordo. De longe, em uma pequena ilha, um homem baixo, loiro, bigodudo e de nariz adunco sorria orgulhoso e saudava a família na embarcação.

Anita ficou feliz ao ver seu pai pendurar aquele segundo presente na parede de seu pequeno quarto. Vincent, que acompanhava a cena, fugiu para baixo da cama com o barulho das marteladas.

26. *A lua, o sorriso e a caixa preta*

Em 20 de julho de 1969, Neil Armstrong e Edwin Aldrin entraram para a história como os primeiros astronautas a pisar na lua. Mais de seiscentos milhões de pessoas acompanharam o evento ao vivo pela televisão, dentre elas, Martina Molina e Dolf Van Haarlem. O pintor ingenuamente comentou: — Inacreditável o que estamos presenciando. Sem dúvida, vai mudar a história da humanidade.

Foi então que sua esposa respondeu, sem pestanejar: — Inacreditável é terem levado os astronautas americanos até a lua, e você não ter me levado em nenhuma viagensinha sequer ainda.

— Mas meu amor... – tentou Dolf, em vão, argumentar, mas logo percebeu haver perdido uma grande oportunidade de ter ficado calado.

— Agora você vai me escutar! Em 1956, você me prometeu que iríamos viajar assim que estivéssemos mais estáveis. Na época nossa filha tinha três aninhos, agora a menina já tem dezesseis e nada ainda. Como pode?

— Mas... – arriscou novamente o pintor.

— Por mim já chega! Treze anos esperando essa bendita viagem! Ou você vai comigo ou vou viajar sozinha pela Europa. E se reclamar vou pra mais longe ainda, vou passar uma temporada no Japão!

— Tá bom Martina, você venceu. Vamos viajar! – entregou-se Dolf, depois do argumento inabalável sobre os homens pisando na lua.

— Combinado, então vamos viajar. Quero fazer uma viagem de três meses, um mês na Europa, um na Ásia e outro na América do Sul para visitar minha família. – sugeriu Martina.

— Impossível eu me afastar tanto tempo assim da loja, sem contar que você sabe que não temos dinheiro para isso. Proponho uma semana percorrendo as vinícolas francesas de carro.

— Não esperei treze anos para uma viagensinha fajuta de uma semana num carrinho mequetrefe. – respondeu Martina, indignada. – Proponho um mês e meio, pelo menos em quatro países da Europa e dois sul-americanos.

— Nada disso, vamos fazer Portugal e França durante duas semanas conhecendo as vinícolas. – Propôs Dolf.

— Muito pouco, seu pão-duro! Vamos a Portugal, França, Grécia, Itália e Venezuela por um mês. – Propôs Martina.

— Não, não e não! Minha oferta final é viajarmos por Portugal, França e Grécia, durante três semanas. Fazemos parte da viagem em trem e parte em avião, e de lambuja, na Grécia estou considerando as ilhas de Mykonos e Santorini, além de Atenas. É pegar ou largar!

— Negócio fechado! – comemorou a saltitante Martina, que pulou para abraçar seu marido, pendurando-se nele e o envolvendo com braços e pernas.

Comemorou por alguns minutos, e estava ainda em estado de euforia quando o marido a trouxe de volta da lua para a terra: — Mas tem uma condição.

— Não comece com condição, Dolf Van Haarlem! – Exclamou uma quase furiosa mulher.

— Calma, amor, é coisa simples. Não vou fechar a loja. Não posso fechar a loja. Preciso achar algum vendedor pra tocar o negócio durante as três semanas. Apenas isso, combinado?

— Combinado, mi amor. – respondeu uma quase calma mulher.

— E tem que ser alguém que goste de gatos pra cuidar do Vincent durante o expediente.

— Conta comigo, mi amor. Vamos achar a pessoa certa pra cuidar do nosso bebê. Que tal Luus?

— Nem pensar, e pode esquecer Alberdina e Merel também. Nenhuma das três entende nem de arte nem de gato – afirmou o pintor.

— E afinal, quando vamos? – perguntou a curiosa mulher.

— Assim que tivermos a pessoa contratada, mas tem que ser a pessoa certa.

— Ai ai ai Dolf, se eu te conheço sei que essa não vai ser uma tarefa nem fácil, nem rápida.

Enquanto seus pais celebravam e ajustavam os ponteiros para o planejamento da viagem, Anita estava aproveitando suas férias escolares na casa da sua melhor amiga, Mia. As duas estavam trancadas no quarto escutando a música Hey Jude, do último volume dos Beatles, e aproveitavam para fumar às escondidas.

O interesse de Anita por música era cada vez maior e mais eclético, e abrangia desde música clássica até o rock de seus mais atuais ídolos, a banda formada pelos amigos de Liverpool. A menina sempre teve uma criação muito liberal por parte dos pais, principalmente pelo pai coruja, que a todo o momento incentivava seu lado artístico através da música ou da escrita. Há algum tempo, após um par de tentativas frustradas, Dolf tinha se conformado que as artes plásticas não eram o ponto forte da sua filhota.

A jovem era a mistura genética exata e equilibrada dos pais. Herdou o chamativo corpanzil da mãe, com direito a todas suas partes mais proeminentes, porém as cores eram do pai, tendendo mais para a tez pálida holandesa do que para a estética vibrante latina. Sonhava em ser mais morena como a mãe, mas se dava por satisfeita em haver herdado seu bonito corpo, além de ter sido beneficiada com cabelos mais fartos provenientes do lado Van Haarlem. Tinha quase um metro e oitenta de altura e os olhos verdes, acinzentados, pareciam os de Vincent, seu gato de estimação.

Toda sua encantadora beleza não era suficiente para elevar-lhe a autoestima, pois Anita tinha muita vergonha do seu sorriso. Achava que tinha os dentes amarelados, e se incomodava demais com o fato de ter diastema, que no seu caso era um espaçamento entre os dois dentes frontais da arcada superior.

Por mais que seus pais achessem aquela característica muito charmosa e insistissem que lhe conferia característica única, eles entendiam o sentimento da filha e se mostravam dispostos a pagar um tratamento caso ela julgasse necessário. Anita não aceitava, com medo de usar aquele objeto horrível

com extensões por fora da boca, conhecido pelo apelido de estribo. Pra tentar disfarçar seu pequeno trauma, a adolescente sorria de boca fechada e falava um pouco para dentro, tentando não exhibir os dentes.

Mesmo com todos os esforços, ganhou alguns apelidos maldosos na escola, tanto por parte de certas meninas invejosas como por meninos que brincavam com ela como forma de lhe atrair a atenção. Detestava todos eles, até mesmo quando a chamavam de Lauren, em referência à modelo americana Lauren Hutton, que fazia sucesso com seu charmoso sorriso de incisivos separados.

Naquela tarde de férias, Anita e Mia viviam a rotina típica de adolescentes de dezesseis anos, escutando música, fofocando sobre garotos e dando suas primeiras tragadas no cigarro escondidas dos pais. Tinham a capacidade de escutar a mesma música até dez vezes seguidas, enquanto sonhavam em como seria, e o mais importante, com quem seria o primeiro beijo na boca.

Quando Anita ficou sabendo da notícia de que os pais em breve passariam três semanas fora, implorou de joelhos que a deixassem ficar por esse tempo na casa da amiga Mia, cujos pais eram pessoas responsáveis. O pedido foi devidamente negado, mas em contrapartida foram oferecidas as opções de hospedagem na casa da avó Heide e da tia Merel, ou então com alguma das outras duas tias.

— Tanto faz. – respondeu a adolescente em tom blasé.

Vincent tinha pouco mais de quatro anos quando foi informado pela carinhosa Martina que em breve seus donos viajariam pela Europa. O gato não entendeu nada e continuou arranhando o pequeno tapete da Gallery Art Wolf. Foi então repreendido por Martina.

Adulto, Vincent se tornou um gato gordo e preguiçoso. Dava expediente sempre que a galeria estava aberta e o resto do tempo gostava de passar no segundo andar da casa, onde tinha sua cama de caixote de papelão armada próxima ao local preferido de pintura de Dolf. De lá, gostava de observar pela janela a movimentação nas casas vizinhas.

No trajeto entre a casa e a galeria, era transportado dentro de uma caixa preta furada, e muitos passantes se questionavam sobre que tipo de animal poderia haver ali dentro. Martina havia tentado uma única vez levá-lo pela coleira, mas logo viu que a chance daquilo funcionar era nula.

Vincent não gostava de sair de casa e tampouco deixava a loja quando estava por lá. Não gostava de caçar pássaros, embora adorasse observá-los. Recusava-se a perseguir ratos ou pequenos insetos. Seus principais passatempos eram dormir, escutar Anita ao piano, atrapalhar o processo criativo de Dolf derrubando pincéis e tintas e roçar nas pernas dos clientes das lojas.

De alguma maneira ajudou Dolf e Martina a concluírem algumas vendas, sobretudo quando divertia a clientela que achava graça ao saber seu nome. Dolf se recusava a vender qualquer peça para clientes que não entendessem a associação do gato com o imortal Van Gogh.

Até os quatro anos de idade, duas vezes foi esquecido trancado na galeria durante a noite. Na segunda vez, destruiu uma pintura.

27. *La Máquina*

No balcão da Gallery Art Wolf, Dolf e Martina estavam debruçados sobre uma pilha de pelo menos trezentos currículos. Seria a primeira experiência do casal liderando um processo de recrutamento e seleção para a vaga de vendedor da loja, ou de Gerente de Relacionamento, como eles preferiram chamar por entenderem ser um título elegantemente mais apropriado.

O anúncio saiu no De Telegraaf, um dos principais jornais da cidade, numa seção reservada para oportunidades de emprego. A maioria dos currículos chegou através dos correios, mas alguns foram entregar pessoalmente o resumo profissional. O primeiro descartado foi o de uma senhora que entregou o currículo do marido, que insistia em não querer trabalhar, pois achava aquilo tudo muito cansativo – segundo a própria. Após o primeiro descarte, o casal contemplou por um bom tempo aquela pilha de papel, sem saber o que fazer para classificar todos os currículos restantes.

Começaram a discutir os mais diferentes critérios. Dolf sempre priorizava pessoas com vivência multicultural que tivessem experiência prévia em venda de arte, além de requinte e elegância. Domínio de outros idiomas também contaria pontos a favor. Martina estava mais preocupada em esmiuçar os resultados comerciais, e não se importava tanto com características pessoais. Preocupava-se em avaliar crescimento e atingimento de metas, pois pensava que quem vendia carros poderia vender arte sem maiores dificuldades – pelo menos na Venezuela funcionava assim, segundo ela.

Decidiram então que cada um avaliaria todos os resumos e os classificaria, anotando entre zero e três estrelas na margem inferior do papel. Como eles eram dois avaliadores, o máximo de estrelas que um currículo poderia atingir seria de seis. Após a avaliação, convidariam todos que tivessem conquistado pelo menos quatro estrelas para uma entrevista presencial.

Dividiram aquele montão em duas pilhas e, após três horas de trabalho intenso, chegaram a uma lista de vinte e três nomes que receberiam um telefonema de Martina já definindo uma agenda para a conversa. Combinaram que entrevistariam pelo menos dois profissionais por dia, para não atrapalhar tanto assim o funcionamento da loja, o que levaria à conclusão do processo em pouco mais de duas semanas de trabalho.

Quando realizava a ligação, Martina aproveitava para anotar as impressões iniciais ao telefone, e percebeu que não estava preparada para responder perguntas que já começavam a surgir tais quais horário de trabalho, salário, comissão e até coisas mais bizarras, como o senhor que perguntou se era mandatório trabalhar de pé o tempo inteiro ou se poderia sentar-se quanto a loja estivesse vazia.

Com o cronograma de entrevistas montado, começaram a definir respostas prévias a qualquer tipo de pergunta e também, obviamente, as perguntas para os entrevistados. Acordaram que os dois participariam ao mesmo tempo da avaliação e que entrevistariam os candidatos sentados no balcão da loja, deixando a cadeira reservada ao cliente para o profissional a ser entrevistado.

Nunca imaginaram que se divertiriam tanto com aquele processo de seleção. Deram boas risadas, aprenderam sobre técnicas de vendas com os candidatos e anotaram uma quantidade valiosa de

informações. Martina tinha o hábito de escrever praticamente tudo que os candidatos falavam - para a surpresa do marido, que não conhecia sua habilidade e velocidade para a escrita. Passou a se referir a sua esposa como “La Máquina Molina”.

Ao revisar o material, Dolf deu tanta gargalhada com os manuscritos de sua esposa que resolveu montar um pequeno compilado, reproduzindo de maneira fiel e exata os melhores trechos escritos por ela. O arquivo, que foi batizado por ele de “Mejores Momentos, por la Maquina Molina”, continha o que ele achou de mais engraçado segundo as anotações de sua esposa: Mejores Momentos, por la Maquina Molina

1. Candidato: Andries Van Lochem Nacionalidade: Holandês

Magro, alto, um pouco tímido e bem vestido (blazer ajustado e gravata impecável).

Pergunta: “Qual o seu artista favorito”?

Resposta: “Gosto muito daquele artista que pinta quadradinhos vermelhos, azuis e amarelos, mas honestamente esqueci o nome daquele senhor”.

Observação: Eliminado por despreparo, memória ruim e mau gosto.

2. Candidata: Bianca Canevaro Nacionalidade: Italiana

Penteado lindo e bolsa Salvatore Ferragamo mais linda ainda (preciso comprar uma igual). Arrogante. Possivelmente falsa. Bom perfume (preciso descobrir qual é).

Pergunta: “O que você faria se o cliente pedisse um desconto de 20% para comprar um quadro”?

Resposta: “Que aquilo era tão ofensivo quanto entrar numa loja da Ferrari e pedir para levar um carro com 20% ou com qualquer outro desconto. Que ele deveria repensar seu modo de enxergar arte e que poderia voltar quando estivesse mais consciente e com o dinheiro integral na carteira”.

Observação: Por mais que faça sentido, nunca podemos falar isso com os clientes. Eliminada!

3. Candidato: Klaus Bäuml Nacionalidade: Alemão

Forte e bem apessoado. Roupas um poucos desleixadas. Mau hálito.

Pergunta: “O que você considera a maior conquista de toda a sua carreira”?

Resposta: “Ter corrido cem metros rasos em menos de treze segundos na época em que eu era atleta profissional”.

Observação: Bom exemplo de superação, porém pouco apelo comercial. Eliminado.

4. Candidato: Larz Van Rijswijk Nacionalidade: Holandês

Calvo, suado e com uma gravata fora de moda. Aperto de mão molenga, sem firmeza.

Pergunta: “Como você abordaria um cliente que aparenta estar interessado, olhando fixamente para uma determinada tela”?

Resposta: “Bem, eu primeiro deixaria o cliente à vontade, pois você sabe, não é mesmo? A

pior coisa que pode ter é quando você entra numa loja e vem logo um vendedor em cima querendo te empurrar aquele produto. Na semana passada mesmo, fui numa loja de sapatos, pois precisava comprar sapatos pretos. Sempre gostei mais dos marrons, mas ganhei de aniversário um cinto preto que gostei muito e senti a necessidade de ter um bom sapato para combinar. Então entrei na loja, que me foi recomendada pelo marido da minha prima, um ex-aviador que se aposentou por problemas de visão e que entende muito de cintos e sapatos. Pois bem... Onde eu estava mesmo? Há, lembrei! Entrei na loja e o vendedor...”

Observação: Deus tenha misericórdia deste homem. Prolixo. Impossível escrever tudo que foi respondido para apenas uma pergunta. Entrevista infinita. SOS. Eliminado.

5. Candidata: Betsie Van Persen Nacionalidade: Holandesa

Loira, alta, magra, mais jovem que eu. Cílios postiços e esmalte vulgar.

Pergunta: Caso hipoteticamente tivéssemos uma obra como a Guernica de Pablo Picasso, como você explicaria para o cliente?

Resposta: Eh... Me dá um minuto, deixa eu pensar – silêncio constrangedor - Poxa, mas essa obra é muito complexa pra explicar. Não tem algum outro exemplo?

Pergunta (continuação): “OK, então use a obra de Noite Estrelada de Van Gogh”.

Resposta: “Ok, me dá só um minutinho – silêncio constrangedor – Essa é uma obra muito bonita. Que mostra uma noite muito bonita com o céu estrelado. Quem pintou foi Van Gogh.”

Observação: Até minha tia-avó venezuelana saberia explicar dessa maneira. Eliminada.

Uma curiosidade sobre Betsie foi que ela se encantou com o felino da loja, que roçou em suas pernas durante grande parte da entrevista. Quando Dolf lhe falou que o gato se chamava Vincent, ela comentou: “Nossa, que nome sério pra um gato. É em homenagem a algum ator?”. O pintor lhe respondeu educadamente que não, era em homenagem a um pintor holandês, mas que não se tratava de ninguém muito conhecido.

Além dessa pequena série de perguntas e respostas, que Dolf fez questão de exibir para todos os familiares, outras coisas curiosas aconteceram durante a entrevista. Uma delas foi um senhor português que chegou todo suado, com a mão molhada e que desmaiou quando Dolf lhe fez a primeira pergunta da entrevista, que era justo a mais fácil: “O senhor gosta de arte?”.

Houve também uma holandesa que falou que era fluente em espanhol e em inglês, e não conseguiu soltar nem sequer uma palavrinha quando foi testada por Martina. Começou a tossir, soltou uns barulhos estranhos, alegou que estava com dor de garganta e aquela não seria uma boa ocasião para falar outro idioma, pois poderia piorar sua condição. Depois disso, foi simulando uma tosse até o final da entrevista.

No final das contas, dos vinte e três entrevistados, apenas dois chegaram como finalistas. Um deles era um distinto senhor inglês, que realmente entendia de arte, conversou horas com Dolf e fez muitos elogios ao seu material. O pintor se encantou com o candidato e, por ele, já teria tomado a decisão ali na hora mesmo, principalmente por compartilharem de muitas opiniões sobre pintores famosos. Mas, de alguma maneira, Martina achou que o senhor conhecia de arte, contudo não dominava a arte de vender, pois não se saiu bem em nenhuma pergunta sobre o tema e nem conseguiu exemplificar casos onde teve sucesso como um ente comercial. Poderia realmente ser um entendido do assunto, porém não parecia de

fato ser um vendedor.

Já a outra finalista foi uma jovem bem descolada que recém havia se formado na Universidade de Belas Artes de Amsterdam. Ela conhecia bastante de arte, apesar de parecer saber menos do que seu concorrente inglês, e se mostrava uma pessoa bem comercial. Deu exemplo de que, para ajudar a família, trabalhava durante as férias como vendedora em uma loja de instrumentos musicais, e sempre era a recordista de vendas nos meses trabalhados.

Se fosse por Martina, a decisão apontava para a holandesa, mas Dolf implicou com a pobre quando ela teve a infelicidade de comentar, mesmo sem ser perguntada, que seu artista preferido era o Andy Warhol, que estava justamente vivenciando sua fase de reinvenção da pop art. Apesar de não ter nada contra o americano, Dolf achou que os gostos da jovem eram descolados demais e que poderiam estar distantes dos conceitos da Gallery Art Wolf, que vendia arte para um público mais velho e seletivo.

O impasse levou a uma discussão um pouco mais séria e acalorada, e Dolf ficou ofendido por ter sido chamado pela esposa, mesmo que indiretamente, de velho. Já Martina ficou chateada pela postura esnobe do marido, dando a entender que ela não entendia nada de arte só porque falou, para defender sua pupila, que achava lindas as reproduções das latas de sopas Campbell e a da garrafa de Coca-Cola de Andy Warhol.

Naquela noite, dormiram brigados. Na noite seguinte também. No dia posterior, Martina foi acordada com um presente. Era uma tela com quatro reproduções de seu rosto com variações de cores, imitando o estilo de serigrafia de Andy. O próprio Dolf havia chegado à conclusão de que aquilo havia ficado uma porcaria, mas serviu como pedido de desculpas e a paz foi reestabelecida entre o casal, que precisava agora chegar a uma decisão sobre a contratação. Já era novembro e, se quisessem viajar no começo do ano seguinte, não poderiam demorar muito mais para chegarem a um acordo.

28. Rapport

A maior e mais tradicional feira a céu aberto de Amsterdã ficava justo no bairro De Pijp, onde moravam Dolf e Martina, e com o passar dos anos se tornou um dos lugares preferidos do casal, que costumava frequentá-la nas manhãs de sábado, antes da abertura da loja.

A Albert Cuypmarkt já começava a agradar Dolf pelo seu nome, uma homenagem a Albert Cuyp, pintor do século 17 conhecido por fazer pinturas de paisagem de áreas rurais da Holanda. O mercado a céu aberto, um dos maiores de toda a Europa, é um caótico mercado que conta com mais de trezentas barraquinhas onde se encontra de tudo. O repertório inclui queijos, acessórios de frio, bicicletas, comidas em geral, verduras, frutas, flores, temperos, as famosas stroopwafels, peixes, frango e muito mais.

Naquele sábado pela manhã, o casal caminhava tranquilo na companhia de Merel e de Heide e sua irmã Anelise, agora duas senhoras de respeito que resolveram que morariam juntas. Heide estava com oitenta e cinco anos, e Anelise com setenta e oito.

As irmãs estavam à procura de pernil, de verduras, de queijo Gouda e de diversos temperos, que usariam para a preparação da ceia do Natal, que chegaria em poucos dias. Já Dolf só conseguia pensar em comer o seu kip saté, um espetinho de frango com molho à base de amendoim, que se tornou um ritual a ser cumprido em toda ida à Albert Cuypmarkt.

Martina estava contando os dias para a viagem em janeiro e Dolf começava a gostar cada vez mais da ideia, sobretudo quando pensava nos vinhos franceses, portugueses e nos brancos gregos que degustaria em doses cavalares.

No final das contas, o casal (pra não dizer Dolf) optou por contratar o inglês, priorizando o conhecimento em arte e aderência ao público alvo, em detrimento das habilidades comerciais da candidata de Martina. O distinto senhor se mostrou muito feliz ao aceitar a proposta e garantiu que estaria firme e forte na data combinada, um dia antes da viagem, para uma sessão intensiva de treinamento sobre o funcionamento da galeria e a manutenção do gato Vincent, um aficionado por sardinhas.

Dolf havia preparado duas séries especiais, bem marcadas com características holandesas, que estreariam na loja na virada do ano e deveriam estar expostas durante a custódia do vendedor temporário. Uma delas era uma coleção de quatro quadros sobre um moinho de vento, que teria o mesmo moinho na exata posição só que pintado nas quatro diferentes estações do ano.

A segunda coleção seria de tulipas. Consistia de oito quadros maiores, de um metro por um metro, com cem por cento da tela preenchidos por tulipas holandesas em primeiro plano.

A textura das tulipas ficou incrível e dava pra ver até pequenas gotas de orvalho, na coleção que foi eleita como preferida e mais elogiada por Martina até o momento. A sacada do artista para essa série foi colocar todas as tulipas de uma mesma cor, e apenas uma de uma cor diferente que saltaria no quadro. A de flores vermelhas com a pequena tulipa amarela crescendo mais no fundo da tela foi a mais bonita na avaliação unânime da família e ficou em lugar de destaque na galeria.

Passada a farta ceia de natal, aproveitada com louvor por toda a família, e também a virada de ano, havia finalmente chegado o momento tão esperado por Martina. Era véspera de viagem.

Martina pulou da cama como nunca havia feito antes e praticamente arrastou Dolf para a loja, chegando pela primeira vez quinze minutos antes do horário normal de abertura. Vincent estranhou sair mais cedo de casa e também a velocidade com que foi transportado em sua caixa preta, tudo com o objetivo de esperar a chegada do distinto senhor Clive Walker, que por sua pontualidade britânica, era esperado exatamente às nove horas.

Às nove e quinze, Martina destilou o primeiro veneno: — Tá vendo, Dolf? Este tal de Lord Clive Walker que você fez questão de contratar não parece tão pontual assim como você sugeriu.

Às nove e quarenta e cinco, Martina resolveu ligar para o inglês. Não teve sucesso.

Às dez e meia, foi a vez de Dolf tentar uma ligação para o número que aparecia no currículo. Nenhuma resposta.

Às onze, o casal, já muito preocupado após pelo menos cinco ligações mal sucedidas, resolveu que tocaria a campainha da casa de Clive, cujo endereço estava no currículo.

Tocaram uma, duas, três, dez vezes. Ficaram vinte minutos esperando do lado de fora da casa, sem saber o que fazer. Preocuparam-se a ponto de ligar para a polícia, pois alguma coisa poderia ter acontecido, já que aquele senhor parecia ser uma pessoa séria e cumpridora de seus compromissos.

A polícia chegou, arrombou a porta e encontrou o inglês sem vida no sofá da sala. A cena foi chocante, porque provavelmente aquele senhor solitário estaria morto havia pelo menos uns cinco dias, a deduzir pelo estado do corpo e pelo odor do local. Ele estava trajando um elegante pijama de flanela azul marinho e no chão da sala estavam um livro de sonetos de William Shakespeare, um cachimbo e uma caixa de tabaco Royal Crown.

Dolf achou aquela morte digna e ao mesmo tempo solitária, e ajudou a polícia no que foi preciso para os procedimentos legais. Martina chorava inconsolável pela morte do senhor e também pela possibilidade de ter sua viagem adiada, hipótese já levantada pelo marido.

Naquele dia nem almoçaram, pois além do estômago embrulhado pela cena, tudo que Martina queria era resolver logo aquela situação e encontrar alguém o mais rápido possível para substituir Clive Walker. Chegou de volta à loja às duas da tarde e a primeira coisa que fez, com autorização do marido, foi ligar para a recém-formada holandesa, explicar-lhe o ocorrido e oferecer-lhe a posição. A jovem recusou educadamente, pois já havia começado a trabalhar na loja de instrumentos musicais.

Martina ficou desesperada, desengavetou aquela pilha de currículos, passou várias páginas, mas não conseguia se concentrar em ler aquele material com a calma necessária. Foi ficando cada vez mais nervosa e não conseguia controlar as lágrimas e os soluços. Dolf estava irreduzível em não viajar com a loja fechada.

Do lado de fora da loja uma tempestade começava a se formar, deixando a situação ainda mais dramática.

Dia cinco de janeiro de 1970, segunda-feira, às quatro e quinze da tarde. Entrou na Gallery Art

Wolf um jovem italiano de trinta e poucos anos. Adentrou aquele recinto completamente ensopado, segurando um recorte de jornal praticamente destruído pela chuva e falou: — Boa tarde. Desculpem-me por entrar molhado nesta elegante galeria e desculpem também se minha pergunta pode parecer imprópria ou atrasada, mas diz aqui neste anúncio do ano passado que vocês estariam buscando por um Gerente de Relacionamento. Por acaso já preencheram a vaga?

Martina quase chegou a ajoelhar no luxuoso chão de mármore travertino, mas foi puxada pelo marido, que meio desconfiado daquela coincidência toda, respondeu à pergunta do rapaz: — Boa tarde, cavalheiro. Sem nenhum problema. Qual o seu nome?

— Pietro Pavanello, às suas ordens. E o senhor é o renomado Dolf Van Haarlem, o responsável por essas preciosidades penduradas, não é mesmo? E, se não me engano, a senhora que o acompanha é sua esposa Martina Van Haarlem, correto?

— Martina Molina Van Haarlem – completou Martina, enquanto retomava sua postura.

— Exato, e como você sabe? – perguntou Dolf.

— Isto é o mínimo que se espera de um profissional postulante a uma vaga, conhecer o nome dos seus potenciais empregadores.

Com essa resposta, o rapaz começou a ganhar pontos com o pintor, que após lhe explicar a situação de urgência da vaga a ser preenchida, o convidou para tomar assento e iniciar a entrevista.

— Pelo sotaque, você é italiano, certo? – começou Dolf.

— Já vivi em muitas cidades deste mundo, mas se há uma coisa que nunca vou perder é meu sotaque italiano da região da Toscana.

— Pois bem, meu caro Pietro. Vamos começar com as perguntas. O que você pensa de arte de uma maneira geral?

— Arte para mim é paixão. Uma vez, escutei que a capacidade de produzir arte é o que diferencia os seres humanos dos demais animais. Eu consigo ver a arte se expressar através tanto de coisas mais tangíveis, como, por exemplo, destas pinturas sublimes expostas nestas paredes, como em coisas mais abstratas, tal qual o voo delicado de um pássaro ou o empenho de uma família para produzir uma boa garrafa de vinho. Gosto particularmente de uma definição do mestre Leonardo da Vinci, que diz que a arte diz o indizível, exprime o inexprimível e traduz o intraduzível.

Dolf ficou impressionado com a resposta do rapaz e partiu para algo mais sofisticado.

— Qual sua opinião sobre o estilo de Jackson Pollock?

— Acho visceral o estilo de pintura abstrato desse grande artista, que literalmente estava dentro do quadro durante a ação, inclusive dispensando cavaletes e pinceis. Foi um mestre no estilo dripping e, sempre quando olho suas obras, me impressiono com como aqueles pingos escorridos conseguiram formar traços tão harmoniosos, que parecem entrelaçar-se na superfície da tela.

Notou que o rapaz respondeu com propriedade e passou a palavra para Martina, responsável pela área comercial.

— Gostei da resposta sobre o Pollock, mas vamos falar agora sobre vendas. Qual é sua estratégia

para realizar uma venda?

— O processo de venda começa com muita observação. Muitos tentam sair vendendo sem antes sequer conhecer o cliente. Então observo tudo, desde a maneira de se vestir até a maneira de falar. O passo seguinte é descobrir áreas de interesse comum e a partir daí criar rapport, que é justamente buscar uma ligação de empatia com o cliente. Pergunto muito, tento sempre ouvir bastante antes de falar. Depois, descubro quais são os motivos da compra, e em seguida parto para um discurso comercial feito sob medida para aquele determinado cliente. Tento fechar a venda com uma pergunta positiva como, por exemplo, como ele gostaria de receber o quadro. Entendeu? – perguntou Pietro.

— Entendi. – respondeu a surpresa Martina, que aprendeu muito sobre vendas com a elaborada resposta.

— E eu uso essa técnica sempre que sinto que vou fechar um negócio. Falando nisso, quando vocês gostariam que começasse?

— Amanhã! – afirmou Martina quase aos gritos, quando foi interrompida por Dolf.

— Calma, meu amor, gostaria de fazer apenas mais uma pergunta para o rapaz, importante para o processo. Qual sua opinião sobre gatos?

— Minha família sempre teve gatos e é sem dúvida meu animal de estimação preferido. Adoro, sobretudo, sua personalidade e autonomia. Depois dos quadros, a primeira coisa que reparei ao entrar na galeria foi neste belo exemplar de felino alaranjado com o pedacinho da orelha faltando. Lembrei imediatamente do mestre holandês, Van Gogh. Como se chama este belo felino?

Após essa pergunta, combinaram salário, explicaram o funcionamento da loja e também sobre os cuidados com Vincent, que deveria ser buscado e levado da casa de Heide até a galeria durante o horário de funcionamento da Gallery Art Wolf. Por último, Dolf fez questão de dar detalhes das duas coleções que estariam expostas durante o período em que trabalharia na loja, as séries de Tulipas e de Moinhos.

29. *Ovelha negra das tulipas*

Era a segunda vez que Pietro Pavanello moraria na Holanda. No ano de 1958, havia morado um ano e meio em Amsterdam, onde basicamente se dedicara a se divertir e aproveitar a vida. Na época, com exatos vinte anos de idade, não precisava de muito para ser feliz: todo o dinheiro ganho principalmente como palhaço-sombra era gasto em bebidas baratas e em prostituição. Trabalhava o suficiente durante cada dia até achar que o dinheiro era o bastante para bancar uma noite de entretenimento.

Virou frequentador assíduo do Red Light District no centro histórico da cidade, uma área criada no século XIII para atender marinheiros e piratas que chegavam cansados de suas viagens. Lá estariam as belas donzelas que se ofereciam para curar a fadiga dos viajantes.

A famosa região de Amsterdam, que virou um ponto turístico bem conhecido, possui diversas vitrines onde as mulheres se exibem e oferecem seus favores sexuais. Colado no lado de fora do vidro das vitrines, os clientes podem encontrar uma pequena tabela, contendo os preços que variam por tipo de serviço, horário e dias da semana.

A exposição das “mercadorias” começava pelas mais bonitas e atraentes nos espaços mais nobres, que cobravam os maiores preços, até as mais velhas e não tão cobiçadas a distâncias mais longínquas, e a preços bem mais amistosos.

Pietro virou um cliente famoso na época, apelidado entre elas de Palhaço do Amor, pois muitas vezes saía do trabalho com seu traje listrado preto e branco direto para a farra. Se tivesse feito um bom dinheiro no dia, caminhava pouco, mas se possuísse poucos florins, não deixava de prolongar sua caminhada até encontrar e negociar alguém dentro do seu orçamento.

Pietro considerava aquelas mulheres as mais difíceis negociadoras que já teve que enfrentar, e contava para os amigos nas mesas de bar que aquela época lhe serviu não só de escola sexual como também de um curso intensivo de negociação.

Aquela época ficou marcada na sua memória como um período muito divertido de sua vida, tanto que quando saiu de lá para uma oportunidade de emprego na França prometeu que algum dia, mais adulto, voltaria a viver naquela encantadora cidade.

Quase vinte anos depois, achou que seria uma escolha acertada trocar a pacata e estável vida na vinícola Niccoló Barolo pelo agito da capital dos Países Baixos. Pietro já não se interessava mais pelas facilidades dos bordéis, mas continuava um amante das mulheres e as holandesas sempre o fascinaram de um modo diferente.

Dolf e Martina nem desconfiaram, mas naquele dia em que conseguiu a vaga de vendedor na galeria, Pietro havia feito direitinho seu trabalho de casa. Investigou a história Dolf, entendeu quem era Martina e como ela avaliaria habilidades comerciais e sabia inclusive o nome do gato, além do apego de seus donos por ele.

Pietro não entendia tanto assim de arte, mas não foi difícil descobrir os artistas preferidos de Dolf e ensaiar boas respostas para dez possíveis perguntas que viriam. Conseguiu descobrir pessoas que participaram do processo e perguntou muito sobre todo o evento, além de haver se informado nos bares próximos à loja sobre aquela família.

A única grande coincidência segundo ele seria a morte do inglês escolhido para ocupar a vaga, justo no dia que marcara como estratégico para dar as caras, mas ele próprio falava que todo vendedor precisa de sorte e esta era sua grande aliada. E mesmo quando a sorte não vinha, ele mesmo a fabricava.

Na primeira semana de trabalho, o novo vendedor dedicou-se apenas a observar. Reparou no tipo de cliente que frequentava a loja, quais eram os horários mais cheios, quais quadros chamavam mais a atenção e em qualquer outro detalhe que o ajudasse a armar sua estratégia comercial. Aproveitou para entrevistar os que entravam na loja, perguntando como eles consumiam arte, o que aquilo representava para eles e fez perguntas bem específicas sobre preços, inclusive questionando sobre o que eles achavam dos valores das obras de Dolf.

Não vendeu nada e na verdade nem fez força para isso na primeira semana, mas começava a perceber como deveria atuar nas próximas duas semanas de trabalho.

Na sexta-feira recebeu a visita de Anita, que apareceu na loja com a desculpa de visitar seu gato Vincent, mas que na verdade fora instruída por seus pais para dar uma olhada e conferir se estaria tudo bem no reino dos Van Haarlems.

Pietro logo percebeu, na entrada daquela bonita jovem, que se tratava da filha dos seus empregadores, e além de reparar na sua beleza percebeu também que ela escondia seu sorriso, pois tentou duas piadas boas que não tiveram sucesso algum. Conversaram um pouco e Anita foi embora após despedir-se do pequeno felino. Saiu com alguma sensação estranha em relação ao italiano, embora não soubesse precisar do que se tratava.

De todas as conclusões de Pietro durante sua primeira semana de trabalho, três foram as principais, que ele usou como peça chave para executar seu plano. A primeira dizia respeito aos preços dos quadros, que estavam bem abaixo das cotações do mercado e eram classificados como baratos pelos frequentadores da loja.

Ele sabia que “ser barato” às vezes passava impressão de baixa qualidade, e inferiu que o consumidor de arte era de alguma forma semelhante ao consumidor de joias, onde um dos principais motivos de compra é o fato de poder ostentar aquela peça e dizer o quão caro pagou naquele objeto para os amigos. Para tanto, dobrou o preço dos quadros da série de Moinhos e triplicou o preço da coleção de Tulipas.

O segundo componente da estratégia seria bolar uma boa história sobre o artista, algo quem sabe um pouco conturbado, além de inventar coisas interessantes sobre o momento de concepção das pinturas. Uma obra com história e com uma boa pitada de drama seria um objeto mais significativo e desejável.

Por último, para causar a sensação de perda com a mensagem de “se caso não comprassem logo aquele quadro, ele poderia ser rapidamente vendido” optou por colocar em sete dos doze quadros da loja a plaquinha de “vendido”. E, conforme fosse vendendo os outros, iria alternando a plaquinha, de maneira que apenas cinco aparecessem como disponíveis para venda.

Com o master plan em prática, abriu a loja naquela segunda-feira à espreita da entrada da primeira

vítima. Para a ocasião, providenciou um bom terno de corte italiano ajustado ao corpo, caprichou no nó da fina gravata Hermés que vestia para ocasiões especiais e completou o visual com uma boina com riscas de giz que lhe conferia um status de intelectual.

O primeiro freguês a entrar na loja foi um senhor alemão que estava passando férias na cidade. Foi cumprimentado e observado por Pietro, que esperou taticamente o momento certo para atacar. Quando viu que o alemão havia fitado um dos quadros da série de tulipas por mais de vinte segundos, resolveu que era hora do ataque.

— Bom dia, meu senhor. Não pude deixar de perceber que o senhor tem um ótimo gosto, pois este quadro é o meu preferido da série de tulipas. Poderia perguntar o nome do senhor?

— Bom dia, me chamo Franz Kuppfer. Realmente está interessante este quadro.

— Pois é, acho impressionante como o artista conseguiu se representar nesta única tulipa lilás, que difere das outras, todas laranjas.

— Não sabia que era uma espécie de autorrepresentação. Muito interessante – disse o cliente.

— Exatamente, o artista Dolf Van Haarlem sempre foi considerado a ovelha negra da família, que é toda formada por médicos. Ele sofreu muito, pois desde criança seu dom para o desenho foi sendo minado pela família, que o obrigou a cursar medicina. No segundo ano da Universidade, rebelou-se, largou o curso, saiu de casa e foi morar nas áreas rurais, onde pôde se dedicar à pintura e ao mesmo tempo ganhar seu sustento ajudando famílias com trabalhos de colheita. Foi nessa época que olhou para um jardim imenso de tulipas e viu que havia apenas uma diferente de todas. O Sr. Van Haarlem se sentiu essa pequena flor, que por mais que parecesse se destacar para os que olhavam de fora, carregava dentro de si a dor de ser diferente dos que estavam próximos.

— Nossa! Realmente interessante. Algumas vezes na minha vida também já me senti assim. – concluiu o senhor alemão.

— Quem nunca se sentiu assim? – continuou o vendedor – E o mais espantoso é que o artista demorou quase quarenta anos para conseguir expressar essa dor e liberá-la, transpassando-a da sua alma para a tela. Ele precisou pintar oito quadros, todos de madrugada, usando apenas a referência da memória, para conseguir aliviar sua dor existencial.

— Uau! Agora que você está me contando isso, consigo perceber a dor do artista por trás dessas pinceladas.

— Eu sabia que o senhor iria entender, até porque foi direto para a primeira tela pintada pelo artista, a que lhe causou mais dor, segundo o próprio. A coleção começou a ser exposta na semana passada e já tivemos mais da metade das telas vendidas. Esta que o senhor gostou está na mira de um colecionador francês que ligou perguntado se poderíamos reservá-la, mas, por normas da casa, não trabalhamos com reserva. Existe, portanto, a probabilidade de ele passar aqui na galeria hoje de tarde.

— E sobre o preço que está aqui, você oferece algum desconto?

— Infelizmente não oferecemos desconto por aqui, meu amigo. Mas garanto que, se o senhor comprar este belo quadro, vai ganhar não somente uma peça única para expor na sua residência como também vai fazer um bom investimento financeiro. Imagino que o senhor acompanha o mercado de arte e sabe que as telas do Sr. Van Haarlem triplicaram de preço em questão de semanas – contou Pietro, que

desta vez não mentiu – e segue uma tendência de alta abrupta. Já não garanto que este preço vai ser mantido nos próximos dias. E aí, como vai querer levar o quadro? Vai levar agora mesmo ou prefere que entreguemos em sua residência?

E com a pergunta final, Pietro Pavanello marcaria seu primeiro gol de placa na quadra da Gallery Art Wolf. Quando Franz saiu da loja, o esperto italiano abriu uma garrafa de whisky dezoito anos para celebrar sua primeira venda e para se inspirar nas histórias que deveria contar nas próximas horas.

Serviu um copo generoso, degustou um longo gole e concluiu que Amsterdam voltaria a tratá-lo como ele merecia.

30. Burritos

Após vinte e muitas garrafas de vinhos franceses e portugueses abertas em duas semanas de viagens, Dolf e Martina estavam começando a subida para a cidade de Fira, capital da ilha grega de Santorini.

Martina não imaginava que para chegar à cidade deveria subir montada em burros disponíveis no local por alguns dracmas. Os viajantes não possuíam experiência alguma com montaria e ficaram surpresos ao saberem que os burros já estavam treinados para percorrer o caminho sozinhos, dispensando os guias para acompanhamento ao longo do trajeto. O primeiro pensamento que veio à cabeça de Dolf foi um sentimento de pena por aquele pobre animal, logo complementado pela sensação de culpa pelos quilos a mais adquiridos nas fartíssimas refeições devoradas nos últimos dias.

Durante a subida, íngreme ao extremo, foram conversando sobre diversos temas, mas quem os pudesse ouvir teria a clara sensação de que a conexão não estava bem sintonizada.

— Ai meu Deus, Dolf. Por que meu burro precisa subir tão coladinho ao acostamento? Pede, por favor, pra ele andar mais pelo meio, vai? – começou a aflita Martina.

— Como será que está se saindo o Pietro com as vendas? Minha aposta é num iminente fracasso! – opinou Dolf.

— Ai minha Nossa Senhora de Guadalupe! Meu burro agora empacou! Por que ele não para de encarar esse penhasco? Será que ele está pensando besteira?

— Alguma coisa me diz que não foi a melhor ideia do mundo contratar aquele italiano! - elucubrou o pintor.

— Agora ele está comendo, Dolf. Aproveitou a vegetação para fazer uma boquinha. Você acredita nisso? Olha só como ele se inclina! Que perigo, meu Deus do céu! Anda, burrito! Vamos, vamos! – incentivava Martina, completando sua fala com barulhinhos que ela julgava que incentivariam o animal a andar.

— A verdade é que, se ele vender ao menos um quadro, já podemos considerar que estamos no lucro. – concluiu Dolf.

— Dolf Van Haarlem, pare de falar nesse maldito italiano e tire a cabeça da galeria para aproveitar um pouco a viagem. Você pode me fazer o favor de viver o presente pelo menos uma vez na sua vida? Graças a Deus meu burrito voltou ao caminho certo. Isso meu filho, sobe bem pelo meio. Vai bonitinho!

— Você tem razão. – Dolf respirou fundo, fez carinho na crina do burrinho e completou – Este lugar é realmente de tirar o fôlego.

Martina e Dolf se encantaram ao chegar à arrebatadora cidade de Fira, localizada no topo de um penhasco, de frente para a lagoa da caldeira e composta por suas charmosas casas pintadas de branco com as janelas em azul. Santorini é o que restou depois de uma gigantesca erupção vulcânica que dizimou a população antiga e criou a bacia geológica atual.

Martina ficou preocupada ao saber que estava pisando no centro vulcânico mais ativo do mar Egeu, mas pensou que, se morresse queimada por ali, teria morrido no lugar mais lindo que seus olhos haviam visto até o momento.

Chegaram ao hotel e foram recebidos pela hostess com um amável “Kalispéra”, que quer dizer boa tarde em grego. No restaurante com vista para o vulcão, desfrutaram de uma apetitosa moussaka acompanhada de vinho branco local servido gelado, produzido através da uva assyrtiko bem adaptada ao solo vulcânico. Conseguiram finalmente se conectar e desfrutaram de uma romântica noite no quarto que parecia esculpido com perfeição por um pássaro João de Barro.

Além de se encantar com a língua grega, Martina ficou fascinada com a beleza e a simpatia dos locais. Aprendeu algumas palavras básicas no idioma, que invariavelmente faziam sucesso entre os habitantes da ilha devido ao charmoso toque latino de sua pronúncia.

Na metade de sua terceira semana de trabalho, Pietro já havia quebrado qualquer recorde histórico da galeria. Já contabilizava sete vendas, sendo que com preços assaz maiores do que praticados pela administração dos Van Haarlems. Se houvesse alguma placa de funcionário do mês, sua foto seguramente deveria estar estampada por lá.

Seu discurso de vendas sobre a série das tulipas se provou um sucesso, mas o mesmo não se podia dizer em relação à dos moinhos, que só contava com uma única venda até o instante. Naquele momento, estava sozinho na loja bebendo whisky e planejando como poderia ser mais eficaz nas vendas dos quadros daquela série.

Como um leão observando a sua vítima, viu que era a oportunidade de testar uma nova tática quando uma senhora entrou na galeria e se postou justo em frente a um quadro de moinho de vento.

— Primavera. – Disse Pietro.

— Desculpe. Não entendi. – respondeu a senhora.

— Primavera. – Deu uma longa respirada, deixou mais alguns segundos de silêncio no ar e completou com muita importância – Dolf Van Haarlem pintou esta bela obra nos exatos três meses de primavera. Dedicou quatro horas por dia a esta tela que a senhora contempla. Se considerarmos os noventa dias de trabalho, estamos falando de trezentos e sessenta horas entregues a esta única e emblemática obra. Não é a toa que ele conseguiu imprimir os incríveis e fieis detalhes da estação do ano associada ao reflorescimento terrestre, não é mesmo?

— Agora o que o senhor falou, realmente faz sentido.

— Permite-me perguntar qual é a graça da senhora?

— Liesbeth De Boer, e a sua?

— Pietro Pavanello, à sua disposição. Deixe-me adivinhar, a sua estação preferida do ano é a primavera, correto? – Chutou Pietro, num arriscado movimento baseado num broche de flores no casaco da senhora.

— Como o senhor sabe?

Após um sorriso enigmático, o italiano respondeu: — Pois Dolf Van Haarlem, que está em retiro espiritual no momento, me fez prometer que eu só poderia vender este quadro para amantes da estação do ano das flores. Ele me avisou que o quadro escolheria o seu proprietário, e não o contrário, e eu, cético, não acreditei. Não até agora, pelo menos... Mas quando vi a senhora entrando na loja, minha intuição disse que deveria dar ouvidos a esse velho e sábio artista.

E deste ponto até sacramentar a venda da tela, foram apenas mais vinte minutos de boa conversa. Quando a senhora De Boer lhe entregou o cheque, Pietro pensou ter agido corretamente em tirar o foco do moinho e dar mais ênfase às estações do ano, já que mexem mais com a emoção humana.

Logo após a venda, foi visitado pela segunda vez por Anita, que ficou muito impressionada com os oito negócios fechados, ainda por cima com preços que ela nunca imaginava que pudessem ser praticados. Perguntou para Pietro, que estava com a autoestima no topo por ter acabado de concluir um negócio, qual era o segredo do sucesso.

— O segredo é o coração, Anita. Primeiro temos que amar e acreditar no produto, e não há nada mais incrível nesta cidade do que as obras de seu pai. Com isso feito, o resto fica fácil e sai naturalmente.

— Mas meu pai é apaixonado por suas próprias obras e não tem o mesmo resultado. Nem ele nem minha mãe. – respondeu Anita.

— É diferente, meu anjo. Seu pai coloca todo o amor do mundo na produção, mas um artista talentoso e exigente como ele nem sempre fica satisfeito com o resultado do próprio trabalho, não é mesmo?

— É, pode ser sim. – Respondeu Anita, agarrando Vincent no colo.

— A senhorita me acompanharia em uma dose de whisky? – perguntou Pietro com um sorriso de canto de boca.

— Meus pais são liberais, mas não a ponto de me deixarem beber assim fora de casa. Ainda mais com... Ah, melhor deixar pra lá.

— Não, minha flor, pode falar. Prometo não ficar ofendido.

— Ainda mais na companhia de um homem, ainda por cima um homem mais velho. Mas não que você seja velho...

— Eu entendi, minha linda, não fique preocupada. Garanto que não fiquei por nada ofendido. Apenas acho que uma mulher feita como você já tem toda a maturidade para saber o que é certo e o que é errado. Vamos combinar o seguinte, o convite está feito. Quando você se sentir à vontade, é só passar aqui na galeria que compartilhamos uma dose de whisky, ou uma cerveja, ou o que for sua bebida

preferida. Que tal assim? – perguntou o italiano enquanto girava o seu copo com elegância.

— Tá legal. E pra você saber, eu gosto de vinho branco e quanto mais docinho melhor. – respondeu Anita, que largou o gato do colo e foi embora da loja.

Pietro sorriu, deu mais um gole no whisky e foi buscar algum quadro no depósito para preencher o espaço vazio deixado pelo produto vendido. Fumou um cigarro, sentou na cadeira, sentiu novamente a sensação de que não poderia ter escolhido cidade melhor para viver e imaginou o tanto que ainda estaria por vir.

A semana não demorou a chegar ao fim, e com isso finalizava também o seu período de contrato. Estava ansioso para chegar logo segunda-feira para exibir a Dolf e Martina seus resultados, que em três semanas totalizavam nove vendas e muito dinheiro em caixa. Achou por bem não comentar nada sobre a taça de vinho branco alemã dividida com Anita, que de acordo com sua percepção, começava timidamente a se interessar por sua voz galanteadora e seu jeito atencioso de ser.

31. Melancia, sinos e mentiras

Era final de janeiro quando o eufórico Dukker comemorava o resultado do concurso nacional de cerveja artesanal. Inspirada na escola belga, considerada a mais criativa dentre os países com tradição cervejeira, sua cerveja de trigo com toques de melancia havia sido eleita como a segunda colocada no concurso dos Países Baixos. Bom para o Brewpub De Oude Dokter, que começou a receber visitantes de todas as partes, curiosos para provar o exótico rótulo batizado por ele de “Liefde Drankje”, ou Poção do Amor.

Dukker havia tentado receitas com banana e mel, pimenta e tomilho, e até mesmo uma combinação de maçã verde com salsão, mas foram as notas de melancia adicionadas a cada vinte minutos durante o processo de fervura que mudaram a maneira como seu estabelecimento era percebido, e fez de DOD um lugar conhecido por oferecer cervejas mais elaboradas e pitorescas.

Era domingo, e o casal Van Haarlem aproveitava a última noite de férias no bar do amigo antes de retornar o batente. Dukker estava tão empolgado com o sucesso da Liefde Drankje e com a presença de Dolf e de Martina, que ofereceu uma rodada grátis da cerveja de melancia para todos os clientes. Além disso, instalou um sino no teto central da casa, que deveria ser tocado sempre que alguém conseguisse beber 500 ml de cerveja num único gole. O pintor conseguiu na sua segunda tentativa e tocou o sino em volume máximo repetidamente. Martina desistiu após se engasgar nos primeiros 100 ml e cuspir cerveja no próprio Dukker, que achou graça.

Martina falava sem parar sobre tudo que viveu naquela viagem, com uma riqueza de detalhes tão impressionante que passou a Dukker a sensação de praticamente ter viajado junto aos dois. Dolf bebeu todas as cervejas possíveis e imagináveis, justificando haver passado três semanas se alimentando só de vinho, o que o levou a sentir saudade da bebida lupulada. Foi uma noite intensa, divertida, com o sino tocando diversas vezes e que acabou mais tarde do que o previsto.

O pintor acordou de ressaca, e tentou de todas as maneiras despertar sua mulher, que lhe respondeu resmungando que só iria para a loja na parte da tarde. Na última insistida, tomou uma rosnada tão forte que o fez desistir imediatamente.

Foi então ao encontro de Pietro para a prestação de contas de suas semanas de trabalho. Enquanto Dolf se achava desacreditado e imaginava encontrar um resultado fraco, o vendedor estava orgulho e ansioso para reportar suas conquistas.

A primeira reação do artista ao entrar em sua galeria foi de estranheza por não encontrar a maioria dos quadros das duas coleções que estavam expostas. Pietro lhe encarou com um sorriso no rosto e o saudou com entusiasmo em italiano: — Benvenuuuto! Como está o pintor mais famoso da Holanda?

— Estou bem, obrigado Pietro. Mas me conta, onde estão os quadros que estavam aqui?

— Assim, direto ao ponto? Não quer antes tomar uma dose de whisky comigo?

— Aceitaria o convite se não estivesse com uma ressaca intensa de cerveja. – respondeu Dolf.

— Mas você sabe que a melhor maneira de curar uma ressaca é com mais álcool. Sabia disso, não? – respondeu o insistente Pietro.

— Vou fazer o sacrifício então, mas só uma pequena dose.

Pietro serviu uma exagerada dose, enquanto Dolf analisava o ambiente, ainda descrente de que todos aqueles quadros pudessem ter sido vendidos. Até Vincent parecia mais gordo do que ele se recordava.

— Voltando ao assunto dos quadros, Pietro. Você os vendeu? – perguntou Dolf, ainda desnorteado.

— Não foi pra isso que eu fui contratado?

— Sim, mas o que você fez para vender todos? Ofereceu um bom desconto? Tínhamos combinado no máximo dez por cento.

— Fiz o contrário, estimado Dolf. Fiz exatamente o contrário. – respondeu o italiano, com sorriso de canto de boca.

— Como assim? - Perguntou o pintor, depois de se arrepiar somente em sentir o cheiro de whisky.

— Fiz um estudo durante a primeira semana e concluí que muita gente que compra arte precisa dizer que pagou caro no produto pra poder exibir aos amigos. Não me leve a mal, mas funciona parecido com qualquer mercado de luxo, como o de joias ou o de carros mais exclusivos. O motivo de compra é normalmente a ostentação, e quanto mais caro, mais ostensivo.

— Faz sentido, meu caro. Em quanto você aumentou, em vinte por cento? – perguntou ainda o incrédulo artista.

— Mais precisamente em cem por cento para a coleção dos moinhos e em duzentos por cento para as das tulipas, ou seja, dobrei uma e tripliquei o preço da outra série. – Contou Pietro, esperando algum tipo de reação mais expressiva.

— Você está me dizendo que vendeu todos esses quadros por duas ou três vezes mais somente por aumentar o preço?

— Não somente isso. Esta foi a primeira parte do diagnóstico. A segunda vem do talento natural do profissional de vendas, que é primeiro entender bem seu cliente e segundo trazer vida às obras, contando histórias sobre o pintor e também em como ele se inspirou para executar as pinturas.

— Entendo, Pietro, realmente impressionante. E desculpe-me perguntar, mas de onde você tirou tanta informação se conversamos tão pouco naquele dia devido à pressa daquele processo seletivo?

E então Pietro contou mais detalhadamente seus argumentos de venda, e as inverdades naquele discurso comercial de alguma maneira chatearam Dolf, que não quis parecer ingrato e agradeceu o comprometimento e o surpreendente trabalho do italiano.

Pietro de alguma maneira esperava que sua atuação, muito acima da curva, pudesse lhe render um emprego definitivo como vendedor da galeria, mas Dolf nem chegou perto de propor algo minimamente parecido. Simplesmente lhe pagou o combinado e lhe deu uma comissão insignificante perto de todo o

dinheiro que ele havia gerado.

O italiano agradeceu e foi embora da loja decepcionado com a reação do seu empregador. Levou consigo o copo de whisky bem abastecido em seu caminho, o que pareceu uma atitude infantil aos olhos de Dolf, que achou por bem não reclamar pelo copo. Sua cabeça estava ainda atordoava por toda aquela informação e de tempos em tempos ainda tinha a lembrança daquele maldito sino badalando.

Como era possível vender sua arte por tão caro? Deveria manter os preços assim? E as histórias escabrosas contadas pelo italiano, será que valem a pena serem sustentadas? Tudo isso passava pela sua mente, e naquela segunda-feira resolveu que fecharia a loja e sairia para espalhar e refletir sobre as questões que giravam em sua cabeça acompanhada pelo som agudo do sino que teimava em se fazer presente.

Jogou fora aquele resto de whisky, ligou para a esposa avisando que estava tudo bem e que ela não precisaria ir a loja, e logo botou Vincent na caixa preta de transporte e foi para as margens do rio Amstel.

Martina agradeceu a Virgem de Guadalupe por aquele telefonema divino.

Fazia tempo que Dolf não frequentava aquele rio, devido principalmente à rotina da galeria. Chegando ao local, procurou uma boa sombra de árvore para sentar, liberou o gato para passear e ficou por alguns minutos em silêncio observando o movimento da água. Logo em seguida, começou a se lembrar da infância. Pensou com carinho na saudosa tia Rosemarije, tão importante e presente na sua formação.

Ficou emocionado, se lembrando das inúmeras vezes em que ela o levou e buscou na escola, sempre carregando sua mochila. Poderia sentir o sabor daquele sanduíche de atum que só ela sabia preparar. Agradeceu por ter sua mãe em bom estado de saúde e pelo bom relacionamento com as irmãs. Recordou-se então da sua coleção de pedras e também de todas as outras, como as de insetos e de borboletas. Lembrou-se de detalhes dos desenhos de monstros que gostava de criar e se deu conta de que não poderia ter escolhido uma carreira que o fizesse mais feliz.

Levantou-se e buscou algumas pedras planas para ver se conseguia bater novamente seu recorde de quiques sobre a água, que chutava ser algo entre sete e dez. Com muito esforço, conseguiu fazer a pedra pular quatro vezes e percebeu que estava um pouco velho para aquilo, além de não ter graça praticar a atividade sem Dukker ao lado.

Quando menos percebeu, estava novamente pensando nas questões levantadas na conversa matinal com o italiano. Perguntou a opinião de Vincent, que não deu a mínima; o gato estava entretido observando os movimentos de um pequeno sapo.

Resolveu então que não deveria se precipitar com a decisão, mas estava bem inclinado a manter os preços mais altos e desistir das histórias inverossímeis. Perguntou a si mesmo o que seu pai Finn faria em seu lugar. Finalmente decidiu que deveria ser uma decisão tomada a dois, entre Martina e ele, os sócios iguais da Gallery Art Wolf.

Chegou a casa no final da tarde e contou toda a história para sua esposa, desde a conversa com Pietro, até as reflexões às margens do rio Amstel. Achou que havia levantado pontos polêmicos e difíceis de serem decididos, mas se surpreendeu com a reação de Martina:

— Vamos vender, mi bebe. Vamos vender tudo o mais caro possível. Você merece o que aconteceu

e sabe bem que esperamos isso por muito tempo. Não poderia ter recebido uma notícia melhor.

— Mas, meu amor, e sobre as histórias? Aquele charlatão falou que eu pintei quadros em três meses durante as estações dos anos, e que minha família era de médicos e que não queriam que eu pintasse. Falou também milhões de outras coisas indecorosas e sem menor veracidade.

— Pare de se importar com isso. Não gosto de mentiras, você sabe, mas é uma mentirinha que não faz mal a ninguém. O Pietro tem razão em colocar emoção no quadro, temos que fazer isso mesmo. Você pinta com a alma, carinho.

— Mas você então é a favor das mentiras? – perguntou Dolf.

— Não! Nunca! Jamais! Mas acho que temos que contar mais detalhes sobre a criação das peças, e por que não falar da sua vida? Você não foi obrigado a ser médico, mas fez direito. Não é meio que a mesma coisa? Podemos adaptar o estilo do Pietro, mas colocando os elementos verdadeiros. Que você acha?

— Acho que o Pietro fez um ótimo trabalho – intrometeu-se Anita, que estava escutando a conversa de seu quarto. – Eu estive lá conforme vocês pediram e fiquei impressionada com como ele trabalhou bem e representou a loja à altura enquanto vocês estiveram fora. Por que você não o contrata, papai?

— Isso, Dolf, escute sua filha. – disse Martina – Por que você não se dedica a criar, e deixamos a venda com o Pietro? Deixamos boas comissões na mão dele e vamos viajar, mi amor. Vamos viver a vida. Japão, China, Austrália, Nova Zelândia... Temos muitos lugares pra conhecer ainda. Ahhh, e temos que levar nossa filha pra conhecer sua família e raízes venezuelanas.

— Isso é dois contra um. Covardia! Sou a favor de manter os preços e de colocar mais emoção nas histórias das pinturas e tudo mais. Mas podemos fazer isso nós mesmos, não precisamos mais do Pietro. – disse o artista.

— Mas você é teimoso, heim papai? – disse Anita revirando os olhos.

— Mais teimoso do que uma mula do signo de touro, minha filha. – concluiu Martina Molina.

Dolf então olhou para chão e viu que o gato os observava.

— Sorte que Vincent não fala, seria mais um nessa casa me chamando de teimoso. – concluiu Dolf soltando uma risada.

— Preciso fazer uma última coisa antes do jantar – emendou o pintor.

Pegou o telefone, ligou para Dukker e disparou: — Meu nobre amigo, pago o que você pedir para dar um sumiço naquele maldito sino. Ressaca de sino é uma merda sem igual!

32. Força d'água

A partir de 6 de fevereiro de 1970 começaria o Ano do Cão, segundo o Horóscopo Chinês. Coincidência ou não, Dolf enchia a boca para dizer que, depois da volta das férias, aquele havia sido realmente um “Ano do Cão”. A entonação do artista deixava transparecer que a referência era ao Capeta, e não ao melhor amigo do homem.

Sua decisão de manter os preços altos combinada com a administração do casal à frente da área comercial resultou num fiasco sem precedentes. Venderam a terrível marca de quatro quadros em oito meses, queimando praticamente toda a receita extra gerada por Pietro durante suas poucas semanas de trabalho.

Para piorar, as brigas com Martina viraram uma constante, pois a cada semana sem venda ela tocava no assunto de contratar o Italiano em definitivo, o que já havia sido considerado assunto encerrado pelo turrão Van Haarlem.

Após tanto desgaste, a proposta de Dolf para Martina foi a de que ele passasse o mínimo de tempo possível na loja e ela ficasse encarregada do comercial, com liberdade para fazer o que bem entendesse. Baixar os preços, dar descontos, contar um par de mentiras, nada disso mais importava. Ele precisava de tempo para focar na criação de novas peças e julgava que a distância talvez diminuísse a frequência das discussões, já que os dois passavam praticamente todo o tempo juntos.

Canalizou sua raiva para criar uma série baseada nos canais da cidade, mas desta vez com um olhar mais intenso e até mesmo destrutivo. Nas novas pinturas, as águas corriam com força e depredavam partes das margens, além de arrastar objetos pela correnteza. Era a maneira que Dolf usava para botar para fora todo seu ódio pelos acumulados incômodos: em vez de berrar pela janela, preferia mostrar a natureza depredando árvores, bancos e pontes.

Foram sete telas grandes de 1,40 por 1 metro, muito marcantes, e que apesar de um convite ao absurdo traziam uma sensação de força descomunal.

Três delas foram as mais emblemáticas: a primeira mostrava duas embarcações afundando com tripulantes tentando salvar suas vidas. Outra mostrava o canal coberto por tulipas vermelhas, acompanhando o movimento da água, que trazia, para quem a olhasse rapidamente, a sensação de um mar de sangue ou da lava de um vulcão em erupção.

Na última e mais marcante, as águas arrastavam a estátua de Rembrandt, que aparecia apenas com a cabeça para fora da água, como se estivesse clamando por socorro. Pensou em vários nomes complexos, porém resolveu nomear a coleção de forma mais simples e direta possível. “Devastações” foi o nome escolhido pelo artista.

Devastação também é uma boa palavra para definir a sensação de Dolf ao receber um telefonema da Tia Anelise no momento em que ele terminava as últimas pinceladas direcionadas para a cabeça da estátua de Rembrandt, que marcava o último dos sete quadros da série.

O chão caiu e seu mundo desabou. A notícia da morte de sua amada mãe lhe causou uma sensação diferente de tudo que havia sentido até o momento. De imediato não chorou, não se desesperou e nem sentiu raiva. Nos primeiros cinco minutos era como se não conseguisse pensar em absolutamente nada. Seus pensamentos esvaziaram como os de um experiente praticante de meditação atingindo o Nirvana, estado de total paz interior e de tranquilidade, alcançado unicamente pelos mais sábios.

Nos minutos seguintes, deitou no chão do ateliê e começou a pensar na vida simples que havia levado sua mãe e também em como ela era amorosa e dedicada à família. Percebeu o quanto Heide sempre lutara pelos filhos durante toda a vida e como tinha conseguido criar os quatro desempenhando o impressionante papel de mãe e pai a um só tempo. Tantas coisas lamentou não ter dito para ela, mas por outro lado teve a certeza de ter sido um filho presente que sempre participou ativamente da vida da mãe. Sentiu-se bem por isso.

A partir daí a memória começou a resgatar mais detalhes da mãe, como seu rosto, seu toque, seu cheiro e sua voz, e percebeu o quanto sentiria falta da presença dela. Foi então que começou a chorar compulsivamente como criança por meia hora, deitado no chão do andar de cima da casa.

Quando finalmente se recompôs, deu a notícia para Martina pelo telefone. Ela imediatamente fechou a loja e foi ao encontro do marido para consolá-lo. Foram juntos ao encontro de Anelise para dar início a toda aquela desagradável burocracia.

O corpo de sua mãe ainda estava na sala, e a morte ocorreu enquanto a irmã estava fazendo compras no mercado. Heide estava bem de saúde, com boa disposição, e naquela tarde tricotava um suéter, provavelmente para presentear uma das filhas. A primeira suspeita foi de que a causa da morte poderia ter sido algum infarto súbito, o que não era de se estranhar devido à fragilidade do coração de uma senhora com idade avançada.

Heide foi encontrada caída no sofá da sala, vestida com uma roupa cinza de algodão, dessas típicas confortáveis para ficar em casa. Acharam também o material do tricô espalhado entre seu colo e o chão, e o livro “Poesías: Las piedras de Chile” de Neruda, na mesinha ao lado, o mesmo que no ano seguinte receberia o Premio Nobel de Literatura. Por um instante, Dolf se recordou do inglês que havia visto em situação parecida no comecinho do ano.

Sentou gentilmente o corpo da mãe no sofá, envolveu-a afetuosamente com os braços e falou ao seu ouvido: — Desculpe, mãe, se não fui um filho carinhoso e também por nunca ter lhe dito o quanto eu amo você. Obrigado por tudo. Fique com Deus e com Finn. Fale ao pai que eu mandei um abraço apertado.

Com toda a burocracia resolvida, conduzida pelo ágil Rutger, Heide teve um velório simples com a presença apenas dos familiares e de Dukker, considerado por ela como seu quinto filho. Anita chorava inconsolável, abraçada a Merel. Luus providenciou o tradicional leitão com batatas fritas, o prato que tantas vezes foi preparado com carinho pela matriarca da família.

Posteriormente, Heide Van Haarlem foi cremada, segundo sua vontade manifestada por diversas vezes, e teve as cinzas espalhadas pelos quatro filhos, que se reuniram numa tarde fria e de céu limpo às margens do rio Amstel.

Os quatro se deram as mãos, fizeram uma oração e agradeceram a Deus por terem sido abençoados com a presença daquela mulher, a mãe incansável que sempre cuidou com louvor e esmero de seu ninho.

Dolf, então, pediu a palavra e recitou um versinho escrito em colaboração pelos netos de Heide:

Finn, Anna, Isadora e Anita.

“Obrigado por tudo, Por olhar por nós e pelos zelosos cuidados, Por toda a paciência do mundo, E pelo jeito amoroso e dedicado.

Obrigado vó pelas brincadeiras divertidas, Que sem dúvida marcaram a nossa infância, Vamos sentir muita saudade, De uma avó que com elegância, Sabia cozinhar como ninguém.

Amém!

Quem vai agora satisfazer nossos caprichos?

E nos defender mesmo quando estivermos errados?

Quem vai reunir a família aos domingos?

Pra comer batata frita com leitão assado?

Obrigado vó Heide por tudo.

Te amamos e te levaremos na memória, Como a avó mais doce e gentil do mundo, Que já existiu em toda nossa história.”

O poema na verdade havia sido escrito por Anita, mas ela sabia que estava representando a opinião de todos os primos, portanto resolveu dividir a assinatura com os demais. A leitura de Dolf arrancou ainda mais lágrimas das irmãs e marcou o fim daquele ritual de despedida.

Luus, Alberdina e Merel voltaram para suas casas e suas famílias, e o pintor resolveu que ficaria mais alguns minutos sentado à margem do rio a observar a força daquelas águas, que agora transportariam as cinzas daquela mulher que fez a diferença na vida dos Van Haarlems.

A data de óbito de Heide foi a de 9 de Novembro de 1970. No mesmo dia faleceu Charles de Gaulle, primeiro-ministro e posteriormente presidente da França.

33. *Feliz, porém vermelho*

Jordaan é um bairro vizinho ao centro de Amsterdam, no lado oeste, que pode ser alcançado em menos de 10 minutos de caminhada a partir da Praça Dam. O bairro de classe operária no século 18 se tornou uma das áreas mais formosas e sossegadas da cidade, com ruas arborizadas em forma de arco e com charmosos canais bem estreitos.

Rozengracht é a rua principal que cruza todo o bairro, e por lá Dolf estava desde cedo sentado em um Pub, tomando coragem para executar sua missão. Tomava uma cerveja, tomava um pouco de coragem, fumava um cigarro e se convenciu de que aquilo poderia ser uma decisão razoável devido ao fracasso da loja, que há tempo não vinha bem e que piorou ainda mais após a morte de Heide, já que desfocou o casal tanto da parte comercial quanto da produtiva.

Além da insistência de Martina, os argumentos bem fundados de sua filha corroboraram para que Dolf viesse a tentar encontrar o italiano para convencê-lo a ser um funcionário fixo da Gallery Art Wolf.

Após pesquisas pelos bares frequentados por Pietro, Dolf descobriu que ele estaria trabalhando em uma barraca do mercado de antiguidades De Looier. O tradicional mercado de antiquários de Amsterdam ficava situado no canal Elandsgracht, no bairro de Jordaan. Elandsgracht também era o nome do prédio onde funcionava o mercado, que continha um labirinto de expositores que vendiam objetos antigos, prataria, pinturas, moedas, brinquedos e uma gama inimaginável de outras peças raras de diversas coleções.

Depois de um passeio observando atentamente os vendedores da feira, Dolf encontrou Pietro trabalhando em uma barraca especializada em vender moedas antigas. Perguntou amavelmente se ele poderia conversar, e Pietro, surpreso com sua presença, falou que estava em horário de trabalho e poderia falar em aproximadamente uma hora durante o horário do almoço. O pintor aproveitou e o convidou para almoçar em algum restaurante da redondeza, e o vendedor aceitou sob a condição de que ele comprasse uma moeda rara.

A oferecida por ele foi a de 1 Daalder do ano de 1620, da província holandesa de Overijssel - que havia sido ocupada pela França em 1810 e pela Alemanha Nazista até abril de 1945. Dolf ficou impressionado com os milimétricos detalhes que o vendedor sabia sobre cada um de seus produtos, e com a precisão com que forneceu informações precisas de peso, material e diâmetro da moeda – 28,8g, prata e 41,4 mm, respectivamente.

Dolf, que não era dos mais gastadores, saiu do mercado De Looier achando que havia feito um bom negócio com a compra daquela moeda, mesmo sabendo que aquilo não teria utilidade alguma e que provavelmente havia pagado mais caro do que em qualquer outro lugar. Preferiu não negociar para não aborrecer o italiano, que lhe explicou gentilmente sobre a história por trás do produto adquirido.

Já sentado à mesa do restaurante Daalder à espera de Pietro, terminou uma taça de vinho e concluiu que colocar vida em arte ou antiguidade fazia toda a diferença. Quando pediu a segunda taça para o garçom, viu o italiano se aproximar, já fazendo sinal para o atendente de que iria querer a mesma

bebida.

— Seja bem vindo, meu caro! – começou Dolf, de forma mais amável do que a do último encontro.

— Obrigado, Mestre Dolf. Que bons ventos o trazem ao charmoso Jordaan?

— Antes de contar o motivo, queria me desculpar pela conversa que tivemos no ano passado. Reconheço que agi friamente, em vez de demonstrar gratidão pelo seu ótimo resultado.

— As vendas deram uma diminuída, não é mesmo? – perguntou Pietro em tom irônico.

— Sim, encolheram drasticamente. Admito que um habilidoso vendedor como você faz muita falta, e antes da sua chegada estava justo refletindo sobre como uma boa história ajuda a fechar o processo de venda. E devo ser sincero, não conheço alguém que o faça tão bem como você. – reconheceu Dolf enquanto já pedia a terceira taça de vinho.

Pietro o interrompeu e pediu para o garçom trazer uma garrafa, e avisou que seria por sua conta.

— Obrigado Dolf, mas preciso ter um produto bom pra trabalhar. Sem querer parecer arrogante, mas quando me apaixono pelo material, garanto alto desempenho nos negócios – completou o italiano.

Deram uma pausa na conversa para pedirem o prato principal. Dolf foi de robalo com aspargos e rabanetes e Pietro escolheu uma salada de folhas variadas com cogumelos.

— Sobre o que você estava falando de se apaixonar pelo produto, Pietro, me agradou o que ouvi. E a respeito dos motivos da minha vinda, imagino que você já desconfie, não é mesmo?

— Não desconfio, Dolf. Achei que você quisesse apenas minha companhia para uma agradável refeição e até mesmo comprar moedas raras. – sorriu novamente Pietro.

— Ainda acho que você já sabe do que se trata, mas mesmo assim vou dizer. Vim aqui te oferecer um emprego fixo na galeria, com 10% a mais do que oferecemos na sua última passagem. – Propôs Dolf.

— Eu fico lisonjeado, meu caro amigo, mas estou fazendo um bom trabalho e muito feliz no local onde estou vendendo minhas moedas.

— Entendo Pietro, mas por outro lado tenho certeza de que você poderia ganhar muito mais trabalhando com a gente. Estou disposto a flexibilizar em 20% a mais no fixo e mais comissões de 10% para cada venda. O que você me diz?

— Está começando a ficar interessante Dolf, mas ainda está abaixo do que recebo hoje. – blefou o italiano, que estava ganhando metade do oferecido.

— Acho mais fácil você dizer logo de quanto precisaria pra voltar a trabalhar com a gente.

— Tenho uma proposta que pode ser interessante e que não vai afetar tanto assim o seu fluxo de caixa. – respondeu Pietro.

— Sou todo ouvidos! – Disse o pintor.

— Ela é apenas um pouco maior do que a sua última proposta, e tenho certeza de que vai ser um bom negócio tanto para você quanto para mim. Aceito 40% a mais do que o último salário, mais 20% de comissão por cada venda e aqui vai o principal componente: Você me entrega um quadro seu por mês,

para minha coleção particular.

— Parece astuto, mas poderia por gentileza explicar mais detalhadamente a parte das pinturas? — Pediu Dolf após um longo gole na taça de vinho.

— Além do salário e da comissão, você se compromete a pintar todo mês um quadro que vai ser meu. Não entra nem na galeria, vai direto para minha coleção. Não precisa se preocupar que eu forneço as telas, e até as tintas se você me ajudar a escolhê-las. Como você sabe, eu gosto muito da sua arte, e tenho certeza de que ela vai se valorizar assim que eu começar novamente com as vendas. Pense da seguinte maneira: com a posse de suas pinturas, vou ter cada vez mais incentivo para ajudá-lo a se tornar um pintor famoso e renomado, quem sabe até internacionalmente. Ganhamos os dois com a valorização das obras. Garanto que você não vai se arrepender. Qual sua opinião, meu nobre?

— Acho um critério interessante, mas já que não negocieei na compra da moeda, permita-me negociar aqui, afinal tenho que zelar pelo único negócio da família. Proponho 25% a mais no fixo, 13% de comissão e um quadro a cada trimestre. — retrucou o artista, com expressão decidida.

— Para fecharmos negócio, Dolf, e fechando negócio você entenda que eu assumo a conta do almoço e que vamos pedir mais uma garrafa de vinho para celebrarmos o começo de uma nova era — falou o vendedor enquanto já passava a mão na carta de vinhos para escolher. Para fecharmos negócio, repito...

— Vamos Pietro, quero escutar sua oferta.

— Um bom francês ou italiano com bastante carvalho? - perguntou Pietro.

— Como já temos muitos italianos por aqui, minha escolha tende a França, sem ofensas. Mas diga, meu prezado, estou curioso. Espero que seja algo bom, porque a nossa garrafa já secou e eu estou salivante no aguardo de suas palavras.

— Aqui vai, eminente chefe: 30% no fixo, 15% no variável e um quadro a cada dois meses. Essa é minha oferta final: Ou vinho ou nada.

Dolf então se levantou da mesa, chama o atendente e pediu, gastando o pouco que sabia de francês: — Garçon, un Châteauneuf-du-Pape, s'il vous plaît.

O Italiano também levantou, abraçou Dolf e beijou com vontade suas duas bochechas, fazendo-o feliz, porém vermelho.

34. Sobre canastra, orelha, estilo e territorialismo

A casa onde Heide morava ficou com um astral demasiado baixo após a sua partida, contaminando principalmente sua irmã Anelise que começava a apresentar pequenos sinais de depressão.

Partiu de Merel, a sobrinha com quem Anelise dividia o apartamento, a ideia de organizar alguma atividade para melhorar o clima e trazer a alegria de volta àquele lugar. Ela decidiu que organizaria partidas de canastra, o jogo preferido da tia, que fora inventado por um uruguaio nos anos 40 e depois se espalhou por vários lugares ao longo do globo.

Convocou duas amigas da tia que estavam viúvas, sozinhas e sem muita distração para comporem um clube de jogatina, que deveria acontecer religiosamente toda quinta-feira na casa de alguma delas. Merel se propôs inclusive a buscar as idosas, senhoras Hendrina e Ineke, de táxi para onde fosse realizado o evento.

A canastra deve ser jogada em duplas e o objetivo é fazer o máximo de pontos, que são os valores somados das cartas baixadas por cada par, e das canastras que são sequências de sete ou mais cartas de mesmo naipe e que têm pontuação especial. As duplas seriam sorteadas antes de cada jogo.

Naquela quinta-feira, Dolf e Martina haviam sido convidados especiais do evento patrocinado por Merel, que serviu ponche de frutas, ovos de codorna com molho rosê e porções de castanhas para serem degustadas durante as partidas. Martina mandou encomendar Crema Catalana para sobremesa.

As duplas sorteadas foram Dolf com Hendrina, uma senhora muito lúcida para seus noventa anos, Anelise com Martina e Merel com Ineke, que era surda do ouvido esquerdo (e escutava mal com o direito).

Durante a primeira partida, Martina se deu conta de que Anelise, sua dupla, roubou ao resgatar uma carta de seu interesse que já havia sido descartada. Achou graça na atitude da tia. Na segunda rodada, percebeu o mesmo movimento duas vezes, e pensou se só ela estaria vendo aquela roubalheira descarada. Olhou ao redor e viu que ninguém mais havia reparado nos atos ilícitos da tia desonesta.

Quando Anelise se levantou para buscar um copo de ponche no intervalo entre uma partida e outra, Martina se deu conta de que ela havia deixado cair da saia comprida um rei de copas no chão. Todos, aí, finalmente perceberam. Martina, que já estava tentando segurar a risada, não se conteve, caiu na gargalhada, engasgou-se ao beber seu copo de ponche e teve que ser acudida por Dolf, seu herói.

O artista lembrou-se imediatamente da história do casamento de Dukker e comentou que, se eles ainda não estivessem casados, aquele engasgo da pretendida teria sido o começo do romance. Martina propôs então que eles fizessem uma grande festa para renovar os votos, desta vez em Amsterdam e para muitos convidados. O pintor se deu conta de que estava prestes a cair em uma armadilha e ofereceu trocar a festa por uma nova viagem, mas frisou que seria sem data definida. A esposa aceitou.

O tão esperado retorno de Pietro atendeu às expectativas dos Van Haarlems, e logo na primeira semana de regresso o italiano marcou um gol ao vender duas telas da série Devastações para um casal francês.

Segundo ele, era relativamente fácil vender quadros dessa coleção, pois além de serem viscerais, tinham um quê de surrealismo que agradava aos frequentadores da galeria.

Além de tudo, ele não precisava contar nenhuma mentira escalafobética, apenas exagerava um pouco quando se referia ao ódio sentido pelo pintor no momento das pinceladas. Trocou as monótonas discussões do pintor com sua esposa por sentimentos mais agudos, como a morte da mãe (mesmo a série tendo sido toda pintada antes do evento) e conflitos internos não resolvidos ao longo de sua vida, causados principalmente por traumas de infância. E aí inventava uma ou duas situações traumáticas, como o dia em que o artista apanhou na escola ou quando foi obrigado a mostrar o pênis para o grupo dos valentões praticantes de bullying.

Pietro não sabia, mas passou muito perto de acertar aquelas cruéis situações vividas pelo menino Dolf na época escolar.

No primeiro encontro com Dolf para falar de resultados, comentou sobre o poder de venda da coleção Devastações e sugeriu mais quadros, se possível, para incrementar a série e conseqüentemente as vendas. Propôs temas a serem arrastados pela correnteza, como a cúpula do Palácio Real da Praça Dam, o famoso prédio de Waag da Praça Niuwemarkt, uma cabine de exibição da Red Light District com uma meretriz dentro e até mesmo um quadro especial com o canal arrastando obras famosas de Van Gogh. Pediu também novas telas da coleção de Tulipas, que já estavam todas vendidas e que também eram bem valorizadas pelos clientes.

Dolf acatou muito a contragosto as requisições de Pietro, com exceção das telas de Van Gogh sendo arrastadas pelo rio, que considerou de alguma maneira quase que um insulto. Para compensar, resolveu se divertir e acrescentou um quase imperceptível pedaço de orelha flutuando e acompanhando o movimento das águas em um dos quadros novos da série Devastações.

Sugeriu a Pietro que, se alguém percebesse que o pedacinho de orelha era o de Van Gogh, ele estaria autorizado a vender a obra com um bom desconto para o observador.

Por incrível que pareça, quem reparou no pedaço flutuante foi uma criança de sete anos que acompanhava o pai na visita à galeria. Mesmo com a pechincha, o pai optou por não comprar a arte, que logo dois dias depois foi levada por um português que nada percebeu.

Dolf recebeu um telefonema, e para sua felicidade, desta vez era algo hilariante. Dukker estava na linha para contar sobre algo acontecido no DOD.

— Você e essa sua língua gigante, Dolf Van Haarlem, seu profeta do demônio! – Disse Dukker já nas primeiras palavras.

— Quanta agressão, amigo Dukker. O que foi que aconteceu?

— Você não vai acreditar!

— Prometo que vou fazer um esforço hercúleo. – Falou Dolf, curioso para saber o acontecido.

— Pois bem, entrou uma mulher maravilhosa no DOD. Fantástica. Bem no estilo que eu gosto. Mais pra cheinha, exótica, com os cabelos rebeldes pintados de vinho.

— E aí ela se engasgou com alguma coisa e vocês casaram? – Disse Dolf, o engraçadinho.

— Não, seu bobão, antes fosse! – disse Dukker.

— Então o quê? – perguntou o pintor, começando a se divertir com a história.

— Então eu fui querer impressionar aquela beldade, que era muiiiiito estilosa, incrivelmente fashion, vestida toda de preto e com uma bota sensual de couro que cobria até a altura das coxas avantajadas.

— E como você a tentou impressionar, Dukker? Serviu cerveja de melancia dentro de uma melancia?

— Não seu bocó, mas até que não é uma má ideia. Preciso lembrar disso para as próximas. Na verdade, bebi com toda facilidade meio litro de cerveja num único gole, e pra completar falei pra ela que era dono do bar e a desafiei para que me acompanhasse no desafio dos 500 ml.

— Tá ficando boa a história, gordinho. Conta mais, e aí, que aconteceu? – Pediu Dolf.

— Daí ela não aceitou, então fui me exhibir demonstrando para ela como o sino deveria ser tocado em comemoração à façanha. Usei toda a minha habitual sutileza, para não dizer o contrário.

— Posso imaginar... E aí? E aí?

— E aí, descobri que a madeira onde o sino estava pendurado havia sido tomada por cupins. – Contou o mestre cervejeiro.

— Não acredito. Então aconteceu o que eu estou pensando? O sino despencou?

— Aham. Não somente despencou como caiu na cabeça do papai aqui. Desmaiei e tive quer ser levado à emergência do hospital para tomar seis pontos na cabeça.

— Meu Deus do céu Dukker, que doideira! E a gordinha estilosa? – perguntou o pintor, já dando muitas risadas.

— Nunca mais a vi. E o pior não é isso. Como tentei desviar do sino, ele caiu na lateral logo acima da orelha. Imagine que seu amigo, logo ele que tem pouco cabelo, teve que raspar um naco grande justamente na região mais provida capilarmente falando.

— Isso é uma mensagem divina, Dukker. Deus está falando para você aproveitar e assumir de vez a careca por inteiro. Raspa tudo logo, vai por mim. – disse Dolf, após divertir-se muito.

— Nunca! As mulheres aprovam meu estilo careca cabeludo de ser, que é também muito apreciado entre os cervejeiros da cidade. – Concluiu Dukker.

E assim foi terminando o divertido assunto, que fez com que Dolf pintasse um gordinho com um sino na cabeça, caído num chão de um bar, onde metade dos presentes estava tentando ajudar e a outra metade dando risada. A mulher exótica e sensual de Dukker estaria no segundo grupo.

Apesar dodeboche, o cervejeiro amou o presente, que ganhou lugar de destaque atrás do bar do

Com Dolf e Martina passando mais tempo fora da galeria do que dentro dela, Anita começou a fazer esporádicas visitas ao Sr. Pavanello.

Com a desculpa de ir visitar o gato Vincent, que continuou cumprindo rigorosamente o expediente na loja mesmo sem a presença dos donos, Anita aproveitava para conversar com o italiano e às vezes compartilhar alguma bebida ou cigarros.

A mulher com dezoito anos completos sentia-se tão à vontade perto de Pietro que nem se preocupava em esconder os dentes na presença dele. Começou a sorrir com mais entonação e frequência, cada vez mais solta. Pietro sugeriu que quem sabe um dia eles não pudessem sair para jantar ou até mesmo beber em algum Pub da cidade, mas Anita sentia muito medo principalmente de ser descoberta pelos pais, então deu uma desculpa qualquer.

Na sua última visita a Pietro, sentiu que algo realmente a atraía naquele vendedor tão atencioso e articulado. Até as grandes entradas do italiano começavam a parecer mais charmosas, sem contar que ele se vestia muito bem e estava sempre impecavelmente perfumado. Em determinada ocasião, Pietro pegou na mão de Anita durante uma história que contava sobre a época em que morou no romântico Vale do Loire, na França, e fez a menina sentir formigamentos pelo corpo inteiro e borboletas na barriga.

A história foi interrompida quando perceberam que o territorialista Vincent havia demarcado seu espaço defecando no tapete perto do balcão da loja, onde Pietro costumava sentar-se para esperar os clientes. O gato foi reprimido por Anita, mas pareceu não se ter se importado muito.

Parece que a demarcação não surtiu tanto efeito assim, pois as visitas continuaram e o gato continuou defecando. Pietro contou para Dolf e Martina sobre o nojento hábito do gato, logicamente sem mencionar as visitas de Anita. Foi então que resolveram aposentar o felino, que passaria a morar integralmente na casa em De Pijp.

Vincent ficou feliz, pois gostava mesmo era de acompanhar seu dono Dolf durante seu processo criativo e achava desagradável o odor forte daquele sujeito que passava tanto tempo na galeria.

35. Borboletas e bicicletas

Era aniversário de Martina e Dolf resolveu que lhe faria uma pequena surpresa. A esposa, que morava havia mais de vinte anos em Amsterdam, não sabia andar de bicicleta, o mais popular meio de transporte da cidade, e eventualmente comentava que adoraria aprender a pilotar uma “magrela”, termo usado pela própria, que Dolf supôs advir da cultura venezuelana.

Naquele dia 29 de setembro de 1971, em que Martina completaria quarenta e cinco anos, o presente não poderia ser outro senão o seu objeto de desejo. O pintor ponderou que, além de estar ganhando muito mais dinheiro do que em qualquer outra época da sua vida, tinha mais tempo disponível para se dedicar ao que bem entendesse, o que lhe daria tempo de ensinar a esposa a pedalar.

Quando Martina despertou no dia do seu aniversário, abriu os olhos e deu de cara com uma vistosa bicicleta amarela dentro do quarto. Estavam lá também Dolf e Anita, para cantar “parabéns pra você” e servir-lhe um delicioso café da manhã composto de peras descascadas, omelete, café-com-leite, pães variados e pequenos chocalatinhos carinhosamente dispostos em uma bandeja com um girassol.

Martina não sabia se chorava, se abraçava a família, se comia ou se saía imediatamente para aprender a andar de bicicleta. Com a exceção do último, satisfiz todos os desejos ao mesmo tempo.

A metodologia utilizada pelo artista para ensinar a esposa a andar foi exatamente a mesma utilizada com qualquer criança. No começo, deixou a bicicleta com as duas rodinhas de apoio, o que ajudou Martina a dar as primeiras pedaladas sem maiores dificuldades. Depois uma rodinha foi retirada, e a esposa começou a ganhar alguma noção de equilíbrio.

Na segunda semana, resolveu que havia chegado a hora de tirar a segunda rodinha, o que obrigava Dolf a segurar a bicicleta pelo banco de trás enquanto Martina pedalava. Normalmente ficava ofegante, pois tinha que correr para acompanhar sua mulher, e a combinação de sua idade com sedentarismo, aliado a um alto consumo alcoólico e tabagístico fazia com que se cansasse muito rápido. Martina sempre pedia aos gritos enquanto pedalava: — Não me solta. Não me sooolllllta!

— Você está segura, pode ir em frente – respondia o marido entre uma tossida e outra.

Até que, uma hora, Dolf a soltou sem que Martina soubesse. Ela estava pedalando sozinha, mas quando olhou para trás e não viu o marido a segurando, despencou imediatamente. Ficou possessa, se sentiu traída e ficou um dia inteiro sem falar com ele, que para se defender alegava que apenas tinha aplicado o mesmo método com que ensinaram a ele e a todas as crianças da Holanda a pedalar na infância.

No dia seguinte, mesmo com um hematoma na panturrilha e com o joelho ralado, Martina resolveu perdoar o marido e se lançou em voo solo com sua magrela amarela. Caiu mais umas duas vezes. Depois foi ganhando confiança, e em questões de semanas já percorria a cidade inteira à base de pedaladas. Não podia ter ficado mais feliz. Fez o marido comprar outra bicicleta e fizeram dos passeios um novo e saudável hábito.

Com a Gallery Art Wolf de vento em popa, faturando alto, e sem exigir a presença constante dos donos, Martina resolveu buscar um novo empreendimento. Associou-se com a amiga Luus e montaram juntas uma loja de moda feminina, baseada em tendências latinas. Importavam desde biquínis brasileiros até botas de couro da Argentina. Instalada no bairro de Jordaan, a loja tinha um desempenho razoável e servia acima de tudo para manter as amigas entretidas e por dentro do mundo fashion.

Anita e sua amiga Mia com frequência serviam de modelo para a loja e estampavam as fotos do catálogo. Martina ficava orgulhosa de poder ir e voltar da loja pedalando sua magrela.

Em fevereiro de 1972 se completaria um ano desde que Pietro assumiu em definitivo como Gerente de Relacionamento da loja. O estrategista italiano desenvolvia um ritmo impressionante, e, sempre que sentia a hora certa, aumentava um pouco mais os preços dos quadros expostos. Passou a não aceitar encomendas, pois afirmava que aquele era um artista sério que só sabia expressar seus sentimentos e não conseguia trabalhar sobre demanda.

À sua maneira, foi posicionando Dolf cada vez mais como realmente um artista de renome, contando diversas histórias excêntricas sobre ele e sempre que possível dando pitacos e direcionando suas criações. Como quem não quer nada, foi passando de vendedor da loja a empresário do pintor.

Com um ano de trabalho, o caixa da loja já estava explodindo e Pietro não podia reclamar de suas comissões, além do fato de já ter acumulado seis bonitas pinturas de Dolf como parte de seu pagamento, que já valeriam mais do que todo seu salário fixo daquele ano caso resolvesse vendê-las.

Apesar do sentimento de gratidão mútua, pois aquela parceria simbiótica entre vendedor e artista gerava excelentes frutos para os dois lados, não raras eram as discussões entre os dois. Apesar de escutar muito o italiano, Dolf não gostava de ter sua arte tão direcionada assim, o que justificava dizendo que de alguma maneira a pintura acabaria perdendo sua essência poética.

— Eu estou apenas te informando o que vai ser vendido e o que não vai. — afirmou Pietro em um dos diversos diálogos que tiveram.

— Eu sei, Pietro, mas um artista não pode se guiar pelo dinheiro. Você sabe que o lado financeiro é importante pra nós dois, mas preciso também me sentir realizado como pintor. — contrapôs Dolf.

— Entendo, mestre, mas por favor, nada de quadros muito mornos. Você não sabe a história que precisei inventar pra vender o último da série de Moinhos.

— Já captei o recado, Pietro, pode deixar que essa merda já está bem entendida. Você não vai ver mais um putinho de um moinho dentro desta galeria. — respondeu o exaltado artista.

— Perfeito, Sr. Van Haarlem, e a propósito, gostaria de participar na escolha dos nomes dos quadros, um bom nome faz toda a diferença.

— Negativo, Sr. Pavanello. Os nomes escolho eu, e eu sozinho. Minha tarefa é criar e a sua é vender as porcarias que crio, mesmo que os nomes não prestem.

— Entendido, Sr. Van Haarlem. Mas uma coisa eu tenho que pedir e agora o senhor vai me escutar. Quanto menos você aparecer aqui na galeria, mais eu vendo. Ninguém quer comprar quadro da mão do artista. Você acha que vai à galeria que vende obras do Picasso e o próprio vai estar lá, lépido e fagueiro, para recebê-lo?

— Claro que não, se eu soubesse do paradeiro de Pablito passaria o dia na galeria dele só pra ver se aprendia alguma coisa por osmose. – respondeu Dolf.

— Então Dolf, mesma coisa aqui. Quanto menos te virem, quanto mais misterioso e excêntrico você for, melhor pra sua imagem e pros negócios.

— Excêntrico?

— Exato. Você é artista, Dolf, pode fazer o que quiser. Quanto mais doido, melhor. Pensemos em Salvador Dalí, por exemplo, olha como ele se veste e também como foi astuto em deixar o bigode como sua marca registrada. Você é um tremendo artista Dolf, aproveite que está com dinheiro e vá comprar umas roupas mais extravagantes, ou sei lá, deixe crescer alguns pelos faciais mais exóticos. – disse, mostrando com as mãos de que formas Dolf poderia deixar crescer a barba.

— Você só pode estar de sacanagem, Sr. Pavanello.

— Não estou, Sr. Van Haarlem, mas faça o que achar melhor.

— Estou de acordo em vir aqui o mínimo possível, isso sim. Uma vez por semana, em horário de movimento fraco, apareço para ver como estão as coisas e pronto. Mas essa conversinha aí de ser excêntrico, pode esquecer. – concluiu o pintor a conversa.

E quanto menos Dolf aparecia na loja, mais as vendas aumentavam. Quanto menos aparecia na loja, mais sua filha aparecia. Quanto mais Anita aparecia na loja, mais Pietro a paquerava. Até que um dia, após compartilharem uma garrafa de vinho branco, se beijaram dentro da Gallery Art Wolf pela primeira vez.

Anita liberou todas as borboletas de seu estômago, que voaram cintilantes pelos céus de Amsterdam.

Naquela noite, Martina chegou à casa contando que viu lindas borboletas amarelas voando pela cidade enquanto pedalava de Jordaan a De Pijp.

Meses se passaram, a loja foi prosperando, o dinheiro foi aumentando, o namoro secreto de Pietro com Anita foi tomando forma, até que um dia Dolf apareceu em casa vestido com um terno azul turquesa e um cavanhaque loiro e grisalho, no melhor estilo bode, que compôs bem com a pinta de seu rosto. Martina aprovou o visual e agarrou o seu marido na frente de Anita, que morreu de vergonha.

36. *Do tram para a fama*

O tram, uma espécie de bonde, é um dos principais e mais tradicionais transportes públicos de Amsterdam que se engancha à rede elétrica através de uns chifres que saem do teto e ocasionalmente provocam um volume grande de faíscas.

Dolf, que havia sido convidado por Rutger a passar em seu novo escritório de advocacia, estava em um dos vagões que o levariam em questão de poucos minutos à estação central. De lá, bastaria atravessar em sentido oposto ao centro para pegar uma balsa e chegar a um recém-inaugurado prédio de dezenove andares que ficava no setor norte da cidade.

Durante o trajeto no tram, sentiu-se incomodado com um senhor aparentando uns setenta e poucos anos que não parava de encará-lo. O pintor desviava o olhar e tentava se concentrar na leitura da seção de política do jornal que levava. De vez em quando, conferia para ver se o homem continuava a observá-lo, e na última checagem percebeu que o senhor caminhava em sua direção. Em alguns instantes, educadamente dirigiu a palavra ao artista: — Desculpe incomodá-lo, mas o senhor não é o Dolf Van Haarlem?

— Sim meu senhor, eu mesmo. Como posso ajudá-lo?

— Só vim dizer que sou um grande fã e que há uns seis meses atrás comprei um elegante quadro de tulipas que guardo com orgulho na parede da minha sala.

Dolf ficou vermelho e sem reação, pois aquela foi a primeira vez em que se viu abordado por um fã desconhecido desde que iniciou sua jornada artística. Agradeceu educadamente ao senhor, apertou-lhe as mãos e desceu do tram radiante em direção ao novo escritório de Rutger. Caminhou como se estivesse flanando pelas ruas, de tão feliz por aquela abordagem inesperada.

Pietro vinha trabalhando forte não somente nas vendas da galeria, quanto nos bastidores, fazendo mesmo sem ser solicitado um trabalho de assessoria de imprensa ao pintor, onde enviava releases, fotos e artigos sobre Dolf para os principais meios de comunicação da cidade. Entendia que fazer do artista uma marca conhecida o ajudaria a vender mais quadros e também a valorizar sua coleção particular. Parece que o resultado começava a aparecer.

Como os preços da galeria vinham em uma constante subida, um quadro de Dolf Van Haarlem virou um objeto de luxo para poucos. O valor de uma obra nessa época já custava aproximadamente quase o mesmo preço do que um carro popular, o que de alguma maneira diminuiu o volume de quadros vendidos para uma média de um por semana, mas aumentou significativamente a margem e o faturamento da loja.

Com tanto dinheiro acumulado, Dolf resolveu fazer seu primeiro grande investimento, comprando à vista a casa de De Pijp onde moravam de aluguel. Na ocasião, chegou com as chaves da própria casa envoltas num laçarote cor de rosa e as entregou para Martina, que demorou a captar a sutil maneira do marido dizer que aquela casa agora lhes pertencia.

Foi uma noite muito celebrada no DOD, com direito a um trio de jazz tocando ao vivo e regada com farta quantidade de cerveja artesanal. Dolf não contou para ninguém, mas sentiu falta daquele sino infernal. Já Martina reclamou da falta de romantismo do marido, que quando saía com ela só a levava ao bar de Dukker.

Quando finalmente chegou ao opulento novo escritório de Rutger, situado na imponente A'Dam Tore, um dos poucos arranha-céus de Amsterdam, foi recebido com um abraço caloroso - atitude rara por parte do cunhado. Foi levado então para conhecer cada uma das instalações da empresa até que se sentaram na sala ocupada por Rutger, com uma vista deslumbrante para a cidade do alto do seu décimo sétimo andar.

— Dolf, meu amigo. Você sabe que sempre acreditei no seu potencial e com certeza se lembrará de que desde jovem o incentivei na carreira de pintor. É ou não é? – perguntou o advogado.

— É? – perguntou Dolf, meio confuso por ter uma lembrança oposta à da afirmação de Rutger.

— Claro que é. Inclusive, guardo com orgulho o maravilhoso quadro que ganhamos de presente e faço questão de exibi-lo para todos que vão ao nosso apartamento. Aproveito e conto detalhes da sua história, que por sinal, venho acompanhando em alguns noticiários.

— Noticiários? – perguntou o pintor, ainda intrigado.

— Por suposto. Não se faça de desentendido, meu caro. Sua escalada como artista é notória e tenho certeza de que a tendência é de subidas cada vez mais íngremes.

— Obrigado pelas palavras, Rutger. Não estava esperando por isso.

— Pois bem, aproveitando que você está aqui, queria conversar sobre dois assuntos. O primeiro é que um artista de sucesso como você vai precisar de um bom advogado para tratar de assuntos diversos do seu interesse, como direitos autorais, imposto de renda e tantos outros temas. Queria aqui humildemente oferecer os meus serviços.

— Interessante Rutger, mas também não tinha parado pra pensar sobre isso. Embora a princípio me interesse sim.

— Excelente Dolf, depois te passo os detalhes mais burocráticos, mas tenho certeza de que você vai estar bem representado, ainda mais por estarmos em família, não é mesmo?

— Se é o que você está dizendo, parece que sim.

— Com certeza sim. – corroborou o advogado. – E o outro motivo é que este escritório necessita ser decorado à altura que ele merece. Não sei se você reparou, mas temos poucos quadros na parede, e queria encomendar pelo menos quatro telas grandes. Três para o hall de entrada e uma para minha sala, para ficar ali, exatamente naquela parede.

E a conversa continuou com Rutger dando detalhes sobre como gostaria das obras, e Dolf concordou com as encomendas desde que tivesse liberdade para pintar de acordo com o que quisesse. O outro pôde apenas escolher o tamanho das telas e se as queria abstratas ou realistas, o resto ficaria a cargo do artista.

A reunião terminou com os dois contratos fechados, Dolf teria um escritório formal para

representar seus interesses financeiros e, além disso, quatro telas grandes para pintar. Antes de sair da sala, Dolf perguntou: — Uma última pergunta Rutger, qual sua opinião sobre gatos?

— Gatos? Por que isso é relevante? Se for importante para você eu gosto de gatos sim, sem problemas. – respondeu Rutger, sem entender muito bem o sentido da pergunta.

— Você gosta ou não gosta de gatos, preciso que você seja sincero, Rutger.

— Sim Dolf, eu gosto de gatos. Adoro gatos! Acho-os criaturas divinas. – respondeu o advogado para não desagradar o artista, mas na verdade não era muito fã de felinos nem de qualquer outra espécie animal.

— Ok então. Nos vemos em breve. Obrigado por tudo.

E assim o artista saiu do escritório, dando continuidade a um maravilhoso dia. Primeiro sendo reconhecido no tram por um fã, depois com o esnobe Rutger o bajulando e encomendando quatro novas telas. O que mais poderia acontecer? Por um momento chegou a se sentir mal por ter assinado tantas vezes o nome do advogado em retratos feitos a jato pelas praças de Amsterdam, mas logo passou. Era hora de chegar à galeria para a tradicional conferência de rotina.

Todo o brilho daquele dia passaria em questão de poucas horas. Quando chegou à Gallery Art Wolf, foi recebido por Pietro, que estava na companhia de Anita. Nos primeiros minutos, o pintor não entendeu muito bem o que sua filha estaria fazendo lá, além de ter pressentido um nervosismo que não era comum por parte de seu experiente vendedor. Foi convidado a sentar, mas optou por ficar em pé. Ficou nervoso e demandou que explicassem imediatamente o porquê de toda aquela encenação.

— Pai, não queria que você ficasse nervoso, mas você sabe que eu te amo e nunca poderia esconder nada de você. – Começou a filha.

— Conta logo Anita, o que está acontecendo?

— Estamos namorando.

— Estamos quem namorando? – perguntou Dolf, poucos segundos antes de cair a ficha.

Anita então virou para o lado, apontando para Pietro apenas com um movimento no olhar. Após um longo silêncio, Dolf reagiu: — Espera aí. Deixa eu ver se entendi bem. Você e Pietro. Pietro e você. Minha amada e inocente filhinha e este cafajeste estão namorando? É isso mesmo que eu entendi? – perguntou Dolf, começando a se alterar.

— Não sou nenhum cafajeste Dolf, mas entendo sua preocupação, então não vou dar ouvidos a isso. – interrompeu Pietro – Eu e sua filha nos apaixonamos e estamos aqui para deixar tudo às claras.

O artista resmungou que não aprovava nada daquilo e saiu bruscamente de loja para se livrar rapidamente daquele desconforto e tentar digerir a terrível notícia. Caminhou sem rumo durante quase uma hora pelo bairro e acabou com um maço de cigarros durante sua andança. Resolveu que passaria na loja de Luus e Martina para saber se elas já desconfiavam de algo.

— Eu já sabia, mi amor. – Disse Martina – Te lo juro que fiquei sabendo tem pouquíssimo tempo, e falei que eles mesmos deveriam te dar a notícia. – Falou a esposa de forma delicada.

— E o que você acha disso tudo?

— A verdade é que demorei pra me acostumar com a notícia, pois você sabe, ela é novinha e inexperiente e o italiano é um homem feito com a malícia de quem foi criado pela vida.

— Exatamente isso! E você não se importa com isso?

— Claro que eu me preocupo com nossa filha, Dolf. Mas me diz o que podemos fazer? Não adianta proibir. Você sabe que tudo que é proibido fica mais atraente. Após alguns dias fui me conformando com o fato e hoje fico contente de ver nossa pequena Anita feliz.

— Mas e a diferença de idade dos dois? Até onde sei esse jovem marginal tem trinta e quatro anos, quinze a mais que nossa Anita. – Exclamou Dolf.

— Deixa de ser cara de pau, Dolf Van Haarlem, você e Martina têm doze anos de diferença e estão aí, firmes, fortes e felizes. – Interrompeu a irmã, Luus, que estava escutando a conversa. – Para de ser chato e deixa sua filha se divertir. É só o primeiro de muitos namorados que ela ainda vai ter.

— Mas é diferente, minha irmã! – respondeu Dolf.

— Diferente como? Qual a diferença? – perguntou Luus.

— Três anos, Luus! Se eles têm quinze anos de diferença e nós temos doze, a diferença são esses amaldiçoados três anos. E quer saber? Eu entrego nas mãos de Deus e também da mãe que pelo visto já aprovou ter um italiano cafajeste como genro. Quando der uma merda colossal, vocês vão vir me dar razão.

E então o artista deu a conversa por encerrada e voltou para casa caminhando. No meio do caminho, tomou algumas cervejas e matou o segundo maço de cigarros do dia. Chegou a casa e foi direto ao segundo andar para ser consolado pelo gato Vincent, que percebendo seu dono exaltado, resolveu que subiria em seu colo e ficaria por lá um longo tempo, coisa rara por parte do preguiçoso felino.

Dolf concluiu que aquele dia estava atípico e confuso, e precisaria de um tempo para se habituar a todas as mudanças que começavam a aparecer. Adaptar-se com um pouco de fama não seria tarefa difícil, mas aceitar que sua filha já era uma mulher e que estaria namorando alguém com tanta sagacidade seria algo bem mais complicado.

Com a cabeça confusa, pegou um papel e um lápis e começou a esboçar uma ideia que há um tempo vinha dando voltas em sua cabeça.

Os dias passaram e Dolf ficou três semanas sem praticamente sair de seu estúdio, onde trabalhava nas quatro telas de dois metros por um e meio encomendadas por Rutger, como maneira de se entreter e não pensar tanto no namoro da filha.

Ficou fissurado trabalhando em um novo estilo, que tinha uma influência cubista de Pablo Picasso com uma mistura surrealista de Salvador Dalí e um toque psicodélico de Van Gogh, principalmente na sua maneira de reproduzir o céu como na tela A Noite Estrelada. Some-se a isso seu gato Vincent, o principal protagonista das obras.

Em cada um dos quadros, o gato alaranjado que tinha parte da orelha cortada aprecia três vezes dentro da pintura, em planos diferentes. O felino havia sido desenhado chapado e era reproduzido igual nas três representações, e o que mudava além do plano era a angulação. Em algumas telas aparecia inclusive de cabeça para baixo, e sempre solto flutuando no ambiente.

Os planos de fundo dos quatro quadros eram bem marcados, e permitiam ao artista se divertir com elementos característicos de cada um deles, que eram espaço sideral, fundo do mar, céu e inferno.

Na temática espacial os gatos apareciam de capacete de astronauta, entre foguetes, a lua, saturno com seus anéis e diversas estrelas brilhantes. No fundo do mar os gatos estavam com escafandro, entre lulas, polvos, peixes e um submarino amarelo, que Dolf concluiu ter incluído subconscientemente após escutar tantas vezes sua filha cantar a música sobre o tema. No céu, entre as nuvens, os gatos desfrutavam da companhia de anjos, harpas e cálices de vinho, e no inferno, estavam ardendo entre diabretes, tripés e um caldeirão esfumaçado.

Rutger, num primeiro momento, ficou muito impactado ao receber as obras. Poderia imaginar qualquer coisa menos aquilo, e demorou um pouco até de fato começar a gostar. Logo as obras fizeram tanto sucesso expostas no hall do escritório que sócios da empresa e clientes famosos que cruzavam com os quadros tentaram fazer encomendas ao artista, que as negou dizendo que aquilo havia sido uma exceção e que se quisessem comprar suas pinturas deveriam buscar a Gallery Art Wolf. O advogado escolheu o quadro com fundo celestial para ocupar a parede de sua sala.

Em pouco tempo, devido ao novo aumento de demanda, Pietro subiu novamente os preços das pinturas, posicionando Dolf Van Haarlem como o artista holandês vivo com as obras mais caras do momento.

Por direcionamento do próprio Rutger, que demonstrou o quanto de valor aquele local armazenava, a segurança da loja precisou ser devidamente reforçada a ponto de contratarem uma empresa de segurança particular que tomava conta da galeria durante vinte e quatro horas nos sete dias da semana.

Quando Dolf menos percebeu, sua vida mudara repentinamente, como ele sempre desejou. Começou a dar entrevistas, a ser cada vez mais bajulado e a frequentar grupos de artistas famosos.

Em um desses encontros, teve a felicidade de conhecer seu ídolo, Pablo Picasso, que estava de passagem pela cidade poucos meses antes de seu falecimento em 1973. Achou o artista completamente lúcido para seus noventa e um anos e foi presenteado por ele com uma gravura cubista em branco e preto, que colocou em um vidro e guardou com todo amor do mundo no seu ateliê. O desenho não poderia ser outro se não o de um gato, mas negro e com as orelhas inteiras.

37. Karatê

Haarlem, além de ser conhecida desde 1630 por ser referência em comércio internacional de tulipas, com o passar do tempo foi se consolidando como uma cidade cervejeira, com mais de setenta cervejarias locais. Além disso, para a felicidade de Martina, a pacata e romântica cidadezinha com pouco mais de cento e trinta mil habitantes estava virando um importante polo comercial, concorrendo ao título de melhor cidade para compras da Holanda.

Apesar da pequena distância para Amsterdam, inferior a dezenove quilômetros, facilmente cruzada por trem em cómodos vinte minutos, Dolf poucas vezes visitou sua cidade natal desde que voltou a viver na Holanda. Nos últimos meses o cenário começaria a mudar, e Dolf e Martina passaram a se interessar e frequentar mais a cidade, que aos poucos foi caindo nas graças do casal.

Dolf visitava com assiduidade as microcervejarias, e normalmente o fazia na companhia do amigo Dukker, que as aproveitava como referências para novas criações no DOD.

Já Martina abusava da fase de abundância financeira para comprar tudo que podia e não podia, tanto para ela quanto para o marido, que adotou um estilo peculiar de se vestir, com ternos italianos bem cortados com cores que fugiam do tradicional neutro holandês. Anita também sempre era presenteada com joias e roupas de grife, que geralmente ficavam encostadas no armário, pois a jovem adotava um estilo mais alternativo que não combinava com os presentes da mãe.

Quando não estava bebendo ou acompanhando a esposa nas compras, o pintor gostava de ir ao Frans Hals Museum, que além de abrigar a coleção do artista que dava nome ao museu, possuía uma boa variedade da arte holandesa. Virou frequentador também do Teylers Museum, o mais antigo da Holanda, que tem em seu acervo peças de arqueologia, minerais, instrumentos científicos, medalhas e pinturas, além de uma vasta coleção de desenhos de Michelangelo e do barroco Peter Paul Rubens.

Fez questão de fazer doações financeiras para os dois museus, o que lhe garantiu certo prestígio e privilégios em relação a horários de visitação. Poderia ingressar no museu pela noite, acompanhado de um funcionário, mesmo que o prédio estivesse fechado. Preferia admirar as obras assim: sozinho, com calma e sem competição de frequentadores curiosos ou com opiniões tolas que muitas vezes o irritavam.

O casal foi se afeiçoando tanto à cidade de Haarlem que cogitou mudar-se de vez para lá. Outra possibilidade seria comprar uma segunda residência para quando decidissem passar mais tempo na pequena cidade, mas a decisão de investimento precisou ser adiada quando Pietro levantou a ideia de ampliar a Gallery Art Wolf, que estava ficando pequena em proporção à crescente popularidade do artista. E o pintor, que já estava minimamente conformado com o namoro da filha com o italiano, acatou a sugestão e propôs inclusive um espaço maior que pudesse abrigar também obras de outros pintores.

Deram então início a um novo e ambicioso projeto, que trocava a pequena loja no centro por um espaço que seria construído sob medida para abrigar os novos sonhos de Dolf Van Haarlem.

Para realização do projeto, Dolf contratou dois renomados arquitetos holandeses representantes do movimento estruturalista: Aldo Van Eyck e Herman Hertzberger, que tinham por filosofia projetar uma

estrutura de espaço a ser utilizada pelos usuários, que além de convidativa, poderia ser adaptada e modificada conforme novas necessidades fossem surgindo.

Pela notoriedade alcançada pelo artista, entenderam que a galeria já não precisava mais se situar no centro da cidade. A estratégia adotada foi buscar um lugar mais moderno, mais amplo, até um pouco mais afastado, onde os clientes não seriam mais aqueles atraídos pela simples curiosidade ao passar pelo local, mas sim pessoas que fossem especificamente ao local visando encontrar as obras de Dolf e de outros artistas.

Foi escolhido um local próximo ao prédio de Rutger, no bairro de Amsterdam-Noord, conhecido por ser uma zona portuária que aos poucos estava se transformando e virando tendência alternativa e referência em arte, arquitetura e diversão. Localizado ao norte do lago IJ, estava ainda perto da região central e seu acesso se daria através de balsas. O próprio Rutger se encarregou de toda a papelada para compra do terreno e contratos com os diversos fornecedores.

A galeria seria um espaço moderno, com fácil acessibilidade, planejado para receber iluminação solar na medida adequada para não prejudicar as pinturas e com basicamente quatro módulos integrados. Três deles para disposições de pinturas que permitiriam expor diferentes artistas se necessário e um quarto módulo para uma área zen, onde os visitantes poderiam sentar-se e desfrutar de um café ou alguma bebida enquanto relaxavam e decidiam alguma possível compra. Era neste espaço que os negócios seriam fechados, então os arquitetos sugeriram a instalação de uma abrangente claraboia, que proporcionaria uma bonita visão do céu de Amsterdam, tão presente nas obras de Dolf, e passaria uma sensação lúdica e serena, favorecendo a conclusão das vendas.

O piso escolhido foi de mármore de carrara branco com veios cinzas, e outros materiais como a madeira e o aço ganhariam lugar de destaque no novo complexo. As paredes seriam mantidas brancas para não brigar com as pinturas, mas o espaço zen exibiria um grande mural que deveria ser colorido e customizado pelos pintores de acordo com as coleções exibidas.

A área total, de quase oitocentos metros quadrados, seria delimitada por duas massas arbóreas significativas, que contornariam uma clareira na qual seriam encaixados sutilmente os módulos idealizados por Aldo e Herman. Martina e Luus fizeram questão de dar algumas sugestões e novamente contribuíram com toques femininos e elegantes referentes principalmente à decoração, como a escolha de duas torneiras douradas em forma de pato importadas de Paris para a decoração dos lavatórios.

Novamente, Dolf fez questão de incluir sua esposa como sócia no empreendimento, e ainda por cima dedicou a ela, sua grande companheira, o novo nome da galeria: La Martina Gallery Art.

Desde a concepção do projeto até sua finalização se passaram cerca nove meses, e o próximo passo seria a organização do segundo vernissage da carreira do artista, que estava em seu auge.

Dia vinte de julho de 1973. Dukker divertia-se com uma prostituta em uma cabine na Red Light District. Foi uma noite em que bebeu acima de sua média por haver afogado as mágoas devido à triste notícia da morte de seu ídolo de Hollywood: o ator sino-americano Bruce Lee. O mestre cervejeiro, que adorava imitar os golpes desferidos pelo grande mestre das artes marciais, estava de cueca samba-canção listrada em branco e vermelho, fazendo as imitações para a mulher contratada como sua acompanhante temporária.

A mulher dava gargalhadas daquele simpático e corpulento homem, com fartura de cabelo no peito e na barriga, proferindo golpes ao mesmo tempo em que os complementava com a sonoplastia correspondente. Às vezes ele parava e caía no choro ao lembrar-se do acontecido. Logo depois ficava excitado e partia com voracidade para cima da profissional. E foi alternando golpes, choros e prazer que Dukker preencheu o vazio daquela noite, que durou duas horas muito bem pagas, com direito a uma boa gorjeta e um abraço carinhoso de despedida.

Ao percorrer o caminho de volta à sua casa, ainda anestesiado de prazer e um tanto quanto embriagado, Dukker notou de relance a presença de um conhecido. Teve a impressão de ter visto o vendedor da galeria de seu melhor amigo, com quem havia cruzado umas poucas vezes, saindo de uma das cabines.

Como sabia que Pietro estava namorando a filha de Dolf, achou por bem conferir se sua sensação estava correta e tentou perseguir discretamente aquele homem, que acelerou o passo, dobrou uma esquina e se misturou com um grupo de pessoas que circulavam entre bares e cafés. Achou estranho o fato daquele sujeito estar usando um nariz vermelho de palhaço, mas como não ficou totalmente convencido de que se tratava do italiano, optou por não comentar nada com Dolf para evitar levantar falso testemunho.

Chegou à casa, fez o último golpe de karatê em frente ao espelho acompanhado de um grito estridente e caiu na cama sem mesmo tirar a roupa do corpo.

38. *Abstracionismo*

O segundo vernissage de Dolf aconteceria no verão de 1974. A Gallery Art Wolf fechava suas portas oficialmente no final da primavera, cedendo espaço para um refinado salão de cabeleireiro ocasionalmente frequentado por Martina, que geralmente ficava nostálgica enquanto se embelezava e contava as façanhas daquele lugar para todos os funcionários do estabelecimento. Eram sempre as mesmas histórias, que depois de um tempo já haviam sido decoradas pelos empregados, que passaram a fazer apostas sobre qual seria a da vez.

Em julho do mesmo ano, La Martina Gallery Art viria para substituir com louvor a galeria do lobo, e despontava como sendo a mais moderna da cidade, fomentando um bairro que virou referência em cultura.

Para a inauguração da nova galeria, dois renomados pintores foram selecionados a dedo e convidados para expor junto ao consagrado artista e proprietário. Eram eles Christiaan Karel Appel e Willem de Kooning, ambos holandeses e aprovados pelo padrão “El Dolfito” de qualidade.

Karel Appel, um entusiasta do movimento expressionista abstrato e grande fã de Picasso, apresentou uma série colorida constituída de seres simples e animais amistosos, que povoavam suas pinturas e refletiam o seu senso de humor. O pintor conhecido por ter “olhos de criança” usava cores vivas e quase que de maneira infantil trouxe para a galeria um pedaço de seu mundo ao mesmo tempo ingênuo, inovador e controverso.

Willem de Kooning, que apesar de holandês era residente dos Estados Unidos, aceitou o convite de Dolf para tentar se reerguer, pois passava por sério declínio criativo após receber muitas críticas pela sua série Mulheres, onde representou formas angulosas e bruscas, contrastando com a tradicional estética sensual e delicada da figura feminina. Para a inauguração do espaço, Kooning optou por exhibir uma coleção sobre os negros dos Estados Unidos pintados sobre sua ótica abstracionista.

Por sugestão dos arquitetos, os três artistas se reuniram e, numa tarde regada a vinho, champanhe e doses exageradas de absinto, pintaram o mural de dez metros de largura por três de altura do espaço Zen. A pintura final resultou em uma complexa e alucinógena mistura dos gatos laranjas de Dolf, com animais misteriosos que mais pareciam elefantes rosas de Karel, e com um fundo abstrato que somente quem olhasse muito de perto identificaria tratar-se de seios disformes com os pequenos mamilos retratados por Willem.

— Encantei-me com esse fundo, Willem. São peitos ou pedras? – Questionou Dolf.

— Le style n’est qu’une supercherie – respondeu Willem em francês, dizendo algo como que “o estilo é uma farsa”.

— Absinto, abstrato, sinto que necessito mais um trago. – Disse Karel.

E assim os três foram se entendendo, rindo, pintando, bebendo e fumando durante aquela tarde que alcançou a noite e terminou pela madrugada.

Após grande reflexão sobre o que iria expor na inauguração do novo espaço, Dolf abriu mão de

seu apego sentimental e resolveu que o melhor a fazer seria usar a série de poesias de seu pai. Treze das quinze peças estavam em seu poder. Usou apenas doze, pois uma havia sido presenteada a Anita e achou por bem não removê-la da parede do quarto da filha.

Pietro, principal patrocinador da ideia, aplaudiu e comemorou a decisão, pois estava convicto de que, além de altíssima qualidade, a história por trás de cada uma daquelas obras primas permitiria a execução de um discurso irresistível que traria ainda mais brilho à inauguração do espaço. Para agregar ainda mais valor, Dolf emoldurou em vidro as poesias de Finn e dispôs cada uma delas ao lado da pintura correspondente.

Dias antes da grande exposição, concordou em se encontrar com Pietro em um restaurante italiano no bairro de Jordaan, onde morava o italiano. O motivo da reunião seria acertar os detalhes finais do vernissage. Pietro o esperava com uma garrafa de vinho Amarone dela Valpolicella, já devidamente despejada em um decantador para respirar e liberar seu harmonioso buquê.

— Que tal, magnânimo Dolf? Ansioso para o grande dia? – perguntou Pietro.

— Pra falar a verdade, sim. Sofri muito no primeiro quando ainda era um pintor desconhecido, mas tive a sorte de Martina oferecer comida de graça para os convidados, o que salvou o evento. Acho que este vai ser mais fácil, mas a ansiedade faz parte do meu ser – respondeu Dolf.

— Não tenho dúvida, e pela equipe contratada para organizar o evento, tenho certeza de que neste também não faltará comida.

— Martina apostou comigo que nada vai superar o caviar servido no primeiro.

O italiano deu uma risada simpática, serviu ele mesmo as primeiras taças de vinho e deu seguimento à conversa: — Já tenho as histórias na ponta da língua, Dolf. Li tanto as poesias de seu pai que praticamente já sei todas de cor.

— Não se preocupe, meu caro. Se por acaso você se engasgar durante o recital de alguma, pode deixar que eu completo. Sei todas de trás pra frente e de frente pra trás. – afirmou o pintor.

— Tenho certeza absoluta que sim. – disse Pietro. - Tenho um ponto importante para debatermos e o que eu vou te falar faz parte da construção do trabalho de marca que criamos e que vem dando resultado.

— Sempre que você começa assim, fico preocupado. Mas diga, Pietro. Quais são os planos desta vez?

— Eu sei que é o seu grande dia, mas minha sugestão é que você fique o mínimo de tempo possível no vernissage. Algo entre quinze e vinte minutos para algumas poucas fotos e apertos de mão seria mais do que suficiente.

— Como assim? – perguntou Dolf, confuso.

— Vou pela mesma linha do que venho trabalhando. Você é um objeto raro e de desejo, portanto deve ser pouco acessível. Quanto mais distante e difícil de chegar, melhor. Quanto mais irreverente, melhor. Quanto mais artista, Dolf, melhor.

— Claro que isso vem fazendo sentido, mas infelizmente não posso acatar seu pedido desta vez.

Vão todos meus familiares, amigos, jornalistas, artistas, os arquitetos e todos que ajudaram a erguer o La Martina. Não vejo por que deveria fazer isso com eles – protestou Dolf.

— Conceitos de marketing e economia. Posicionamento de marca. Curvas de oferta e demanda. Elasticidade do preço, entende? Menor a oferta, maior a demanda, o que acontece? Os preços sobem. Todos vão querer falar contigo, Dolf, mas infelizmente alguns não vão poder ser atendidos. Pelo menos não nesse dia, pode ser? Depois você dá toda a atenção do mundo pra sua família e pros seus amigos. – Explicou Pietro, misturando no mesmo pote diversos conceitos.

— Não. Discordo. Pode esquecer. Trabalhei muito pra isso e vou desfrutar cada segundo do dia da inauguração. Escutei muito blá blá blá, mas pouco senso humano. Obrigado pelo vinho.

E assim Dolf foi embora do restaurante, após jogar notas suficientes na mesa para pagar pelo menos cinco garrafas como aquela. Pietro ficou irritado, mas se acalmou pensando na sua coleção de obras de Dolf que só valorizavam a cada dia. Pensou em levantar da mesa e gritar “De nada, meu sogro preferido”, mas achou melhor conter-se e guardar para uma próxima.

Chegado o grande dia, Martina como sempre estava impecável. O vestido preto clássico da Dior, com uma longa fenda nas costas, parecia feito sobre medida para a mulher que aos quarenta e oito anos continuava enxuta e chamando muita atenção por toda sua formosura.

Para vestir seu marido, escolheu um terno verde musgo com calça boca de sino e uma camisa branca com a gola bem pontuda para fora do paletó. Dolf adicionou ao visual um cachecol estampado em tons de cinza, pois achou que combinava bem com seus cabelos e o cavanhaque já completamente grisalhos.

Martina chegou antes na companhia da filha e de Pietro, e Dolf concordou em atrasar pelo menos uma hora para fazer suspense. Novamente o trabalho de assessoria de imprensa havia surtido efeito, e pelo menos em público o evento já se comprovava um sucesso.

O artista Karel Appel levou para a exposição algumas pequenas cápsulas de LSD, e distribuiu para seus amigos e também para os amigos dos amigos que quisessem uma interação mais profunda com suas obras. Appel de maneira muito simpática explicava que a verdadeira compreensão do significado de suas telas seria facilitada com uma pequena ajuda proveniente do ácido lisérgico.

Em questão de alguns minutos os convidados estariam vidrados encarando as suas criaturas em movimento, que abriam e fechavam a boca e até mesmo mudavam de cor e de tamanho. Uma mulher teve que ser retirada do anexo após uma crise de risos, assim como dois rapazes que fizeram questão de tocar em todas as telas para sentir o que eles diziam se tratar de texturas dinâmicas interativas.

O problema é que a audiência de Appel depois circulava pelo outros pavimentos, causando transtorno também para as exposições de Willem e de Dolf. Um jovem se fixou diante de uma das poesias de Finn e a leu em voz alta repetidamente, até ser convidado pelo segurança a se retirar. Outro senhor passou mal e vomitou em frente à dupla de harpistas contratadas para prover música ambiente, após misturar o alucinógeno com homéricas quantidades de álcool.

O mural pintado da área zen despertou também um gigante interesse de todos, sobretudo dos que estavam sobre efeito lisérgico, que vibravam com uma guerra de gatos contra elefantes cor de rosa, cujas

armas eram pedras em formatos de mamilos.

Quando Dolf chegou, foi uma comoção geral. Todos queriam um pedaço da atenção do artista que foi recebido por Pietro, depois pela esposa, e dali foi direto atender os jornalistas para uma breve entrevista. Martina reparou que seu marido estava mais pálido do que o normal e sentiu também sua mão um pouco gelada.

Conforme ia respondendo às perguntas, sua testa foi ficando suada e em pouquíssimo tempo seu corpo todo passou a transpirar. Quando sua voz enrolada parou de acompanhar o raciocínio, usou o resto de energia para desculpar-se com os repórteres e saiu caminhando apoiado no braço da esposa para fora daquele lugar, com o objetivo de respirar ar puro. Luus e Rutger perceberam o acontecido e saíram ao encontro do artista, que já estava sentado no gramado completamente branco e sem conseguir nem mesmo levantar a cabeça.

Dolf foi levado de táxi até a emergência do hospital e lá tomou uma injeção de glicose para recuperar a consciência. Foi forçado a tomar quase um litro de água e aos poucos foi retomando a cor original.

Martina percebeu que havia rasgado a lateral do vestido ao esbarrar em um galho de árvore quando ajudou a erguer seu esposo. Já irritada, cobrou satisfações de Dolf, que jurou não ter tomado LSD nem qualquer outra droga, apenas duas taças de vinho tinto antes de sair de casa e o drink de boas vindas servido na entrada da galeria pelas mãos de Pietro - muito pouca bebida se comparado ao que ele estava habituado.

A esposa não se convenceu e continuou chateada com o marido, que além de fazê-la perder a inauguração da galeria que levava seu nome, foi responsabilizado pela inutilização de seu vestido novo.

— O vestido é o de menos! – Disse Dolf, ainda em recuperação.

Martina respondeu apenas com uma careta debochada.

Alguns minutos depois, Dukker apareceu no hospital para visitar seu amigo e saber como ele estava passando. A pedido de Martina, o amigo ficou até o final do vernissage para depois reportar detalhes do evento e dos resultados.

— Fico feliz em saber que você está melhor, Dolf. O que você aprontou? – perguntou Dukker.

— Nada, gorducho, dessa vez a natureza que aprontou pra mim. Posso ter comido alguma coisa que não desceu bem, ou não sei. Apesar de Martina não acreditar em mim, eu quase não bebi.

A desconfiada esposa fez novamente uma careta ainda mais irônica. Dukker deu uma gargalhada e continuou: — Uma pena, seu safado. Mas se você quer saber boas notícias, seu evento foi um retumbante sucesso.

— É mesmo? Como você sabe?

— No final procurei o Pietro. Simpático ele, não? Ele me falou que os outros dois artistas venderam uns poucos quadros, mas que você vendeu metade dos seus, Dolf. Imagino que isso seja um excelente resultado.

— Obrigado, amigo. Acredito que sim.

— Um sucesso! Impressionante. Toda aquela gente por lá te prestigiando. Famosos, alta sociedade, artistas, gente doidona, uns poucos caretas. Teve uma mulher que olhou pra um quadro seu e gritou se tratar de um cemitério de sereias. Um rapaz foi flagrado tentando arrancar uma obra do Willem da parede. Vi gente conversando em vários idiomas e um casal se comunicando por mímicas.

— Você só pode estar brincado. – Falou o artista.

— Lógico que não. Foi um espetáculo em todos os sentidos. Teve drama, ação, música, até dança teve. Um casal dançou uma espécie de valsa ao redor das harpas. Foi melhor do que qualquer possível noite do De Oude Dokter. Até Salvador Dalí apareceu para prestigiar!

Quando Dolf ouviu “Salvador Dalí”, se engasgou com o copo de água que bebia e, apesar de lisonjeado, ficou inconformado e se martirizando por ter passado apenas cinco minutos na inauguração do La Martina e perdido a oportunidade de conhecer outro de seus ídolos.

Dolf ficou obcecado pensando na opinião de Dalí em relação ao seu trabalho enquanto Martina pensava que a primeira coisa que faria ao sair do hospital seria obrigar o marido a comprar novamente não um, mas dois vestidos Dior. Dukker pensou se valeria a pena instalar um sino na nova galeria para ser tocado cada vez que um quadro fosse vendido. Os três se entreolharam como se pudessem ler os pensamentos um do outro, mas não tinham a menor ideia do que lhes passava nas cabeças.

Eis que entrou no quarto Willem de Kooning, com os cabelos desgrenhados, a camisa amassada para fora da calça e os olhos quase fechando. Sentou-se na cama onde o pintor se recuperava, coçou a cabeça, apoiou gentilmente a mão no joelho de Dolf e falou: — Le style n’est qu’une supercherie.

Suspirou, deitou-se e se aconchegou ao lado de Dolf. Dormiu.

39. Ao padre, com parcimônia

A segunda garrafa de Château Lafite Rothschild foi pedida, desta vez da lendária safra de 1945. Na mesa, foie gras e uma porção de escargot com manteiga de ervas antecipavam o pato que viria servido em fatias e coberto por um molho pardo engrossado no próprio sangue da ave.

O jantar no restaurante La Tour d'Argent, um dos mais renomados de Paris e frequentado por diversas celebridades, serviu para o casal Van Haarlem comemorar o sucesso da nova galeria e o reconhecimento artístico que Dolf passaria a receber. O tradicional restaurante, com vista para Rio Sena e para a Catedral de Notre-Dame, tem o seu próprio curral onde seus patos são criados e numerados. No final da refeição, o garçom entregou a Dolf um simpático cartão com o número correspondente ao pato degustado.

O romântico jantar aconteceu após uma tarde de compras na região de Saint Honoré, onde Martina adquiriu seus dois modelos de vestidos da nova coleção da Dior e mais alguns outros mimos durante o passeio. Ficaram hospedados por duas noites no luxuoso Le Bristol Paris, na mesma região, e Martina sentiu-se pequena dentro dos 1290 metros quadrados da Prestige Elysée Suite.

Após o estrondoso sucesso de La Martina Gallery Art, a venda de apenas um quadro do pintor equivaleria na época ao preço de um carro luxuoso, como um Alfa Romeo, por exemplo. Além disso, com a exposição de outros artistas em seu espaço, passaria a receber generosas comissões pelas vendas de qualquer arte da galeria de uma maneira geral.

A questão financeira passaria a não mais ser um problema na vida de Dolf, que passou a fazer questão de aproveitar o melhor da vida junto aos seus. Aquele sujeito por muitos considerado sovina, preocupado em economizar o suficiente para sobreviver a cada mês, dava lugar a um bon vivant, esbanjador e que fazia questão de tudo do bom e do melhor, principalmente na temática ética-gastronômica.

Começou a fazer ternos sob medida com um alfaiate de grande prestígio que mandou vir da Itália somente para tirar suas medidas. Fez questão de mandar fazer um terno para Dukker somente para se divertir implicando com o sobrepeso do amigo enquanto o alfaiate lhe passava uma fita ao redor da cintura.

— O costume é presente meu, mas se precisar pagar a mais pela quantidade adicional de tecido o rechonchudo aqui é que vai pagar. — comentou Dolf entre uma risada e outra.

Gostava de frequentar o Hipódromo Duindigt, uma das mais antigas pistas de corrida de cavalos da Holanda na cidade de Haia. Dolf apreciava dirigir seu recém-adquirido Volvo P1800 marrom mogno, quase sempre na companhia de Dukker, enquanto fumavam e bebiam whisky pelo gargalo ao longo do caminho. Gastavam mais com as apostas do que recebiam com os prêmios, mas o objetivo de Dolf era apenas superar seu velho amigo na quantidade de cavalos vencedores.

Martina, que sempre incentivava o marido a gastar um pouco mais, agora já começava a achar que ele estava extrapolando qualquer limite e a se irritar com tantas gastanças. Reclamava que ele estava

ficando imprudente, e que quanto mais ganhava dinheiro mais consumia bebidas e cigarros. Dolf argumentava que a quantidade se mantinha igual, apenas a qualidade havia melhorado, mas os dois sabiam que era mentira, e que o volume havia pelo menos dobrado depois da fama, ou quem sabe até triplicado.

O marido ficava especialmente irritadiço quando chamado de adolescente inconsequente pela esposa.

Sempre que visitava Dukker no DOD, o que acontecia praticamente dia sim, dia não, tinha por hábito pagar bebida para os convidados. Havia gente que tentava adivinhar os possíveis horários frequentados pelo artista para desfrutar das bebidas gratuitas.

Um determinado dia, os inseparáveis amigos saíram de lá completamente bêbados e foram até a Capela Begijnhof, no centro da cidade, que estava fechada. Dolf começou a gritar em frente à igreja, até ser atendido por um padre idoso que o atendeu com roupas de dormir, perguntando educadamente como poderia ajudar.

O pintor explicou que precisava adquirir um sino para o bar de seu amigo, e explicou detalhes da história do dia em que o sino caiu. O padre, que havia reconhecido o artista e era admirador confesso de seu trabalho, sobretudo da série de tulipas, explicou que pensaria sobre o assunto, mas que naquela noite infelizmente nada poderia fazer.

No dia seguinte, o artista acordou com uma tremenda ressaca moral ao se lembrar do tanto que perturbou aquele padre por nada, ainda mais se tratando de um senhor de idade e de uma igreja tão tradicional de Amsterdam.

À noite, o DOD recebeu de presente um rebuscado sino estilo rococó, com anjos barrocos desenhados ao longo do corpo de bronze. Uma carta redigida pelo padre pedia que fosse usado com parcimônia e sempre com a intenção de trazer felicidade aos frequentadores.

Dolf ficou tão agradecido que além de fazer uma generosa doação àquela igreja católica, fez questão de entregar uma pintura de tulipas para o padre, que ficou imensamente agradecido. Após umas duas visitas ao bar de Dukker, o arrependimento pela volta do sino bateu com mais força do que suas badaladas.

Virou hábito chegar bêbado em casa. Ressacas, porres, lapsos de memória e remorsos viraram rotina em sua vida de artista. Martina desconfiava que Dolf usasse também drogas mais pesadas, mas ele sempre negou. Chegou até a experimentar uma ou outra coisa oferecida normalmente no meio do grupo artístico que frequentava, mas nunca deu muita importância e sempre gostou mesmo foi dos prazeres do álcool.

Montou no segundo andar de sua casa, dentro de seu ateliê, uma adega de dar inveja a qualquer admirador do mundo da viticultura.

O artista bebia quando estava feliz, para comemorar, e também quando estava triste, para afogar suas mágoas. Apesar de ter aprendido a conviver com o fato de aquele italiano malandro ser o namorado de sua filha, às vezes tinha um pressentimento ruim de que algo ali acabaria não dando certo e de que Anita sairia machucada. Neste caso, quando ficava muito ansioso, a solução era entornar algumas taças. Martina o aconselhava a parar de sofrer por antecedência.

— Mas é da minha filha que estamos falando. — Dizia Dolf.

— Sua nada! Nossa filha, Dolf Van Haarlem. E vê se pelo amor de Nossa Senhora de Guadalupe você para com esse sofrimento antecipado. — respondia a sua esposa nervosa. — Você está perdendo a mão. Bebe na felicidade, na tristeza, quanto está ansioso ou preocupado. Toma cerveja no café da manhã, vinho no almoço e whisky no jantar. Onde você vai parar assim? Deus tenha piedade dessa alma pecadora.

Por mais que não admitisse a razão de sua esposa, ele sabia que no fundo ela estava certa e que alguma atitude deveria ser tomada.

A gota d'água foi o dia em que capotou com o carro voltando completamente alcoolizado da cidade de Haarlem, após dormir ao volante. Nesse dia, estava sozinho e teve que ser levado às pressas ao Hospital Onze Lieve Vrouwe Gasthuis, graças a uns comerciantes de beira de estrada que presenciaram o acidente e chamaram uma ambulância. Por sorte foram só alguns arranhões, e após dois dias de observação foi liberado para voltar para casa.

Quando estava no caminho de volta, na companhia de Martina, teve um estalo e se lembrou de algo importante que tinha feito poucas horas antes do acidente: Havia comprado uma bela casa de quinhentos metros quadrados na cidade onde nasceu - que ainda era menor do que a suíte onde se hospedaram em Paris, mas quase três vezes maior do que a casa em De Pijp.

O De Oude Dokter havia criado uma nova tradição. Sempre que alguém bebesse os 500 ml de cerveja em um só gole, deveria se posicionar próximo ao sino, toca-lo com vigor e gritar: “Ao padre, com parcimônia”.

Sem querer, a tradição se espalhou pelos quatro cantos da cidade, e depois, em todos os lados dos Países Baixos. Até hoje, é possível escutar as pessoas falando “Ao padre, com parcimônia” após um longo gole na caneca de cerveja.

40. *Vasto campo de tulipas azuis*

A imponente casa em Haarlem foi comprada no bairro de Zijlweg Leste, no número dezessete da rua Nieuwe Gracht. A casa de três andares, com quatro quartos grandes além de uma sala espaçosa e um ateliê que ocupava agora o terceiro piso, foi comprada no impulso.

A negociação envolveu algumas garrafas de vinho branco alemão Herrgottspfad Landgraf de uva Riesling, três pinturas de Dolf sendo uma delas a “A Pérola Azul” da série de poesias de Finn e mais algum dinheiro em espécie. Havia um bom tempo que ele pensava em adquirir uma casa por lá, mas não imaginava que tomaria a decisão assim de supetão e sem consultar Martina, que afortunadamente gostou do imóvel.

A esposa sugeriu, por motivos de praticidade, que habitassem as duas casas. Por mais que ela amasse Haarlem, sua vida e seu trabalho estavam em Amsterdam. A curta distância entre as duas cidades permitiria que desfrutassem o melhor de cada uma delas, e assim foi feito.

Os Van Haarlems passaram a ter duas moradias, sendo a mais nova a preferida do casal e do felino Vincent – que passou a desfrutar de uma fantástica vista para o canal Binnen Spaarne, reproduzido algumas vezes em novas pinturas de seu dono.

Era final de ano e fazia bastante frio na charmosa Haarlem. No dia nove de novembro se cumpriram exatos quatro anos que sua mãe partira para outra vida. Dolf caminhava triste, reflexivo e saudoso de Heide pelas margens do canal em frente à sua casa. Era final de tarde e apesar de estar no seu segundo maço de cigarros, o pintor não tinha consumido álcool naquele dia, tentando de alguma maneira se manter mais saudável após o susto do capotamento.

Parou e sentou-se à sombra de uma árvore apenas para contemplar a mansidão do canal Binnen Spaarne. Ficou por ali por alguns minutos, lembrando-se de sua mãe e de tudo que passaram juntos. Refletiu que ela ficaria muito feliz em saber que Haarlem agora fazia parte de sua rotina, e que comprara uma bonita casa por lá, fruto de seu sucesso como artista. Foi quando percebeu, no pé da árvore, uma discreta tulipa azul. Estava lá: solitária, linda, admirando as águas e dando vida a um pequeno espaço do bairro. Sentiu-se um pouco como aquela tulipa, mínimo como um grão de areia num deserto ou ínfimo como uma gota d’água no oceano.

Por um instante, pensou em arrancar aquela planta com raiz e tudo e replantá-la na janela de sua casa, mas achou perigoso e injusto com a pequena tulipa. Chorou. Olhava a tulipa, lembrava-se de Heide, recordava sua infância e tudo que vivera até ali. Desejou muito forte ter podido retornar ao passado, inclusive antes de seu nascimento para ver o bonito relacionamento de seus pais, do qual Heide tanto falava elogiosamente. Conformou-se pensando que os dois estariam juntos em algum outro plano espiritual.

Chegou cabisbaixo em casa e foi confortado por Martina, que o abraçou por um longo minuto e preparou um chá de maçã com canela, servido junto a um apetitoso stroopwafel acompanhado de melado.

— Sente-se melhor, cariño? – perguntou a esposa enquanto Dolf finalizava a refeição.

— Sim, meu amor. Só você pra me fazer feliz. Obrigado por cuidar de mim. Eu te amo.

— Ohhh Dolf, adoro quando você demonstra o seu romantismo. Te amo muito também. — respondeu Martina, emocionada.

Naquela noite, sonhou com sua mãe: Heide estava sentada em uma cadeira de balanço, com um sorriso no rosto, em um gigante campo repleto de tulipas azuis, que se moviam acompanhando a direção do vento. Percebeu sua mãe serena, como que sinalizando que com ela estava tudo bem, e que ele deveria se preocupar em cuidar da família e também de si mesmo.

O sonho foi tão real que quando acordou poderia dar detalhes dos aromas doces daquele campo de tulipas e poderia sentir os pelos arrepiados pela ventania.

Ficou por dias com algumas imagens na cabeça. Do campo de tulipas, de sua mãe e da tulipa solitária na margem do canal. Achou que precisaria botar aquilo para fora através de sua arte, e embora já houvesse pintado tulipas antes, resolveu aprofundar o estudo sobre a planta na biblioteca da cidade.

Aprendeu que tulipa vem da palavra turco-otomana “tulbend”, que significa “turbante”, que ganhou esse nome pela semelhança da flor com o adereço usado pelos turcos, e que a flor ornamental tem seis pétalas e pode atingir até oitenta centímetros de altura. Descobriu que, apesar de ser o símbolo da Holanda, a tulipa é originária da Turquia, e que tulipas azuis não foi um fenômeno natural. Para chegar à tonalidade azul, espécies híbridas com sombras de violeta e lilás foram usadas, e normalmente as de tom violeta mais escuro são as chamadas tulipas azuis.

Por último, entendeu que a cor azul é um símbolo de tranquilidade, serenidade e calma, justamente o sentimento demonstrado por sua mãe no sonho tão realista, e quando são presenteadas a alguém, as tulipas azuis servem para transmitir uma mensagem de confiança e lealdade.

Começou então, no seu novo ateliê, a produção de uma série de sete quadros de um metro por um metro, destinada à flor que impregnava seus sonhos e pensamentos.

Trabalhou com calma, dedicando pelo menos uma semana para cada quadro, o que era significativamente mais do que demorava em finalizar uma pintura. Pouco aproveitou das festas de final de ano, pois estava obcecado no terceiro andar na casa de Haarlem produzindo cada detalhe de cada pétala, das obras que eram tomadas por um vasto campo de tulipas azuis.

Entre o final de novembro e janeiro de 1975, Vincent foi a “pessoa” com quem mais se relacionou. Conversava com o gato e frequentemente pedia sua opinião sobre o desenvolvimento das pinturas, que o gato olhava atentamente com cara de quem estava entendendo tudo.

Com a técnica mais realista possível, caprichou no céu, adicionou outros elementos da natureza e posicionou uma pequena cadeira de balanço perdida entre a multidão das flores azuladas. A cadeira na pintura estaria vazia, porém em movimento. O fato talvez fosse pelos ventos que sopravam com elegância ou talvez pela energia de sua mãe, que ocupava o lugar no sensacional campo florido.

Os sete quadros tratavam da mesma temática, mas em cada um deles o campo era visto de um ângulo diferente. A cadeira também tinha sua posição alterada em cada pintura, mas sempre com a sensação de que se movimentava. Quando terminou, olhou orgulhoso para o conjunto daquelas peças e teve a clara sensação de haver completado sua obra-prima. Chamou Martina e Anita para verem, e as duas ficaram impressionadas. Anita falou que estava tão real que dava quase pra sentir o aroma das flores e Martina abraçou o marido e falou: — Por Dios, Dolf. Está increíble. Você conseguiu se superar mais uma vez. Como vai se chamar a série?

— Obrigado amor. O nome vai ser algo simples, como sempre: Tulipas Azuis.

— Hermoso!

— Tive uma ideia e queria saber o que você acha. Como na energia destas pinturas tem muito de minha mãe, pensei em presentear minhas irmãs com um quadro para cada. Assim ficaríamos ainda com quatro quadros para venda.

— Acho perfeito e um lindo gesto. – respondeu Martina.

— Na verdade, vou presentear as irmãs e vou guardar um na nossa casa. Você escolhe o que mais gostou para ficarmos com ele.

— Ótimo, mas você sabe que detesto escolher.

— Qual foi o primeiro que você pintou? – perguntou Anita, se metendo na conversa.

— Este aqui – Disse Dolf apontando para o primeiro quadro pintado — Então é com este que deveríamos ficar, já que ele deu origem aos demais. – concluiu a filha.

E assim foi feito. Luus, Alberdina e Merel ficaram muito felizes com o valioso presente, que além de grande valor sentimental, tinha um altíssimo valor de mercado. Ficaram satisfeitas com a explicação de Dolf, que aproveitou e deu uma aula para as irmãs sobre o fantástico mundo das tulipas.

Elas entenderam então que o presente trazia, além de tudo, uma mensagem de confiança e lealdade. Rutger fez questão de ele mesmo pendurar o quadro na sala ao lado de seu outro Van Harleem, e enquanto observava, Dolf refletiu: “não é que realmente as coisas mudaram de uns tempos pra cá?”.

41. Moinho do amor

— Simplesmente sensacional. Vai ser um estouro aqui na galeria. – Disse Pietro ao ver as novas telas de tulipas azuis que Dolf trazia para expor.

— Obrigado, Pietro. Venho recebendo bons elogios sobre a coleção, mas até então tudo muito suspeito, como você pode imaginar.

— Gostei tanto que queria muito ficar com uma. Podemos fazer assim, eu fico com uma dessas e você não precisa me entregar os próximos dois quadros, equivalentes a quatro meses de trabalho. Que tal?

— Não, essas telas são diferentes de tudo que venho pintando. Investi muito mais tempo no processo de criação.

— Então trocamos por seis meses?

— Não. Um ano. – propôs o pintor.

— Dez meses e não se fala mais no assunto. Fico com uma dessas e você não precisa me entregar nada pelos próximos dez meses.

E assim fecharam o acordo. Pietro, que já vendia as telas de Dolf por preços astronômicos, posicionou as duas telas de tulipas azuis pelo triplo do preço das demais, equivalendo ao preço de uma casa de bom tamanho em Amsterdam.

— Dolf, vou contar exatamente a história do sonho de sua mãe ao vender as telas. Você me trouxe o discurso já todo pronto, está incrível. O detalhe da cadeira de balanço em movimento pela energia dela vende muito. Foi uma sacada genial. Lógico que vou adicionar um pouquinho mais de drama, você me conhece, né? – Disse Pietro.

— Você e suas mentiras! – falou Dolf com olhar de reprovação. – Pra mim tanto faz.

— Mudando de assunto, meu nobre amigo. Queria te dar uma notícia que acho até que você vai gostar, pois sei que nunca aprovou nosso relacionamento. Eu e Anita terminamos.

— Realmente não é uma má notícia, só espero que você não tenha magoado a minha filha.

Enquanto Dolf recebia em primeira mão a notícia, Anita chorava abraçada à mãe na loja de moda feminina. Ela tentava de todas as maneiras consolar a jovem, que começara a contar alguns podres de Pietro: — Desde uns tempos pra cá ele estava estranho e frio, esse imbecil.

— Mas o que aconteceu, minha filha? Por que ele estava agindo assim?

— Foi muito estranho, mãe. Mas eu acho que sei o que aconteceu. Tenho até vergonha de contar.

— Minha filha, agora você vai contar si o si. O que esse sujeito aprontou contigo?

— Ah, mãe... Ele começou a elogiar muito minha amiga Mia. E aí passou a insinuar que...

— Fala logo Anita! Passou a insinuar o quê?

— Passou a insinuar que queria fazer sexo a três, que seria maravilhoso compartilhar uma experiência diferente. E aí começou a insistir no assunto e eu falei que não haveria a mínima possibilidade. Acho que ele ficou chateado, foi se afastando, e hoje pela manhã o idiota veio me falar que estava terminando, mas que eu não tinha culpa alguma e que era um problema dele, e foi dando todas aquelas desculpas para parecer que ele estava fazendo a coisa certa.

— Minha filha, você agiu certo e esse sujeitinho é um cretino que não sabe o que está perdendo. Peço pelo amor de Deus pra você ocultar o motivo quando for falar com seu pai, que se desconfiar da razão do término é capaz de fazer uma loucura. Ai, minha Nossa Senhora de Guadalupe, dai-nos proteção!

Dukker e Dolf passaram a tarde de quarta-feira sentados no Bar Brouwerij Vrienden, na cidade de Haarlem. Os esforços de diminuição alcoólica foram chutados para escanteio quando Dolf se deu conta de que tendia a ficar mais depressivo quando em abstinência etílica. Voltou com tudo, e conseguia inclusive beber mais que seu amigo e mestre cervejeiro Dukker, um profissional do tema.

Naquele dia, combinaram de fazer uma imersão no mundo dos estilos. Começaram pelas mais leves Witbier, depois migraram para as tradicionais alemãs de trigo, passaram por diversos estilos de Pale Ale, como a lupulada Indian, e depois partiram com força para as escuras Porters e Stouts. Logo após a imersão, pediram tudo de novo em ordem aleatória.

Sempre que degustavam algum estilo, Dolf ouvia atentamente seu mestre explicar sobre cada cerveja, como o caso da Indian Pale Ale, por exemplo. Dukker contou que reza a lenda que os ingleses precisavam de cervejas que pudessem durar mais tempo para acompanhar suas longas viagens de navio, como as que faziam com frequência em direção à Índia durante a colonização. A adição extra de lúpulo, considerado um forte conservante natural, tornaria viáveis as viagens para lá, dando o nome ao estilo Indian Pale Ale ou IPA (sua abreviatura).

A conversa de Dukker tornava a bebedeira ainda mais interessante. Uma explicação levava a outra, e a cada nova história uma nova rodada de cerveja era ordenada.

— Dolf, você sabia que o estilo Porter foi escolhido para homenagear os trabalhadores portuários da Inglaterra, que bebiam este tipo de cerveja por volta de 1720?

— Não sabia. – respondia Dolf, que levantava a mão imediatamente para chamar o atendente para mais uma rodada de Porters.

E poucos instantes depois:

— E sabia que a trapista é produzida sob a supervisão de monges da Ordem Trapista, e que dos cento e setenta mosteiros, apenas onze são autorizados a rotular suas cervejas com o selo de autenticidade trapista?

— Não sabia. – respondia Dolf, repetindo o gesto para nova degustação do estilo trapista.

E assim a tarde foi passando, e a noite também. A presença de um famoso no bar chamava a atenção dos presentes, que eram em certas ocasiões convidados a sentar-se à mesa junto aos amigos. Muitas histórias e risadas marcaram o dia, sendo que uma delas chamou atenção especial da dupla. Tratava-se de um senhor de idade do local, já desdentado e bastante resistente para a bebida.

O homem, que morou a vida toda em Haarlem, contou uma história sobre o Moinho de Adriaan, um moinho de vento que pegou fogo em 1932. O incêndio é até hoje um mistério, mas ele contou que, antes do fogaréu, trabalhava como operador do moinho, e que como tinha acesso irrestrito ao local, conquistava as mulheres, levando-as para conhecer o maquinário. Uma determinada vez se descuidou e foi pego em flagrante pelo chefe, transando com uma namorada dentro do moinho no final do expediente, o que acarretou sua demissão dois dias antes do incêndio.

Os dois davam risada com as palavras do senhor desbocado, que falou: “Foi a trepada que salvou a minha vida. Hoje dou graças a Deus e graças também àquela trepadinha”.

Foram os últimos clientes a saírem do bar. E quando Dolf constatou já ser tarde, Dukker veio com a seguinte ideia: — E que tal se visitássemos o Moinho de Adriaan?

— Quando? Agora? – perguntou Dolf, com cara de que aquilo não daria certo.

— Claro, Dolfito. A vida é agora.

Então os dois foram caminhando pelas margens do rio Spaarne, ainda se divertindo com as histórias do senhor conquistador. Chegaram ao moinho pelas três horas da madrugada, e sem viva alma nas ruas puderam admirar em silêncio aquele que por séculos foi um dos mais impressionantes moinhos de vento na Holanda, naquela ocasião em processo de reconstrução.

Dukker testou a porta para entrada ao moinho, que abriu normalmente. Pensou que provavelmente alguém a esquecera destrancada devido às obras. Os dois subiram meio cambaleantes pelo excesso de bebida, e o cervejeiro, bem mais pesado que seu amigo, precisou dar longas descansadas entre uns degraus e outros. Finalmente chegaram ao topo e puderam admirar a visão de trezentos e sessenta graus da cidade, enquanto fumavam e riam dos causos que há pouco tinham escutado no bar. Dolf gritava: — Graças a Deus.

E seu amigo completava:

— Graças também àquela trepadinha.

E assim fizeram repetitivamente por umas quinze vezes. Cada vez que o repetiam, o estribilho ficava mais engraçado, pelo menos na visão dos dois.

Depois que se cansaram de tanta galhofa, aproveitaram para sentar-se e conversar, acompanhados pela bonita lua cheia que iluminava o céu de Haarlem. De cima do moinho, desfrutando de uma vista deslumbrante, falaram sobre diversos temas, e sempre era engraçado quando Dukker contava sobre suas aventuras sexuais. Dolf adorava o fato do amigo nunca contar vantagem, pelo contrário, ele sempre se colocava como o derrotado que se dava mal no final da história.

Quando o cervejeiro contou uma de suas idas ao Red Light District, no dia da morte de Bruce Lee quando imitou golpes de karatê, se lembrou da impressão de ter visto o italiano Pietro pelo local. Acabou soltando a informação para Dolf, que ficou com ódio no coração. Sua noite havia acabado ali, naquele exato momento.

Chegou à casa e encontrou Martina acordada. Ela estava muito angustiada pelo sofrimento de sua filha e não conseguia pegar no sono.

Dolf aproveitou e lhe deu ciência da informação que acabara de receber e disse que, embora fosse uma desconfiança por parte de Dukker, ele tinha certeza de se tratar de Pietro. Martina então abriu o jogo de maneira delicada e contou o motivo por que o vendedor havia terminado com sua filha. Os dois compartilharam um amargo sentimento de odiosidade e decidiram que o italiano deveria ser demitido no dia seguinte.

Chegaram juntos à conclusão de que, embora fizesse um bom trabalho, o nome de Dolf já estava sólido e que a arte se venderia por si só. Martina voltaria a assumir a área comercial temporariamente até encontrarem um substituto.

No dia seguinte, compartilharam um rápido café da manhã: ovos com bacon e suco de laranja. Anita aproveitou a ocasião para contar que Pietro agora estava namorando com Mia, e que além de não falar mais com a sua ex-amiga, achou que poderia estar sendo traída por eles nos últimos meses de namoro. O ânimo dos dois esquentou, deixando-os ainda mais motivados para executar logo a decisão tomada na madrugada.

Dolf e Martina foram juntos para a La Martina Gallery Art. Estavam ansiosos e fizeram todo o trajeto em silêncio. Chegaram à galeria, e antes mesmo de dar bom dia para o italiano, a primeira coisa que falaram - quase uníssonos - foi: — Pietro Pavanello, você está demitido!

42. O retrato e a partida

O casal provou-se correto. A marca Dolf Van Haarlem estava tão consolidada no país e no mundo que o vendedor faria pouquíssima diferença no processo, tanto que no dia seguinte à demissão de Pietro, o último quadro disponível da série Tulipas Azuis foi vendido. O comprador, um endinheirado colecionador de arte norueguês, viajou para Amsterdam somente para realizar a compra, que poderia ter sido tanto com Pietro quanto com qualquer estagiário em seu primeiro dia de trabalho.

Pietro também não relutou com sua demissão. Falou apenas se tratar de injustiça e ingratidão, temas com que ele já estava acostumado a lidar durante a vida. Saiu da galeria no exato momento em que recebeu a notícia e cuspiu no chão pouco antes da saída.

— Você viu isso? – Perguntou Martina a Dolf, com cara de indignação.

— Não esquenta a cabeça com esse pedaço de bosta. É bem do estilo dele fazer isso. Esse vendedorzinho afetado que se acha o dono do mundo. – respondeu Dolf. – Fica tranquila que ele nunca mais vai pisar por aqui.

Além das fartas comissões que recebeu durante os três anos e pouco de trabalho, levou dezenove obras de Dolf como parte de seu pagamento, sendo a última delas uma dos campos de tulipas celestes. Se vendesse apenas esta, já poderia comprar uma casa em qualquer lugar do mundo.

O italiano saiu rico e conhecido como um dos maiores marchands da Holanda, o que lhe renderia um emprego onde escolhesse. Optou, porém, em dar um tempo no trabalho e aproveitar a vida, já que o namoro com a bonita Mia, uma jovem branca de cabelos negros e olhos azuis, estava no fervor do início.

A vida parecia bem melhor sem a presença de Pietro. Dolf vivia um excelente momento e, para festejar, começou a planejar uma grande viagem com Martina, na companhia da filha. Dessa vez, passariam quase dois meses viajando, e o roteiro incluiria uma longa visita à Venezuela e a outros países do continente sul-americano. Sua esposa mal podia esperar.

Outro tema que estava em discussão seria a compra de um barco, que poderia ser ou um grande veleiro ou uma lancha de setenta pés. Deveria ser grande o suficiente para que pudesse circular por águas internacionais, já que Dolf pretendia percorrer os mesmos caminhos descritos nas poesias de seu pai. A embarcação se chamaria Finn & Heide Pathfinders, ou os desbravadores.

Enquanto a família conversava entusiasmada sobre qual deveria ser a melhor opção, Dolf olhou para o quadro que pintou antes de pedir Martina em casamento e reparou que há muito tempo não praticava pinturas de retratos, seu ganha-pão durante o começo da carreira como pintor. Achou que seria uma boa ideia e propôs para Anita e Martina uma pintura onde as duas aparecessem juntas. Anita aceitou com apenas uma condição, que seu pai aparecesse na pintura também.

Dolf, que nunca havia pintado um autorretrato, aceitou o desafio. Para tanto, Anita se encarregou de providenciar uma foto dos três, feita pela tia Merel. A foto serviria para a base e, maiormente, para quando Dolf fosse se pintar, porém solicitou que a mulher e a filha posassem durante a execução da

imagem para trazer mais realismo. Achou que algum componente estava faltando, então adicionou seu felino Vincent no colo de sua filha. O gato, apesar de muito preguiçoso, não parava quieto durante a pintura, e logo foi preciso providenciar uma nova foto, com algumas poses de Vincent sobre as pernas de Anita.

A junção das duas fotos, mais o tempo posado por sua família, garantiu um retrato espetacular da família Van Haarlem, que por motivos óbvios não estaria à venda. Dolf ficou orgulhoso de se ter pintado pela primeira vez sem recorrer às velhas técnicas de melhoramento, mas não deixou de usá-las para deixar sua esposa ligeiramente mais jovem. Martina provavelmente não reparou, pois somente comentou que estava tudo tão perfeito e realista. Anita também gostou do resultado final, e a obra foi pendurada na parede do quarto de casal na casa de Haarlem.

O quadro fez tanto sucesso que Luus sugeriu uma nova pintura, retratando os quatro irmãos Van Haarlem. Alberdina e Merel incentivaram a ideia, e Dolf aceitou após fazer um pouco de charme.

— Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto! — disse, parafraseando uma frase célebre que havia lido em um livro de história.

A irmã mais velha combinou então um jantar em sua casa, quando prepararia uma deliciosa receita de pernil de cordeiro com molho de hortelã e batatinhas no alecrim. A família toda estaria reunida para presenciar a execução do retrato, incluindo o jovem Finn, agora um advogado de vinte e nove anos, e as gêmeas Anna e Isadora, com trinta e quatro, uma bailarina profissional e a outra dona de casa, casada com um rico alemão.

O dia do evento seria num sábado de agosto, e Martina e Anita iriam mais cedo para ajudar no preparo das comidas, já que Martina se ofereceu para preparar entradas e beliscos típicos venezuelanos: Tequeños, uns palitos de trigo recheados com queijo e fritos no azeite, e Arepa, um pão típico venezuelano, feito com farinha de milho e recheado com queijo, manteiga e carne desfiada.

Já que era para participar a família toda, não poderia faltar a presença de Dukker, então Dolf sairia da casa de Haarlem e passaria de carro para buscar seu amigo pouco antes do início do evento.

Na casa de Luus, as arepas e tequeños já estavam sendo devorados, e o cordeiro no forno já começava a perfumar o ambiente. Dolf e Dukker estavam atrasados.

Passada mais uma hora, a família começou a ficar preocupada. Ligaram para a casa de Dolf e não tiveram resposta. Resolveram ligar para Dukker, que estava em casa à espera do amigo e que também tinha tentado contato, porém sem sucesso. Esperaram mais uma hora e nada. Dolf poderia se atrasar um pouco uma vez ou outra, mas não era algo comum de seu perfil, ainda mais se tratando de atrasos acima de duas horas.

Rutger se ofereceu para sair de carro com o intuito de procurar Dolf. Martina, Luus e Anita o acompanharam. Deram primeiro uma passada para saber se ele estava na casa de Amsterdam e nada. Depois, buscaram Dukker, que pediu para participar da busca, e que poderia ser útil por conhecer os bares frequentados pelo pintor. Pegaram a estrada e em vinte minutos estavam na rua Nieuwe Gracht, no bairro de Zijlweg Leste da cidade de Haarlem.

Martina abriu a porta de casa, que estava destrancada, algo relativamente normal naquela pacata cidade. E nunca poderia imaginar o que seus olhos presenciariam. Dolf estava caído no sofá da sala. No chão havia uma garrafa de vinho Barolo derramada sobre o tapete, e ao seu lado o livro “O Velho e o

Mar”, de Ernest Hemingway.

Dukker usou seus conhecimentos em medicina para correr em direção ao amigo e tirar suas funções vitais: respiração, frequência cardíaca e pressão arterial. Nenhum sinal de nada.

Dolf Van Haarlem estava morto. Com a confirmação de Dukker, Martina caiu de joelhos e começou a chorar compulsivamente.

— Por que, Dios mio? Que hicieron a mi marido? – gritava em espanhol, entre choros e soluços.

Anita teve uma queda forte de pressão e precisou sair de casa para não desmaiar. Luus também chorava enquanto era consolada pelo marido Rutger.

Dukker, sem saber muito o que fazer, sentou-se ao lado de Dolf, colocou a mão sobre sua cabeça e falou: — Obrigado, Dolf. Você foi o melhor amigo que um garotinho esquisito como eu poderia ter tido na vida. Você é meu irmão e único amigo. Vou sentir sua falta a cada segundo.

Martina começou a passar muito mal. Vomitou. Falou que queria morrer também e que iria junto com Dolf. Luus e Rutger tentaram levá-la para o pronto socorro, mas ela se agarrou ao corpo do marido e falou que dali só sairia morta. Anita entrou na sala e abraçou a mãe. As duas choraram abraçadas e inconsoláveis por um bom tempo. Vincent, que presenciava toda aquela cena, ficou deitado nos pés de Dolf. Luus começou a ligar para as irmãs para dar a notícia. Foi uma comoção generalizada.

O movimento na porta da casa do artista começou a chamar atenção, e rapidamente a notícia chegou até a imprensa, que lotou com repórteres à porta da casa de Haarlem. A notícia se espalhou pelo mundo e apareceu em diversos jornais impressos e noticiários das principais emissoras. Algumas tratavam do tema como a morte de um dos maiores artistas da Holanda, e outras davam um tom investigativo, com chamadas como “a morte misteriosa do grande artista holandês”.

O funeral foi um evento fechado somente para a família, que estava atônita e inconformada com o acontecido. Martina tinha certeza de que seu marido havia sido assassinado, pois apesar das ocasionais bebedeiras, ele era saudável e não apresentava nenhuma doença. As irmãs falavam que Dolf já não estava entre eles, e que agora era tarde para buscar culpados, mas Martina fez questão de seguir adiante e enviar o corpo do marido para uma autópsia, o que foi aceito pelos médicos por se tratar de uma morte suspeita.

Uma legião de fãs começou a prestar homenagem ao artista pelo mundo inteiro. Na Holanda, tanto na casa de Amsterdam como na de Haarlem, seus admiradores passaram a levar tulipas azuis, que encheram e decoraram as portas do artista com a flor que marcaria sua carreira. Salvador Dalí se manifestou dando uma entrevista ao jornal, falando do artista que não teve a sorte de conhecer pessoalmente, mas que muito admirava.

O corpo de Dolf foi liberado para o enterro, mas o resultado da autópsia só sairia semanas depois. A família decidiu que atenderia ao pedido do pintor em ser cremado, tal qual o de sua amada mãe.

A recém-viúva não conseguiu se desapegar e guardou a urna azul que levava o nome do marido com tinta dourada no ateliê da casa de De Pijp. Junto a ela, organizou um pequeno altar em sua memória, depositando o canivete que sempre o acompanhou, a caixa de poesias de seu pai, a última pintura que fez da família e o pequeno desenho do gato de Pablo Picasso. Em volta, organizou quatro cavaletes que sustentavam as pinturas da série dos Lobos, que marcaram as diferentes etapas de sua vida. Sentiu falta

de um quinto quadro, mostrando os dois com sua filha já crescida.

Junto a sua Anita, passava horas naquele local, olhando, sobretudo para a bonita pintura tão bem executada pelo marido, que saiu com uma cara de orgulho por ser parte daquela linda família. Martina olhava para seu cabelo e cavanhaque grisalho de que tanto gostava, e chorava o suficiente para encher qualquer canal de Amsterdam.

A filha escreveu em um bilhete e acrescentou ao altar:

“Não posso reclamar da sorte, De nascer filha de pintor famoso, O que não entendo ainda é a morte, Que levou tão cedo meu pai, o lobo.

Oh pai, já que estás no céu, Tenho certeza de que vai deixar tudo mais bonito por aí, Com sua arte,

Com sua maneira especial de pintar, Com sua alma,

Com seu jeito único de amar, Com sua calma,

Que vai fazer muita falta em nosso lar.”

Com amor,

Anita Van Haarlem.

Dolf Van Haarlem faleceu em 23 de agosto de 1975, pouco antes de completar sessenta e um anos, e no mês conhecido por ter um histórico de óbitos misteriosos e trágicos envolvendo grandes nomes da história da humanidade.

43. Bola vermelha

Com a morte do pintor Dolf Van Haarlem, os preços de seus quadros subiram instantaneamente, efeito da escassez gerada pela falta de uma futura nova produção. De imediato sextuplicaram, e continuaram subindo gradualmente com o passar do tempo. Nenhuma obra sua seria vendida abaixo da casa dos milhões de dólares, nem mesmo os retratos pintados no começo de sua carreira.

Tulipas Azuis, sua obra mais cara, foi vendida pelo milionário norueguês por vinte e sete milhões de dólares, pouco após a sua morte, para o colecionador e executivo japonês Ryoei Saito, que já havia adquirido obras de Van Gogh, como o Retrato do Dr. Gachet e do impressionista Renoir, Le Bal Du Moulin De La Galette.

Se Dolf soubesse que havia deixado a família inteira milionária, provavelmente teria ficado orgulhoso. Nem mesmo o próprio poderia ter imaginado que os quadros com que presenteou as irmãs e até mesmo Dukker, seriam um dia tão valorizados a ponto de deixar todos numa situação financeira extremamente confortável.

Dukker se viu obrigado a tirar o retrato com o sino de seu bar por questões de segurança, mas deixou ali uma réplica, pois já fazia parte da decoração. O original pendurou na parede de seu quarto, mas não contou para ninguém. A pintura o fazia sentir-se próximo de seu melhor amigo, e em alguns momentos lhe arrancou sorrisos e, em outros, muitas lágrimas.

Além dos quadros que estavam na casa de Dolf, como os quatro da série de lobos e alguns outros, Martina ainda ficou com o estoque de quadros da galeria, totalizando uma coleção de treze quadros, dos quais vendeu apenas um que ela sabia haver sido pintado sem muita importância pelo marido. Vendeu também a casa de Haarlem, pois depois da cena que presenciou naquela sala, não conseguia se sentir bem naquele local.

Martina não tirava aquela cena de sua cabeça, e sempre achou estranho o fato de ter sido o marido encontrado lendo no sofá da sala. Segunda ela, se Dolf não estivesse na mesa comendo ou na cama dormindo, certamente estaria em seu ateliê, e inclusive era nesse local que gostava de praticar suas leituras. Estava convencida de que seu marido havia sido eliminado, apesar de Dolf não ter nenhum aparente inimigo.

Além de deixar a família em ótimas condições financeiras, o artista fez muitos novos ricos pelo mundo, como, por exemplo, Noortje, a filha da simpática e falecida senhora Laurien Van der Zundert, que foi pintada junto a seu gato Lutero. O quadro foi considerado uma das melhores obras do início da carreira do pintor.

Muitos que compraram seus retratos no início de carreira também ficaram economicamente abastados, contudo apenas os que possuíam obras assinadas com seu nome verdadeiro. As pinturas firmadas pelo nome de Rutger já não fizeram tanto sucesso, pois ninguém nunca desconfiou de que, na verdade, se tratavam do pseudônimo de um artista consagrado. O único cliente, um senhor calvo que havia percebido a diferença nas assinaturas, já falecera e não poderia dar testemunho da autenticidade

das telas com o codinome do advogado.

O açougueiro de Barcelona que encontrou a obra do embate de dois homens encostada à Capela de Santa Ágata teve um tremendo azar por Dolf não tê-la assinada; um autêntico Van Haarlem que passou anos pendurado anonimamente no açougue catalão. Muitos elogiaram a obra, que chegou inclusive a receber propostas de compra, mas nada além de uns poucos trocados.

O menino que na infância trocou o canivete por um desenho do monstro de duas cabeças poderia ter tido uma vida diferente caso tivesse guardado o papel com mais cuidado. O agora adulto endividado buscou com perseverança em todas as gavetas e armários da casa dos pais, mas não encontrou em nenhum lugar a solução de seus problemas.

De todos que se beneficiaram da produção do pintor holandês, o maior proprietário de uma coleção privada foi Pietro Pavanello, dono de nada mais nada menos do que dezenove obras de Dolf Van Haarlem.

Já novamente solteiro e dono de uma mansão em Paris, três meses após a morte do pintor, ele estava sentado no sofá de seu luxuoso escritório se olhando no espelho com olhar vitorioso enquanto remexia o copo de whisky Macallan. Pietro estava revisando com alegria o contrato para expor sua coleção privada no Louvre. Na estante de seu escritório, livros de escritores famosos como Shakespeare, Neruda e Hemingway enfeitavam o local.

O gato Vincent faleceu de tristeza três semanas após a morte de seu dono. O felino, que passou a se recusar a comer, foi encontrado morto embaixo da cama de casal de Dolf e Martina, obviamente no lado de seu dono. Foi cremado e guardado numa pequena urna, também azul com letras douradas, no altar ao lado de seu amado.

A cremação aconteceu no mesmo dia em que Martina recebeu o resultado da autópsia de seu esposo. Dolf havia sido envenenado e Martina Molina Van Haarlem começaria sua jornada incansável para buscar o assassino responsável. Ela queria justiça e estava disposta a ir até as últimas consequências.

Pouco menos de um ano após o falecimento do artista, o simpático casal de idosos que comprou a casa de Haarlem resolveu repaginar o jardim. Plantariam tulipas azuis em homenagem ao grande pintor holandês. No meio do processo, ficaram confusos ao encontrar uma bola vermelha de plástico escondida no meio das plantas. Olharam com mais atenção e viram se tratar de um nariz de palhaço.

Sobre o Autor

Will Monteath é economista, aspirante a mestre cervejeiro, carioca de descendência escocesa e proprietário de uma mente inquieta e divagante.

“**Tulipas Azuis**” é a sua estreia no mundo da literatura, e fruto de uma estória que martelou alguns anos na sua cabeça e resolveu desabrochar.

willmonteath.com.br